This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

3 3433 08157796 1

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO

PORTUGUÊS

Digitized by Google

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

REDACTOR—J. LEITE DE VASCONCELLOS

VOL. III

PREHISTORIA—EPIGRAPHIA

NUMISMATICA—ARTE ANTIGA

NEW YORK PUBLIC LIBRARY

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1897

Digitized by Google

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
629373A
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R 1932 L

Digitized by Google

COLLABORADORES D'ESTE VOLUME

A.: pag. 145.
A. Mesquita de Figueiredo: 181, 218, 281.
A. dos Santos Rocha: 81, 298.
Albino Pereira Lopo: 72, 115, 125, 127, 148, 182, 192, 213, 223, 245, 288.
Alphonse de Witte: 273.
Antonio de Vasconcellos: 74.
C. da Camara Manoel: 61.
Emilio Hübner: 161.
Fonseca Cardoso: 170.
Francisco Matos Galamba: 266.
Gabriel de Almeida Santos: 209.
Henrique Botelho: 69, 119, 217, 256.
J. Leite de Vasconcellos: 48, 58, 63, 65, 67, 78, 107, 112, 113, 117, 121, 122, 127, 129, 143, 146, 156, 167, 168, 177, 185, 190, 193, 217, 265, 271, 287, 289, 293, 301, 303, 305.
J. M. Pereira Botto: 97.
Joaquim Rasteiro: 1.
José Joaquim Nunes: 95.
Manoel Maria Portella: 98.
Maximiano Apollinario: 86, 157.
Pedro A. de Azevedo: 101, 137, 149, 173, 193, 214, 225, 247, 257.
Pedro Belchior da Cruz: 99, 118, 143, 155, 181, 191, 299.
Visconde de Coruche: 66.
Y.: 279.

Digitized by Google

Digitized by Google

VOL. III JANEIRO E FEVEREIRO DE 1897 N.os 1 E 2

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1897

Digitized by Google

SUMMÁRIO

Notícias archeologicas da Peninsula da Arrabida.

Museu Municipal de Bragança.

Estudos sobre Panoias.

A archeologia em Evora.

Estatueta romana de Hercules.

Este fasciculo vae illustrado com 3 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. III JANEIRO E FEVEREIRO DE 1897 N.os 1 E 2

Noticias archeologicas da Peninsula da Arrabida[1]

No corrente anno a Commissão dos Monumentos Nacionaes fez distribuir dois questionarios, publicados no *Arch. Port.*, II, 237, cujas respostas formariam um repositorio interessantissimo de noticias dos mais variados generos, seriam o inventario de quanto ha de bom, raro e curioso disperso pelo país; infelizmente pouco ou nada se colheu.

Não tenho grande tempo para folgares, mas, aproveitando-lhe todas as parcellas, alcanço algumas vezes fazer nos campos de pousio uns respigamentos, cujos grãos aproveitados depois por mão experiente e habil podem vir a dar producção valiosa.

Propondo-me publicar o projecto das minhas respostas áquelles questionarios, de certo me não desvio dos intentos da Commissão, que não tinha em vista monopolizar noticias, mas, para interesse commum, segurar o que tende a cair no olvido, juntar o que ha disperso, fazer que se saiba o muito que se cala.

*

As industrias e as artes, mães fecundissimas, produzem sem descanso e, geradoras por natureza, desprezam as suas criações. As sociedades humanas, no seu caminhar incessante, correm-lhes parelhas, mais se occupando do que ha de vir, do que do passado. Assim as memorias e monumentos dos velhos tempos vão-se apagando, como se fossem cousas inuteis.

---

[1] Este artigo foi escripto em 1893-1894; mas publica-se agora pela primeira vez.

Digitized by Google

As familias religiosas, de uma vida que aspirava ao eterno, sem solução de continuidade e que ligava gerações a gerações, foram os mais ricos repositorios de noticias de todos os tempos e, com zêlo extremado, guardavam quanto fallava da sua grandeza moral ou material: possuidoras de largos haveres, não alienavam as preciosidades adquiridas, e proviam com cuidado á conservação dos monumentos e preciosidades artisticas de primeira ordem, de que eram senhoras.

Á instituição dos morgados, que, por assim dizer, perpetuava as pessoas, tambem coube parte muito importante na conservação de monumentos, que escriptos em annosos pergaminhos, ou que, gravados na pedra, fallavam ás gerações numa linguagem perceptivel a todas as gentes, por mais desviadas pelo espaço ou pelo decorrer dos seculos.

Extinctos estes dois valiosos perpetuadores da historia e das artes, urge sem descanso, nem demora, segurar por novos meios quanto tende a esvair-se.

Fazer o inventario das reliquias valiosissimas que ainda restam e que constituem cabedal de enorme valia, para legarmos á actividade dos que vierem a succeder-nos, sería grande serviço.

O campo da colheita é vastissimo, o país; tem de corresponder-lhe o numero de segadores e ainda assim o trabalho deve ser rapido e sem apuro, para avolumar-se, deixando a cargo de quem tiver de concatenar as noticias o demorado estudo de quanto foi adquirido.

Fragil é a flammula que tremúla no tôpo do mastro, mas basta apercebê-la ao longe para sabermos que em baixo voga uma nau, que as aguas mal sustém: do mesmo modo um fragmento de barro cozido, de um ferro corroido, de uma pedra trabalhada pela mão do homem nos pode levar ao descobrimento de uma povoação soterrada, cuja existencia nem se suppunha, ou se julgava desviada. Esse fragmento, inutil ao parecer, mostra-nos a civilização de um povo; esclarece, não raro, pontos confusos da historia da humanidade. E ha tanto que explorar! Pena é que no nosso Portugal o acaso seja o maior agente dos descobrimentos e que poucas explorações bem dispostas se tenham feito para se roubar á terra o que ella cuidadosamente esconde.

Eu, por mim, não posso contribuir com larga parte, mas se todos viessem depôr o seu obolo juntar-se-hia capital immenso para legarmos aos que nos succederem. Limitarei as minhas noticias á pequena peninsula da Arrabida, ou só accidentalmente tocarei algum ponto conhecido fóra das lindas, que me imponho: serei comtudo rigoroso na busca, e verdadeiro na exposição.

No que tiver de dizer, seguirei a ordem do questionario da Commissão.

Digitized by Google

1. Antas

Não sei que por aqui existam quaesquer antas, mas parece ter havido umas perto da antiga villa de Sezimbra em caminho de Azeitão. No registro das propriedades da igreja de Santa Maria de Sezimbra, feito em principios do seculo XV, ha dois passos que fazem crer na sua existencia ali. Assim: —*Affonso Vicente paga ás alampadas da egreja de S. Maria um foro de 50 soldos, da moeda antiga, de uma herdade que jaz nas* ANTAS *caminho de Azeitão*—*Affonso Vasques, pescador, paga um foro de 20 soldos de bôa moeda antiga por uma vinha nos chãos acerca das* ANTAS. A designação de *antas,* ainda que se refira ao sítio, não foi de certo caprichosa, mas por ter havido no lugar alguns d'aquelles monumentos dos antigos habitadores da peninsula. Actualmente, nem o nome já existe, sendo absorvido pelo de *Sampaio,* appellido dos senhores da quinta por este nome conhecida.

2. Cavernas ou grutas

Cavernas ou grutas naturaes encontram-se na parte meridional da serra da Arrabida. As mais notaveis são:

a) *A lapa do Medico,* na meia encosta do monte *Abrão,* á esquerda do caminho que vae da fonte do *Solitario* para o mosteiro pelo valle de *S. Paulo.* Tinha formosas estalactites e estalagmites, que foram destruidas na maior parte pelos visitadores. A parte superior foi habitação de um cenobita; o subterraneo foi descoberto ahi por 1850 devido á queda de uma pedra, que fechava a entrada.

b) *A lapa de Santa Margarida,* junta ao mar. Tomou o nome da capella d'esta vocação, que tem dentro. É de bom accesso, muito vasta; robustas columnas naturaes parecem sustentar a cobertura dos rochedos.

c) A *lapa da Greta,* mais para oeste, que é invadida pelas aguas do oceano nas altas marés. Continha bom numero de metros cubicos de guano extrahido ha pouco. — Em nenhuma d'estas cavernas se encontraram ainda vestigios do homem prehistorico.

3. Grutas artificiaes prehistoricas

Existem na *Aldeia de Cima,* na *Quinta do Anjo,* perto de Palmella. São excavadas em rocha branda, tem a fórma hemispherica, com uma entrada ao rez do terreno inferior ao cerro; na parte superior ha um respiradouro largo. Foram exploradas pelos annos 1860 ou 1870. Os

Digitized by Google

vasos e os silices ali encontrados conservam-se na Commissão dos trabalhos geologicos estabelecida no edificio da Academia das Sciencias [1].

4. Pedras de raio

As *pedras de raio* (instrumentos de pedra prehistoricos) são muito vulgares; d'antes appareciam bastantes nas encostas da cordilheira de montes, que corre parallela á serra da Arrabida; o seu apparecimento agora é menos repetido, e nos ultimos annos muito raro, devido ao facto de os amadores da especie levarem a maior parte. Tive uma que media 0m,30 de comprido por 0m,21 na sua maior grossura. Eram mais communs as de menores dimensões [2].

5. Restos de povoação

Na foz da ribeira da *Ajuda* ou de *Aravil,* na garganta formada pelo cerro, em que se levantou a bateria de S. João Baptista, transformada em casa da commenda da *Mouguellas,* hoje propriedade do Conde Armand, e pelo monte, em cujas faldas passa a nova estrada para a *Torre do Outão,* encontram-se restos de edificações romanas, mais ou menos, conforme as aguas limpam ou assoreiam o leito da ribeira. Vêem-se fundos de pequenos tanques, ou quaesquer recipientes, construidos de argamassa, em que predomina o tijolo pisado. Fragmentos de objectos de barro ha muitos. Trouxe d'ali uma lamina de marmore branco de 0m,05 de espessura, metade de uma malga ou tigella de barro escuro e um pedaço da argamassa cimentada, da que a cima fallo.

Como nestes restos ha muita analogia com os da fronteira *Troia,* convenço-me de que a povoação ali destruida se ligava á que na frente está soterrada, sendo mais ao sul a foz do Sado. Das medalhas de

---

[1] [Das grutas de Palmella existe uma notícia publicada no livro do Sr. E. Cartailhac, *Les âges prehistoriques de l'Espagna et du Portugal,* e outra manuscrita, devida ao Sr. Antonio Mendes, collector geologico que trabalhava sob as ordens de Carlos Ribeiro; d'esta ultima colliji os trechos mais importantes no vol. I das minhas *Religiões da Lusitania,* que está para sair do prelo.—J. L. de V.].

[2] [Nas minhas excursões pelos arredores de Setubal tenho encontrado algumas, que estão no Museu Ethnographico Português; o Sr. capitão Márques da Costa, collaborador d-*O Arch. Port.,* e o Sr. Arronches Junqueiro possuem tambem algumas da mesma procedencia. O machado de que falla o Sr. Rasteiro, creio que elle o offereceu ao Museu Municipal de Alcacer do Sal.—J. L. de V.].

Digitized by Google

Gracianus, Theodosius, Valentinianus, Arcadius e Honorius, encontradas nas explorações feitas pela Sociedade Archeologica Lusitana, vê-se que a povoação teve existencia até fins do seculo IV de Christo[1].

6. Moedas e outros objectos romanos

Em toda a peninsula da Arrabida não é raro o achado de moedas romanas, sendo mais frequente o encontro nas proximidades dos montes e da serra. Sempre tão dispersas, que fazem crer haverem sido perdidas. Tenho visto muitas de bronze, e algumas poucas de prata, mas nenhuma de ouro. Tenho á vista uma em que se lê *Claudius Caesar Augustus* em redor do busto do imperador; é de bronze, tem de diametro $0^{m},028$ e de grossura $0^{m},002$; no reverso, menos bem conservado, ha uma figura apoiada a um escudo circular, ao que parece, e as letras S. C.[2] Outra, de menores dimensões, tem um busto coroado, muito perfeito, e no reverso a aguia; a legenda está completamente destruida. Tenho tido e visto muitas mais, encontradas em redor de Villa Nogueira de Azeitão, povoação, relativamente, de moderna data, e onde nem ha restos de velhas edificaçõees.

Ao sueste do mosteiro dominico de Santa Maria da Piedade, logo fóra da cêrca, que era vasta, num sítio chamado o *Painel das Almas,* descobriram-se, ao metterem-se umas bacelladas, algumas sepulturas com vasos de barro: isto sería por 1840, mas tudo foi perdido. Umas das moedas, de que a cima fallo, é d'alli, encontrada ha poucos annos. Passa pelo local a estrada do *Hospicio*. As aguas do passado inverno (1894) fizeram-lhe umas excavações, em que vi grandes pedaços de telha, do genero *imbrex,* e de tijolos grossos: conservo dois tijolos perfeitos: teem a fórma de quarto de circulo, dos empregados na fabricação de columnas cylindricas; medem $0^{m},21$ de raio por $0^{m},05$ de espessura.

Nas ruinas de *Troia* (defronte de Setubal) póde-se dizer que abundam as moedas romanas; Alcacer do Sal é um verdadeiro thesouro.

---

[1] [Perto de Setubal existem tambem restos de um castro pre-romano e grutas prehistoricas, exploradas ultimamente pelo Sr. Maximiano Apollinario em nome do Museu Ethnographico Português; d'esses trabalhos, cujos productos archeologicos existem no Museu, se fallará em occasião opportuna: cfr. tambem *O Arch. Port.*, 247. Á cêrca das ruinas romanas de Alferrar vid. Márques da Costa in *O Arch. Port.*, II, 10. — J. L. de V.].

[2] [Deve ser o médio-bronze de Claudio descrito por Cohen, *Médailles impériales,* 1.ª ed., vol. I, *Claudio,* n.º 87: Pallas com capacete, dardo e escudo. — J. L. de V.].

Digitized by Google

Felizmente ha em Alcacer dois cavalheiros muito distinctos (padre Galamba e Correia Baptista) verdadeiros amadores, que nada deixam perder e que com as suas collecções auxiliaram a formação de um museu municipal. O Sr. Baptista tem uma collecção de barros, muito interessante; vi-lhe uma bonita urna cineraria, bastantes *pondus,* que, creio, serviam de dar tensão aos fios da trama dos tecidos. Tambem ali vi a ferragem de uma lança, ponta e couce, e o dente de um arado, tudo romano [1].

Os Srs. Gomes Polvora, em Setubal, tem uma bella amphora, sem defeito algum, encontrada na vizinha *Troia* [2].

No *Pinheiro,* propriedade de Mr. Bartissol, mostraram-me uma grande amphora, tambem em perfeito estado de conservação; foi ali encontrada soterrada e servia de habitação a uma familia de cobras.

7. Objectos e moedas arabes

Só conheço uma lapide de quarto de circulo, pertencente ao Sr. Correia Baptista, de Alcacer, achada ha pouco e com inscripção arabe. O encontro de moedas arabes por estes sitios é tão raro, que nenhuma conheço, o que é de admirar, pois aquelle grande povo dominou por seculos em quasi toda a peninsula hispanica e estacionou tanto nas proximidades do Tejo e do Sado.

8. Tradições locaes

A baixo do eremiterio de El-Carmen, na vertente oeste da serra da Arrabida, ha um valle chamado da Victoria. Numa elevação proxima, e que fórma a quebrada do terreno, houve um *sacello,* ou pequenina ermida, dedicada a Santa Maria da Victoria, de que ainda existem restos. É tradição constante, que naquelle lugar se deu o recontro dos cavalleiros de Affonso Henriques, que marchavam á expugnação de Palmella, com os mouros de Badajoz, que vinham em soccorro de Sezimbra, já em poder dos portugueses. Conhecida a situação do lugar

---

[1] [A collecção do Sr. Correia Baptista está hoje no Museu Municipal de Alcacer: á cêrca d'este Museu, devido sobretudo aos esforços dos dois mencionados Srs., vid. *O Arch. Port.,* 1 80; o Sr. Correia Baptista tem tambem publicado aqui interessantes artigos sobre as antiguidades de Alcacer.—J. L. de V.].

[2] [Em virtude da distincta amabilidade d'este Sr. e da d'outros que com elle constituem uma sociedade industrial, á qual a amphora pertencia, esta foi-me offerecida para o Museu Ethnographico Português, onde já se acha.—J. L. de V.]

Digitized by Google

proximo do antigo caminho, que corria pelo grande valle formado pela serra da Arrabida e montes de Azeitão e que por aquelle lado communicava as duas povoações acastelladas, não repugna acceitar a tradição.

9. Designações locativas

—*Azeitão* é uma pequena região ao sul do Tejo, que comprehende em si a Arrabida e Coina-a-Velha. É de fórma triangular, tendo a base ao sul no oceano e o vertice proximo de Coina-a-Nova. Formou concelho autonomo por quasi um seculo, desde 1759 a 1855; era limitado ao oeste pelo Coina, que, nascendo junto de Calhariz, vae lançar-se no Tejo; o outro lado era a linha divisoria das commendas de Sezimbra e de Palmella. Em quanto fez parte do concelho de Sezimbra designava-se *Limite de Azeitão*. Comprehende vastos terrenos e diversas povoações lançadas ao longo da estrada de Palmella a Sezimbra.

—*Coina-a-Velha* é em Azeitão; designa um girão de terreno com a base no alto dos montes, aonde estão as ruinas do seu velho castello e as aldeias de Coina-a-Velha, Portella e S. Pedro. Formam os lados do girão as ribeiras do *Porto de Cambas* e da *Asenha da Ordem*. Esta ultima é o Coina, que em todo o curso segue com o nome dos lugares, que atravessa, só tomando o proprio quando se mistura com as aguas das marés[1].

—*Villa Nogueira de Azeitão,* assim chamada por haver sido séde do concelho de 1786 a 1855. Foi primitivamente *Aldeia de Nogueira,* isto é, o agrupamento das casas, officinas agrarias e habitações dos caseiros e lavradores da *Quintãa de Nogueira*, pertencente aos Nogueiras, senhores do morgado de S. Lourenço de Lisboa, e que depois passou para a infanta D. Constança, mulher do infante D. Pedro, rei primeiro do nome.

—*Villa Fresca de Azeitão* foi chamada até 1759 *Aldeia de Villa Frêche,* creio que primitivamente era a *Aldeia,* ou, como se diz no Alemtejo, o *Monte da Quinta Fresca,* que no seculo XV foi propriedade do infante D. João, mestre de Sant'Iago.

—*Portella* é uma pequena povoação ao sul de Coina-a-Velha. Foi de certo a sua situação, que lhe deu o nome. É vulgar em Azeitão

---

[1] [A palavra *Coina* representa ainda, quanto a mim, a antiga E q u á b o n a, designação de uma conhecida cidade da Lusitania. A serie das fórmas, por que a palavra primitiva passou até hoje, poderá ter sido a seguinte: E q u á b o n a > *(E)q u a b (o) n a > *C a u n a > *Couna* > *Coina*. A pronúncia popular actual supponho que é *Côina,* e não *Cóina,* que é litteraria. — J. L. de V.].

Digitized by Google

a palavra *portella* para significar uma cortadura no alto dos montes e lugar de passagem; assim ha: portella da *Cruz,* ou das *Necessidades,* portella do *Grillo,* portella do *Forno-da-cal,* portella da *Sardinha,* portella da *Lage* e a portella de que a cima fallei, já occupada pela aldeia.

Do mesmo modo se emprega a palavra *porto* designando passagem de ribeiras no fundo dos valles; assim: porto da *Larangeira,* na estrada de Azeitão a Setubal, com uma ponte de 1872; porto da *Villa,* na abandonada estrada de Azeitão a Sezimbra, com uma ponte do seculo passado; porto de *Cambas* na estrada que substituiu a anterior, com uma ponte de 1880 no lugar de outra antiga; porto *Velho,* alem de Coina-a-Velha, sem ponte. E no concelho de Sezimbra: porto do *Concelho,* perto da Apostiça, atravessado pela estrada de Sezimbra a Almada; porto *Calheiro* numa ribeira que vae desaguar na Albofeira.

—*Casal do Bispo* é uma propriedade nos limites de Coina-a-Velha, com uma casa no alto de um monte bastante elevado e junto das ruinas do velho castello de Coina. Chama-se *do Bispo* por haver pertencido a D. Belchior Belliago, bispo de Fez. Este Belliago estudou em Paris, leu humanidades em Coimbra, philosophia e theologia; escreveu em latim com muita elegancia e pureza: cfr. adeante, pag. 36, nota.

10. Fortificações, ou edificios attribuidos aos Mouros na voz do povo

O *Castello dos Mouros,* ou *Jogo dos Mouros,* na serra da Arrabida. Fallarei d'elles no quesito «Montes fortificados». As *Covas da Moura* na quinta do Anjo, de que atrás já disse. O *Castello de Coina,* de que noutra parte direi. Uma represa de aguas no fundo da quinta da Moura, proximo á Ajuda, propriedades do Conde Armand.

11. Monumentos-palacios

—O palacio da Bacalhôa pela fórma e disposição das suas construcções, pelos seus azulejos e medalhões esmaltados, pela significação artistica do conjuncto, é um monumento a que bem caberia a guarda do estado.

—O palacio dos duques de Aveiro entra tanto na historia patria desde o seculo XVI, que é um despertador permanente dos factos, epochas e homens mais notaveis de Portugal. Edificado pelo mestre de Sant'Iago, D. Jorge de Lencastre, recorda D. João II, o *homem,* o *principe prefeito,* o grande rei e reformador. Occupado durante a dominação castelhana pelos duques Lencastres, rivaes dos Braganças, foi nelle que Filippe III veio em 1619 visitar os duques D. Juliana e D. Alvaro,

Digitized by Google

ao passo que se desviava do solar de Villa-Viçosa. Aqui nasceu o primeiro duque de Abrantes, tronco dos duques de Abrantes e Liñares de Hespanha: nasceu tambem D. Maria de Guadalupe, duquesa de Arcos e de Aveiro, distincta pelas suas qualidades, lettras e genio artistico. O ultimo Aveiro, José de Mascarenhas, réo do regicidio de 1758, aqui foi preso com sua mulher, filhos e familiares. No palacio foi a custodia dos jesuitas, quando expulsos para Italia; d'aqui sairam para bordo do brigue S. Nicolau, continuando ainda custodia de outros padres, que sobrevieram. É renascença pura e pela epocha da sua edificação (fins do primeiro quartel do seculo XVI) seria nelle, talvez, que se estreou aquelle estylo sem mescla.

—O palacio de Calhariz, entre Azeitão e Sezimbra, é um magnifico e vastissimo edificio. Tem uma serie de salas que abrem sobre um explendida varanda. Os *mezzanini* foram aproveitados pelo primeiro duque de Palmella para darem luz a grande numero de quartos para aposento do grande e escolhido sequito de que elle se fazia acompanhar. Esta obra, restauração do palacio e jardins, quadros, mobilia, foi dirigida pelos scenographos e architectos Rambois e Cinati; a remodelação da cultura dos vastissimos terrenos foi entregue a um milanês, Gagliardi; tudo cêrca de 1850. Na capella é notavel o altar de famoso mosaico e bellas columnas salomonicas de excellente marmore. Na quinta ha copadas alamedas, bons lagos, que imitam o natural e, ao norte do palacio, a pequena distancia, um formosissimo pinhal.

12. Igrejas

—Na igreja de S. Lourenço de Azeitão só existe digno de menção o azulejamento que representa a duas côres (azul sobre fundo branco) scenas biblicas; será industria portuguesa de fins do seculo XVII. Estes quadros são emmoldurados em largas tarjas festonadas de bom gôsto e firme execução. Tambem ha na mesma igreja uma *Madona* de barro esmaltado, genero, ou mesmo producção de algum dos Della Robbia.

—A igreja de S. Simão tem as paredes cobertas de azulejo de variado desenho polychromo. É datado de 1648. As imagens da Virgem sob o titulo *da Saude,* a do orago e a do Baptista são em grande vulto de barro colorido; obras do seculo XVI.

18. Ermidas

—A ermida do Bom Jesus, na Arrabida, atrio, jardim circundante ornado de graciosas fontinhas repuxantes e povoado de cyprestes, é

Digitized by Google

tudo obra do segundo quartel do seculo XVII, mandada executar por D. Antonio de Lencastre, filho dos duques de Aveiro, D. Julianna e D. Alvaro. D'entre um polygono de 32 faces sae uma construcção octogona, base de um pequeno e esvelto templo em fórma de torre, de quatro faces com os angulos em quarto de circulo. Do alto saem quatro pyramides e do meio d'ellas a cupula hemispheroide forrada de azulejo, que por entre as agulhas dos altos cyprestes lança ao longe os raios do sol, que se reflecte no esmalte luzente da cobertura. Em redor do templozinho corre um terraço, para que dão quatro portas. No anterior um altar de quatro faces occupa o centro da ermida e sobre elle está uma machineta ou pavilhão de talha dourada com a imagem de Jesus, menino. A imagem é pequena e dias ha, em que veste calção e meia, véstia e collete compridos de algibeiras com grandes portinholas pendentes. Trajo da epocha aproximada á edificação do eremiterio. O pavilhão é de despropocionada grandeza e sobrecarregado de ornamentação, obstrue a parte superior do edificio, ameaça esmagar a pequena imagem e os adoradores, e, parecendo querer furar a cupula, torna inutil o trabalho de ornato, que poderia ter belleza num maior ambito.

—A ermida dos Remedios, na aldeia dos Castanhos, foi igreja do mosteiro de freiras dominicas de Jesus Bom Pastor, extincto em 1572. Conserva a antiga capella-mor de abodada artezoada, nos seguintes do arco ha dois medalhões com busto em alto relevo (*imagines clipeatae*); as camadas de cal de tal modo se accumulam sobre a pedra que não póde avaliar-se do seu merecimento.

14. Tumulos

Num ediculo no estylo manoelino na nave do evangelho da arruinada igreja das freiras de Sant'Iago, em Palmella, existe a urna, em que se encerrou a ossada do Mestre D. Jorge de Lencastre. Foi, ha muito, violada. A urna pousa sobre dois leões, de que apenas se vêem as cabeças; mede de comprido $0^m,10$ e de alto $0^m,78$, comprehendida a tampa com a espessura de $0^m,26$. Duas columnas delgadas e torcidas como cordas, medindo $2^m,20$ de alto, sustentam a volta composta do ediculo, distanciando-se $1^m,32$.

Num lanço da parede do evangelho, e que o terramoto de 1755 poupou, na egreja do mosteiro de S. Maria da Piedade, em Azeitão, existiu até ha poucos annos uma urna cineraria de marmore preto dentro de um ediculo construido de marmores diversos. Encerrava os restos de Antonio da Gama e de sua mulher D. Isabel da Silva.

Digitized by Google

Tudo d'ali desappareceu, comprado por Francico José Pereira, de Setubal. Desconheço a que foi applicado e o seu paradeiro. Da inscripção darei conta em seu lugar.

15. Cruzeiros

Na portella da Cruz, ou alto das Necessidades, na parte mais elevada da estrada de Azeitão para Setubal, ha um cruzeiro, de que tratei no n.º 44 da *Revista Illustrada,* periodico artistico-litterario de Lisboa. Esteve o cruzeiro por largos annos descoberto, até que no meado do seculo XVIII se construiu a ermida, que actualmente o guarda. Tem brasões e inscripção, que nos seus lugares darei.

Um cubo de alvenaria ordinaria, com que formaram um altar de quatro faces, deve encobrir o pedestal e (quem sabe) talvez a sepultura de Vasco Queimado de Villalobos.

16. Brasões

Na Bacalhôa existem por terra dois escudos de pedra, que seriam para sobrepôr nos portões do pateo de entrada do palacio. São ambos dos Albuquerques, mas diversos nas fórmas e moveis. Um, não acabado, é egual ao que vem nos *Commentarios,* faltam-lhe os leões, para o que se deixou a necessaria saliencia na pedra: é cruzado, tendo nas extremidades e centro da cruz cinco castellos; entre cada um deveria ter um leão. Nos quarteis vêem-se as quinas. O lavor está ainda tosco. O outro escudo está perfeito. É esquartellado: no 1.º e 4.º quarteis as quinas e 8 castellos na orla, no 2.º e 3.º cinco lises em aspa. Este mesmo escudo, mas de fórmas caprichosas, encontra-se pintado no azulejo da galeria occidental do lago.

No tecto de uma das salas do pavimento terreo do mesmo palacio, chamada a *sala das armas,* ha pintado, no centro, este ultimo brasão, e nos outros caixotões do soffito o brasão dos Gomides, o dos Noronhas, o dos Anhaias e o dos Castros.

—No cruzeiro da capella das Necessidades, do qual já atrás fallei, encontram-se quatro escudos distribuidos pelas quatro faces principaes da haste da cruz. Na face da frente ha um escudo em diagonal com as armas dos Villalobos—2 lobos passantes; no chefe vê-se uma figura semelhante a um T, sobre o escudo um elmo aberto. Na face opposta, escudo uma cabeça de lobo. Na face da esquerda, escudo com um leão batalhante. Na face direita, escudo com barra saindo das duas cabeças serpes. Estes tres ultimos escudos caem perpendiculares á haste da cruz.

Digitized by Google

—Em Villa-Fresca ha uma quinta, chamada do Cesar, que no primeiro quartel do seculo XVII foi de Affonso Bembo, nella fallecido; meado o mesmo seculo era de João de Moura Fogaça, casado com D. Brites da Cunha, e depois passou para a familia Cesar de Meneses, de quem conserva ainda o nome. Actualmente é do Sr. Mariano Cyrillo de Carvalho.

Sobre o portão do pateo de entrada, demolido e agora refeito com mais modestas fórmas, havia um escudo, que ali se conserva apeado. É dos Mouras Fogaças. O escudo é partido em palla. Na esquerda o brasão dos Mouras, sete castellos em tres pallas; num cantão sonistrado uma flor de lis. Na direita o brasão dos Fogaças: escudo franchado; no campo superior e inferior cinco pallas, nos lateraes em cada um uma fogaça.

—Na quinta Nova, da casa Palmella, ha sobre o portão as armas dos Sousas. Escudo quartellado, no 1.º e 4.º quartel as armas de Portugal, no 2.º e 3.º quadernas de meias luas. Sobre o escudo um elmo e ainda sobre este um castello com tres torres.

—Na quinta Velha, da casa Palmella, sobre o portão da casa ha o brasão dos Coelhos. O escudo pende diagonalmente como que de duas correias, que saem de um elmo, que está de frente: no centro um leão; no canto esquerdo superior uma estrella de cinco raios; na orla cinco coelhos. Esta casa era o solar do morgado, fundado por Pedro Coelho, secretario do mestre D. Jorge e por sua mulher Margarida Cotta e que foi dos Sousas Calharizes pelo casamento de D. Leonor de Mello Coelho com D. Antonio de Sousa.

—Na quinta das Torres, sobre a porta principal do pateo, ha um escudo oval, cujo campo agora é occupado pelo monogramma do actual proprietario (Dr. Manuel Bento de Sousa). Até 1879 teve o brasão dos Côrtes Reaes, antigos senhores da casa. Escudo quartellado: no 1.º e 4.º quarteis as quinas, mas era notavel que em vez dos chamados cinco dinheiros, cada uma das figuras continha dez e os castellos da orla eram nove. No 2.º e 3.º quarteis seis costas e no chefe uma cruz de largos braços.

—Na rua da Misericordia, á esquerda de quem sobe, está um portão, entrada da casa que faz esquina, e no seculo passado era de Fernando de Moraes Madureira Machado Pimentel; sobre esse portão ha o escudo do senhor da casa: póde encontrar-se a repetição em poder do Dr. Henrique da Gama Barros, procedente das ruinas do mosteiro de Santa Maria da Piedade e que estava no fecho do arco de uma das capellas da igreja derribada pelo terremoto de 1755. O escudo é quartelado, tendo o 1.º quartel partido em palla: numa a torre com bandeira, noutra

Digitized by Google

uma arvore [Moraes]; no 2.º quartel dois cães com uma flôr de lis na frente e por de baixo doze arroellas em tres pallas [Madureira]: no 3.º cinco machados em aspa [Machados]; no 4.º quartel cinco vieiras em aspa com a bordadura de oito cruzes [Pimenteis].

—Na casa do despacho da freguesia de S. Lourenço existe uma cadeira de couro, que pertenceu ao mesmo fidalgo, e no espaldar tem um brasão com suas variantes: escudo partido em palla, na esquerda a torre e a moreira; a parte direita é quartelada, no 1.º e 4.º quarteis um leão, no 2.º e 3.º os lises.

—Em frente da quinta da Bassaqueira, entre muito lagedo ali disperso, existe uma lapide procedente da igreja dos dominicos e que cobria a sepultura de Fabio de Coxatti, capitão da guarda tudesca dos duques de Aveiro, D. Juliana e D. Alvaro. Tem um escudo oval, na bordadura oito aspas alternadas com lagrimas, no campo dois leões em pé e entre elles uma perna nua, no chefe tres estrellas de oito raios.

—Sobre o portico do palacio dos Aveiros resta ainda parte da corôa ducal; do escudo só existe a pedra informe, por ter sido picado depois da condemnação do duque Mascarenhas.

—Nos restos do vizinho mosteiro dominico está servindo de poial uma pedra com as armas dos Gamas: escudo com tres peças em faxa e cinco em palla. Era da capella que Duarte da Gama tinha na igreja.

—Em poder de Bernardino de Brito está um brasão, que fechava o arco de uma outra capella da mesma igreja. Escudo partido em palla: na 1.ª divisão as armas dos Coelhos atrás descritas; na 2.ª seis besantes numa cruz dupla; no centro uma cabeça que sustenta uma torre, que poderá ser a dos Farias, alcaides-mores de Palmella, entrados na familia dos Coelhos por D. Leonor, mulher de Antonio Coelho. Timbre: o leão com o coelho nas garras.

—Sobre o portão do pateo do palacio da Torre, dos Cunhas e Ataide, condes de Povolide e de Sintra, estão as armas dos Cunhas com a corôa de conde. No campo do escudo nove cunhas, na orla cinco pequenos escudos com as quinas. Era cabeça de morgado instituido por Ruy Gomes da Gran, governador da casa da *Excellente Senhora,* e veio aos Cunhas pelo casamento de D. Isabel de Meneses, filha do instituidor, com Simão da Cunha, senhor de Povolide.

—Na aldeia de Irmãos, sobre o portão da quinta da familia Gomes de Oliveira, avós do fallecido Oliveira Martins, ha um escudo com as armas dos Novaes Campos. O escudo pende em diagonal, é partido em palla: na primeira uma aspa occupa todo o campo, na orla oito pequenas aspas, sahindo da que occupa o canto superior esquerdo tres

Digitized by Google

folhas lanceoladas; na segunda tres cabeças de leão em roquete. Timbre: uma aspa. Inferiormente ao brasão lê-se 1722. Até alem do meado do seculo XVIII existiram em Azeitão dois irmãos, o Dr. Antonio de Novaes e o Dr. Agostinho de Novaes Campos. Este, que era homem de merecimentos porque se lhe confiou a custodia dos jesuitas no paço dos Aveiros, falleceu repentinamente em 18 de Junho de 1765; seu irmão Antonio, em 8 de Fevereiro de 1781.

—Sobre uma porta do palacio da quinta da Conceição ha o brasão dos Cremer, igual ao que estava sobre o portico do palacio incompleto da quinta do Peru. Escudo partido em palla: na primeira uma ave, como cegonha, sustenta no pé direito erguido uma pequena esphera; na segunda, em baixo, um pequeno passaro, a meio uma estrella de cinco raios, mais a cima dois outros passaros e no canto superior esquerdo um lis. O brasão do Peru tinha no timbre uma ave egual á do escudo e por de baixo d'este, numa fita, a legenda *nunquam perfectum*. Antonio Cremer veiu, pela guerra da successão, de Hespanha para Portugal por commissario geral dos almirantados das provincias unidas; foi depois pagador das tropas hollandesas, e, feita a paz, continuou em Portugal. Em 1725 arrematou o fabrico da polvora para o exercito, para a marinha e fornecimento geral do país, para o que estabeleceu officinas em Alcantara, junto a Lisboa. Em 1729 começou a laboração da fabrica de Barcarena com motor hydraulico, tudo obra de Cremer. D. Pedro II foi-lhe affeiçoado e D. João V muito o distinguiu. Numa sala do palacio da Conceição ainda existem os retratos de Antonio Cremer e sua mulher D. Catharina Sophia Vanzeller, dama muito fòrmosa.

—No fecho do arco do ediculo, em que se achava a urna cineraria de que atrás fallei, e que estava num pano de parede da derribada igreja dos dominicos, havia um escudo quartelado: o 1.º e 4.º quartos, quarteis nus; no 2.º e 3.º, um leão rompente [Silvas].

—Abandonado, mas que teria pertencido á capella dos Minas na mesma igreja, encontrou-se nos entulhos outro escudo quartelado: no 1.º e 4.º quarteis, as quinas; no 2.º e 3.º, um leão rompente.

—Em Sezimbra, na parede dos paços do concelho, por cima do chafariz publico que ali existe, ha uma pedra com brasão mal relevado. Não consta que a Sezimbra fosse concedido brasão de armas, mas tem-no, pelo que se vê: castello com tres torres; sobre a central uma aguia pousada; por debaixo, num campo, uma lebre que corre olhando para trás.

Digitized by Google

17. Imagens de pedra

A que por aqui conheço, digna de menção, acha-se na sacristia da igreja parochial do castello de Sezimbra e, não ha muitos annos ainda, estava exposta á veneração no altar-mór da igreja de que era orago, lugar e primazia, de que foi deposta por outra imagem de madeira. É no genero byzantino e acha-se pintada a côres. É de notar como as ideias dos tempos influiram na maneira de designar a mãe de Jesus. Quando no princípio da monarchia portuguesa se edificou a igreja de Sezimbra, chamou-se-lhe de Santa Maria; assim eram as de Almada, Alcacer e Palmella. Sancho I, no seu testamento, legou dinheiros, ou objectos de culto, ás igrejas de Coimbra, de Alcobaça, de Lisboa, de Braga, do Porto, de Evora, de Viseu, de Lamego e a mais cem, todas da simples vocação de Santa Maria. Naquelles tempos Maria era a santa por excellencia; posteriormente julgou-se melhor dar-lhe titulo heril, e, como se a virtude não valesse mais do que o senhorio, todas as imagens de Maria foram chamadas de Nossa Senhora. Santa Maria de Sezimbra passou a appellidar-se Nossa Senhora da Consolação. De admirar é como depois ainda não lhe tenham dado o *dom*. Eu conheci um *explicadissimo* cantor de ladainhas, que, reduzindo a português *o Sancta Dei Genetrix,* dizia, muito a serio e conscio da sua grande perspicacia, *Santa Dona Eugenia!*

A veneração pela mãe do Christo vem de longe. Pela adaptação da basilica romana a templo christão foi o sanctuario collocado na *abside*. Pelo seculo XI ou XII, a *abside* cedeu o lugar a uma grande capella dedicada á Virgem Mãe. D'aqui vem chamar-se áquella parte do templo *capella-mór,* isto é a maior ou a principal. O velho português corrompeu a palavra *abside* em *obsia, oussia,* e *ousia*.

—A imagem de Santa Maria da Arrabida tambem não escapou á sorte commum, chama-se agora Nossa Senhora da Arrabida. Foi toda de pedra e estava assentada. Aos frades do mosteiro não agradou a posição e mandaram-na reformar, pondo-a de pé, e o que teve de acrescentar-se fez-se com madeira. Esta transformação deu causa a uma questão, na imprensa, como agora se diria, entre o chronista arrabido frei Antonio da Piedade e o auctor do *Sanctuario Mariano,* frei Agostinho de Santa Maria.

18. Imagens de barro

—Na freguesia de S. Simão as imagens do patrono, de S. João, e de Nossa Senhora da Saude são de barro, em grande vulto, mas de merecimento artistico, que se não avantaja.

Digitized by Google

—Na igreja parochial de S. Lourenço, como já atrás disse, ha uma bella imagem de Maria, de barro cozido esmaltado, genero das *Madonas* produzidas no seculo XVI pelos esculptores ceramistas italianos. É de proporções naturaes. No *Jornal do Commercio,* n.º 11:782, de 1893, dei notícia d'esta imagem.

19. Pinturas em tela

—Na mesma igreja existe um grande quadro, que fecha a boca da tribuna do altar-mór, servindo-lhe como de moldura o retabulo, que é de talha em carvalho dourada, estylo de fins do seculo XVII. O quadro representa a *ceia*. É desconhecido o outro; não deixava de ter, porém, merecimento, especializando-se nalgumas cabeças.

—Nas paredes da mesma capella ha mais quatro quadros emmolduradas em largas faxas de talha dourada. Representam passos da vida do orago da igreja; alguns parecem-me superiores ao antecedente e serem de procedencia hispanhola.

—No altar em que está a *Madona de terra cotta* ha dois quadros que representam os santos Francisco de Assis e Domingos de Gusman; são antigos, bordados a seda sobre panno e procedem do espolio da igreja dos vizinhos dominicos.

—Na igreja da Misericordia existe uma grande tela que representa a visita de Santa Isabel e marido á Virgem e S. José. É de 1763 e obra do pintor Francisco Pinto Pereira, auctor do Santo Antonio da capella do paço das Necessidades. Garante-lhe a authenticidade uma lembrança, que se acha lançada num livro do respectivo cartorio, em que o escrivão da Mesa, dando notícia das obras feitas na igreja por 1738, diz: «Em 17 de fevereiro de 1743 foi collocado na bocca da tribuna da capella-mór um quadro da Visitação de Santa Isabel, pintado por Francisco Pinto Pereira, tendo de valor 72$000 réis, custou á irmandade 38$400 réis porque o restante deu o auctor de esmola».

—No oratorio do palacio da Conceição ha duas telas bem conservadas, sem assignatura nem signal de auctor. Representam uma Santa Catharina, outra a Virgem. Não serão preciosidades, mas trabalhos bem correctos, e parecem do mesmo auctor. São de principios do seculo XVIII.

20. Custodias

Na igreja parochial de S. Lourenço existe uma custodia de prata sobredourada com o pé em fórma de calix e o tabernaculo a modo de templo, cuja cupula hemispheroide é sustentada por quatro columnas. Não se lhe conhece nome nem marca de ourives. A visitação da Ordem

Digitized by Google

de Sant'Iago de 1534 já a menciona descrevendo-a assim: «Huma costodia de prata toda dourada de côr demxofre. O pé oitavado em bicos abertos, laurado de ramos e estremos. O nó do meio redondo damages, a charolla quadrada com quatro pillares e seu guardapó em sima, por remate huma cruz cem um crucoficio. Dentro meia lua. Dois alfinetes e cadeas de prata branca. Pesou com as vidraças douse marcos e trez onças e tem huma caixa» A descripção é tão extraordinaria, que só á vista do objecto se vê o que é *o pé citado,* etc., *o nó... damages,* etc.

21. Outros objectos de culto

Na igreja parochial de Sant'Iago de Sezimbra ha uma naveta de prata com fórma dos navios do seculo XVI, com os seus castellos de pôpa e de prôa, que tem merecimento pelos annos que representa e por ser já pouco vulgar na fórma. Ha outra de latão, tambem de feitio pouco commum e com certa originalidade. Existe na mesma igreja uma cruz processional de prata, antiga, mas que não remonta aos tempos da naveta de prata. Já não tem haste, nem os respectivos tocheiros ou cereaes. Foi a que poude escapar á rapina dos franceses no principio do presente seculo. Em quanto durou a occupação inimiga esteve escondida numa sepultura da igreja. A base da cruz é quasi espherica e ornada de folhagem e cabeças de anjos, por de baixo tem um corpo de enormes dimensões de igual fórma e ornamentação; uma cinta estreita e apertada separa os dois corpos. Sobre aquella base ha uns ornatos singelos, como que para dar mais fixidez á cruz toda cylindrica terminada nos extremos superiores por capiteis corinthios. Na frente tem um Christo mal talhado. A base e adjunctos são de prata rebatida, os capiteis fundidos. Será trabalho do seculo XVII.

22. Tapeçarias

—Na Misericordia de Azeitão ha um tapete bastante grande, que parece de fabrica hispanhola, se não é artefacto nacional dos produzidos em Arraiolos. É antigo na casa e esteve por tempos em estimação, ignorantemente descurado depois, foi roido pelos ratos, está immundo e coberto de pingos de cêra, mas não é de todo perdido, nem falto de valor. Como um Aveiro, o marquês de Porto Seguro, foi dos fundadores da Misericordia, e todos os senhores d'aquella familia lhe continuaram protecção, é possivel, que o tapete fosse dadiva de alguns d'elles e, pelas ligações de todos com Castella, lembro-me que o tapete seja de procedencia hispanhola.

Digitized by Google

—Na mesma igreja ha uma casula tecida de seda e prata.

—Na igreja de S. Lourenço ha um frontal do mesmo tecido.

O que agora enumero tão curtamente, dava farta colheita ha meio seculo apenas. Azeitão era terra fidalga, como lhe chamou Oliveira Martins; nos seculos XV, XVI, e XVII regurgitava-lhe a fidalgaria nos seus palacios bem petrechados de precioso mobiliario e adornados de quanto de bom vinha da Asia e da Flandres. A queda do dominio hispanhol e a enthronização dos Braganças foi uma torrente forte, que rapido varreu aquellas gentes das suas casas de Azeitão, e da precipitação da retirada de envolta com a esperança do restabelecimento do passado resultou o abundante espolio abandonado á guarda de criados, que mal conheciam o valor dos objectos, que lhes eram confiados; a volta dos senhores foi-se espaçando, a morte levou-os sem voltarem a suas casas, os successores ignoravam por completo o que nellas ficára, e, pouco a pouco, quanto havia de bom passou a novos possuidores, que mal curavam, e que nem mesmo cuidavam da riqueza adquirida.

Ainda até meado do seculo actual era grande a quantidade de porcelanas da India por todas as casas ainda pobres, e em poucas tambem deixavam de encontrar-se ricas colchas e panos da mesma procedencia, que não condiziam com a qualidade, condição e têres dos possuidores. Por occasião da procissão *Corporis Christi* não se encontrava janella sem o seu cobertor de damasco, ou melhor tecido, mais ou menos rico, de formosas bordaduras. Era uma exposição capaz de chamar, agora, numero avultado de amadores. Á cama do hospede era sempre destinado um cobertor de damasco, ou uma colcha de seda. Ha ainda muito poucos annos um pano de Arrás fazia um corredor de passagem numa cozinha.

Tudo isto se escapou tão sorrateiramente, que não deixou rastos.

*

Aproveito o lugar para, como subsidios para a historia, dar noticia das tapeçarias e alcatifas dos Almadas da Casa da India, conforme um inventario de 1735.

D. Luisa de Eça Côrte Real, senhora do morgado de que era cabeça a quinta das Torres, em Azeitão, casou com Christovão de Almada. Tiveram filhos, que morreram sem geração e, por fallecimento de D. Luisa, o seu viuvo passou a segundas nupcias com D. Felippa Maria de Mello.

Christovão de Almada affeiçoara-se a Azeitão, e por aqui passava tempos.

Digitized by Google

Entre outros filhos, teve D. Maria Antonia de Almada, que succedeu na casa de seu pae e casou com D. Bernardo de Noronha. E, porque não tinham casa propria, adquiriram em 1696 a quinta da Mal-partilha, que D. Maria Antonia depois juntou ao morgado dos Almadas do Outeiro da Boa-Vista, em Lisboa.

Por morte de D. Bernardo, a sua viuva veiu estabelecer residencia permanente em Azeitão.

Entre outros filhos, tiveram D. Theresa de Noronha, que, enviuvando de D. Antonio de Noronha, veiu viver com sua mãe, assistindo-lhe á morte em 1720, e, passando depois para Lisboa, foi a primeira mulher de Sebastião José de Mendonça [como reza o inventario], mais tarde Marquês de Pombal.

A administração de D. Maria Antonia e D. Bernardo foi tão desregrada, que, a não serem os privilegios vinculares, a seus filhos succederia a miseria.

Succedeu-lhes seu filho D. Francisco de Almada, nascido em 1700, casado em 1716 com D. Guiomar de Vasconcellos, filha do sexto conde da Calheta, e fallecido em 1730. Tomando aos 20 annos conta da casa, por morte de sua mãe, continuou o mau systema de administração usado por seus paes, e não deixou menores dividas, apesar das grossas rendas dos seus morgados, bens da corôa e ordens e provedoria da Casa da India.

O genio dissipador d'estes senhores ainda tinha o merecimento de consumir valiosas quantias em objectos de arte.

Como aqui tenho de fallar apenas de tapeçarias, limitar-me-hei a ellas, seguindo textualmente a descripção do inventario, para se poder julgar do seu valor no estado de conservação em que se achavam.

— «Armação de panos de Raz, antiga, de padrão grande, de 7 panos irmãos, *da historia de Jacob*. Está muito damnificada. Tem de queda 5 covados e de roda 42 covados e uma terça, que faz de armar 211 1/2, que se avaliou cada *arma* no estado, em que está a 900 réis, que importa tudo 190$350 réis».

— «Armação moderna de Raz fino de 6 panos irmãos *da historia de Ulysses,* que tem padrão e tem pelas cercaduras das cabeceiras arcos de flores e nas cercaduras de baixo umas Ninfas mettidas na agua. Tem uma damnificação de costuras e alguns buracos de traça, um d'elles tem um buraco podre no pescoço de uma figura. Tem de queda 5 covados e de roda 30 1/2 covados, que faz de armar 152 1/2, avaliada cada *arma* a 1$900 reis, que em todo importa ser 289$750 réis».

— «Armação de Raz fino, antiga, de bom padrão, de seis panos irmãos e estes muito damnificados por terem alguns buracos de ratos

Digitized by Google

e costuras descosidas. Tem de queda 5 covados e de roda 36 covados, que fazem de armar 185, avaliada cada *arma* no estado, em que está a réis 1$200, que a dinheiro importa em 223$000 réis».

— «Armação de panos de Raz, finos, antigos, *de jardins e bosques* e muito vistosos, teem algumas damnificações..... e alguns buraquinhos de r.os Tem de queda 4 covados e de roda 32 covados, que fazem de armar 128 covados. Cada *arma* no estado, em que está, a 1$600 réis importa a dinheiro 204$800 reis».

— «Armação de panos de Raz, antiga, de padrão, de 7 panos irmãos *da historia de Gerião*. Está damnificada nos pretos e tem alguns buracos de r.os com remendos e teem os ditos 7 panos tarjas redondas nos cantos. Cinco d'elles teem de queda 4 1/2 covados e 2 são de 4 covados de queda, teem de roda todos 32 covados, que fazem de armar 141. Avaliada cada *arma* no estado, em que está, a 1$400 réis, faz tudo 197$400 réis».

— «Pano de Raz, antigo, *de montarias,* está damnificado e tem um buraco grande roto no meio. Tem de queda 4 covados e sexma e de roda 5 1/6 covados, que se acha avaliado em 1$600 réis».

— «Trez panos de Raz, velhos, desirmanados e um d'elles não tem cercadura, por uma ilharga, que foi cortada e todos 3 teem bastantes buracos de roçarem e outros de podres. Teem de queda 4 1/3 covados avaliado tudo em 2$700 réis».

— «Sobreposta de Raz fino, de figuras, tem um buraco de ratos na cercadura da cabeceira e está damnificada redor pelos pretos. Tem de queda 3 covados e 2 1/2 covados. É forrado de..... azul, tudo avaliado em 1$800 réis».

— «Pano de Raz grosso, moderno, de padrão curto, muito deformado e abatido de côres. Tem de queda 4 covados e de roda 6 covados avaliado em 6$000 réis».

— «Entrejanella de Raz grosso, moderno, *de paizes,* tem algumas costuras descosidas. Tem de queda 4 1/2 covados e de roda 2 covados avaliado em 2$000 réis».

— «Trez sobreportas compridas de Raz de rasgo rapado, antigas e muito damnificadas de buracos e costuras, duas feitas de panno curtado e estas duas teem de queda 3 1/2 covados. Teem de roda todas trez 24 1/2 covados, avaliadas no estado, em que se acham em 7$200 réis».

— «Quatro sobreportas de Raz fino, *de figuras,* com suas cercaduras á roda; todas 4 irmans e estão damnificadas nos perfis pretos e as ourellas maltratadas. Teem de queda 2 1/2 covados avaliados em 24$000 réis».

Digitized by Google

— «Quatro sanefas de Raz fino *com figurinhas pequenas* e guarnecidas de velludo verde e franjas de retroz verde, todas forradas e duas d'ellas teem uns buracos de ratos e teem de queda, de meio e de roda, todas quatro, 23 covados menos uma sexma, avaliadas no estado, em que estão, em 15$000 réis».

— «Duas sanefas de Raz fino, antigas, irmans, 1$500 réis».

— «Trez sobreportas de Raz fino, *de figuras,* que serviam de almofadas 4$400 réis».

— «Sobreporta de raxa rapada feitas de trez folhas de almofada pegadas umas nas outras, *de figuras* e maltratadas nos perfis pretos e costuras. Tem de queda covado e meio e de roda quatro covados avaliada em 3$000 réis».

Segui o texto do inventario, porque, alem de mostrar que não bastava uma armação de pannos de Arrás para adorno de uma sala, mas que havia quem possuisse collecções numerosas, marca-nos o seu valor na epocha, ensina-nos a maneira de os medir, chamando á altura *queda,* á largura *roda* e á medida quadrada *arma.* A falta d'estes termos não era sentida por se desconhecer já, mas importa á terminologia artistica e officinal, que, se ainda não é pobre, conserva-se apenas usada na officina e quasi totalmente ignorada cá fóra.

Continuarei ainda colhendo do inventario o que elle nos diz de *alcatifas* e *tapetes.*

— «Alcatifa da India, *de Dias,* moderna, com pouco uso, avaliada em 400$000 réis».

— «Duas alcatifas da India, *de Dias,* modernas, com pouco uso, de bom padrão avaliadas em 900$000 réis».

— «Duas alcatifas irmans, da India, *firmas de Dias,* modernas, bem matizadas de flores, com cercaduras verdes de rosas e ..... e teem cadilhos de seda já desbaratadas e uma d'ellas com as *confrontações* declaradas a folhas 118 verso, avaliadas em 60$000 réis».

N. B. Na enumeração das outras alcatifas ha mais referencias ás *confrontações* lançadas noutro lugar: não as achei, mas penso que por essa palavra se quererá dizer medição e descripção minuciosa.

— «Alcatifa da India, *de Dias,* etc. avaliada em 15$000 réis».

— «Alcatifa da India, nova, *de Dias,* moderna, 19$000 réis».

— «Alcatifa da India, *de Dias,* 24$000 réis».

— «Alcatifa da India, *de Dias,* 12$000 réis».

— «Alcatifa da India, *de Dias,* 12$000 réis».

— «Tapete novo de Hollanda, feito no norte, com uma rosa grande no meio e é muito vistoso. Tem um buraco num canto de um palmo em quadrado, que se acha avaliado em 60$000 réis».

Digitized by Google

—«Tapete de Hollanda, novo, 45$000 réis».

—«Quatro tapetes pequenos da India, modernos, com cercaduras brancas, 20$000 réis».

—«Alcatifinha da India, *de Dias,* nova, sem damnificação alguma e sem cadilhos, 16$000 réis».

Deixaram de ser avaliados alguns objectos por estarem empenhados em casa de alguns credores e entre elles:

—«Alcatifa da India, irman de uma, que está em casa do desembargador Manoel Henriques Sacoto em caução de 240$000 réis».

—«Em poder de Luiz de Mesquita Alcoforado umas portas de cortinas amarellas em caução de 81$600 réis».

—«Em poder de Gabriel Valdez uma armação de panos de Raz de penhor a juro de seis e quarto por cento da quantia de 144$000 réis».

—«Em poder de Thomaz Corrêa Monção duas armações de panos de Raz em caução de 240$000 réis».

—«Em poder de Simão da Silva Rebello duas alcatifas da India em caução de 69$000 réis».

—«Duas alcatifas na mão do desembargador Manoel Henriques Sacoto em caução de 400$000 réis».

Neste inventario, feito por obito de D. Francisco de Almada, faz-se menção de uma cama, que sua mãe lhe deu, por occasião do casamento, assim: «Leito de ebano com paramento de damasco carmesim com franja de ouro—uma colcha do *Malabar* com matizes de ouro—e outra colcha de matiz branco e franja de ouro—um cobertor de setim bordado de matizes—e toda a roupa, tudo da India».

O inventario seria objecto para lição demorada. Não deixa de ser interessante na parte descriptiva da galeria de quadros dos Almadas Carvalhaes; no emtanto limitar-me-hei ao que fica dito, porque mais não podia ter cabida nas respostas a um questionario, que lhe é estranho.

23. Inscripções

Na parte do questionario referente a *Antiguidades romanicas ou gothicas* pede-se notícia de sepulturas e inscripções.

Não sei que haja na peninsula da Arrabida inscripção, ou sepultura da epoca requerida; não me parece, todavia, ocioso, nem fóra de proposito, dar notícia de quantas inscripções conheço, de tempos relativamente modernos e que já tendem a cair no olvido ou a desapparecer, quer de lapides erguidas, quer de campas sepulcraes.

Digitized by Google

—Sobre a porta do castello de Palmella, numa lapide, lê-se:

Reinando el rei D. Pedro II mandou fazer esta fortificação o duque do Cadaval, mestre de campo general junto á pessoa de S. Mag.de mandando as armas de Setubal e Cascaes e sendo capitão general da cavallaria da côrte e provincia da Estremadura e dos conselhos de estado e guerra de S. Magestade e do despacho das mercês e expediente, presidente do tribunal do tabaco, mordomo mor da rainha D. Maria Sophia 1689.

Claro está, que esta fortificação é a exterior, acommodada ao uso de artilheria e novo systema de guerra.

—Na igreja dos freires de Sant'Iago, junto ao arco do cruzeiro, numa campa sepulchral:

Sepultura de João de Brito de Mello e de sua mulher D. Isabel de Barros Coelho e de seus filhos e descendentes.

Na mesma campa ha um brasão: escudo partido em pala; na 1ª. seis bezantes entre uma cruz dobrada [Mellos], na 2.ª nove lisonjas em 3 palas e em cada pala um leão [Britos].

—Junto do altar da epistola:

Sepultura de Manoel Lobo Teixeira e de sua mulher D. Josepha Ribeira.

O brazão d'esta campa é: escudo com 5 lobos em aspa, na bordadura 9 aspas.

—Do mesmo lado, no fundo da nave, ao lado da porta principal do templo, campa com brazão toscamente lavrado e a inscripção seguinte:

Aqui jaz Pero Lopes de Goes, fidalgo da casa do senhor mestre de Sant'Iago, duque de Coimbra, filho d'el rei D. João, foi cavalleiro da Ordem de Sant'Iago e se finou a 15 de setembro de 1514.

—A meio da nave central:

Sepultura de Alvaro de Carvalho, cavalleiro da Ordem de Sant'Iago e de sua mulher D. Micia Romba, falleceu elle a XXI de fevereiro de 1584 e ella a X de dezembro da mesma era.

O brazão d'esta campa é: no escudo uma estrella entre uma quaderma de crescentes, no chefe um peixe e por de baixo a palavra —RÕBUS. Timbre, uma ave.

Na pedra que serve de porta ao carneiro, lê-se:

Feito por seu filho Francisco Romba de Carvalho. 1589.

—Na soleira do arco da capella, que ha a meio da nave do evangelho, lê-se numa lapide—S. DO LED.º B.TO M., que poderá interpretar-se: «Sepultura do lecenceado Bento Martins».

—A seguir, noutra pedra da mesma soleira:

Aqui jaz Dom Mendaffonso de Lameide, prior-mor que foi da Ordem de Sant'Iago e falleceu aos XXIII de fevereiro de 1546.

Digitized by Google

—Ainda noutra pedra lê-se:

Aqui jaz D. Diogo de Gouvêa, prior mor que foi d'este convento e Ordem de Sant'Iago, do conselho de el rei D. Sebastião nosso senhor, embaixador d'el rei D. João III em o concilio de Trento. Falleceu n'este convento a 2 de abril de 1576.

—Na pedra junta ao pilar direito do arco lê-se: *Porta.*

Diogo de Gouveia, o moço, para o distinguir de seu tio do mesmo nome, foi em 16 de dezembro de 1538 eleito reitor do collegio de Santa Barbara em Paris, *por unanimidade e inspiração do Espirito Santo; era scientifica pessoa e gentil-homem perfeito.* No principio de 1540 deixou a direcção do collegio e em seguida a França.

—No tecto, logo por cima da porta principal do templo, no forro que veste o vigamento do côro, acham-se os seguintes versiculos:

1.° *Temperantia in pastus surgit anima.*

2.° *Charitas non sibi sed aliis.*

3.° *Liberalitas omnibus pervia.*

4.° *Constantia onusta virescit.*

—Logo ao sair do templo está uma campa com brasão. O escudo, em diagonal, é quartelado; nos 1.° e 4.° quarteis dois cardos floridos entre dois leões [Cardosos], nos 2.° e 3.° as armas dos Coelhos, já atrás descriptas. Timbre uma cabeça de leão com um cardo na bocca.

Por debaixo tem a seguinte inscripção:

Sepultura de Francisco Coelho Cardoso e de Beatriz Gomes sua mulher e de todos seus descendentes, que dantre ambos nacerem. O qual serviu as ordens de Sant'Iago e de Aviz em tempo do mestre D. Jorge e dos reis D. João III, D. Sebastião e D. Henrique e de secretario nos capitulos geraes, que em seus tempos fizeram estes princepes e assim de visitador das Ordens.

—No frontispicio do chafariz á entrada de Palmella lê-se:

Publicae utilitati | C. D. | S. P. Q. R. | sub auspiciis | Mariae I | MDCCXCII. |

Consultei no archivo municipal d'aquelle extincto concelho muitos livros das vereações, mas não achei a leitura das lettras. Eu, para mim, li: *C(onsilium)* ou *C(ollegium) D(ecanorum)* ou *D(uumvirorum) S(ibi) P(osteris) Q(ue) R(efecit) sub auspiciis Mariae primae. 1792.*

—Um escudo das armas portuguesas encima o pelourinho da antiga villa e por baixo lê-se: *1645.*

—Ao redor do sopé da Cruz das Necessidades ou das Vendas [a primeira designação vem-lhe da capella que abriga a cruz, a segunda da aldeia proxima] de que atrás fallei tratando de cruzeiros, lê-se a seguinte inscripção em gothico relevado:

Digitized by Google

Per serviço de D. Vasco Q̃imado de Villa lobos fidalgo da casa de rey e goarda mor q̃. foy do ifante dõ P.º he camareiro e do cõcelho dos duques Filipe he Carlos de Burgoña mãdou poer aquy esta crus. era IIII.C.LXXIIII [1474] anos. Rogae a D.ª per sua alma.

—Sobre a porta do pequeno forte da Arrabida lê-se:

Governando estes reinos e senhorios de Portugal o muito alto e poderoso princepe D. Pedro, nosso senhor, mandou pelo marquez de Fronteira, do conselho de guerra, seu gentil homem da camara, veedor da sua fazenda, mestre de campo general da Côrte, Estremadura, Cascaes e Setubal fazer esta fortalesa para defensa d'este porto santo da Arrabida e seus mares. Anno 1676.

Por ordem de S. M.de foi tudo reedificado desde os alicerses, feitas as estradas de novo e se acabou em MDCCXCVII.

—No meio da igreja do mosteiro da Arrabida ha uma campa sepulcral que diz:

Este logar escolhev p.ª sev iazigo o exm.º sñor o dvqve D. P.º arcebispo e inqvizidor geral. falec.º em 25 de abril de 1673.

Este era o duque de Aveiro D. Pedro de Lencastre, que succedeu no ducado a seu sobrinho D. Raymundo.

—Na esphera, sobre que pousa a imagem symbolica de frei Martinho de Santa Maria, á entrada do mesmo mosteiro, lê-se:

Effigies fratris Martini a Santa Maria, qui in hoc Barbarico monte et sancto loco primum cœnobium hujus sanctæ religionis capucinorum de Arrabida sic fundavit anno 1542 et Dominus Alvarus, quartus[1] *dux de Aveiro et tercius patronus hujus sanctæ provinciæ ut memoria tanti viri et filiorum ejus in posteros permaneat typum posuit anno Domini 1622. Attendite ergo filii ad petram unde excisi estis. Isai. 51. V. I.*

—Em El-Carmen, na parede de uma casa junta da capella, havia uma pedra com a seguinte inscripção:

Estas casas mandou fazer a irmandade de Setubal e se acabou a obra no anno de 1611.

—Numa lapide, que se achava por de baixo da urna cineraria na caída igreja do mosteiro de Santa Maria da Piedade, lia-se:

Nesta sepultura estão os ossos de Antonio da Gama do conselho de S. Mag.de e de sua mulher D. Isabel da Silva, a qual mandou aqui pôr sua filha D. Antonia da Silva na era de M DC XIIII.

—Noutra lapide encontrada nos entulhos na capella da Encarnação, da mesma igreja, lia-se:

---

[1] D. Alvaro foi o quarto duque da familia Lencastre, mas o terceiro na serie dos duques de Aveiro.

Digitized by Google

Esta casa de N. Senhora é obrigada a dizer duas missas cantadas e trez resadas por dia de Todos os Santos pelas almas de Alvaro de Mascarenhas e de Micia de Vasconcellos sua mulher, que aqui jazem sepultados, cujas santa gloria hajam.

—Numa campa de marmore da Arrabida lê-se:

Aqui jaz Alvaro de Mascarenhas.

—Noutra igual:

Aqui jaz a devota Micia de Vasconcellos.

—Numa pequena lapide de marmore branco lia-se:

Sepultura de Henrique Pereira, commendador-mór da Ordem de Sant'Iago e de sua mulher D. Isabel Pereira, os quaes fundaram esta capella e a dotaram com missa quotidiana.

—Numa lapide ellyptica de marmore branco, caiada de vermelho, lê-se:

Aqui jaz o padre frey Estevam Leitão pae d'esta provincia, falleceu a 22 de março de 1537.

—Numa campa de calcareo branco, com um brasão de que atrás tratei, lê-se:

Sepultura do capitão Fabio de Coxath, cavalleiro professo da Ordem de Christo, alcaide-mor de Castro Verde e de D. Paula, sua mulher, já defuncta e herdeiros[1].

—Numa lapide grande procedente da mesma igreja, lê-se:

Esta capella é de Joronyma da Silva, dona viuva, que ficou do licenceado Diogo Gomes, ouvidor que foi das commendas do mestrado de Sant'Iago e villas e das terras do infantado do ducado de Aveiro, onde falleceu servindo o dito cargo e se mandou enterrar na sua capella de S. João Baptista na egreja de S. Domingos da dita villa, onde ordenou se lhe dissessem cincoenta missas cada anno com esmola consinada em certa fazenda, que n'ella tem—E n'esta capella de N. S.ª das Neves se mandou enterrar a dita instituidora d'ella com suas filhas donzelas e do dito seu marido Maria Gomes da Silva e Felippa Pinta e mandou que do dia em que Deos for servido leval'a para si em deante se lhe diga n'ella missa quotidiana por suas almas para o que deixa renda e fabrica, como consta do seu testamento[2].

—Numa campa no corredor da sacristia para a velha igreja, lê-se:

Aqui jaz Francisco Ferreira secretario do duque D. Jorge.

---

[1] O capitão Fabio falleceu a 26 de novembro de 1631.

[2] O ouvidor Diogo Gomes baptisou uma filha, Maria, em 9 de novembro de 1626.

Digitized by Google

—Num nicho á parte direita da mesma sacristia, lia-se:

Hic iacent ossa sor. Isab. Bragancæ.

—Na campa que occupava o centro da casa do capitulo, lia-se:

Aqui jaz Ruy Gomes da Grãa, que foi governador da Excellente Senhora, do conselho d'el rei e D. Maria de Menezes, sua mulher, que foi camareira da mesma Senhora.

Estes conjuges instituiram o morgado da Torre em Azeitão e que pertenceu aos condes de Povolide, de Sintra e ultimamente de Valladares.

—Na mesma casa do capitulo ao lado da epistola noutra campa, lia-se:

Aqui jaz Tristão da Cunha.

Era neto de Ruy Gomes da Grãa.

—A capella do evangelho, que formava um dos braços do cruzeiro da igreja, era a sepultura dos marqueses das Minas. No centro havia uma grande campa de marmore raiado de branco e vermelho, em roda uma larga tarja de basalto preto; não havia nella qualquer inscripção ou escudo de armas. A lapide já não existe, mas sob o entulho ainda estará o carneiro e as ossadas do 1.º marquês das Minas, D. Francisco de Sousa, que foi embaixador de Pedro II ao papa Clemente, depois de ter feito com brilho as campanhas da restauração: era filho de D. Antonio de Sousa, nascido em Azeitão e baptisado em S. Simão a 17 de outubro de 1615 e de D. Maria Telles de Meneses; a ossada do 2.º marquês, D. Antonio Luis de Sousa, commandante do exercito colligado, que entrou em Madrid a 25 de junho de 1706; e os restos do 3.º marquês D. João de Sousa, que fez as campanhas de Castella e foi morto em Lisboa em 1722. A campa foi tirada do seu lugar pelos annos de 1872, e ainda d'ella conheço restos que formam uma janella elliptica.

—No sino do mesmo mosteiro, e que actualmente se acha no campanario da igreja de S. Lourenço, lê-se;

Sendo prior frei Theodoro de S. Joana de Vasconcellos. Anno 1768.

Na igreja parochial de S. Lourenço, sobre os estrados da capella-mór, ha 14 campas com inscripções. Partindo da porta da sacristia lê-se: na

—1.ª *Aqui jaz Luiz Antonio que esta terra mandou e ninguem se aggravou d'elle. Falleceu a 31 de maio de 99* [1599] *E jaz tambem Antonio Barrocas seu genro. É dos herdeiros de ambos.*

—2.ª *Sepultura de Pero Pinheiro e seus herdeiros. 1581.*

—3.ª *Sepultura de Anna Fernandes de Mesquita, sogra de Alvaro Nunes. 1569.*

Digitized by Google

—4.ª *Sepultura de Fr..... Alvares mariscal do duque de Aveiro e de seus herdeiros. 1561.*

—5.ª *Sepultura de Estevam Barreiros e de Mecia Dias, sua mulher, a qual mandou fazer seu filho Estevam Barreiros, cavalleiro fidalgo da casa de elrei nosso senhor. Era de 1591 annos.*

—6.ª *Sepultura de J.º P.º cavalleiro fidalgo da casa de S. M.de e de sua mulher Simôa Corrêa e de seu filho, a qual campa mandou pôr seu filho Manoel Correa P.º cavalleiro fidalgo da casa de S. M.de.*

—7.ª *Sepultura de Luiz Alvares e de Maria Philippe sua mulher e herdeiros.*

Aos pés d'estas sepulturas ha outra ordem de campas:

—1.ª *Sepultura de Duarte Serrão e de sua irman Brites Antunes, que falleceu na era de 1594.*

—2.ª *Sepultura de Gil Fernandes Tavares fidalgo da casa d'el rei e de seus herdeiros.*

—3.ª *Sepultura de Gaspar Dias e seus herdeiros.*

—4.ª Fica no centro aos pés da 3.ª anterior e não tem inscripção.

—5.ª *Sepultura de Custodio Pereira, sua mulher e herdeiros. 1616.*

—6.ª *Sepultura de Diogo Pires e seus herdeiros.*

—7.ª *Sepultura de Antonio Niculas.*

Junto do cruzeiro do adro da mesma igreja está coberta pela terra uma campa, em que se lê:

Sepultura de José Felix Falcão cavalleiro fidalgo da casa de S. M.de

Este cruzeiro, que substituiu o primitivo [1344] derribado por um temporal em 1724, tem gravadas as mesmas lettras do anterior— *F. S. V. M.,* que uns lêem *F(vit) S(alvator) V(niversi) M(undi)*, outros *F(ilius) S(emper) V(irginis) M(ariæ).*

—Num sino da torre está escripto:

Este sino deu Francisco Ferreira de Sousa sendo juiz da irmandade do Santissimo em o anno de 1784.

—No pelourinho da Villa Nogueira, na face norte do fuste da columna, lê-se:

Fidelissima regina D. Maria imperante senatus erexit. Anno 1786.

*

Na igreja parochial de S. Simão havia bom numero de sepulturas com campas, entre outras a dos Ferreiras de Passos, um descendente dos quaes foi ha poucos annos administrador da casa de Bragança; com as reformas da igreja, porém, todas as campas teem sido tiradas,

Digitized by Google

ou mudadas de lugar. Numa pedra ainda se encontra a seguinte inscripção:

Sepultura de Estevam Pegado de Valladares e de sua mulher D. Dorothea. 632.

Aproveito o lugar para desfazer um logro, que está preparado para os incautos, nuns manuscriptos que se encontram na Bibliotheca Nacional de Lisboa e que pertenceram ao theatino D. Manoel Caetano de Sousa.

Fallando da igreja de S. Simão de Azeitão, escreveu D. Manoel:

«Affonso de Albuquerque fundou a igreja de S. Simão de Azeitão e *Nuno de Mendonça* está enterrado na freguesia de S. Simão no lugar, em que hoje está a tribuna».

Um falsario qualquer, querendo dar aquella igreja por depósito das cinzas illustres do grande homem, aspou as palavras precisas para alcançar o seu intento; comtudo não o conseguiu, porque eu pude ler através dos traços, o que primeiro se havia escripto, concorrendo para isto as tintas, que eram diversas e que o tempo em vez de amalgamar mais distinctas tornou.

*

Na igreja parochial de S. Pedro de Palmella, junto ao guarda-vento, á esquerda, numa lage do chão, lê-se:

Miserere mei. Debaixo d'esta pedra elegeu jasigo e o pede a S. M.da por esmola Luiz Feio Barrocas prior d'esta egreja de S. Pedro, em cujo tempo foi reedificada por el rei o S.r D. João V das cinzas, a que a reduziu o lastimoso incendio, que n'ella houve em 10 de abril de 1713 sem lhe deixar pedra, que pudesse servir; e cuja obra durou até o anno de 1747.

—Na entrada do mesmo templo ha as seguintes inscripções:

Sepultura de Antonio Ribeiro e de sua mulher e de seus herdeiros. 1598.

Sepultura de João A.º Moscacho, de sua mulher e herdeiros. 1604.

Numa campa na capella junta á sacristia da igreja dos freires de Sant'Iago lê-se:

Capella e jazigo do prior Paulo de Paiva Freire.

—Na capella da quinta do Anjo, e que hoje pertence á casa dos duques de Palmella, ha uma campa em que se lê:

N'esta capella se mandou depositar o padre Jacintho de Mello descendente dos senhores d'este morgado da Fonte do Anjo para ser trasladado para a capella maior do convento dos padres agostinhos, a que

Digitized by Google

deixa dado principio na villa de Setubal, tanto que capaz de se poder fazer esta trasladação.

—Sobre a porta de um terraço, da casa da commenda de Monguellas, junto da Ajuda, propriedade do conde Armand, ha uma lapide com a seguinte inscripção:

Esta plataforma de S. João pelas utilidades, que d'ella se conhecem para a defensa d'este porto, villa e castello, mandou fazer aqui João de Saldanha, governador das armas d'esta villa e sua comarca. Desenhou Sebastião Pereira Frias, engenheiro de Sua Magestade. Anno 1680.

—Sobre o portão da quinta do Dr. Francisco Carlos da Silva Campos foi posta uma lapide, encontrada enterrada, em que se lê:

Deo adivvante labore meo qve hoc mihi contingit. 1580.

Na costa do Espichel, proximo da Baleeira e da fortaleza da Baralha, quasi junto ao mar, ha um lugar chão, aonde se vêem umas paredes desmantelladas e restos de construcções: são os destroços de uma ermida do Senhor Jesus dos Navegantes, que já ali existia em 1741 e de uma casa conventual, que uns homens, que se davam a titulo de monges, ali quiseram estabelecer em fins do passado seculo, e d'onde foram expulsos em 30 de setembro de 1792 pelo corregedor de Setubal e juiz de fóra de Sezimbra, em virtude do decreto do dia 8 de agosto, que baixou da Junta da casa do Infantado. As imagens foram levadas para a igreja de Santa Maria do castello e ainda hoje alli se festeja a imagem de Jesus dos Navegantes.

—Encontram-se no lugar do pequeno mosteiro, derribado pelo tempo, tres pedras trabalhadas; uma tem:

Imagem de Christo de tosco meio relevo, que mostra haver estado assente na face de uma parede.

—Noutra pedra, tambem por alli abandonada, lê-se:

Jesus, Maria, José, quem vos ama vosso é. P. N. A. M.ª pelas almas.

Sobre esta inscripção ha uma figura das almas toscamente aberta na pedra.

—Em outra lê-se:

Luz é Christo, Christo..... [palavras que não podem ler-se]. *1751.*

*

—Sobre a porta de uma casa inferior de uma bateria cylindrica da fortaleza do Cavallo, que defende a bahia de Sezimbra, numa grande lapide, lê-se:

Digitized by Google

Reinando D. João IV em Portugal e mandando as armas o princepe D. Theodosio e as de Setubal e seu partido João Nunes da Cunha se..... esta fortalesa de S. Theodosio, sendo capitão-mor Francisco de Mattos Machado, vedores o juiz de fora Francisco Salgueiro de Moraes, Manoel Carvalho de Vargas, Manoel Farto de Oliveira e Antonio da Cruz da Silva, engenheiro Sebastião Pereira Frias. Anno de 1652.

—Sobre a porta principal da fachada leste do palacio do Peru, proximo de Azeitão, lê-se:

Ego Antonius Cremer plantavi, Apollo rigavit, sed Deus incrementum dedit.

—Sobre a mesma porta, pelo lado interior, numa grande lapide por de baixo de um nicho aonde estava uma grande estatua de madeira, lê-se:

Em Hollanda me armei de caçadora
e, vagando por bosques dilatados,
cheguei, de varios climas vencedora,
á fermosa dilicia d'estes prados,
aonde, da fragante e bella Flora
dôcemente bemquista nos agrados,
faço, por circumstancias tão discreta,
ociosa juntamente aljava e seta.

—Numa lapide sobre a porta da pequena capella ou oratorio do palacio da Conceição, proximo do antecedente e construido pelo mesmo Cremer, lê-se;

D. O. M. | *Nec non* | *Intemeratæ conceptioni* | *immaculatæ Virginis deiparæ* | *sacellum hoc* | *D.nus Antonius Cremer* | *Ordinis Christi eques* | *rei archithalassicae* | *unitarum Belgii regionum* | *ab omnibus negotiis in Lusitania* | *ut et* | *uxor ejus carissima* | *D.na Catharina Sophia Van Zeller* | *erexerunt* | *in devotionem tum propriam quam vicinorum* | *præterea edificarunt adjunctas ædes* | *ad otium proprium* | *ac* | *quos Numen benigne concedat* | *ad vitam quietam posterum* | *quam ob rem hortum quoque hic plantarunt* | *ipsis kalendis maii CIↃIↃCCXV* | *quando pax publicaretur* | *inter Lusitaniam et Hispaniam* | *lapis fundamentalis positus est* | *ac die VIII septembris ejusdem anni* | *primæ cerimoniæ* | *ibi religiosissime sunt habitæ* | *Accipe Virgo tibi quas sacravimus aras* | *nec espernas parvum Diva benigna donum.* |

O que em portuguez será:

«D. Antonio Cremer, cavalleiro da Ordem de Christo, almirante dos Paises-baixos encarregado geral dos negocios de Portugal, e sua mulher muito querida D. Catharina Sophia Van Zeller, tanto para

Digitized by Google

satisfazerem a propria devoção como a dos vizinhos, levantaram este pequeno templo a Deus bom e grande e á pura conceição da immaculada Virgem Mãe de Deus. Edificaram mais as casas juntas para seu repouso e plantaram o jardim. Oxalá que os seus descendentes possam gozar tudo em descanso. A pedra fundamental foi lançada no primeiro dia de maio de 1715 depois da publicação do tratado de paz entre Portugal e Hispanha e no dia 8 de setembro do mesmo anno tiveram lugar na capella os primeiros officios religiosos. Acceita, ó Virgem, estes altares, que te consagramos e não desprezes, Deusa Benigna, a pequena dadiva».

*

—Sobre a porta principal do palacio de Calhariz lê-se:

Di riposo e di pace albergo vero.

—Sobre o fogão monumental da *sala dos veados,* do mesmo palacio, ha uma Diana com uns cães atrellados, e num ovulo lê-se:

Frigora pelle die venatu, nocte camino.
Sint gratæ silvæ, sit tibi grata domus.

—Na architrave de um templo octostylos, no monticulo de um lago da mesma quinta, lê-se:

Primo Palmelli duce filii tali patre superbientes dicaverunt VIII id. mai. CIↃIↃCCCXLVIII.

24. Antiguidades a que não póde marcar-se origem conhecida

—Aproveito o lugar, por não ter outro melhor no questionario, para dar noticia de uma lapide ornamentada, que existe no chafariz da aldêa Rica, em Azeitão, cuja procedencia desconheço e nem sei de que fizesse parte. Para o chafariz deve ter vindo em fins do passado seculo.

A lapide é de marmore branco e mede $0^m,88$ de largo por $0^m,44$ de alto. Como se vê, são dimensões sujeitas ao palmo português. Tem 8 medalhas circulares com suas molduras, que se tocam, e nos intervallos dos circulos uns pequenos florões. Dentro de cada medalha vê-se uma imagem em alto relevo, bem proporcionada ao campo em que foi lançada. As medalhas são em duas linhas sobrepostas. Começando da linha superior e da direita para a esquerda, as figuras são: 1.ª anjo com asas abertas, 2.ª uma ave, 3.ª cordeiro como o *Agnus Dei,* isto é com o lábaro, 4.ª repetição do anjo, 5.ª da ave, 6.ª do cordeiro, 7.ª do anjo, 8.ª da ave.

Digitized by Google

AZEITÃO

Lapide no chafariz da aldêa Rica

Digitized by Google

Digitized by Google

—Sobre o portão da quinta do Visconde de Montalvo, em Alferrar, proxima a Setubal, está outra lapide igual. Nem uma nem outra foram feitas de proposito para os lugares que occupam, mas aproveitadas para ornamenta-los.

25. Montes fortificados

Na vertente septentrional da serra da Arrabida ha um monte chamado de *Alivide* ou *Olivide*. Parece de uma só pedra, é nu, alveja ao longe como lençol gigante estendido na serra.

É mais vulgarmente conhecido por *Castello dos Mouros,* ou *Jogo dos Mouros,* de umas construcções cyclopicas, que no monte existem, e apresentam toda a rudez dos tempos prehistoricos[1].

A uns 10 metros do cume um paredão de enormes lages, arrancadas da escarpa, formam supporte a um terraço de 50 ou 60 metros de extensão por 6 a 8 de largo. Não se divisam nas lages signaes de instrumento metallico, que servisse para o arranco ou desbaste. O paredão é tecido por camadas horizontaes sobrepostas ensossas. Se pelo norte é inaccessivel, pelo sul protege o terrapleno a muralha natural, que fórma a crista do monte.

Nunca alli encontrei cousa que désse noticia de estação humana nos tempos mais desviados, como fragmentos de barros, quaesquer instrumentos de silex, ou objectos semelhantes; verdade é, tambem, que nunca alli fui como explorador, mas apenas por desvio propositado do caminho da Arrabida, ou de passagem caçando.

É tradição, nos que chamam ao monte *Jogo dos Mouros,* que no terrapleno havia umas argollas de bronze, como as do jogo do aro, mas isto vem de envolta com contos tão phantasiosos de mouros e mouras encantadas, que tiram todo o credito á narrativa tradicional.

Poderá ter-se a construcção como lugar fortificado dos mais antigos e incultos habitadores da peninsula da Arrabida.

—O castello de Coina, *castellum Caunæ* «muros de Couna». O viageiro, que de Azeitão segue para a Arrabida pelo caminho de El-Carmen, encontra, logo ao saír da aldeia de Irmãos, o *porto de Cambas,* o rasgamento mais cavado da cordilheira de montes, que pelo norte defronta a serra da Arrabida. No fundo do valle corre a estrada a par do ribeiro, e a meio, dirigindo-se ao poente, está o *valle de Coina,* que dá accesso á planura superior. As ribas septentrionaes d'este ultimo valle são penedias cortadas a prumo, algumas das quaes corroi-

[1] Cf. *O Arch. Port.,* II, 320.

Digitized by Google

das pelo perpassar dos tempos já formam cimalhas, outras são perfeitas alpendradas. As ribas do sul, cobertas por exuberante vegetação de carvalhos, zambujeiros e espessos carrascaes, formam as escarpas abruptas do monte, cuja cumieira occupa os restos de uma fortaleza e dos muros de cinta de uma extincta povoação.

O monte é escarpado e de difficil accesso pelo norte, leste e oeste. Na maxima parte a rocha nua e talhada a prumo fórma uma muralha natural de alguns metros de alto. No sopé d'esta rocha do oeste encontra-se uma linha de *matmoras* dispostas a pequenas distancias entre si. Era sempre esta a situação dos celleiros arabes, tanto que até os expugnadores de Silves se aproveitaram em 1189 de uma *matmora* para principio da mina, que cavaram por de baixo das muralhas da praça.

A cumieira é chata e vasta, inclinando-se ligeiramente, e alargando-se para o norte. Em toda a sua aresta exterior vê-se o tecido de um muro argamassado, que já se não eleva ao terreno interior.

No extremo sul e mais elevado, estão as ruinas do castello e na ponta, que para alli se alonga, porque faltava a muralha natural dos rochedos, cavou-se um valle, ainda hoje bem visivel. A crista do monte, aqui, por aguda, poucos assaltantes comportaria; todavia, como lugar mais fraco, levantou-se nelle uma torre quadrangular de 9 metros por 6 de face para defendê-lo.

O assento da torre é de rocha branda, e um maciço de alvenaria, especie de talhamar, que reveste os fundamentos para o lado do fosso, póde fazer crer que a torre soffreu um ataque, no qual os inimigos tentaram solinhá-la, havendo por isso depois de proteger-se-lhe o sopé.

A distancia de uns 30 metros d'esta torre, sobre a escarpa leste, vêem-se restos de outra de menores dimensões e parece que aqui tinha fim o castello; no angulo opposto, um montão de pedras e entulhos mostra ter havido no lugar construcção avolumada, talvez outra torre.

O recinto póde dizer-se um triangulo de 25 metros de base por uns 40 de altura. Os muros teem $1^{m},20$ de espessura, e, pelo leste, a distancia variavel de 2 a 5 metros, conforme a disposição da encosta de declive rapido, ha outro muro exterior, que sae do angulo da primeira torre e se extingue proximo da outra extrema. Do lado opposto tambem se encontram restos de muro exterior.

Dentro d'este recinto muralhado um carrascal espesso não permitte a exploração do terreno, nem ver fundamentos de mais construcções. Podia ser muito interessante uma exploração alli bem ordenada, porque o castello seria dos demolidos na erupção mourisca de 1191 e nunca soffreu reparação.

Digitized by Google

Quasi a meio do castello vê-se a cisterna, cuja abobada de alvenaria commum está por terra até aos rins, vendo-se-lhe as fórmas das tábuas dos simplices, que serviram para o seu tecimento. A cisterna mede $8^{m},40$ por $6^{m},30$; tem de alto ao eixo da volta $3^{m},40$ e ao fecho $6^{m},44$. É toda aberta em rocha, as paredes são revestidas com emboço ordinario e sobre elle uma camada de cimento composto de cal, saibro e barro cozido reduzido a meudos fragmentos, coberto ainda por um tenue revestimento vermelho, que parece dado a pincel.

A encosta leste do monte é de inclinação rapida, e o valle corre fundo; as encostas do norte e oeste são talhadas quasi a prumo, como já disse, e do mesmo modo são as dos montes fronteiros, formando assim um fosso largo e fundo, que as béstas, virotões e mais armas de arremesso, no tempo usadas, mal poderiam atravessar.

Nos sitios, aonde os muros não assentavam sobre a muralha natural dos rochedos, os fundamentos desciam a encontrar a rocha. Para o systema de guerra usado, Coina era vantajosamente situada: só vulneravel num ponto, e bem limitado, bem se prestava á defeza. Os habitantes circumvizinhos nella encontravam proximo e formidavel abrigo.

A fortaleza, como disse, occupava a parte mais eminente do monte; os muros de cinta da povoação, porém, estendiam-se a todo o planalto, de onde desappareceu por completo todo o material das construcções, encontrando-se apenas por alli cacos de telha e pedaços pequenos de tijolos de argillas de côres diversas. Quem entrar tambem no recinto muralhado da antiga villa de Sezimbra, assento de uma importante povoação e que em fins do seculo XV era apenas decadente, pasmará dos insignificantes restos de tantas habitações, dos paços municipaes, do açougue [mercado], prisão, albergaria, etc.

O castello de Coina collocado naquelle monte estava de molde para dar e receber soccorro de Sezimbra e de Palmella, guardava a passagem das forças, que pelo valle do sul se dirigissem a alguma d'aquellas fortalezas, ou que, desembarcadas no Portinho da Arrabida, quisessem pelo porto de Cambas penetrar nas planicies, que se desenvolvem até ao Tejo e dava abrigo de valia e commodo aos habitantes da região circumvizinha. E esta acolhida a recinto fortificado, mesmo d'aquelles que ali não tinham residencia, era facto tão commum em todas as correrias, que na entrada de Abor em 1189 ali foram encontrados em massa os povos circumvizinhos, que experimentaram a dura sorte dos vencidos e o mesmo se deu na tomada de Silves.

O velho castello tem, como todos, as suas lendas e historias de encantamentos, com que as nossas avós á lareira, á noite, entretinham os seus netinhos, em quanto se assava o ovo com a competente cus-

Digitized by Google

pidella, para que não estallasse, e a applicação da receita, requerida por um netinho bregeirote, a determinada parte da avózinha para evitar tambem os estallos. No repertorio d'estes contos vinha sempre a historia das tres casas subterraneas do *Casal do Bispo,* deixadas pelos mouros, uma cheia de armas, que já fôra aberta [a cisterna], uma com peste e outra com ouro, em que ninguem se atrevia a bolir, porque, dando-se com a da peste, a mortandade seria immensa, a começar pelo explorador.

O monte, e toda a propriedade de que faz parte, é conhecido desde meado do seculo XVI pelo nome *Casal do Bispo*. Era da casa dos marqueses de Villa Real, e em 1545 foi comprado por D. Belchior Beliago, bispo de Fez[1], que, proximo e ao sul do castello, edificou uma casa de habitação, em que residiu, e officinas agrarias, tudo ainda de pé. Em Azeitão ha muito quem desconheça o castello de Coina, mas todos sabem aonde é o Casal do Bispo.

Em 1188, pelo testamento de D. Sancho I, ainda o castello de Coina era capaz de ser thesouro real; nelle guardava o rei alguns dinheiros que destinou ao mosteiro de Santa Cruz, aonde quis sepultar-se; e de outros dinheiros que tinha em diversos lugares mandou que se applicasse a quantia necessaria para a construcção dos muros e municionamento de Coina.

Ao nascente da fortaleza derruida, e alem do valle de Cambas, fica um monte conhecido pelo nome *do Facho*. É sabido que os fachos e fumaças eram os meios empregados para a communicação rapida de determinadas noticias e signaes da vista ou approximação do inimigo, e era de certo d'este monte, que se davam avisos a Sezimbra e Palmella, e nelle estavam as atalaias de Coina. Ao nascente do castello de Sezimbra tambem ha um monte *do Facho,* e outro para os lados do Espichel, para noticias e vigia do mar.

A propriedade, em que está o castello derribado pertence actualmente [1896] ao conselheiro Mariano de Carvalho.

26. Castello de Sezimbra

Chama-se hoje castello de Sezimbra não só á fortaleza que está no cume do monte, mas a toda a cêrca de muralhas, que cingiu a velha

[1] D. Belchior Beliago estudou em Paris, foi professor de philosophia no collegio de Santa Barbara, recolheu-se a Portugal antes de meado o seculo XVI, regeu uma cadeira de humanidades em Coimbra, professou theologia, e escreveu em latim, fazendo-se notavel pela elegancia da linguagem.

Digitized by Google

povoação; no emtanto bem póde ainda distinguir-se a cidadella, ou castello, e o recinto fortificado que protegia a villa extincta. Na disposição do conjuncto e nas construcções muito haverá de mourisco. Sancho I teve de refazer o castello, e na torre de menagem a ogiva da abobada com as suas nervuras artesoadas testemunhará a obra do filho de Affonso Henriques.

O castello pousa num cerro pedregoso; o planalto do monte, sôlto de todas as elevações circumjacentes, é tão vasto, que ali abrigou população numerosa. Os muros assentam na aresta dos penhascos, ou nas vertentes da cumieira forte por natureza. Na parte mais eminente está a cidadella aonde campeia a torre de menagem carcomida pelos seculos e, orgulhosa do seu valor, cairá sem se dobrar. Tres torres menores guardavam este recinto fechado por altos muros com parapeitos ameados e asseteirados; duas outras torres protegiam a porta de pleno cimbre, sobre a qual os defensores podiam combater. Dentro ha uma cisterna quasi totalmente obstruida e algumas paredes da habitação do alcaide derribadas até ao primeiro pavimento.

Os muros da extincta villa ligam-se ao castello, e proxima fica a *porta do sol* aberta ao nascente, como o seu nome indica; é tambem de pleno cimbre e guardada por duas torres. A muralha segue pequeno espaço para o sul e torneja para o occidente pela aresta da cumiada a entroncar numa alta torre de dois andares, que fechava a villa no extremo opposto ao castello.

Um velho documento falla mais de uma vez na *torre nova* a modo de parecer ser esta a que me refiro, a sua construcção mesmo indicará epocha diversa da torre de menagem.

D'aquella torre o muro retrocede a encontrar de novo o castello, ficando-lhe a meio a *porta da Azoia* igual á *do sol.*

O castello teve uma *poterna,* que daria para o norte; desconhece-se-lhe já o sitio, mas documentos insuspeitos do seculo XV accusam a sua existencia: Diz um: *Herdade de pão da dita abergaria, que o concelho traz aforada grandes tempos ha para rocio da dita villa a qual herdade já a par da poterna assô os muros da dita villa.*

Dentro no planalto, que foi assento da velha Sezimbra, ha duas grandes cisternas cavadas na rocha e cobertas de abobada, cuja agua servia para abastecimento dos habitantes da povoação. Fóra dos muros, a um kilometro proximamente, ha uma pequena nascente, que pouco auxilio poderia dar.

Ao nascente do castello ha um monte elevado e que ainda se chama *do Facho;* para os lados do Espichel ha um outro da mesma designação, ambos á vista do castello; eram de certo estações de atalaias e de onde

Digitized by Google

por almenaras os vigias davam signal dos inimigos, que se aproximavam por terra ou navegavam nas costas do oceano.

O monte que, pelo nascente, mais proximo fica do castello e aonde existe um moinho, construido haverá quarenta annos, é chamado *cabeço da forca;* conheci alli dois altos pilares, em que se justiçavam os criminosos, julgados pelos juizes da velha Sezimbra.

27. Castello de Palmella

Pretende-se que Palmella venha de longas eras, que fosse restabelecida pelos romanos, e até ha quem queira que Aulus Cornelius Palma a levantasse no anno de Roma 859 [anno de Christo 106] e que do edificador lhe venha o nome.

A. Cornelio Palma foi consul em 89, voltou ao consulado em 109 e neste intervallo teve o governo da Syria, aonde esteve occupado na conquista da parte mais septentrional da Arabia, submettendo-a, tomando Peara e expulsando os seus reis. É isto o que nos diz a historia, mais de crer do que estes genesis inventados para os acommodaticios crentes. O nome parece denunciar origem latina, mas por quantas transformações póde ter passado para nos chegar *Palmella!*

Palmella, na baixa latinidade, era a formula usada nos mercados, em que comprador e vendedor se davam as mãos direitas em signal de firmesa, ou fé do contracto ou ajuste. *Palmella* seria tambem, o que agora se diz *punhado, mão cheia,* de sal, de linho, ou outra cousa. *Palmella* seria *Palma pequena,* segundo alguns para differença de Palma na Andaluzia, edificada, conforme os mesmos, pelo mesmo consul romano[1].

Em nenhum autor latino encontro notícia do castello de Palmella e nem uma palavra sequer de referencia. As legiões romanas não se encaminhavam para estas partes, e a fortaleza, se já era levantada, sería estação de algum presidio militar para conter em respeito os

---

[1] [Alem do citado personagem A. Cornelio Palma, ha ainda outros do mesmo nome na historia antiga: vide De Vit, *Onomasticon,* s. v. «Cornelius»; mas de nenhum d'estes se póde dizer que provenha o nome de PALMELLA. Este nome é, como com razão lembra o Sr. Rasteiro, mero deminutivo de *palma,* como Covella o é de *cova,* Quintella de *quinta,* Mesquitella de *Mesquita* e outros muitos. No nosso onomastico existe ainda outra PALMELLA, e alem d'isso: PALMINHA, PALMEIRA, etc.; vide a *Chorographia do reino de Portugal,* de J. M. Baptista, «Indice», s. v.—J. L. de V.].

Digitized by Google

povos circumvizinhos, ou policiar o *Promunturium Barbaricum* — peninsula da Arrabida.

Palmella não poude celebrizar-se por qualquer feito de armas, por isso restou no silencio e terá a mesma razão de ser a escassez de noticias da vizinha cidade littoral correspondente á moderna *Troia de Setubal,* importante outr'ora pela sua situação maritima e de certo pelo seu commercio e pescarias, como attestam as suas reliquias sepultadas nas dunas do oceano ha quasi quinze seculos.

Os monumentos arabes conhecidos, que tão poucos são, não nos fallam tambem de Palmella, mas é certo que existia, e guarnecida, a fortaleza no seculo XII, como consta das velhas chronicas portuguesas. A proximidade e valor de Al-kassar e Lichbouna diminuia-lhe a importancia; todavia, como chave da peninsula, que se lhe estende a poente, não deixaria de ser fallada nos escriptos arabes e d'ahi poderiamos alguma cousa saber de Palmella, se os christãos no seu odio aos islamitas, e os escriptores indigenas, querendo fazer chronicas milagreiras, não houvessem destruido quantos monumentos arabes poderam colher.

A fortaleza de Palmella, como a de Sezimbra, póde dividir-se em duas partes distinctas: castello ou cidadella ao poente, e o restante recinto murado que abrigaria a povoação. Para simples presidio militar toda a cêrca é demasiado vasta; e a ausencia total de construcções vetustas nas vizinhanças, e nem sequer restos, são indicios de que aquelles muros, que coroam todo o môrro fortificado, cingiam o castello e guardavam a povoação. Quando mais tarde já não havia a temer das algaras e correrias inimigas e talvez, porque superabundasse, a população veiu-se escapando para fóra das muralhas, mas, sempre cautellosa, não deixou a sombra dos muros protectores, e é de crêr, que a construcção da casa de Sant'Iago e o estabelecimento dos cavalleiros e freires alli lançasse para fóra dos muros os habitantes, que lá restassem.

A igreja de Santa Maria, posta a par do castello, mas fóra do seu recinto, mais faz suppôr que se lhe queria dar o necessario amparo, quando vencida a povoação, em cujo ambito demorava.

Cuido que alguma cousa ainda existe de primitivo, naquellas construcções, mas muito ha de refeito em epochas diversas. As torres ou cubellos circulares, saindo dos pannos da muralha e distanciadas a tiro de bésta, fallar-nos-hão dos romanos; as torres quadrangulares fallar-nos-hão dos arabes; a torre de menagem alterosa e elegantemente singella e forte, com as armas de Portugal sobre a cruz floreteada, testemunha-nos a epocha de Avís. Das fortificações modernas juxta-

Digitized by Google

postas para uso do canhão dá-nos noticia a lapide, que existe sobre a porta de entrada da fortaleza.

Na muralha refeita a oeste d'esta porta ha materiaes procedentes da desmantelada e vizinha igreja de Santa Maria.

Os castellos de Palmella e de Sezimbra, isto é, o conjuncto de fortificações sobre os montes, assemelham-se nas suas disposições geraes. No cerro mais elevado a cidadella, montão de muros torreados, com a sua torre principal, em que haviam de encerrar-se e ter-se até fim os ultimos defensores; na extremidade opposta uma torre grande, mas menos consideravel do que a de menagem, ligando em si as muralhas, que naquelle ponto se aproximam, formando um angulo agudo, cujo vertice a torre trunca. Em Sezimbra conservam-se as antigas disposições da cidadella, em Palmella foram alteradas pela reconstrucção da torre de menagem e outras obras posteriores. Palmella tem só uma porta e, no lado opposto, uma poterna; a porta, porém, já não é flanqueada por torres, ajustando-se-lhe outro systema de defesa, não tanto propriamente á porta, como embaraçante da entrada do inimigo.

As duas velhas fortalezas, que eu mais tenho como povoações acastelladas, são mais conhecidas pela designação de castellos, despejadas, como estão, de habitações e habitadores; todavia as doações reaes aos cavalleiros de Sant'Iago mencionam castellos e villas, e até o padroado das igrejas que alli se encerravam.

As cisternas de Palmella são famosas, e bem se distinguem as antigas das modernas. Dentro do recinto muralhado estão de pé as paredes da casa dos espatharios, a sua igreja abandonada á ruina; a habitação do prior-mór, que o templo separava do mosteiro; e restos da igreja de Santa Maria, que já em 1736 ameaçava perigosa ruina, pelo que o patriarcha de Lisboa mandou celebrar os officios religiosos na ermida de S. João. O terramoto de 1755 lançou por terra a igreja. No recinto do castello ha uns aquartelamentos, que não denunciam grandes annos; mas, descobertos já os pavimentos superiores, vão-se desmoronando.

28. Torres

Torres, ou habitações fortificadas, parece que as houve nestes sitios. Na cordilheira de montes, em que assenta Azeitão e vae até Palmella, ha propriedades cujos nomes fazem crer na existencia de torres nestes sitios, mas, de tal modo aniquiladas, que nem vestigios deixaram.

Perto de Villa-Nogueira ha a *quinta da Torre,* cabeça de um morgado instituido por Ruy Gomes da Grãa. A velha habitação dos senhores era num lugar elevado, mas um incendio ahi por 1830 destruiu-a;

Digitized by Google

no pateo da casa existia, não ha ainda muitos annos, um buraco no chão e que se dizia communicar com um subterraneo da torre. Nunca o vi, mas a pessoa, que o affirmava, era de tanta verdade e despreoccupada de invenções historicas, que não posso duvidá-lo.

—Mais a leste, no lugar em que se partilhavam os concelhos e commendas de Sezimbra e de Palmella, ha uma quinta, cabeça de um morgado ainda ha pouco na administração dos marqueses das Minas, chamada *quinta da Torre*. Houve alli uma habitação senhorial, de que restam apenas algumas pedras. A sua queda deve ser anterior ao seculo XVII, porque logo nos primeiros annos D. Antonio de Sousa e sua mulher D. Maria Telles de Meneses residiam na casa da quinta da Boa-Vista, na aldeia de Camarate, aonde lhes nasceu, primogenito, D. Francisco de Sousa, 1.º marquês das Minas e 3.º conde do Prado, baptizado em S. Simão de Azeitão a 17 de outubro de 1615, que tão brilhantemente fez as campanhas da restauração e a embaixada de Roma em 1670.

Um documento authentico de 1434, fazendo a delimitação dos velhos concelhos de Palmella e de Sezimbra, diz ..... *e d'aqui se vae direitamente aguas vertentes pela serra a fundo ter á torre que foi de Affonso Lobo e ahi está um marco ao pé da torre da parte do poente*».

Mais tarde os senhores do morgado levantaram uma casa grande, mas sem nobreza de fórmas, no mesmo lugar, e o marco, a que o documento atrás se refere, ficou em meio da cozinha servindo de pé a uma mesa.

Das palavras *pela serra a fundo* poderá deprehender-se que a torre seria na planicie, ou no valle; mas não, a torre era na quebrada, que formam os montes chamados hoje de S. Francisco e de Santo Ovidio, das capellas, cujas ruinas existem, da vocação d'estes santos.

Assim como na cozinha se dava o facto estranho de pertencer a dois concelhos, do mesmo modo a ermida de Santo Ovidio [tambem chamada de Santa Helena] tinha a capella-mór na freguesia de Santa Maria, concelho e commenda de Palmella, emquanto o restante da igreja ficava na freguesia de S. Simão, commenda e concelho de Sezimbra e ultimamente [desde 1759] concelho de Azeitão. Esta partilha deu causa a questões entre os parochos das duas freguesias, porque se um não queria que o outro officiasse para os seus fregueses, o de Palmella não permittia que o de S. Simão celebrasse nos limites da sua parochia. O caso foi resolvido pelo prelado a favor do parocho de Santa Maria de Palmella.

—Mais a leste, proximo da *Fonte do Sol,* sobre a mesma cordilheira, ha uma propriedade chamada *das Torres Altas.*

Digitized by Google

29. Factos historicos das fortalezas de Coina, Sezimbra e Palmella

Do castello de Coina apenas ha notícia pelo testamento de Sancho I. Este testamento é dos annos 1188 e nelle declara o rei ter certos dinheiros no castello de Coina, a que dá determinada applicação, e d'outros dinheiros, que noutras partes tinha arrecadados, destina o rei alguns para os muros de Coina e municionamento de seu castello.

O encontro de Affonso Henriques com as forças, vindas em soccorro de Sezimbra, foi á vista do castello de Coina, a um ou dois kilometros dos seus muros; no entanto desconhece-se o papel, que naquelle successo desempenhou a sua guarnição.

Parece haver sido destruido pela invasão musulmana de 1191, e não consta que depois fosse reparado.

O castello de Sezimbra sería abandonado pelos arabes em 1147, quando Lisboa caíu, e não se sabe se foi occupado pelos christãos. Os arabes, quando de novo se apossaram do sul do Tejo, guarneceram-no, assim como Palmella, e não deixariam sem presidio Coina e Belmonte, porque estas quatro fortalezas formavam a linha de defeza do trato de terreno ao sul do Tejo, em frente de Lisboa.

Desordens intestinas não permittiam aos arabes occupar-se acuradamente dos negocios da parte mais occidental de Andaluz [Hispanha] e o rei português poude em 1158 apoderar-se de Alcacer, deixando, porém, atrás de si e em poder do inimigo a peninsula da Arrabida. As difficuldades continuaram nos arabes. Em 1163 algumas tribus tinham-se insurreccionado e em 1164 um chefe arabe commandava na Andaluzia um exercito de rebeldes colligados com christãos.

Em principios de 1165 Affonso Henriques achava-se em Alcacer, aonde teve notícia de que Sezimbra e Palmella estavam fracamente presidiadas. Sem detença partiu a surprehendê-las, e, conforme seu uso e tactica, passou através dos inimigos sem ser apercebido, e foi atacar Sezimbra, aonde menos podia ser esperado, por confiar na guarda dos castellos fronteiros de Belmonte, Palmella e Coina. Sezimbra sustentou-se algum tempo, dando lugar a que de Badajoz marchassem forças para soccorrê-la; todavia teve de render-se no dia 21 de fevereiro.

Em quanto se ajustavam as bases da capitulação, o rei português não deixou sair do espanto os inimigos, nem esfriar o enthusiasmo dos seus soldados, e partiu a fazer um reconhecimento sobre Palmella, seguindo o valle na falda norte da serra da Arrabida. Ao sul do castello de Coina, Affonso Henriques topou de frente com forças numerosas, que açodadas marchavam em soccorro de Sezimbra, cuja queda desconhe-

Digitized by Google

ciam; o rei português aproveitou a desordem e fadiga da marcha dos inimigos e não vacillou em atacá-los. Tão poucos são os cavalleiros christãos, que os arabes suppõem ter na frente apenas as avançadas portuguesas, e preparam-se para receber o choque do grosso do exercito; todavia Affonso Henriques carrega-os com tanto ardor, que não os deixa ordenar, nem desenvolver, o sítio por accidentado e coberto de matas espessas ajuda-o, e a derrota do exercito mourisco não se faz esperar, seguidas de tantas perdas que nem póde reforçar Palmella obrigada a capitular no dia 24.

No valle da Victoria, perto de El-Carmen, teve fim o combate de Affonso Henriques com as forças saídas de Badajoz, como é tradição constante. A piedade christã, attribuindo o successo ao auxilio da Virgem, levantou no sítio uma pequena capella a Santa Maria da Victoria. Os restos do singelo templozinho são já apenas uns pedaços de paredes levantados do chão alguns palmos.

— Durante o cêrco de Lisboa pelo exercito de D. João I de Castella, fôrças portuguesas, com as quaes se achava o Condestavel, guarneciam Palmella. Certo dia Nuno Alvares, determinando surprehender Almada, aonde commandava Pedro Sarmento, tomou com os seus a estrada de Azeitão, pelo valle, chamado hoje do Pécheleiro, na falda septentrional da serra da Arrabida. Era longo o caminho, mas assim evitava ser presentido por uma guarda de 30 cavallos, que estacionava em Coina, junta ao rio, e podia suprehender os castelhanos. A noite era tenebrosa, os guias pouco praticos e assim, transviados, acharam-se os soldados de Nuno Alvares, ao romper da alva, á vista de Sezimbra. Não perdeu o general de todo as esperanças de exito, e, fazendo apressar os seus cavalleiros, poude entrar Almada, de onde voltou por Coina, caminho de Palmella, com optimos despojos que distribuiu pelos seus soldados. Á noite grandes fogos accesos no castello deram notícia a Lisboa de que o dia correra propicio ás armas portuguesas. O mestre de Avís dos paços de Lisboa correspondeu illuminando com tochas uma varanda, que avistava Palmella. Entretanto Nuno Alvares, com o arrojo que lhe era tão proprio em todas as occasiões, fez-se caminho de Lisboa, atravessando o Tejo num batel por entre a frota castelhana, que não podia suppôr tamanho atrevimento.

— No mais baixo da torre de menagem do castello de Palmella ha um vão, como que cisterna, mas sem agua, nem encanamentos, que lh'a dirigissem: aqui foi encerrado o bispo de Evora, D. Garcia de Meneses, cumplice de alta traição com o duque de Vizeu, que se propunham assassinar D. João II. O bispo poucos dias ali teve vida, suppondo-se ter sido envenenado.

Digitized by Google

—Como dentre dos muros de Palmella ainda se vêem as ruinas da casa e igreja dos cavalleiros de Sant'Iago, darei resumida noticia do estabelecimento da Ordem alli, em Alcacer e em Mertola.

O castello de Palmella, com o territorio que lhe era dependente, foi doado á Ordem de Sant'Iago, juntamente com Alcacer e Almada, em 28 de outubro de 1186. Em 1193 ainda os cavalleiros não seriam em Palmella, mas em fevereiro de 1194 já alli se achavam, porque Sancho I dôa a ermida de Santos, em Lisboa, a D. Soeiro Rodrigues, *commendador de Palmella,* a D. Christoforo prior e freires. Em 1210, pelo testamento do mesmo rei, o *commendador de Palmella* teve um legado de 5:000 morabitinos. Em 9 de dezembro do mesmo anno a doação *do que o rei houvesse na Adiça* é feita ao mestre D. João Fernandes, *ao commendador de Palmella e ao capitulo do mesmo lugar.*

É bem sabido que a Ordem de Sant'Iago tinha a sua séde em Castella, e que só posteriormente os cavalleiros portugueses tiveram mestre independente. Nos primeiros tempos os cavalleiros de Portugal, ou em serviço neste país, estavam sujeitos ao commendador da commenda séde do convento; por outra fórma, a commenda, em que estava o convento, era conferida ao cavalleiro que, com delegação do mestre, commandava os cavalleiros portugueses, ou que estavam servindo em Portugal.

Ao commendador Soeiro Rodrigues seguiu-se Martim Paes Barregan, que se tornou notavel na organização das forças contra Alcacer em 1217, e tanto se celebrizou á frente dos seus cavalleiros na famosa carga dada pela cavallaria das Ordens do Templo, de S. João e de Sant'Iago contra os agarenos.

Entregue Alcacer á Ordem de Sant'Iago logo em seguida á expugnação, Martim Barregan deixou a commenda de Palmella pela de Alcacer, aonde o convento já se achava no dia 27 de Janeiro de 1218, conforme uma doação de Affonso II a Martim Paes, commendador de Alcacer, a Gonçalo Mendes, chanceller e ao capitulo da Ordem.

O foral de Setubal, de 1249, ainda é datado de Alcacer.

Em 1254 já os espatharios estavam em Mertola e d'aqui datam o foral da povoação.

Em 1329 os cavalleiros estavam de novo em Alcacer; foi na igreja de Santa Maria *hu se sõe fazer cabidos,* que teve lugar a eleição do mestre português D. Garcia Pires.

Em 1415, por morte do mestre Mem Rodrigues de Vasconcellos, coube o logar supremo da Ordem ao infante D. João, com o titulo de governador. Foi este que projectou a volta do convento para Palmella.

Digitized by Google

Fallecendo em 1442, succedeu-lhe seu filho Diogo, que no anno seguinte lançou a primeira pedra nos fundamentos do templo, que, muito destruido, ainda está de pé dentro dos muros da velha Palmella. O infante D. Fernando, filho de D. Duarte, ainda foi eleito em Alcacer; deu-se por então grande desenvolvimento ás novas edificações da igreja e mosteiro, mas só tiveram fim sendo governador o principe D. João, filho de D. Affonso V. O convento passou para a sua nova casa e estabeleceu-se definitivamente em Palmella a 26 de outubro de 1482 e aqui se conservou até á extincção das ordens religiosas em 1834.

30. Fortalezas prisões de estado

—O castello de Palmella já disse ter sido prisão do bispo de Evora no reinado de D. João II.

—A torre do Outão está situada na falda sul da serra da Arrabida, junta ao mar, para defesa da foz do Sado. Parece haver tido princípio no reinado de D. João III, que, nas instrucções dirigidas em 1533 ao mestre de Sant'Iago, D. Jorge de Lencastre, lhe dizia: *Vereés a torre, que se deve fazer no cabo do Outão, quanto custará.*

No tempo de D. Sebastião foram-lhe melhoradas as fortificações.

Em 1580, pela invasão castelhana, estava *fortificada á moderna* com tres cavalleiros pequenos e artilhada com 37 canhões, tinha a necessaria guarnição sob o mando de Mendo da Motta e achava-se de fresco aprovisionada de mantimentos e petrechos de guerra pelo Prior do Crato. Ignacio Rodrigues Velloso com uma arca e dois galeões bem artilhados occupava a barra do Sado, que devia defender oppondo-se á armada do marquês de Santa Cruz. No entanto os navios portugueses covarde ou traiçoeiramente abandonaram o seu posto e as naus castelhanas, protegidas por espessa nebrina, puderam aproximar-se do Outão ao tempo que as baterias, arrojadamente estabelecidas em terra, mettiam a fortaleza de baixo de uma chuva de pelouros. Setubal dera-se já ao estrangeiro e Mendo da Motta, depois de valente resistencia, foi obrigado a capitular, saindo, porém, da praça em liberdade com a guarnição reduzida a setenta soldados. Era o dia 24 de Julho. D. João de Molina tomou o governo da fortaleza pelo castelhano.

Em 1640 a torre de Outão, depois de oito dias de cêrco, entregou-se no dia 17 de Dezembro ás forças portuguesas commandadas por João Gomes da Silva, que lhe deixou por capitão Antonio de Moura.

D. João IV depois augmentou as fortificações, lançando o conde da Ericeira a primeira pedra para as novas baterias em 30 de Julho de 1643 e só concluida em 1657.

Digitized by Google

Pela conspiração do marquês de Villa-Real, foi encerrado na torre de Outão Gonçalo Pires de Carvalho e depois Mathias de Albuquerque, general das forças do Alemtejo.

Em seguida aos successos de 1758 serviu a torre de prisão a D. Filippe de Sousa, Calhariz. Documentos á vista mostram-no alli preso em 22 de Março de 1760 e ainda em 25 de Janeiro de 1766; a 21 de Dezembro do mesmo anno vejo a licença para a venda de uma emphyteusis e o recibo do laudemio já datado do castello de S. Filippe, aonde se achava ainda em 20 de Janeiro de 1774. Não era atroz, como se pretende, o captiveiro, porque lhe dava lugar a occupar-se mesmo dos mais pequenos negocios de sua casa.

Em Dezembro de 1766 o conde da Ega, Manoel de Saldanha de Albuquerque, que voltava do vice-reinado da India, e o seu secretario, desembargador Belchior José Vaz de Carvalho, foram presos logo ao fundear no Tejo e encerrados na torre do Outão. O vice-rei esteve alli 20 meses incommunicavel, tendo de prisão 2 annos e 17 dias. Em 23 de Dezembro de 1768 foi-lhe concedido livrar-se sôlto, estando quasi cego em consequencia de um ataque forte de ophtalmia, e saiu para a sua casa da Junqueira no dia 27 do mesmo mês e anno, aonde falleceu a 6 de Dezembro de 1771. O desembargador Vaz de Carvalho foi sôlto algum tempo antes do vice-rei, mas só absolvido em 19 de Abril de 1777; a viuva do conde da Ega tambem alcançou a absolvição de seu marido em 26 de Janeiro de 1779.

—O paço dos Aveiros em Azeitão, custodia dos jesuitas.

—É bem sabido que a Companhia de Jesus tomou larga parte na conspiração de 1758 contra D. José I. O rei, que não temeu quebrar os privilegios da mais alta nobreza dos seus estados e devolver-lh'os embrulhados numa sentença de morte, parou ante as immunidades ecclesiasticas. Cabeças de grandes senhores rolaram no cadafalso e nem um tonsurado sequer d'esta epocha tem o seu nome inscripto no martyrologio da celebre Companhia. Malagrida acabou na fogueira, mas foi para alli conduzido pelos da sua classe, e ainda se lhe não poude formar o processo de beatificação. O bispo de Coimbra, frei Miguel de Annunciação, o chefe da Jacobea e dos sigilistas, o fanatico intransigente, foi apenas encarcerado e ainda poude gozar do triumpho e ser tido como martyr pelos energumenos seus sequazes. O governo do rei José, finalmente, accusado de tanta crueza para com os conspiradores de 1758, foi de benevolencia extrema para com os jesuitas, dando-lhes por custodia o palacio dos duques de Aveiro em Azeitão.

A carta regia de 19 de Janeiro de 1759 mandava aos chancelleres da Casa da Supplicação de Lisboa e da Relação do Porto, que custo-

Digitized by Google

diassem os jesuitas dos seus districtos nas casas que a Companhia tivesse nas povoações mais consideraveis. Tantos eram, porém, no reino os jesuitas, que as vastissimas casas professas, collegios e noviciados de Lisboa ficaram logo abarrotando d'elles. Aos que chegavam do Alemtejo, e a alguns de Lisboa, foi-lhes dado o palacio dos Aveiros por lugar de reclusão.

A guarda da custodia foi confiada ao desembargador Agostinho de Novaes Campos, de uma familia de Azeitão, e grande sería a confiança depositada no sujeito para se lhe entregar tão importante depósito, dependente de tanta pendencia e sagacidade. O desembargador dispendia *camerariamente,* como elle se expressa no seu testamento, as quantias necessarias para a sustentação decente dos reclusos, que tinham ao seu serviço medico, barbeiro e cozinheiro pagos pelo estado.

Porque ás vastas salas do palacio faltavam todas as condições para um seguro encerramento, um corpo militar permanecia ás ordens do desembargador para o auxiliar na custodia dos padres.

Dos primeiros jesuitas não foi longa a reclusão no palacio. Na noite de 16 para 17 de Setembro de 1759 saíram da custodia de Azeitão 133 jesuitas, que, em seges escoltadas por cavallaria, seguiram até á margem esquerda do Tejo; em Coina passaram para barcos e, guardados por infanteria, foram para bordo do brigue S. Nicolau, que, abundantemente provido de viveres, os foi depor em Civitta-Vecchia. Quatro barcos tinham conduzido para bordo do brigue as bagagens dos jesuitas.

Seriam estes todos os habitadores da casa, mas não tardou a renovar-se-lhe a população, pois logo vieram chegando outros padres de diversas partes do reino e das possessões portuguesas de alem-mar. Em 1767 ainda havia jesuitas custodiados no palacio dos Aveiros: ao desembargador Campos, morto em 1765, tinha succedido na guarda dos padres o juiz de fóra de Azeitão, dr. Agostinho Machado Faria.

Por simples curiosidade e para se poder julgar da fecundidade da celebre Companhia de Jesus, farei ao correr uma nota dos jesuitas vindos das possessões portuguesas na Asia, na America e na Africa.

De Goa saíram para o reino 127 em 19 de Dezembro de 1760; de Macau 24 em 22 de Março de 1763; de Diu, de Damão e de Moçambique numero que não posso precisar; do Rio de Janeiro e de Pernambuco vieram 317 e da Bahia 177; da ilha da Madeira fez o conde de S. Vicente recolher a Portugal bom numero de padres da Companhia. Já por este esbôço rapido se poderão avaliar as forças do exercito de que o geral de Roma dispunha nos dominios do rei D. José e que o governo d'este poude dispensar.

Digitized by Google

Modernamente inventou-se, que dos reclusos *31 por 73 se finaram de tanto penar nas cadeias de Azeitão*. É falso. Nem um só aqui morreu. Os livros do registo parochial não accusam um obito sequer de jesuita. Ainda conheci gente, que fallava da custodia d'estes padres como de cousa do seu tempo, ou muito proxima, sem dar notícia de maus tratos, ou mortes, e a tradição do povo ainda hoje não accusa nenhuma crueza, nem menciona a custodia como cousa fóra do ordinario encerramento.

Os obitos, que podem ter relação com a prisão dos jesuitas no palacio dos Aveiros são—*do comprador dos padres da Companhia,* registado assim no obituario parochial de S. Lourenço; durante a custodia falleceu repentinamente o desembargador Campos, encarregado d'aquella commissão de serviço real; substituiu-o o dr. Agostinho Machado Faria, que passados alguns annos foi mysteriosamente assassinado, sem que pudesse até hoje descobrir-se o auctor do crime.

Azeitão, Agosto de 1894.

Joaquim Rasteiro.

Museu Municipal de Bragança

1. Projecto do Museu

«Nestes ultimos tempos tem-se desenvolvido muito entre nós o amor pelos estudos archeologicos, dando origem á criação de grande numero de museus, tanto publicos como particulares, aonde se vão reunindo todos os objectos da antiguidade que se encontram dispersos.

E bem é que os trabalhos da archeologia vão tendo o desenvolvimento que merecem, e que haja ainda quem se interesse em não deixar perder esses thesouros de subido valor para a historia de um povo e para o estudo da sua arte. A archeologia ministra ao homem muitos meios para a comprovação directa de innumeros factos que lhe servem de valiosos auxiliares para conhecer o meio em que vive e a historia do seu país.

E, alem da utilidade que tem como fonte subsidiaria da historia e das leis da arte, ella é ainda um explendoroso campo de recreação para o espirito, levando-nos pela observação das ruinas e dos objectos antigos á contemplação do passado; põe-nos em contacto com elle, e habilita-nos a bem podermos avaliar dos caracteres, vida, usos e costumes do povo a que pertenceram.

Sobejos motivos ha, pois, para que os homens mais cultos na sciencia historica e que mais se interessam para bem conhecerem o passado

Digitized by Google

do país, em que vivem, sejam incansaveis em procurar e reunir, em todos os seus recantos, todos os vestigios da antiguidade, que a ignorancia ou a incuria tem no completo abandono.

E devemos dizer a verdade, que mal se explica como em Bragança, capital de um districto, onde as preciosidades archaicas são tão interessantes e em tão grande numero, não se tenha, até hoje, criado um museu municipal, á imitação do que teem feito muitos municipios como Santarem, Elvas, Extremoz, Figueira, Lagos, Faro, etc., não fallando nos do Porto e Lisboa, aonde se fossem reunindo todos esses objectos, que, mesmo nas suas immediações, se encontram em tanta profusão.

A criação de um museu municipal em Bragança impõe-se, portanto; é uma necessidade que a illustração e o caracter dos brigantinos não devem deixar por muito tempo de satisfazer, a não quererem incorrer nas justas censuras do mundo culto.

Não é a despesa que deve prender os representantes dos municipes, por isso que ella em pouco poderá importar, se se attender a que o museu se deve ir formando pouco a pouco, com a reunião dos varios objectos, á medida que se forem encontrando, e que a vontade dos individuos leve a offerecer para os tornarem conhecidos e evitar que se percam ou se deteriorem. Basta reservar uma pequena sala do edificio da camara aonde elles se vão juntando e colleccionando.

E d'esta maneira, em toda a occasião, haverá ensejo para apreciar sem muito trabalho os elementos archeologicos, ethnographicos, anthropologicos e de historia natural, pois de tudo deve conter, de todo o concelho e até do districto. Assim deve compôr-se de collecções de moedas, objectos prehistoricos, esculpturas, brasões, inscripções latinas e portuguesas, etc.; de instrumentos de lavoura, trajos caracteristicos, instrumentos musicos, apparelhos de caça e pesca, etc.; de cranios encontrados nos campos, esqueletos, collecção de cabellos, etc.; e finalmente amostras de madeira, productos agricolas, variedades de rochas, animaes embalsamados, etc.

Os museus locaes, formados nestas condições, são indispensaveis para realizar um dos principios mais importantes da sabedoria, o *nosce te ipsum*.—Albino Lopo».

(Do *Norte Trasmontano*, n.º 85, de 29 de Outubro de 1896).

2. Criação do Museu

«Em o n.º 85 do nosso modestissimo semanario, foi publicado um artigo do intelligente e illustrado tenente de caçadores 3, sr. *Albino*

Digitized by Google

Lopo, mostrando a utilidade e vantagens que para esta cidade adviriam com a criação de um museu municipal.

Como tudo que visa a engrandecimento e progresso parece que em Bragança só encontra o ecco do ridiculo, não suppusemos, nem sonhámos sequer, que a ideia expendida pelo distincto official merecesse a minima parcella de consideração, do que resultaria ficar só elle com a gloria da exposição d'essa ideia tão nobre e, sobre todos os pontos, tão aproveitavel.

Enganámo-nos, porém, e nisso temos extraordinario prazer.

A camara municipal, attendendo ás razões ponderadas nesse mesmo artigo, e sob proposta do vereador *Sebastião dos Reis Macias,* resolveu, na penultima sessão, e por unanimidade, a criação immediata de um museu, numa das salas dos paços do concelho — emquanto não se torne indispensavel arranjar um edificio apropriado — onde se vão armasenando e colleccionando todos esses objectos que se encontram dispersos e perdidos por esta região, e que tanta luz podem derramar no estudo da archeologia, paleontologia, anthropologia, ethnographia, numismatica, em todas as sciencias, artes e industrias, finalmente, tanto antigas como modernas.

Nós, que ainda temos uma parte nessa gloria, alem de felicitarmos o illustre vereador proponente, cuja boa obra será immorredoura, bem como a toda a vereação, que tão bem soube comprehender a importancia e nobreza da approvação d'essa proposta, que traduz a verdadeira ideia do progresso e civilização do povo brigantino, congratulamo-nos com todos os nossos patricios pelo valiosissimo melhoramento com que esta cidade acaba de ser dotada; pois não só nos vem despertar o amor pelo estudo, mas ainda nos garante a estabilidade d'esses preciosos monumentos que nos esclarecerão sobre os usos, costumes e religião dos varios povos que, em tempos remotissimos, habitaram a provincia de que somos filhos.

Honra, pois, a todos os obreiros da sciencia, ou que concorram para o seu desenvolvimento!»

(Do *Norte Trasmontano,* n.º 87, de 13 de Novembro de 1896).

*

Foi em sessão ordinaria de 4 de Novembro de 1896 que se realizou a criação do Museu. Eis a parte da respectiva acta que se refere á criação:

Digitized by Google

«Deliberou tambem a camara, por proposta do vereador sr. Macias, organizar um museu archeologico em uma sala dos paços do concelho, emquanto não obtenha edificio proprio; recolhendo-se e colleccionando-se alli os objectos que para esse fim forem offerecidos á camara.

Presentes á sessão: Luis Ferreira Real, vice-presidente; Pedro Augusto Lobo, vereador; Sebastião dos Reis Macias, vereador; Herminio Augusto Pereira, vereador; José Diogo de Moraes, vereador. O secretario da camara *Luis Manuel de Amaral.*

Nota—No orçamento organizado para o anno de 1897 foram votados 200$000 réis para as despesas do museu».

8. Congratulação da Camara do Mogadouro

«Para mostrarmos aos nossos estimaveis leitores a maneira como foi recebida no districto a criação do museu municipal d'esta cidade, apresentaremos a acta de uma sessão da camara municipal do concelho de Mogadouro relativa ao mesmo museu:

«Acta da sessão ordinaria celebrada pela camara municipal do «concelho do Mogadouro em 12 de dezembro de 1896—Logar res-«pectivo—Por ultimo foi presente á camara o officio do digno presi-«dente da camara municipal de Bragança, em que sollicíta o auxilio «d'esta camara para contribuir por todos os meios para o desenvolvi-«mento do museu archeologico districtal ultimamente criado por aquelle «municipio. A camara, inteirada do assumpto, e tendo em consideração «que a moderna escola historica é a base mais segura para o estudo «dos problemas sociologicos, nascidos especialmente do actual desen-«volvimento da sciencia anthropologica e ethnographica, e sciente de «que a orientação social mais segura para a remodelação das differentes «instituições de um povo dimana da sobredita escola, deliberou por una-«nimidade prestar todo o auxilio ao recente museu, colleccionando todos «os elementos prehistoricos e historicos de mais ou menos valia para o «referido estudo, e remettendo-os apenas sejam obtidos, ao excellentis-«simo presidente d'aquella municipalidade. Outrosim deliberou, que se «lhe remettesse copia d'esta acta na parte respectiva, que fica sendo a «resposta ao seu referido officio. Presentes á sessão: Francisco José «Bartholo, vice-presidente; Eduardo Ernesto Faria, administrador; «Paulo Manuel Cordeiro, Martinho José Felgueiras e Manuel José Pinto, «vereadores. Simão José Alves, secretario.»

Por aqui vêem, não só a camara de Bragança, mas todos os brigantinos, que a criação do museu municipal é, bem que o não pareça,

Digitized by Google

um grande melhoramento; já porque dá ideia de um povo civilisado em toda a accepção da palavra, já porque ha de fazer convergir para esta cidade as vistas dos homens de sciencia, que, mais tarde, podem concorrer para o seu engrandecimento e progresso.»

(Do *Norte Transmontano*, n.º 94, de 1 de Janeiro de 1897).

4. Primeiras acquisições do Museu

«É agradavel ver como por toda a parte foi recebida a notícia da criação do Museu. É grande o numero de pessoas de todas as classes que tem mostrado a melhor vontade em concorrer para o seu engrandecimento. E da nobre classe artistica da cidade ha tudo a esperar para que a *secção das artes* seja condignamente representada, indo cada um deixar no *museu da sua cidade* um exemplar de um artigo da sua lavra, que mostre o seu genio, a sua habilidade, a perfeição e esmero do seu trabalho, e fique sendo ao mesmo tempo monumento visivel e palpavel para estudo, e ennobrecimento da terra.

Ahi vae a relação dos objectos que já, ha offerecidos ao Museu, e o nome dos que os offereceram, sendo certo, que segundo os elementos que temos, dentro em pouco tempo ha de possuir muitos mais, e alguns de grande merecimento historico.

Secção de archeologia.—O Exmo Sr. Fonseca, de Outeiro, distincto amador de numismatica, offereceu ao nosso Museu 73 moedas de cobre, quasi todas portuguesas, e algumas de grande merecimento.

O nosso Exmo amigo João Horta offereceu 5 moedas de cobre portuguesas.

O Exmo Sr. Antonio Bernardo Teixeira offereceu uma moeda romana de prata encontrada em Vinhaes.

O Sr. tenente Albino Lopo deu para o museu uma moeda de ouro visigothica; 9 moedas de prata portuguesas, algumas de merecimento; 3 moedas de cobre romanas, sendo uma encontrada nas ruinas da Devesa de Villa Nova; 37 de cobre, portuguesas, pertencentes a diversos reinados; e uma de cobre dos reis de Leão encontrada no Castro de Avellãs.

Para esta mesma *secção,* o Sr. tenente Lopo offereceu uma mó romana, encontrada no Castro de Avellãs, e um *amuleto* achado junto da fortaleza da Villa.

O nosso Exmo amigo e distincto alferes de caçadores 3, Mergulhão, mandou para o Museu, para exposição, 23 moedas, sendo 17 de cobre, quasi todas portuguesas; 4 de prata, sendo 3 portuguesas e 1 latina;

Digitized by Google

e uma *panoplia* constituida de interessantes e historicos objectos de Africa de grande merecimento.

O Ex.mo Sr. José Julio Chaves de Lemos, distincto amador de numismatica, offereceu para o Museu 17 moedas, sendo 11 de cobre, em que se fazem notar 3 romanas pelo seu valor estimativo; e 6 de prata, em que apparece um *real branco* e outras bastantes curiosas.

O Ex.mo Sr. Amaral, digno secretario da camara, e um trabalhador para o engrandecimento do Museu, deu a este 2 moedas de cobre, sendo 1 romana muito curiosa e encontrada nas ruinas do antigo castello de Alfandega da Fé.

O nosso amigo o Ex.mo alferes de caçadores 3, Mario Aragão, deu ao Museu uma moeda de 1754 (X réis).

O Dr. Norberto, meritissimo delegado da comarca:—4 moedas de prata, sendo uma romana do tempo de Augusto, e uma bella amostra de *cristal de rocha.*

O reverendo abbade de Baçal, Francisco Manuel Alves, grande conhecedor e amador dos estudos archeologicos:—73 moedas, sendo 14 de prata e algumas romanas de muito valor estimativo, e as restantes de cobre, romanas tambem algumas, mas a maior parte portuguesas; um livro de missa, illustrado, de vinte e cinco millimetros de comprimento por quinze de largura e seis de espessura; uma espora antiquissima: um machado de pedra da *epocha neolithica;* 2 fragmentos de tijolo romano, apresentando um vestigios de ornatos; dois fragmentos de louça grosseira romana; 7 amostras lindissimas de *cristaes de rocha;* 3 amostras de minas de ferro, e um frasco contendo duas larvas bastantes notaveis.

Tenente Lopo:—alguns fragmentos de louça romana encontrados nas ruinas da Deveza de Villa-Nova.

Accacio Pereira:—uma moeda de cobre do tempo dos Philippes, e carimbada depois de 1640, encontrada junto das muralhas da Villa.

O Dr. Sergio Carneiro, meritissimo delegado na comarca de Carrazeda: uma linda photographia do *dolmen* do Villarinho, da referida comarca.

Antonio Joaquim Soeiro, 2.º sargento de caçadores 3: 3 moedas, sendo uma de prata e as restantes de cobre, portuguesas e hispanholas, encontradas em Castello-Branco, do Mogadouro; e uma amostra de uma *mina de chumbo,* encontrada no sítio dos Olgos, termo da mesma povoação.

Manuel Maria Rodrigues, estudante do Seminario: uma interessante moeda de cobre romana, encontrada na mesma povoação de Castello-Branco.

Digitized by Google

Engenheiro Olympio de Oliveira Dias: uma moeda de prata hispanhola de 1756, encontrada na rua do Conselheiro Eduardo Coelho.

Aurelio Maria de Moraes Calado, distincto e illustrado amador de objectos archeologicos: 3 bellos exemplares de *machados de pedra da epocha neolithica,* encontrados no termo da Bemposta, do Mogadouro; um fragmento de *machado de cobre,* encontrado no mesmo termo; e 3 moedas de cobre, duas portuguesas e uma hispanhola.

Manuel de Mariz de Baçal, estudante do Seminario: uma espingarda de pederneira.

Secção de historia natural.—O Ex.mo Sr. Mós Teixeira deu para o museu um bello exemplar de minerio de pyritede ferro encontrado numas escavações que se fizeram ao Moinho dos Padres, ao Sabor».

(Do *Norte Trasmontano,* n.os 93, 94, 95 e 96, de Dezembro de 1896 e de 1, 8. e 15 de Janeiro 1897).

*

Alem dos objectos mencionados, tem-se já archivado outros no Museu, entre elles uma lapide funeraria romana, provinda da povoação de Castro de Avellãs (publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5652).

5. Regimen provisorio do Museu

«Na sessão da camara de 4 do corrente mês, deliberou a camara, por proposta do vereador Sr. Sebastião dos Reis Macias, approvar para regimen provisorio do museu, as seguintes instrucções, em quanto se não proceda á organização do respectivo regulamento:

1.º O pessoal do museu é constituido, por um director, um secretario e um guarda;

2.º O director será um dos vereadores ou qualquer individuo extranho á camara, por ella convidado para exercer este lugar, quando tenha prestado reconhecidos e revelantes serviços ao Museu e resida na localidade;

3.º Desempenhará as funcções de secretario o secretario da camara ou um amanuense por elle nomeado;

4.º O serviço do guarda será desempenhado por um zelador;

5.º O desempenho de todos estes serviços é gratuito, podendo a camara, comtudo, gratificar, quando assim o entenda, o secretario e o guarda;

6.º Na ausencia de qualquer d'estes individuos a camara providenciará á sua substituição, provisoria ou definitivamente, de modo que estejam sempre preenchidos os lugares;

Digitized by Google

7.º O director é responsavel para com a camara por todos os artigos existentes no museu. Deve promover o seu engrandecimento, superintender em todos os serviços respeitantes ao Museu, e annualmente elaborará um relatorio circumstanciado do movimento, propondo os melhoramentos que julgar convenientes para o seu desenvolvimento;

8.º O secretario é responsavel para com o director pela existencia, arrecadação e conservação de todos os artigos do Museu; devendo coadjuvá-lo em todos os serviços e fazer a escripturação;

9.º O guarda desempenha os serviços que lhe forem ordenados pelo director e secretario; e conserva em estado de asseio a sala do Museu;

10.º O Museu estará patente ao publico todos os domingos e dias santificados, desde o meio dia ás tres horas da tarde, sendo a entrada gratuita; e a igual hora ás quintas feiras, pagando cada visitante 50 réis para custeamento das despesas do Museu.

*

Deliberou tambem a camara nomear para director do museu o sr. Albino dos Santos Pereira Lopo, por ser o cavalheiro que maiores e mais relevantes serviços tem prestado ao Museu; para secretario, o d'esta camara; e para guarda o zelador sr. Pereira.»

(Do *Norte Trasmontano,* de 12 de Fevereiro de 1897).

6. Considerações geraes

Preferi transcrever na sua integra os precedentes artigos, a resumilos. Por elles verão immediatamente os leitores como a ideia da fundação de um Museu Municipal em Bragança germinou e expandiu.

São dignos dos maiores louvores: o Sr. tenente Albino Pereira Lopo, o Sr. vereador Sebastião dos Reis Macias com os seus collegas da Camara, a redacção do *Norte Trasmontano,* os primeiros doadores de objectos ao Museu, numa palavra, todos os que por qualquer modo contribuiram para a criação e princípio d'este.

Quando numa localidade existem assim pessoas illustradas, que se interessam pela patria e pela sciencia, ha tudo que esperar d'ellas.

Como director do Museu Ethnographico Português e redactor d-*O Archeologo Português,* não posso deixar de applaudir intimamente, e com todo o enthusiasmo, o que acaba de succeder em Bragança.

É natural que tão sympathica como util instituição não fique só em começo, mas se desenvolva successivamente. Os estudos archeolo-

Digitized by Google

gicos são em verdade muito attrahentes: por meio d'elles pomo-nos em relação com as gerações de que proviemos, prestamos um tributo de respeito á sua memoria, sentimo-nos cada vez mais solidarios com a terra em que nascemos, admiramos os esforços do espirito humano para progredir, e de tudo isso tiramos fôrça e estímulo para nos não deixarmos morrer de preguiça.

Bragança, como capital de districto, e centro de grande área archeologica, merecia realmente um museu: este enriquecer-se-ha logo que, como já das noticias ha pouco transcritas se vae vendo, para elle convirjam as attenções de todos os que prezam a Terra Trasmontana, e desejam vê-la engrandecida. Em 1869 dizia, a respeito do territorio de Bragança, o sabio professor berlinês e patrono nato de todos os estudiosos da archeologia portuguesa, o Sr. Dr. Emilio Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 349: *tota vero regio haec adhuc desiderat peregrinatorem aliquem doctum, qui ejus monumenta quasi e tenebris eruat:* «toda esta região necessita ainda de que algum douto a percorra, e como que arranque das trevas os monumentos d'ella». Depois de 1869 já alguma cousa se fez a bem da archeologia bragançana, como o provam os estudos de J. Henriques Pinheiro e Borges de Figueiredo: quanto porém não falta que fazer ainda! Aos que se interessam pelo novo Museu abre-se, pois, largo campo de que podem tirar muito fructo.

Com quanto todas as epochas da archeologia portuguesa sejam interessantes, e haja necessidade de as estudar por meudo, todavia as que mais se impõem são as mais antigas, como a romana e a pre-romana, por conterem as origens, e estarem mais arriscados a desapparecerem totalmente os monumentos que d'ellas restam. Chamo por tanto para ellas em particular a attenção do Sr. tenente Pereira Lopo e dos seus dedicados amigos. O districto de Bragança está cheio de *castros:* nelles e nos arredores podem encontrar-se muitas preciosidades scientificas; o caso é proceder sempre com methodo na colheita. Perto da cidade não conheço antas, mas é provavel que as haja, como noutros pontos da provincia: a exploração de uma anta é de ordinario productiva, quando feita com todas as precauções e cautellas; instrumentos de pedra neolithica, dos mesmos tempos das antas, encontrar-se-hão com facilidade já no campo, já na mão dos aldeãos que os guardam quasi sempre como amuletos ou *pedras de raio*. Em Bragança ha um monumento pre-romano muito notavel; refiro-me á *porca* que serve de base ao pelourinho da villa. Inscripções e outros monumentos romanos descobrem-se ás vezes a fazer parte de muros de casas ou de templos, como muitas vezes os tenho descoberto: qualquer officio-circular neste sentido, dirigida pela Ex.ma Camara aos reverendos parochos e a

Digitized by Google

outras pessoas de consideração, produzirá por ventura algum resultado proficuo.

A julgar do que diz Viterbo no *Elucidario,* I, 187 sqq., a actual cidade de Bragança não é muito antiga, pois data do tempo de D. Sancho I, que a fundou dentro da área da quinta de Bemquerença, que pertencia ao mosteiro de Castro de Avellãs. Esta quinta ficava num territorio extenso chamado Bragança, nome que depois se conservou limitado á nova povoação. O nome Bragança é muito antigo, e póde sem dúvida estabelecer-se a fórma que devia ter na epocha luso-romana, isto é, *Brigantia[1]. Na antiga geographia e historia da Europa ha outros nomes apparentados com este[2], como: *Brigantia* ou *Brigantium* na Galliza, *Brigantion* na Rhecia, *dea Brigantia* na Irlanda, nomes que, segundo os especialistas, são de origem celtica; nas Asturias havia tambem uma cidade de nome *Brigaecium,* que provavelmente se relaciona tambem com os precedentes *(Brig-aec-ium).* Alguns AA., levados da apparencia phonetica, tem imaginado que o nome da cidade de *Bragança* corresponde ao *Brigantium* da Galliza; mas tal não é. Assim como hoje ha no nosso país várias terras com o mesmo nome, por exemplo *Montemór, Vianna, Cadaval, Porto, Castello,* tambem antigamente succedia o mesmo; na Hispania havia, para não ir mais longe, umas poucas de Eboras. A repetição dos nomes dá-se sobretudo quando elles na origem foram communs, como parece ser o caso de *Brigantium,* e por tanto da nossa *Brigantia, pois a cidade gallega de *Brigantium* chamou-se tambem *Iuliobriga,* fórma em que entra o radical de *Brigantium* (i. e., *Iuliobriga* = Iulio-briga): se os povos da epocha em que o nome *Brigantium* foi substituido por *Iuliobriga* não tivessem consciencia da significação contida em *Brigantium,* não se teria formado o composto *Iulió-briga.* Estes e outros factos, como *Augustóbriga* (= *Augusto-briga*), são pequenos documentos da coexistencia, durante certo tempo, das linguas indigenas da Peninsula com o latim, que finalmente as venceu e substituiu; não os vi ainda apontadas, e por isso os noto.

Ainda que a cidade de Bragança data só, como parece, da idade-média, o seu territorio data, como vimos, de mais longe: se este territorio tinha nome,—que era *Brigantia—, ahi morava gente e havia

---

[1] Entre *Brigantia e *Bragança* houve a fórma intermédia *Bregança.* O povo ainda hoje no districto diz *Brègança,* como muitas vezes lá ouvi pronunciar.

[2] Vid. Holder, *Alt-Celtischer Sprachschatz,* I, s. v.

Digitized by Google

povoados. A *porca* do pelourinho pertenceu seguramente a um d'estes povoados, que de certo não distaria muito da moderna cidade, se é que não se confundia com ella. Que interesse não adviria para a sciencia em buscar os outros restos da pre-romana *Brigantia!

O Museu ahi está fundado: que elle contenha d'aqui a pouco os materiaes indispensaveis para se poder recompôr nas suas linhas geraes a historia primitiva do territorio bragançano, são os meus mais ardentes desejos.

J. L. de V.

Estudos sobre Panoias

Pelo que escrevi no *Arch. Port.*, I, 38, 39 e 271, sabem os leitores que em Panoias, freguesia de Valle de Nogueiras, ou Vallongueiras, perto de Villa Real de Trás-os-Montes, ha uma importante estação archeologica luso-romana, que tem merecido, desde o seculo XVIII, o aprêço e cuidado dos estudiosos.

Já por pedidos particulares a individuos influentes da localidade, já por um appêllo que no *Arch. Port.*, I, 271 e 272, dirigi á Ex.ma Camara Municipal, tenho procurado conseguir que aquella estação seja convenientemente resguardada, e salva da completa destruição que a ameaça: por ora ainda nada obtive!

Em quanto o camartello do pedreiro não estraga tudo, irei aqui inserindo uma serie de estudos, a ver se, mostrando claramente a importancia dos monumentos, as pessoas a quem compete superintender nelles se resolvem a acudir-lhes.

1. Cavidades abertas em fragas

Que na estação de Panoias se realizavam cultos pagãos, não ha dúvida nenhuma, pois as inscripções o dizem; mas sería ella só destinada a esse fim? Eis o que não poderá saber-se, sem se proceder primeiro a algumas investigações.

Do relatorio do sr. engenheiro João Henrique von Hafe, a que me referi no *Arch. Port.*, II, 249, extráio a seguinte notícia:

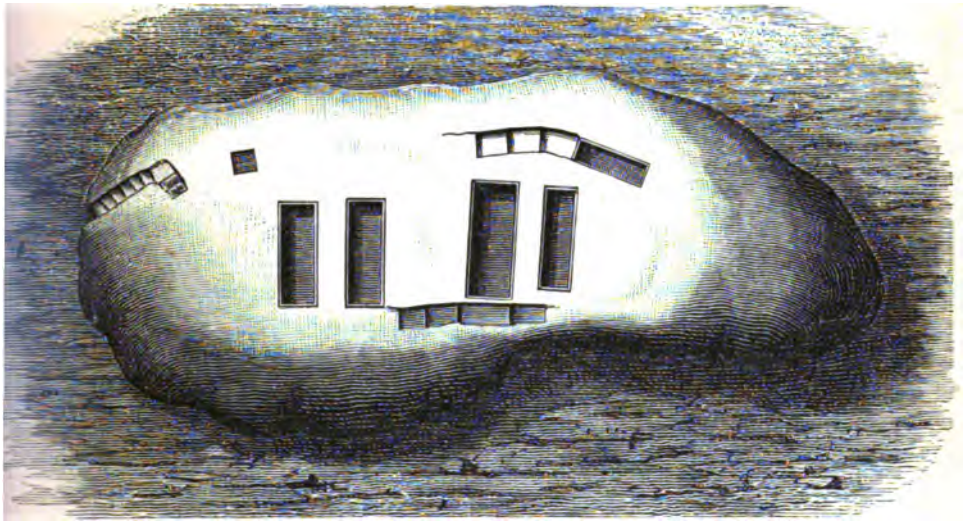
«Copiei tambem, por estar mal representada na obra do Contador d'Argote, uma fraga, na qual se encontram cinco grandes cavidades rectangulares com rebordos destinados a receber lages ou tampas; não pude descobrir nenhuma d'essas tampas. Sobre essa fraga ha um

Digitized by Google

systema de sulcos abertos na rocha, que impedem a entrada das aguas pluviaes no interior das cavidades».

Esta notícia era acompanhada de uma estampa que reproduzo na figura junta.

No *Boletim da Associação dos Archeologos Portugueses,* 3.ª serie, pag. 51–53, publicou o Sr. Gabriel Pereira outro artigo, com estampas, á cêrca dos fraguedos de Panoias.



2. Inscripção greco-romana

Em alguns dos rochedos graniticos em que abunda aquelle local foram insculpidas inscripções sagradas,—uma em grego com umas palavras latinas, e outras completamente em latim. Todas estas inscripções estão já publicadas, mas imperfeitamente, em virtude da difficuldade da leitura.

A inscripção grega é dada assim no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2395-*c,* aproximada á versão de Argote:

Y ϒ I C T C U C C I W
Π I Δ I C Y N Γ N R O
O Ⱨ K Λ I M Y C T O
PICIG · Ϛ · C · CALP ·
R V F I N V S · V · C ·

Digitized by Google

Argote diz que estes caracteres não são latinos, nem gregos, nem hebraicos, nem de outras linguas orientaes, nem tambem punicos— considerando-os por isso como ibericos[1]; o inglez W. Kingston, numa descripção que fez de Panoias, chamou-lhes «unknown characters»[2]: já porém na *Bibliotheca Universal de la Polygraphia Española,* de Rodriguez & Nassarre, Madrid 1738, pag. XII (prologo), se diz que elles são gregos,—e o mesmo nota o Sr. Hübner no *Corp. Inscr. Lat., loc. laud.* Mas a inscripção, tal como está, é illegivel.

Em 1895 estive em Panoias, e copiei d'esta maneira a inscripção:

Y Ɣ I G · T Ω C.....
Π I Δ I C Y N F N R O
.... A I M Y C.....
RIO... C·//////C·CCALP
R V F I N V S V · C ·

Esta cópia não me satisfaz de modo nenhum, e espero voltar a Panoias para proceder a novo estudo; todavia julguei dever publicá-la assim mesmo, porque póde ser que, entre tanto, outro investigador, mais feliz que eu, a complete.

Os pontos indicam que naquelles lugares ha lettras sobre cujo valor tenho dúvidas. Tambem não tomo a responsabilidade do final da 2.ª linha.

Talvez a parte grega legivel da inscripção possa transcrever-se provisoriamente do modo seguinte:

Ὑψίστῳ Σ.....
πίδι σὺν .....
[κ]αὶ μυσ[τη].....
ρίοις. .....

O resto é um nome latino: *C. C. Calpurnius Rufinus, v(ir) c(larissimus)* [ou *v(oti) c(ompos)*?][3].

---

[1] *Memorias de Braga,* I, 354.

[2] *Lusitanian sketches, of the pen and pencil,* Londres 1845, pag. 350.

[3] Conhecem-se outros exemplos de mistura de texto grego com latino, sobretudo sendo este constituido por nomes de pessoas: vid. *Corpus Inscriptionum Graecarum,* vol. III, Berlim 1853, pags. 1036, 1038, 1045, 1270, etc.

Digitized by Google

Traducção presumivel:

«Ao muito alto S....pis[1], ao mesmo tempo a..... e aos mysterios: C. C. Calpurnio Rufino, etc.»[2].

Se todas as inscripções e as outras pedras historicas de Panoias merecem que a Ex.ma Camara Municipal volva para ellas olhos de misericordia, mandando-as resguardar, esta inscripção reclama sobretudo especiaes cuidados, por ser unica no seu genero em Portugal.

J. L. de V.

A archeologia em Evora

Cursos escholares.—Monumentos nacionaes

Ainda não ha muitos annos não se fallava, senão por excepção, em Archeologia e pouca attenção se dava aos monumentos e aos objectos antigos, que, por vezes, appareciam num ou noutro ponto das localidades. Depois da propaganda encetada pelo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, coadjuvado pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses (de que foi, até ao seu fallecimento, Presidente), os estudos archeologicos tem-se desenvolvido, e como consequencia tem sido chamada a attenção de muita gente para as investigações archeologicas, o exame e a conservação dos monumentos e dos objectos que pertenceram aos nossos antepassados, que nos vem dos tempos decorridos.

No país tem-se instituido *Cursos de Archeologia* nos Seminarios de algumas dioceses[3], e mesmo alguns Prelados, como o sr. Bispo de Beja, teem composto livros elementares para o ensino d'esta sciencia[4].

Entretanto, em Evora, cidade antiga, cheia de edificios notaveis, de obras monumentaes, aonde a cada passo se encontra uma antigualha, e aonde a cada sítio está ligada uma lenda ou annexo um facto

---

[1] Ὕψιστος, no dativo ὑψίστῳ, era um qualificativo que se dava aos deuses: *muito alto, altissimo*. A syllaba πιδι póde ser terminação do dativo de um nome divino acabado no nominativo em -πις ou -πις.

[2] Poder-se-hia pensar que a ultima lettra da primeira linha com as quatro primeiras da segunda fizessem parte de uma palavra tal como Σεράπιδι (*a Serapis*); mas não sei se a pedra dará isso.

[3] Veja-se no *Arch. Port.*, I, pags. 17, 92 e 310.

[4] *Elementos de archeologia e Iconographia christã*, por D. Antonio Xavier de Sousa Monteiro, Bispo de Beja. Coimbra 1887.

Digitized by Google

historico; em Evora, que é um verdadeiro depósito de antiguidades, e possue um museu importante, cousa alguma se fazia, depois do fallecimento do mallogrado Dr. Augusto Filippe Simões, em defesa e conservação das suas preciosidades archeologicas.

O erudito e benemerito Arcebispo de Evora, D. Frei Manuel do Cenaculo Villa Boas[1], que foi o fundador da riquissima bibliotheca de Evora, legou uma importante collecção epigraphica[2], que constitue hoje com outros objectos, posteriormente recolhidos, o *Museu Cenaculo*, e igualmente deixou, com a bibliotheca, grande numero de preciosidades archeologicas que com muito trabalho e despesas reunira na sua residencia.

Mais tarde Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara e Augusto Filippe Simões, ambos medicos, ambos professores do Lyceu e bibliothecarios em Evora, continuaram a obra de D. Frei Manuel do Cenaculo, fazendo investigações archeologicas, dando notícias dos resultados encontrados, fazendo reviver a historia dos edificios da cidade e chamando a attenção para os seus monumentos.

Fallecido Filippe Simões parecia, a não serem os escriptos de Gabriel Pereira[3], que o movimento iniciado por Cenaculo tinha cessado, que pessoa alguma continuaria a enriquecer o Museu Cenaculo com novas acquisições ou trataria de propagar os conhecimentos archeologicos, criando defensores e conservadores do muito que ainda possuimos em materia de Arte, deixados pelos nossos antepassados. Felizmente apparece-nos o Sr. Arcebispo de Evora (D. Augusto) a determinar o ensino de noções de Archeologia e Iconographia christã no Seminario, e a chamar a attenção dos Parochos da sua Archidiocese para a conservação das suas Igrejas e das suas alfaias; assim como, recommendando-lhes que deem notícia, ao Conservador da Bibliotheca de Evora, do apparecimento, nas suas Parochias, de quaesquer objectos de arte, de importancia archeologica, quando não possa obter d'elles cedencia para a secção archeologica da mesma bibliotheca.

Igualmente apparece o Sr. Conservador da bibliotheca, Dr. Thomás Gomes Ramalho, dirigindo circular ás Camaras do districto a sollicitar a sua coadjuvação para o augmento do seu Museu, quer pela cedencia

---

[1] Governou a Archidiocese de Evora desde 1802 até 1814.

[2] Sobre esta collecção ha umas notícias do Dr. Augusto Filippe Simões; nos *Estudos Eborenses*, do Sr. Gabriel Pereira, vem ella transcripta.

[3] O Sr. Gabriel Pereira, Director e Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa, é natural de Evora e auctor dos *Estudos Eborenses*, trabalho muito importante sobre Evora e que se continúa.

Digitized by Google

de qualquer objecto que tenha, quer, de futuro, pela remessa de alguma cousa que appareça no concelho, quer promovendo o offerecimento d'ella á Bibliotheca, quando o apparecimento se dê em terreno particular[1].

Da *Provisão* do Sr. Arcebispo de Evora transcreveremos para aqui um trecho em que se regulam alguns assumptos relativos aos estudos ecclesiasticos do Seminario[2]:

«6. Na Theologia Pastoral, a proposito do cuidado que ao Parocho incumbe da conservação, aceio e decóro do templo e das cousas sagradas, dará o respectivo Professor a seus alumnos algumas noções elementares de Archeologia e Iconographia christã, que habilitem os futuros Parochos a conhecer os estylos e epochas principaes da architectura religiosa e a apreciar o valor historico ou artistico dos edificios, das imagens, dos objectos de ourivezaria e em geral das alfaias do culto, a fim de poderem com maior auctoridade oppor-se a possiveis deturpações ou demolições inscientes e vandalicas, e evitar a alienação ou extravio de objectos valiosos por sua antiguidade ou merecimento artistico».

Estes dois felizes acontecimentos marcarão uma epocha na historia de Evora.

Muito temos que esperar d'esta evolução que se vae notando pelo país, embora vagarosamente, e bom será que a Commissão dos Monumentos Nacionaes a active, a fim de cedo se colherem os beneficos fructos.

C. da Camara Manoel.

Estatueta romana de Hercules

Em 1860 appareceu no alto do Pico de Santa Tecla, na Galliza, fronteiro ao monte do Crasto, no Minho, uma estatueta romana, que figuro na pagina seguinte.

---

[1] A Circular do Sr. Conservador da Bibliotheca de Evora, datada de 4 de Dezembro de 1896, foi publicada no *Diario do Alemtejo*. A circular do Sr. Arcebispo de Evora, datada de 21 de Dezembro de 1896, foi publicada no *Manuelinho de Evora*. [Vid. *O Archeologo*, II, pag. 278 sqq. e 282 sqq., onde a primeira circular se transcreve na integra, e da segunda se transcreve o trecho propriamente archeologico. — J. L. de V.].

[2] A *Provisão* é datada de 30 de Setembro de 1896.

Digitized by Google

É de cobre ou bronze, bastante oxydada. Tem de altura $0^m,18$; de largura nos hombros $0^m,5$. Estava debaixo de uma penha sobre o lado do norte. Pertence ao Sr. D. Joaquim Angel, da Guárdia [1].

Representa, como se vê, Hercules nu, barbado, e com uma faxa (diadema ou mais provavelmente corôa) em volta da cabeça; na mão esquerda tem tres pomos (os pomos da lenda das Hesperides); do membro superior direito resta só o braço e parte do ante-braço (na mão direita, se ainda existisse, deveria ver-se a maça).

Analogas a esta, embora um pouco mais perfeitas e mais complexas, são as figuras publicadas por Montfaucon em *L'antiquité expliquée,* I, est. CXXIX, n.º 2; e Roscher no *Ausfürliches Lexikon der griechischen und römischen Mythologie,* I, 2179.

D'esta estatueta se disseram já algumas palavras no *Archivo Viannense,* I, 61-62, e na *Revista Lusitana,* II, 288.

J. L. de V.

---

[1] Devo estas informações, e o desenho d'onde se fez a gravura, ao meu amigo Sr. Dr. L. Figueiredo da Guerra, redactor do *Archivo Viannense,* e muito conhecedor das antiguidades do Alto-Minho.

Digitized by Google

VOL. III MARÇO E ABRIL DE 1897 N.os 3 E 4

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1897

Digitized by Google

SUMMÁRIO

Objectos romanos achados em Coruche.

Aos collecionadores portugueses.

Antiguidades de Trás-os-Montes.

Necessidade dos estudos classicos.

Uma lapide do castello de Oleiros da Bemposta (Mogadouro).

Uma problema epigráphico.

Museu Municipal de Braga.

Antiguidades romanas das vizinhanças de Nellas.

Grutas do Furadouro.

Gruta do Sêrro do Algarve.

A Philatelia.

Archeologia.

Museu Municipal de Bragança.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758».

Acquisições do Museu Ethnographico Português.

Bibliographia.

Este fasciculo vae illustrado com 12 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. III MARÇO E ABRIL DE 1897 N.os 3 E 4

Objectos romanos achados em Coruche

O Ex.mo Sr. Visconde de Coruche, com uma generosidade que muito o honra, e que é mais uma prova do seu elevado criterio e illustraç~ , dignou-se offerecer ao Museu Ethnographico Português uma interessantissima collecção de objectos da epocha romana, achados ao pé de Coruche, numa quinta de S. Ex.a A offerta foi acompanhada de uma carta que a baixo se transcreve, e que dá á cêrca dos objectos valiosas notícias.

Opportunamente, se publicarão n-*O Archeologo* as respectivas estampas. Entretanto receba o nobre titular os meus maiores agradecimentos pela maneira como contribuiu para o engrandecimento do Museu Ethnographico Português.

J. L. DE V.

Remetto, e entrego ao arbitrio de V. uma pequena collecção de objectos que me parecem antiquissimos e proprios para museu público. Foram encontrados na minha propriedade da Quinta Grande, e a 2 ou 3 kilometros ao Sul da villa de Coruche, na margem esquerda do rio Sorraia. Foi em 1895 que, ao plantar uma vinha nos terrenos de arneiro, os trabalhadores acharam o primeiro e talvez o mais interessante dos objectos, que representa um pequeno gamo ou veado de metal, que me parece ser de cobre ou bronze. Os outros objectos, menos bem conservados, de ferro, e um pedaço de tijolo ou fragmento de barro cozido, que tambem remetto, achavam-se dispersos, mas todos á pequena profundidade de 2 a 3 palmos, e numa área que não excederia 200 a 400 metros quadrados de superficie. O terreno arenoso é pouco elevado e fica na proximidade de uma linha de aguas ou valle, atravessado, pouco acima, pela estrada que vai para Canha.

Os poucos fragmentos do mesmo barro que se encontram no local mostram que alli houve alguma construcção antiga, mas pequena e

Digitized by Google

talvez isolada; e a natureza dos objectos faz suppor que seria alguma casa ou officina de lavoura. Não se encontraram moedas nem armas: e quasi todos os objectos como *foices roçadouras, machados, trinchas* (especie de formão para abrir e limpar os buracos das rodas dos carros. Em Coruche tambem chamam *trincha* aos utensilios de lavoura em geral), etc., todos elles denotam ter sido applicados a fins ruraes, pacificos e laboriosos. Entre elles ha porém tres, desiguaes no tamanho mas iguaes na fórma, que parecem *limas,* mas cuja serventia não pude conjecturar qual fosse. A dúvida em que estava levou-me a examiná-las, e o acaso fez-me observar uma cousa que vou expôr-lhe com toda a reserva; em primeiro lugar porque sou leigo na materia, e é possivel que seja cousa sabida e conhecida dos entendidos; em segundo lugar porque é possivel ter-me enganado. Em todo o caso V. poderá verificar o que o acaso me fez notar e que consiste no seguinte:

Suspeitando que os taes ferros, muito enferrujados como os outros, fossem *limas,* lembrei-me de limar um d'elles para vêr se seria de aço. Este exame não me satisfez, porque os tres exemplares tem um feitio especial e differente do que hoje dão ás *limas.* Examinei, por isso, os outros objectos, e parecem ser todos do mesmo metal e da mesma têmpera. Esta observação não é indifferente; porque havendo, como ainda ha, utensilios quasi iguaes na fórma e nas serventias, como são as *foices roçadouras,* os *machados,* as *trinchas,* as *sacholas,* os *sachos,* etc., não é costume no nosso tempo fabricá-los todos de aço, mas sim de ferro, e só alguns d'elles são calçados de aço na parte cortante.

Mostra isto que os antigos davam uma têmpera especial aos seus ferros?

Como quer que seja, a analyse da qualidade e da têmpera dos metaes póde talvez ser um indicio para ajuizar da authenticidade e da epocha dos objectos encontrados nas excavações. E tanto assim, que eu mesmo distingui com facilidade esses ferros de um outro pedaço de ferro de uma velha relha de charrua moderna, encontrado muito proximo do local em que estavam aquellas ferramentas e objectos antiquissimos. Tenho experimentado outros bocados de ferro enferrujado e disformes que tenho a certeza de serem modernos, e não consegui ferir lume com nenhum d'elles, como aliás acontece com os exemplares que lhe remetto, aos quaes V. dará o destino que tiver por mais conveniente, se julgar que merecem ser conservados e expostos em estabelecimento público como o que V. dirige.

Sou, etc.—Lisboa, 20 de Fevereiro de 1897.

Visconde de Coruche.

Digitized by Google

Aos colleccionadores portugueses

Quando fundei *O Archeologo Português,* foi meu escopo não tanto inserir lá alguns dos resultados das minhas investigações, como principalmente chamar a attenção dos estudiosos, e provocá-los a publicar artigos e notícias á cêrca do que soubessem.

Muitos estudiosos, como se tem visto, acudiram ao chamamento; com as suas producções tem sido successivamente enriquecidas as paginas d'este periodico: mas quantos não ficaram calados, ou só raramente contribuiram com algum artigo, embora valioso?

A minha vida é muitissimo occupada; preciso de attender a bastantes assumptos: por tanto não posso consagrar-me exclusivamente a *O Archeologo*; e, se eu não receber ajuda de todos os que em Portugal se interessam pela Archeologia e sciencias congeneres, a publicação corre risco de acabar ou de afrouxar.

Entendo que não é necessario dirigir-me particularmente a cada individuo: d'aqui faço o pedido geral: — ajudem-me! Qualquer pequena notícia, de um monumento, de um objecto, de um achado, será bem vinda. Ao fim de certo tempo *O Archeologo* constituirá assim um vasto repositorio de factos positivos, que contribuirão para o conhecimento da nossa historia e da nossa ethnologia.

Este periodico tem sido bem recebido pelos diversos especialistas estrangeiros, que por vezes o citam com louvor. A honra é para nós todos, é para Portugal. Não deixemos, pois, perder o ensejo de fazer um serviço á sciencia e á patria: recolher elementos de estudo, e mostrar que se comprehendem as exigencias da civilização moderna.

No nosso país abundam os colleccionadores de moedas e de antigualhas, uns por paixão ou recreio, outros por necessidade scientifica, — todos com intuito meritorio, porque é sempre bom entreter o espirito com as cousas susceptiveis de o illustrar e de o nobilitar: *O Archeologo* acolheria de bom grado uma descripção summaria de cada uma das collecções, com o que ao mesmo tempo se tornariam do dominio público cousas ainda ignoradas, e se prepararíam os materiaes para um dia se escrever por inteiro a historia da nossa Numismatica e da nossa Archeologia.

A cada passo factos na apparencia humildes adeantam a sciencia: uma moeda inedita ou com uma variante, uma inscripção desconhecida, um objecto raro, trazem luz inesperada para muitos problemas.

Senhores colleccionadores de moedas e de objectos archeologicos: sacudam um pouco a preguiça, ou ponham de parte a modestia, — que

Digitized by Google

não é immodestia dizer cada um o que sabe, nem grande fadiga escrever uns artigos a respeito de assumptos que se estimam, — e concorram para *O Archeologo* com a descripção das suas collecções, no todo ou em parte.

Com relação á Numismatica, as moedas serão indicadas pela sua ordem geographica e chronologica. Em geral os collecionadores portugueses dedicam-se só ao estudo das moedas romanas e portugueses; por isso a descripção dos respectivos monetarios dispor-se-ha assim:

Moedas romanas:

a) da Republica (alphabeticamente);

b) do Imperio (segundo os governos):

quando se possuirem moedas byzantinas, indicar-se-hão a seguir.

Moedas portuguesas:

a) do continente e das ilhas;

b) das colonias ultramarinas.

De cada familia ou de cada imperador, a respeito da serie romana, de cada rei, a respeito da serie portuguesa, indicar-se-ha o numero das moedas por especies: possuindo os colleccionadores algum tratado importante de Numismatica, como os de Cohen, Babelon e Teixeira de Aragão, bom será fazer referencias a elles, para a descripção ficar mais clara.

No caso de terem moedas de outra natureza, mencionar-se-hão de modo semelhante:

Moedas antigas;

Moedas autonomas da Hispania;

Moedas barbaras da Peninsula (suevo-lusitanas, visigothicas);

Moedas modernas:

umas e outras expostas geographica e chronologicamente.

As moedas arabes são mais difficeis de descrever, por causa da lingua: todavia, como os leitores tem visto em interessantes artigos publicados n-*O Archeologo* pelo sr. David Lopes, professor do Lyceu Central de Lisboa, este escriptor consagra-se ao estudo do arabe, e elle da melhor vontade responderá a qualquer consulta que lhe fizerem neste sentido.

Quando os colleccionadores possuirem raridades ou variantes, especificá-las-hão, descrevendo as moedas por meudo, e mandando d'ellas desenhos fieis, que serão publicados; no caso contrário limitar-se-hão a indicar a especie e número das que tem.

Com relação á Archeologia propriamente dita, os objectos serão igualmente indicados por especies e por datas, seguindo-se ordem analoga á que fica mencionada, por exemplo:

Digitized by Google

Epocha prehistorica: machados de pedra polida de tal e tal parte, achados nestas e naquellas circumstancias;

Epocha romana: tantos pesos de barro d'esta ou d'aquella fórma; inscripções funerarias, divinas e honorificas; vasos de barro; instrumentos.

E assim successivamente. Quando a inscripção estiver já publicada, basta alludir ao lugar do livro; quando o não estiver, torna-se necessario copiá-la, e mesmo desenhá-la, caso as letras offereçam alguma especialidade, ou a pedra contenha ornatos, ou seja affeiçoada de modo notavel. Dos objectos que merecer a pena tornar conhecidos, deverão vir desenhos ou photographias.

Tanto para as collecções numismaticas como para as archeologicas deve dizer-se quando começaram a organizar-se.

A cada colleccionador fica licito, claro é, fazer a sua descripção como melhor entender; o que deixo dito é unicamente uma ideia que os poderá dirigir ou enthusiasmar.

Assim como é da manutenção de um candelabro ou de um lar acceso que muitos povos julgam dependente o effeito de certos cultos religiosos, e por isso a procuram e desejam: assim tambem, para que o lume da Sciencia não se apague, e d'elle resultem beneficios, se torna indispensavel que todos se congreguem no mesmo pensamento de a bem servir.

J. L. de V.

Antiguidades de Trás-os-Montes

1. Castros

A dois kilometros aproximadamente de Villar-de-Viande, e a cinco da villa de Mondim, na margem esquerda do Tamega, encontra-se uma collina de fórma semicircular, de 250 a 300 metros de diametro, elevando-se acima do leito do rio de 150 a 200 metros.

Era um ponto estrategico de grande importancia pelas condições topographicas, e foi aproveitado, como se vê ainda pelos restos de uma trincheira enorme de pedra e terra de que existem para o lado do norte porções de muitos metros de extensão bem conservadas.

O que se encontra digno de menção e estudo na collina são duas ordens de casas, situadas, uma na parte mais elevada e plana, e outra na vertente voltada para sudoeste.

Digitized by Google

Estão orientadas de nascente a poente, com o maior comprimento nesta direcção, e apresentam as paredes parallelas duas a duas, tendo, em lugar de angulos no encontro das paredes umas com as outras, arcos de circulo, o que faz que se diga que são *casas redondas*.

No grupo da planicie vêem-se os restos de quatro a seis casas, sendo as mais compridas de 3 a 4 metros e reduzidas a uma fiada de pedra á superficie.

As casas do segundo grupo não as vimos, mas disse-nos o Exmo Sr. José Guilherme Henriques que não apresentavam differenças das do primeiro.

Este cavalheiro, com uma amabilidade inexcedivel, foi quem nos mostrou estas ruinas, a que chama «a sua Citania», e a elle se deve o não terem os lavradores de Villar-de-Viande acabado de destruir este monumento archeologico.

Não consta que tenham apparecido no local moedas de qualquer especie, nem outros objectos antigos.

Aquelles que não forem attraídos a Villar-de-Viande pelo amor á sciencia, não perdem o tempo encarando o sítio pelo lado do agradavel. Talvez se não encontre no norte do país um sítio tão pittoresco e digno de ser photographado.

A viagem até Mondim faz-se commodamente; de Mondim até á collina, a distancia é apenas de 5 kilometros.

Todas as medidas d'esta nota são aproximadas e calculadas numa visita de uma hora.

Não longe d'estas ruinas, num monte que se prolonga para o noroeste do magnifico pico da Senhora da Graça, monte denominado *Os Palhaços,* existiam restos de construcções de pedra, a que se tem referido varios escriptores.

Como nenhum mencione a circumstancia de terminarem de uma fórma triangular para nascente, aproveitamos a occasião de chamar a attenção dos curiosos e competentes para este facto.

O meu particular amigo José Antonio Machado e Moura, proprietario em Athuy, foi quem me forneceu esta informação, digna de todo o credito.

2. Sepulturas romanas de tijolos

No sopé do pico da Senhora da Graça, perto de Parada de Athuy, numa propriedade do Illmo Sr. José Pereira, por occasião de uma sorriba, foram encontradas duas sepulturas constituidas por tijolos de argilla vermelha, semelhantes á que temos visto por toda a parte em ruinas romanas.

Digitized by Google

Um dos tumulos era de um guerreiro de grande estatura, e o outro de criança, ou de mulher de pequena estatura.

Na sepultura do guerreiro entravam onze tijolos e quatro telhas muito semelhantes ás dos cumes dos telhados feitos de telha de Marselha (*tegulas*).

Tres tijolos no fundo da sepultura com entalhes e rebordos lateraes, a que se uniam inteiramente dos lados outros tres tijolos (de cada lado) com saliencias e entalhes oppostos, e um na cabeceira e outro na extremidade (pés), unidos no angulo formado pelos tijolos lateraes na parte média e superior pelas telhas, formavam uma sepultura, que se conservou durante muitos seculos inteira e solida.

A sepultura tinha de comprimento 2^{m},80, de largura; na cabeceira 0^{m},75 e nos pés 0^{m},45.

Os tijolos, dos quaes existem oito em poder do Illmo Sr. Pereira, são furados em dois ou tres sitios, marcados com as letras T, S, P, M, etc., maiusculas do alphabeto romano, e um d'elles tem pègadas de um cão, muito distinctas.

Dentro da sepultura havia uma lampada, dois vasos de argilla de pequenas dimensões, a ponta de uma espada e da sua bainha, objectos que o meu amigo Machado e Moura cedeu a um curioso, de cujo nome se não recorda, e de ossos reduzidos a pó.

A sepultura mais pequena era construida do mesmo modo, e continha outra lampada e outros dois vasos das mesmas dimensões.

No local das sepulturas tem apparecido muitas moedas romanas de cobre (grandes-bronzes), tijolos quebrados, mós de moinhos romanos; e vêem-se dois buracos abertos no salão, de fórma arredondada, de 3 a 4 metros de profundidade e de 1^{m},50 de diametro á superficie da terra.

Para norte da propriedade, em outra pertencente a um cunhado do Rev.^{do} P.^{e} Manuel Borges, ha grande quantidade de tijolos quebrados que apparecem quando renovam a terra os lavradores.

*

Terminamos esta rapida notícia pela menção de um achado que deu que pensar aos que o tiveram na mão e que decerto darão aos archeologos.

Encontraram-se pedaços quadrados de uma substancia branqueada, como pergaminho, do tamanho de uma carta de jogar, que estava alterada pela humidade e se desfazia.

Digitized by Google

O que era? O que significava? Teria alguma relação com os enterramentos?

Os nossos amigos Machado e Moura, P.e Manuel Borges e José Pereira tiveram-nas em seu poder, e dão ainda a quem as precisar as explicações que se desejarem.

Villa Real, Abril de 1897.

Henrique Botelho.

Necessidade dos estudos classicos

«..... les Portugais travaillent un peu isolément; et bien des fois les études préliminaires n'ont pas été suffisantes. Le sol portugais est plus riche que tout autre en sujets d'études; mais pour qu'il soit possible de faire sortir de ce sol tout ce qu'il peut scientifiquement produire, il faut non-seulement, comme ailleurs, le zèle et l'activité; mais il faut encore fortifier l'enseignement moyen et supérieur, retourner à ces études classiques, base de toute culture scientifique véritable, il faut enfin l'union entre tous ceux qui consacrent leur vie aux grandes et nobles études du passé».

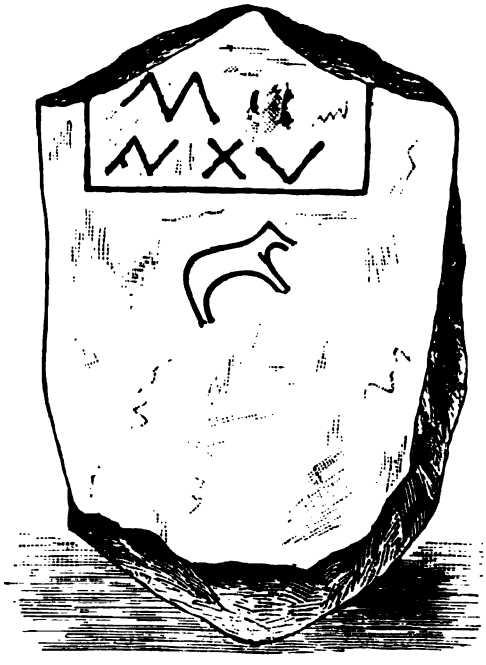
Ad. de Ceuleneer, *Le Portugal, notes d'art et d'archéologie,* Anvers 1882, pag. 89–90.

Uma lapide do castello de Oleiros da Bemposta (Mogadouro)

A tres kilometros, segundo as informações que tenho, da povoação da Bemposta, em um alto sobremodo alcantilado, que fica sobranceiro ao rio Douro e em frente da praça hespanhola de Formoselha, ha vestigios muito distinctos ainda de ter alli havido uma fortaleza constituida, conforme refere Pinho Leal, no *Portugal antigo e moderno,* por uma muralha de 2 metros de espessura, que limita um espaço de 130 metros de comprimento e 40 de largura, e a que correspondia outra na margem esquerda do mesmo rio, em terreno hespanhol, conhecida por

Digitized by Google

castillo Moro. No dizer do referido auctor, e que é confirmado por pessoas d'aquelles sitios, tem-se encontrado nesta fortaleza, chamada *castello de Oleiros*, alguns objectos interessantes, taes como uma espada de prata (*sic*), moedas de ouro e prata de que se não averiguou o tempo a que pertenciam, e uma lapide de marmore com alguns arabescos e esculpturas.



Foi neste castello que appareceu ha dias o fragmento da lapide, de que o presente desenho é cópia fiel, que é romana e funeraria, assim como parece que é a de marmore, ha annos encontrada, e referida por Pinho Leal, a avaliar pelo esboço que possuo, que mostra estar a inscripção quasi de todo apagada.

A do nosso desenho é de marmore grosseiro e tem 0^m,28 de altura, 0^m,17 de largura e 0^m,03 de espessura.

As letras tem de corpo 0^m,02 e vê-se por baixo d'ellas gravado toscamente um quadrupede.

Bragança, Abril de 1897.

Albino Pereira Lopo.

Digitized by Google

Um problema epigráphico

No portal do templo romanico do Salvador, em Coimbra, á direita de quem entra, vê-se um letreiro commemorativo da construcção do bello portico. É interessante, principalmente por accusar o anno em que se realizou aquella obra.

Está bem conservado; apenas uma falha occupa o lugar onde esteve a 1.ª letra da 2.ª linha.

Os caracteres são capitaes, com excepção de todos os M M e de dois E E, que são onciaes; os A A, com o traço da esquerda recurvado, apresentam caracteres mixtos, são de transição. Abundam em toda a inscripção as letras conjuntas.

Foi publicada esta legenda em *facsimiles* lithographicos no *Antiquario conimbricense,* n.º 7 (Janeiro de 1842), pag. 50, e mais perfeitamente nas *Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra,* por Augusto Filippe Simões, Lisboa 1870, estampa IV.

Apesar de pouco extensa, e de serem em geral bem legiveis os caracteres, tem sido objecto de grandes hesitações por parte dos archeologos a sua leitura e interpretação.

Vejamos o que a tal respeito se tem publicado.

I. Coelho Gasco deixou-nos a seguinte leitura:

Estephanus Martinis sua sponte hanc portam fecit, et frontispicion. E. M. CC. VII. E. M.[1]

II. O P.e Manuel da Cruz Pereira Coutinho, prior da Sé-velha, encostando-se em parte á auctoridade de Gasco, leu assim:

Stephanus | martini. sua | sponte. fecit. hunc | portalem. et | fronte. era. millesima. ducentessima | septima. era. millesima.[2]

III. Logo em seguida o mesmo Pereira Coutinho corrigiu a sua primeira leitura[3], affirmando que sem dúvida nenhuma na inscripção se encontram as letras—*Lest Front,* e não—*et fronte:* que portanto deve ler-se—*Lestis fronte,* e traduzir-se—*no frontespicio do Oriente.*

---

[1] *Conquista, antiguidade, e nobreza da mui insigne, e inclita cidade de Coimbra,* Lisboa 1807, pag. 20.

[2] *Antiquario conimbricense,* n.º cit., pag. 51.

[3] *Ibid.,* n.º 8, pag. 64.

Digitized by Google

Mas, estando este portico voltado a occidente, aventou a hypothese de um outro, que em tempos estivesse a leste, d'onde mais tarde, tendo sido demolido, fosse transportada a inscripção com outras pedras para a fachada occidental, *por occasião de alguma reforma, que alli se fizesse.*

IV. O abbade de Lobrigos, Manuel Fulgencio Gomes, corrigiu as leituras do erudito Pereira Coutinho[1], affirmando, e com toda a razão, que naquella escriptura lapidar se lia claramente a palavra—*leta,* com todas as suas letras, onde primeiro se lêra—*et,* e em seguida—*lest;* e, applicando as expressões—*leta fronte* ao portico, entendeu que por ellas se indicava a bella apparencia do mesmo—(*com um legante frontespicio*).

Pereira Coutinho acceitou a leitura, mas não se satisfez com a justificação, appellando para a *impericia do artista,* que alteraria *a verdadeira lição,* quando gravou os caracteres[2].

V. O Dr. Augusto Philippe Simões, observando mais detidamente a inscripção, e os caracteres architectonicos e decorativos do portico, deu por demonstrado que nenhuma relação havia entre este e a legenda, e adoptou a segunda leitura de Pereira Coutinho—*lestis fronte*[3].

VI. Cinco annos depois o mesmo Dr. Philippe Simões, publicando em folheto uma conferencia realizada a 21 de fevereiro de 1874 no Instituto de Coimbra, em nota final emenda a sua anterior leitura, perfilhando a de Fulgencio Gomes—*leta fronte;* mas, não lhe soando bem a interpretação por elle dada a estas expressões, remette o caso «aos latinistas, aos modernos Du Cange, onde os houver», e desde logo consigna alguns elementos, «que poderão servir a uma nova e necessaria interpretação»[4].

*

A leitura da inscripção nenhuma dúvida póde admittir, pelo que diz respeito ás palavras discutidas; as hesitações e contradicções dos abalizados mestres explicam-se.

---

[1] *Ibid.*, n.º 9, pag. 65.

[2] *Ibid.*

[3] *Reliquias da architectura romano-byzantina,* já cit., pag. 14.

[4] *Da architectura religiosa em Coimbra durante a idade média,* Coimbra, 1875.

Digitized by Google

Está bastante elevada a lápide, e sem o auxilio de uma escada não póde ler-se bem. Leram-na certamente em calcos mal tirados.

Gasco nem isso fez. Com a leviandade e pouco escrupulo, que manifesta em tudo o que escreveu, limitou-se a ler de longe, ou a mandar ler por qualquer inexperiente; d'ahi o grande disparate.

Querendo em seguida interpretar o que fôra lido, juntou ao primeiro disparate um outro ainda maior; affirma que é dupla a data expressa na lápide, pois consigna a era de Cesar 1207, e o anno de Christo 1000, que lhe corresponde[1]! Differença de 207 annos!!

O exame directo dá, sem vislumbres de hesitação, a seguinte leitura:

† S T E P H A N V S

m A R T I N I : S V A

S P O N T E : F E C I T : H V N C

P O R T A L E M : L E T A :

F R O N T E : E : M : C C :

V I I : E : (?)

A letra final (ou grupo de letras?) é que me não atrevo a ler por um M, como todos tem feito. Deixo-a de parte para novo exame.

*

Vamos á interpretação.

Philippe Simões[2] lembra, que—*leta* póde ser *o participio* (adj. verbal) do verbo obsoleto *leo* (> *deleo*); em tal caso deveria traduzir-se—*destruida a frontaria* (antiga).

---

[1] *Conquista, antiguidade, etc.*, pag. cit.

[2] *Da architectura religiosa, etc.*, pag. cit.

Digitized by Google

Não me parece racional esta resurreição extemporanea de um verbo latino, que deixara de se usar desde tempos muito anteriores aos classicos, e que agora apparece nesta inscripção sómente. Alem d'isso, em face desta interpretação, seria flagrante o despropósito de tal referencia.

Ainda lembra o mesmo auctor[1], que póde estar—*leta* por—*lita*, e que numa inscripção de Napoles, dos ultimos tempos do imperio romano, se encontra esta palavra *com applicação a uma parede rebocada ou alizada de novo.*

É certo que o verbo—*lino* tem significações que se afastam consideravelmente da primordial «ungir». Pintar um quadro, revestir as paredes de cal, encrustar um objecto de laminas de ouro, etc., tudo isso podia ser expresso pelo verbo *linere.* Mas é uma hypothese muito forçada, desnecessaria, e que suppõe um facto contrário a tudo quanto o exame directo nos diz. O portal não foi alli embutido num edificio preexistente, alizando-se ou retocando-se o resto da fachada; o portico surgiu com toda a fachada, de que faz parte, não é, não póde ser um simples enxerto.

A interpretação de Fulgencio Gomes é toleravel. Neste latim das inscripções medievaes não são nunca para extranhar nem a impropriedade na escolha dos termos, nem a falta de correcção grammatical.

Mas que necessidade ha de appellar para a incapacidade do auctor, quando a legenda tem uma interpretação muito natural e perfeitamente correcta? Custa até a crer que não occorresse a nenhuma das pessoas que se tem esforçado por decifrá-la.

Estamos em face d'uma composição leonina muita curta. Contém dois versos apenas, regularmente feitos, devidamente rimados. Segue-se a data não obedecendo a nenhum preceito de metrificação, o que é frequente.

Stephanvs Martini, sva sponte,
Fecit hvnc portalem, laeta fronte.

Era millesima ducentesima septima, ...

—*Sva sponte,* como Alves de Sousa já tinha dito a Philippe Simões[2], póde muito bem significar—*por si só, sem auxilio d'outrem, á sua custa.*

---

[1] *Ibid.*
[2] *Ibid.*

Digitized by Google

— *Laeta fronte* — com o rosto alegre (expressão de pura latinidade, equivalente a — *cheio de satisfação*), refere-se evidentemente ao sujeito da proposição, não ao complemento directo do verbo, como se tem supposto.

Assim, a meu ver e salvo melhor juizo, o sentido da inscripção é este:

Estevão Martins, cheio de satisfação, fez este portico á sua custa. na era de 1207 (A. D. 1169).

Antonio de Vasconcellos.

Museu Municipal de Braga

A Ex.ma Camara Municipal de Braga resolveu criar um Museu naquella cidade. A este proposito publiquei na *Correspondencia do Norte,* de 27 de Fevereiro, a convite da illustrada redacção, o seguinte artigo:

«Por todas as razões Braga não póde deixar de ter um museu municipal, em que se recolham objectos archeologicos e de ethnographia moderna.

Cidade antiquissima, cuja origem se esvaece na noite dos tempos, capital de uma provincia de costumes tão caracteristicos e tão fixos, offerece sem dúvida ao investigador abundantissimos elementos de estudo, que de modo nenhum se devem perder.

Photographias de monumentos, como igrejas, castellos; reproducções de outros, como a célebre fonte preromana do *Quintal do Idolo;* lapides antiquissimas, que sem grande difficuldade se tirariam dos locaes em que se acham, como as da *Quinta do Avellar;* os notabilissimos marcos miliarios do campo das Carvalheiras; moedas romanas e portuguesas que a cada passo se encontram; exemplares de ceramica antiga; armaduras, vestuarios, objectos de adorno, moveis, imagens: eis ahi tanta cousa, que logo de repente se obtem, e que dá para encher boa parte do museu, servindo juntamente de material scientifico e de decoração.

Isto, pelo que respeita á parte antiga; pelo que respeita á ethnographia moderna, a colheita é ainda mais facil. Nesta secção não se omittam os jugos e cangas dos bois, com ornatos tão variados, e que só no Minho se encontram; as louças phantasticas de Barcellos; as

Digitized by Google

arrecadas e outras joias de filigrana, tambem só usadas no Norte; varios especimes de trajos populares, que, ora pelas suas fórmas, ora pelo garrido das suas côres, encantam o forasteiro.

A quem está sempre a observar estas cousas, ellas pouco interessam, e pouco chamam a attenção; mas o Museu não é só para os de Braga, é tambem para os de fóra. E, quer interessem, quer não interessem aos da terra, quer lhes agradem, quer não, o que importa é estabelecer convenientemente o Museu: porque assim servimos a sciencia, ministrando-lhe documentos de que carece, e servimos a patria, pondo-nos a par do que noutros países se faz com toda a actividade e dedicação.

Ao principio ha muita cara torcida, muito sorriso de zombaria, porque geralmente todos mofam, ou d'aquillo que não entendem, ou d'aquillo que vêem fazer aos outros. Mas a superioridade de quem está possuido de uma ideia nobre consiste exactamente em passar por cima dos invejosos e dos ignorantes, desprezando uns e ensinando os outros.

Ora, desde o momento que Braga apresente num local expressamente preparado para este fim os restos do seu passado (archeologia) e os objectos materiaes da actualidade que revelem cunho tradicional e caracteristico (ethnographia moderna), de modo que por elles se comprehenda a evolução historica, e, em virtude do enthusiasmo que as cousas da patria sempre despertam em quem é patriota, se aprenda a amar o passado, para d'esse amor se tirar incitamento para melhoramentos futuros: já os zoilos se calarão, e os inconversos se declararão vencidos, ao mesmo tempo que a cidade merecerá os applausos de quem os não regateia aos actos meritorios.

Os museus da natureza d'este devem ser eminentemente locaes, conter o maior numero possivel de objectos que dêem ideia da região. Ao lado das secções de archeologia e ethnographia moderna conviria pois estabelecer mais duas: uma de historia natural, em que se colloquem exemplares de rochas, animaes embalsamados, herbarios; e outra, de anthropologia, em que se colloquem ossadas antigas, encontradas em sepulturas avulsas ou em cemiterios (dos tempos prehistoricos, romanos, e mesmo posteriores), tranças de cabello, retratos.

A 3.ª secção,—historia natural—, é a menos importante, porque todo o país está já bastante estudado neste sentido, e ha nos diversos centros scientificos pessoas dedicadas que se consagram ao assumpto comprehendido nella. As outras tres secções, porém, necessitam de ser constantemente enriquecidas, porque, por um lado, os objectos que as formam, se não se lhes acode a tempo, perdem-se irremediavelmente,

Digitized by Google

e por outro lado o país ainda não está neste sentido completamente estudado, e é pouca a gente que o estuda. Em todo o caso, nem por isso a 3.ª secção deve ser votada ao abandono, antes todos devem tambem esforçar-se por a preencher, porque, embora alguns exemplares não tenham novidade, outros podem tê-la, e tudo junto educa o povo.

Já diversas camaras municipaes tem comprehendido a importancia dos museus locaes, como as de Faro, Beja, Elvas, Alcacer do Sal. Bragança, Porto, Vianna do Castello, todas as quaes recebem o apoio material e moral dos respectivos municipes. O que é indispensavel é que outras, sobretudo as das capitaes dos districtos, e ainda as das cidades, sigam tão bons exemplos, a fim de em breve tempo se conhecer o nosso país no seu conjuncto, e não continuarmos a ouvir as censuras que os estrangeiros nos fazem. Lá fóra os estudos archeologicos e em geral os ethnographicos são muito estimados e cultivados: a França, a Allemanha, a Italia sustentam missões scientificas e escolas em Athenas e em Roma, para estudarem os monumentos archeologicos d'estas duas capitaes do mundo classico: outras missões europeias ha na Africa, na Asia Menor, na Persia, na India; por toda a parte se criam grandes museus, se fundam sociedades, se publicam jornaes e riquissimos livros, se abrem cursos. Este movimento do mundo civilizado chega apenas a Portugal pouco mais do que em echo; o pouco que se faz cá é quasi sempre devido apenas aos esforços de um ou outro individuo ordinariamente insulado: por tanto, quando uma corporação, como a Ex.ma Camara de Braga, toma a peito a installação de um Museu Municipal, em que fique representada nos seus elementos materiaes a vida do povo do Minho antiga e moderna, é caso para grande contentamento, porque isso significa que se quer sahir do marasmo e contribuir para o progresso.

Nem só de pão vive o homem, — dizem os livros santos; e esta verdade deve ser sabida em Braga melhor do que noutra parte, porque é lá que a actividade religiosa tem mais desenvolvimento. Oxalá, por tanto, que, ao lado dos individuos que constituem a commissão da organização do Museu, — os srs. P.e Martins Capella, P.e Manoel José Pereira, Dr. José Machado, Domingos Rebello Barbosa, Bernardino de Senna Freitas, Visconde de Fraião, Joaquim A. da Afonseca Franco, e Antonio José de Sousa Ribeiro —, todos elles illustrados e por igual devotados ao bem da sua terra, outros venham quanto antes contribuir para que a nobre ideia da Ex.ma Camara não esmoreça, e pelo contrario chegue a manifestar-se em toda a sua luz!»

J. L. de V.

Digitized by Google

Antiguidades romanas das vizinhanças de Nellas

Algumas pesquisas que fizemos nos arredores de Nellas, em companhia do nosso amigo sr. Annibal de Brito, academico da faculdade de philosophia, conduziram-nos á descoberta de vestigios interessantes, que convem assignalar aos que estudarem a archeologia romana da provincia da Beira.

No sítio do Moledo, a 900 metros para o sul de Nellas, em uma vinha do nosso amigo Sr. Dr. Manuel Ferreira Marques, notámos á superficie do solo, esparsos em uma área consideravel, abundantes fragmentos de telhas de rebordo e de telhas curvas, de dolios e outros grandes vasos romanos, e, em certos pontos, algumas pedras apparelhadas.

Abrindo dois poços, para sondar o terreno, um proximo de um pilar de granito que aflorava o solo, e outro a alguns metros de distancia onde o desnivelamento dos terrenos nos pareceu muito suspeito, mostrou o primeiro que o subsolo era formado por entulho negro, carregado de detrictos vegetaes e de substancias carbonizadas, contendo grande quantidade de restos ceramicos, provenientes de telhas e dolios e de pequenos vasos romanos; e o segundo uma camada quasi superficial de entulho semelhante, que parecia ter descido do terreno superior (onde fôra aberto o primeiro poço) por occasião das plantações da vinha, e por debaixo d'esta camada uma outra de terra vegetal, que a 1 metro de profundidade parecia depositada pelas aguas fluviaes.

Abandonando o primeiro poço, para não alargarmos muito a área das excavações, que teriam de destruir numerosas plantas, embora a illustração e amizade do Sr. Dr. Ferreira Marques nos facultasse esse perdoavel vandalismo, concentrámos o trabalho no segundo onde fôra assignalada uma substrucção qualquer; e este poço foi convertido numa larga trincheira segundo o methodo que costumamos seguir nas nossas explorações.

A camada superficial de entulho negro forneceu um fragmento de *pondus* de tear, feito de barro, com dois orificios, muitos fragmentos de diversos dolios e de pequenos vasos de barro, assim como numerosos restos de *tegula* e *imbrex*.

Em alguns vasos meudos notámos o barro cinzento, muito puro, que temos encontrado em grande abundancia nas estações luso-romanas do concelho da Figueira; e em outros esse barro annegrado e impuro, mui grosseiramente trabalhado á roda, que temos visto não só nessas estações, mas nas que explorámos pelo Algarve. O mais interessante

Digitized by Google

fragmento é o que contém um largo bordo, voltado para fóra e plano, onde existe um entalho que parece destinado a escorrer o liquido.

A excavação pôs a descoberto uma curiosa peça de *torcularium* romano, aquella em que era recebido o liquido escorrido da prensa (*torcular*). Nós tinhamos lido em Rich que nos lagares romanos exhumados em Stabias (Italia) o liquido corria pelo pavimento inclinado da prensa para um grande vaso de barro meio soterrado, d'onde era em seguida retirado para as vasilhas. Por outro lado haviamos visto nas vizinhanças de Bensafrim (Algarve) um exemplar do *torcularium,* aberto no grés e disposto de modo que o liquido escorrido da prensa, que era montada em uma cuba rectangular, passava por um orificio para um recipiente circular, d'onde era retirado para as vasilhas; e junto ás famosas thermas do Milreu, em Estoi, ao norte de Faro, tinhamos examinado outro exemplar em que o fundo da cuba da prensa parecia feito com o *opus signinum* e era revestido com cimento, tendo uma especie de canal por onde o liquido escorria para um recipiente em fórma de vaso, soterrado e revestido com cimento. Mas o exemplar de Nellas era diverso: supprimia-se o recipiente, como vamos ver.

Quatro muros de alvenararia sêcca, mas em que entraram pedras mais ou menos aparelhadas e alguns tijolos, attingindo a altura maxima de 1 metro, formaram um recinto rectangular, medindo no comprimento 3 metros e na largura 2 metros. Este recinto ficava indubitavelmente em nivel muito inferior não só ao do pavimento da prensa, como era natural, mas ao do terreno que cercava o mesmo recinto pelos outros lados, pois que a elle se descia por uma escada, de que restam ainda dois degraus de pedra, junto a um dos angulos do edificio, no lado do sul. O primeiro degrau inferior, que manifestamente conserva as suas antigas dimensões, mede $0^m,55$ no comprimento, $0^m,2$ na largura e $0^m,23$ na altura.

O pavimento não era feito com o *opus signinum,* como nos edificios romanos que estudámos no Algarve. Faltava-lhe a argamassa. Sobre uma camada de calhaus rolados e de terra estava estendida outra camada de meudos fragmentos de telha e de tijolos, attingindo até $0^m,1$ de espessura, batidos e comprimidos a masso; especie de *pavimentum* que devia ter a denominação generica de *testaceum,* mas em que a ausencia de todo e qualquer cimento é novidade nas nossas explorações.

No muro occidental do edificio, muro que fórma um dos lados maiores d'este a $1^m,2$ da extremidade do norte e a $0^m,75$ a cima do nivel do pavimento, existia a *bica,* feita de uma lage bastante alongada, saliente da parede $0^m,25$, tendo aberto, a meio, um canal de $0^m,7$ de comprimento e $0^m,07$ de largura, com a secção semicircular, e que

Digitized by Google

estava coberto por uma telha curva. Por esta disposição é claro que o liquido corria directamente para as vasilhas; e uma lage saliente da parede, ao lado esquerdo da escada, a certa altura do pavimento, parecia indicar que serviria para apoiar as vasilhas que se retiravam cheias e poderem elevar-se até á cabeça ou hombros, a fim de serem transportadas para a *cella*.

O recinto da prensa, occupando nivel superior, apenas a $0^m,3$ da superficie actual do solo, estava, na maior parte, destruido pela plantação da vinha. Descobrimos os restos do envasamento de uma das paredes e do pavimento, encontrando no entulho muitas pedras soltas e alguns fragmentos de grandes vasos de barro; mas não levámos mais longe a exploração, para não destruirmos o plantio.

Surprehendeu-nos sobremaneira o facto de o pavimento ser igual ao do recinto da bica. É evidente que o liquido não podia correr sobre elle, como corria nos dos lagares de Bensafrim e do Milreu que, sendo impermeaveis, não permittiam a infiltração. Como seria preparada a *area* ou espaço onde se espremiam os restos das uvas, e por que meio era o liquido dirigido d'alli para a bica? Não sabemos. Em todos os entulhos extrahidos nenhum vestigio de argamassa de cal e areia ou de cimento.

Tambem não encontrámos dentro do recinto da bica pedras que pudessem ter pertencido ao alçamento do edificio. Esta circumstancia e o facto, já notado, de a camada inferior do entulho ter um aspecto sedimentar, indicando que o edificio, abandonado durante muito tempo, fôra lentamente entulhado pela acção das aguas pluviaes que desciam do poente e norte, fazem pensar se o edificio não se elevaria a cima do nivel do solo contiguo.

*

No sítio dos Moledinhos, que fica para Leste d'esta estação, em uma encosta fronteira, informaram-nos que tambem existem abundantes restos ceramicos iguaes aos do Moledo; mas preferimos ir encetar as explorações em Senhorim, d'onde nos haviam trazido um pêso de tear e algumas noticias animadoras.

Alli, num predio sito junto ao lugar da Ponte da Igreja, mostraram-nos uma cuba redonda de pedra, manifestamente romana, que devia ter pertencido ao *torcularium*, uma peça partida da *mola manuaria* e alguns fragmentos de telha de rebordo, que o proprietario havia encontrado soterrados.

No predio fronteiro, conhecido pela designação de *terra do Fidalgo*, encontrámos á superficie do solo um *pondus* de barro e numerosos

Digitized by Google

fragmentos de telhas romanas. Abertos alguns poços, para sondar os terrenos, só dois assignalaram no subsolo uma camada de entulho negro, carregado de carvões vegetaes, contendo restos de vasos, tijolos e telhas. Não encontrámos envasamentos de muros nem vestigios de *pavimentum;* mas a exploração provou que alli existia uma vasta construcção, porque as pedras de alvenaria abundavam no entulho.

Os objectos aproveitaveis foram poucos. Colligimos tres pesos de tear, todos feitos de barro, um com fórma trapezoidal e dois quadrilongos, medindo na espessura 0^m,03 a 0^m,037, no comprimento 0^m,103 a 0^m,11 e na largura 0^m,07 a 0^m,08. Dois tem um só orificio, e um tem dois. Um dos primeiros apresenta vestigios manifestos de uso porque parte da borda do orificio está gasta pelos fios que a suspendiam.

A abundancia d'estes objectos em certas estações romanas de Portugal parece indicar que se fazia largo uso do tear vertical, em que muitos pesos eram empregados para retesarem os fios da urdidura. As suas fórmas não eram sempre semelhantes ás dos nossos exemplares.

O Museu Municipal da Figueira possue alguns, que lhe foram doados pelo sr. Dr. Pedro Augusto Ferreira, em que se nota a fórma de uma pyramide truncada de base quadrada.

Nos fragmentos de vasos encontrámos pastas muito grosseiras, umas vermelhas e outras cinzentas ou pardas. Pelas fórmas distinguiam-se os restos de um pichel de bico e de alguns vasos que tinham externamente um largo rebordo horizontal, saliente do fundo.

É notavel que nós tenhamos restaurado parte de um vaso d'este typo com fragmentos recolhidos nas ruinas do pequeno povoado da Espadaneira, proximo do Cabo Mondego, que são em tudo semelhantes ás de Porto Saboroso, perto de Brenha, onde um ceitil de D. João II, encontrado no pavimento de uma das casas, nos permittiu fixar a epocha a que pertence[1].

Esse vaso, que se acha exposto no Museu da Figueira, tem a fórma de um alguidar e é furado em muitos pontos.

Será a reproducção de um typo romano, conservado tradicionalmente na olaria peninsular, ou uma peça genuinamente romana, encontrada pelos moradores da Espadaneira em alguma estação das proximidades, e para alli levada?

---

[1] A descoberta recentemente feita em Lirio, proximo de Brenha, de restos ceramicos semelhantes aos de Porto Saboroso e da Espadaneira, associadas a ceitis de D. Affonso V, confirma que esses povoados são do seculo XV.

Digitized by Google

Esta ultima hypothese não é inverosimil, porque nos entulhos das casas d'este povoado recolhemos fragmentos de outros dois vasos com feição romana e um pedaço de rebordo de *tegula;* objectos bem differentes do resto da ceramica encontrada nas mesmas ruinas e nos de Porto Saboroso, mas que ao principio nos fizeram attribuir erradamente as primeiras á epocha romana.

Os orificios nos vasos constituem um interessante problema da archeologia. Nós temo-los encontrado em louças neolithicas, nas louças lusitanas dos castros das vizinhanças da Figueira e nas de fabrica romana.

Tendo de occupar-nos detidamente dos seus diversos destinos, nos estudos que estamos preparando á cêrca d'esses castros, só notaremos aqui que os vasos com o corpo e fundo esburacados e que não apresentam vestigios de serem applicados ao fogo, como o da Espadaneira, são os que mais duvidas suscitam á cêrca do seu uso.

A ornamentação dos vasos, tanto quanto póde apreciar-se por pequenos fragmentos recolhidos, é da mais singela. Consiste em linhas onduladas, em filetes contornando o bojo e guarnecidos de impressões que parecem feitas com os dedos, ou de pequeninas incisões traçadas com uma ponta qualquer, e ás vezes em linhas traçadas em ziguezague.

Nenhum fragmento d'essa ceramica a que, entre nós, alguns chamam *saguntina,* e a que em França se chamou *samiana,* mas que bons criticos reputam uma simples contrafacção romana da ceramica *aretina;* e, o que é mais notavel, nenhuma ceramica fina foi assignalada nos entulhos d'esta estação de Senhorim.

Como objecto de curiosidade recolhemos um pedaço de *tegula* com a impressão das patas de uma cabra, que sem duvida passara sobre a pasta quando ainda estava fresca.

*

Fronteira a está estação existe outra da mesma epocha, em uma encosta que fórma o predio do sr. Manoel Marques Serra do Amaral, de Villa Ruiva. Á superficie do solo abundam os fragmentos de telhas romanas, que a recente plantação da vinha espalhara em todos os sentidos. Contou-nos o proprietario que se havia encontrado alli um grande vaso, que os serviçaes partiram, assim como varios objectos de barro furados, que, pela descripção que nos fez, deviam ser pesos de tear, e duas pequenas mós dormentes de moinho.

Não pudemos explorar o sítio por causa das plantações, que seriam damnificadas. O proprietario offereceu-nos as duas mós; mas nós

Digitized by Google

sómente acceitámos uma. Tem o diametro de 0m,39 e altura de 0m,11 a 0m,14. A superficie da trituração eleva-se para o meio em fórma de campanula, no centro da qual existe um orificio de 0m,027 de diametro e de 0m,035 de profundidade, destinada ao eixo.

*

Não são estes os unicos vestigios romanos da região. De outros temos notícia em Villar Secco, nos predios do nosso amigo sr. Abilio de Brito Amaral, de Nellas, d'onde houvemos um pedaço de *tegula*, tendo um *sino-saimão* aberto na pasta, provavelmente com os dedos, quando ainda estava fresca.

A. Santos Rocha.

Grutas do Furadouro

Em 1880, por conta da Commissão dos Trabalhos Geologicos, foram exploradas duas grutas, no sítio chamado do Furadouro, na Serra do Montejunto.

Em Maio de 1894 o Sr. Antonio Maria Garcia, do logar de Pragança, deu, particularmente, notícia da existencia de outras duas grutas situadas no Furadouro, e tendo elle feito ali uma pesquisa, colheu, na camada de terra vegetal, que superficialmente constituia o solo, fragmentos de ceramica muito ornamentada, ossos humanos, dois cranios fragmentados, ossos de animaes, uma faca de silex, e dois machados neolithicos.

Em vista d'esta informação, em Setembro de 1894 recebi incumbencia da Direcção dos Trabalhos Geologicos, para proceder á exploração d'estas grutas, sendo acompanhado pelo Sr. Antonio Maria Garcia, que sempre me prestou valiosa coadjuvação.

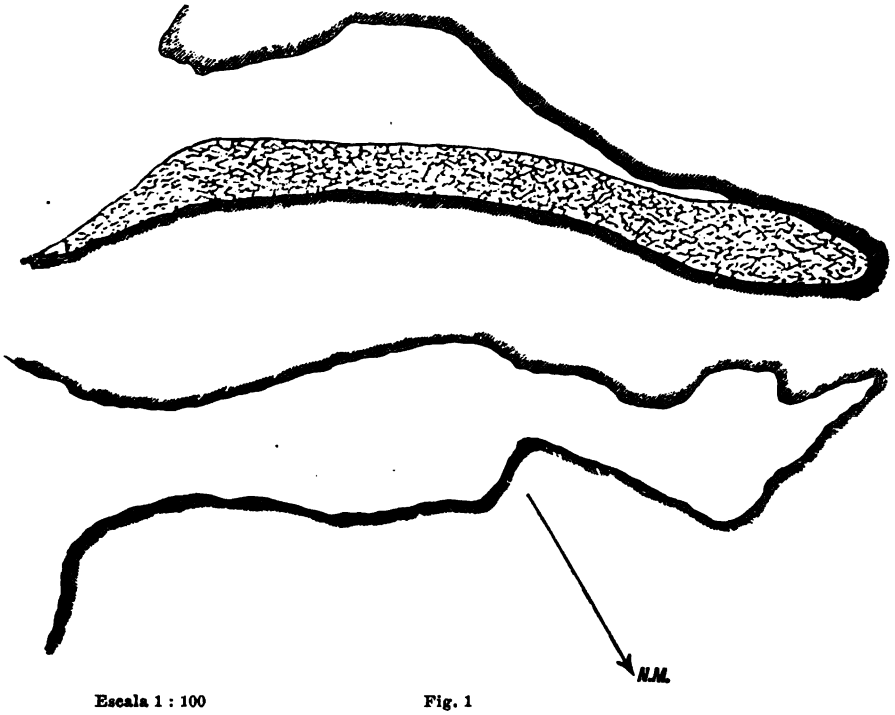
1. Topographia

O massiço calcareo de Montejunto é limitado a SW. pela portella de Villa-Verde, e ao NE. é cortado por uma depressão chamada o Furadouro, que passa entre o ponto culminante da Serra e o monte em cujo topo se levanta o signal geodesico do Espigão. Esta depressão constitue um valle, de vertentes alcantiladas, que vae descendo de

Digitized by Google

NW. para SE., indo abrir-se numa vasta bacia que se estende para S. e para L. do nucleo da Serra.

D'esta disposição do valle que, por ser muito apertado, constitue antes um corrego, cortado no calcareo, de declives rapidos, formando assim uma especie de sahida escusa e difficil da serra, parece vir-lhe o nome de Furadouro[1].



Escala 1 : 100 Fig. 1

Descendo o valle, quasi ao chegar onde, de estreito que elle é, se abre na região de pequenas altitudes, no topo de um desfiladeiro da vertente occidental, e no ponto onde a encosta offerece uma quebrada, a talvez mais de 70 metros acima do fundo do valle, acham-se situadas as grutas que foram chamadas do Furadouro.

---

[1] Furadouro — *port. ant.* — sahida, atalho pouco frequentado e pouco conhecido, por onde se póde fugir sem se ser visto. Tambem a *acolheita* ou refúgio, onde se podia estar sem se ser facilmente encontrado. — Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, s. v.

Digitized by Google

A encosta de declive asperrimo, coberta de vegetação agreste, densa e rasteira, é quasi inaccessivel. As grutas, abertas no calcareo jurassico, tinham a entrada occulta pelo mato que crescia em tôrno, e a espessa camada de terra vegetal que lhes cobria o solo tornava difficil o accesso no interior d'ellas.

2. Primeira gruta do Furadouro

As duas grutas exploradas acham-se a pequena distancia uma da outra, na mesma encosta. Descreve-las-hemos pela ordem por que foram exploradas, cabendo por isso o primeiro logar á mais septentrional d'ellas.

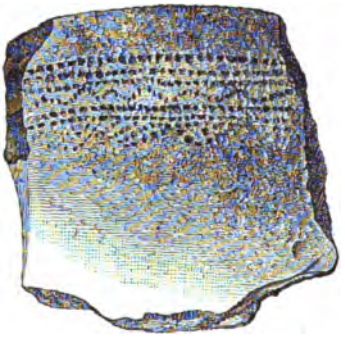


Fig. 2

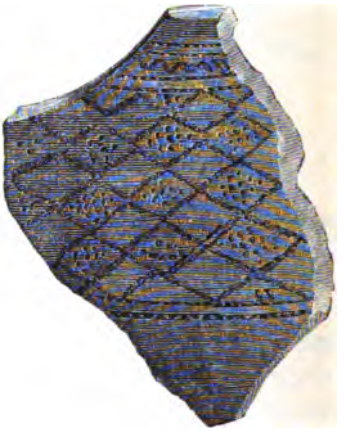


Fig. 3

Aberta no calcario jurassico, com as paredes e o tecto revestidos de estalactites, esta gruta volta para o nascente a sua entrada, de contorno ogival. Uma abertura natural, de secção circular, atravessando o calcareo a partir do tecto, e desembocando por sôbre a entrada da gruta, constituia uma especie de janella ou claraboia.

Dentro da gruta o solo era formado por uma camada de terra vegetal que envolvia muitas pedras, formando esta camada um leito proximamente horizontal, que distava $0^{m},80$ do vertice da bôca, a qual se achava fechada por grandes pedras.

Eram manifestos os signaes de que esta camada tinha sido revolvida.

Feita a excavação reconheceu-se que o contôrno da gruta fechava um recinto, em que se distingue um pequeno corredor de entrada,

Digitized by Google

uma primeira camara que se dilata ao fim d'aquelle, e finalmente uma segunda camara a qual se achava quasi completamente obstruida (planta — fig. 1).

Primeira camara. Na camada de terra vegetal que formava o depósito superficial no corredor de entrada, e na primeira camara, foram encontrados pelo Sr. Garcia, quando ali fez as primeiras pesquisas, os magnificos exemplares de ceramica ornamentada (figs. 2,

Fig. 4

3, 4 e 11), dois machados, um de diorite e outro de aphibolite, umam faca de silex de delicado retoque (fig. 5), muitos ossos de animaes e humanos, que se achavam dispersos, e dois cranios fragmentados. Todos estes despojos, segundo a informação do Sr. Garcia, foram encontrados em desordem e na zona superficial até a uns $0^m,6$ de profundidade. Os cranios estavam á entrada da primeira camara, a cêrca de $0^m,4$ de profundidade, um ao meio do recinto, o outro junto da parede. para SE.

Digitized by Google

Continuaram-se as excavações nesta camada até sua completa exploração, em todo o ambito da camara, sendo d'ella ainda retirados alguns restos de animaes, productos de industria, como estilhaços e nucleos de silex, e fragmentos de vasos de barro ornamentados, distinguindo-se entre elles um (fig. 6), pela pequena espessura das paredes, fina pasta, de que foi fabricado, e delicadeza de desenho. Da parte inferior d'esta camada foram retirados alguns fragmentos de conchas (Venus).

Levantada toda a camada de terra vegetal, de uns 0^{m},70 de espessura, foi posto a descoberto um deposito de areia vermelha sôlta, que envolvia algumas pedras, e constituia o solo virgem da gruta.

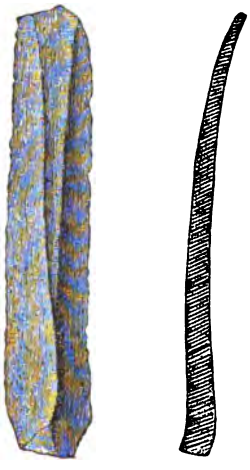


Fig. 5

Fig. 6

Este deposito continha envolvidos muitos detrictos organicos e incrustações calcareas produzidas pelas aguas de infiltração que cahiam do tecto, o que tudo lhes alterava o aspecto e a estructura, que era muito variada, havendo pontos onde o depósito calcareo era abundantissimo. Nestes pontos o solo apresentava-se por vezes compacto e resistente, outras desaggregavel, sendo caracteristica em todos os casos a brancura proveniente do depósito calcareo, mais accentuado sempre nos pontos correspondentes, inferiormente, ás estalactites do tecto, o que confirma a hypothese da sua origem.

Para completo reconhecimento do subsolo levou-se a excavação até descobrir a camada subjacente, que consistia num tufo compacto assentando directamente sobre o calcareo; pelo córte indicado na

Digitized by Google

fig. 1 se vê a disposição das camadas que formam o depósito interno da gruta. Só na primeira camada foram achados productos de industria e restos humanos ou despojos de animaes. As camadas subjacentes não apresentavam signaes alguns de terem sido revolvidas.

Segunda camara. — O recinto formado por esta é de menor ambito do que o da precedente. Achava-se quasi completamente obstruida pela terra vegetal que a enchia por completo, na parte posterior, e o seu pavimento no terreno virgem, offerecia uma differença sensivel de nivel em relação ao da primeira, passando-se de uma para a outra camara por um pequeno declive.

Fig. 7

A espessura da camada de terra vegetal era proximamente a mesma que na camara anterior. Por baixo d'esta camada revelou-se tambem um depósito alluvial que constituiu um tufo formado por elementos arenosos cimentados pela formação estalagmitica, variando muito a estructura d'este deposito, que por vezes era muito compacto e resistente, e que ia assentar sobre o calcareo, interpondo-se nalguns pontos um delgado folheto de calcareo estalagmitico.

Á entrada d'esta camara e na camada de terra vegetal, a pequena profundidade, foram encontrados muitos ossos de animaes, principalmente vertebras e ossos longos, e varios fragmentos de maxillares.

Digitized by Google

Tambem foram encontrados alguns ossos humanos: fragmentos do cranio de uma creança, ossos longos, muitos dentes, e o fragmento de um maxillar, notando-se neste, num dos dentes, e nos fragmentos de alguns ossos longos, signaes evidentes de terem soffrido a acção do fogo, verificando-se ao mesmo tempo a existencia de muitos carvões nesse depósito.

Como manifestação de industria existiam nelle alguns restos de ceramica ornamentada, muitos estilhaços de silex e um machado de amphibolite (fig. 7).

8. Segunda gruta do Furadouro

Esta gruta fica ao sul da que antes descrevemos, a pequena distancia d'ella, numa quebrada da mesma vertente do valle do Fura-

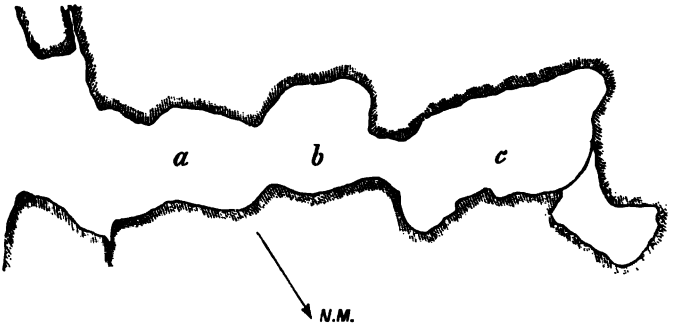


Fig. 8

douro, e tem tambem a sua entrada virada para o nascente. A sua situação muito acima do fundo do valle, numa encosta muito alcantilada, tornava-a de difficil accesso.

Pela planta (fig. 8) vê-se que esta gruta apresenta um vestibulo ou pequeno corredor de entrada *a*, uma primeira, e uma segunda camara, *b* e *c*.

As paredes e tecto apresentavam um revestimento estalagtitico, e o solo superficial era constituido por uma camada de terra vegetal, sôlta e granulosa, de uns $0^{m},30$ de espessura, em alguns pontos da qual se notavam os signaes da deposição do carbonato de calcio proveniente das aguas que cahiam do tecto.

Nesta camada encontraram-se fragmentos de ossos humanos, dentes de animaes, restos de ceramica grosseira e alguns estilhaços de silex.

Digitized by Google

A baixo d'esta camada o solo ia variando de aspecto, reconhecendo-se pouco a pouco a sua natureza arenosa, e notando-se em muitos pontos os vestigios da infiltração das aguas carregadas de carbonato de calcio.

A excavação proseguiu neste deposito, cuja espessura era de 0m,70 proximamente, sendo encontrados, no recinto da segunda camara, muitos ossos humanos pertencentes a varios individuos, dois estilhaços de silex, e uma ponta de setta de silex (fig. 9) de fórma particular, que apresenta nas arestas uma larga serrilha.

Sob o depósito de que acabamos de fallar encontrou-se nalguns pontos um delgado folheto estalagmitico, que recobria um tufo de estructura variavel, que constituia o deposito inferior da gruta, e cuja espessura era de uns 0m,30.

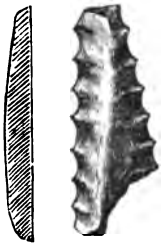


Fig. 9

Fig. 10

Era esta a estructura que se apresentava principalmente junto das paredes da gruta; em outros pontos, porém, era quasi indistincta a differenciação entre este depósito e o sobrejacente, sendo ella apenas caracterizada pelo estado de agglutinação das areias que as constituiam.

Este último depósito continha tambem ossos humanos, muitos dos quaes empastados no tufo estalagmitico, apresentando todos uma profunda alteração, e achando-se alguns mesmo completamente petrificados.

Este depósito ministrou apenas um instrumento neolithico: a setta trapezoidal de silex que vae representada na fig. 10.

4. Considerações geraes

Todos os restos de ceramica encontrados nestas duas grutas apresentam a textura caracteristica da ceramica neolithica; o typo de decoração por pontos e linhas rectas, que se nota nos das figs. 2, 3, 4 e 11, em que aliás se revela bastante arte, é tambem caracteristica d'aquelle

Digitized by Google

periodo. Emquanto á fórma dos vasos a que elles pertenciam, apenas podemos julgar pelo fragmento representado na fig. 11, o qual, como se póde facilmente reconhecer, pertence a um vaso em fórma de tulipa, analogo a outros encontrados no país, em estações do periodo neolithico, e de que é um typo muito perfeito um encontrado no dolmen de Mané-Bec-Portivi, em Quiberon[1].

A coexistencia, nos mesmos depositos, do mobiliario nitidamente neolithico, que recolhemos, e dos ossos humanos, levam-nos á conclu-

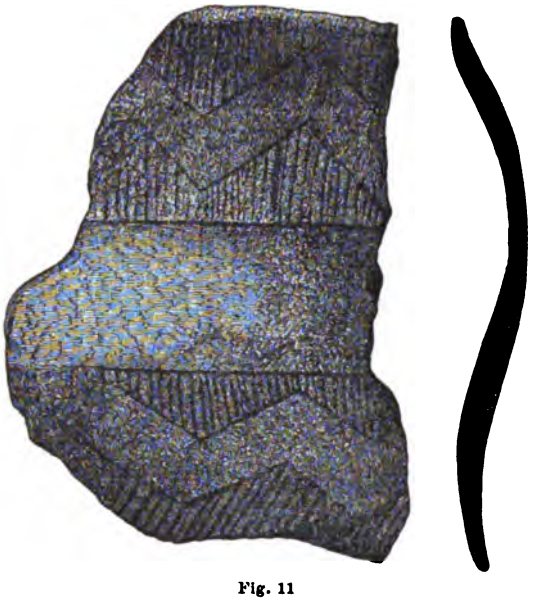


Fig. 11

são que estas duas grutas, como tantas outras, deviam ter servido de lugar de sepultura naquelle periodo lithico.

Dada esta hypothese, é natural suppor que devesse ter existido não longe do Furadouro, e por certo em um ponto elevado, e em condições defensaveis, uma estação prehistorica, por ventura um *castro,* contemporaneo d'aquellas sepulturas. Não encontrámos, porém, vestigio algum da presuppostа existencia d'esse *castro* nos pontos circumvizinhos do Furadouro que, pela sua natural disposição, no-la permittissem presumir. Sabe-se todavia que existiu uma estação neo-

[1] *Musée Préhistorique,* Mortillet, pl. LV, fig. 531.

Digitized by Google

lithica importante no ponto da Serra chamado o Castello de Pragança[1], e póde suppor-se que tivesse existido outra no chamado Castello-Velho[2], no ponto sobranceiro á aldeia de Rocha-Forte. Ambas estas estações, porém, acham-se assáz afastadas do lugar onde foram exploradas as grutas, que foram chamadas do Furadouro.

Maximiano Apollinario.

Gruta do Sêrro do Algarve

A uns quatro kilometros aproximadamente, e a nordeste, da povoação da Mexilhoeira Grande, do concelho de Portimão, ergue-se um monte a que dão o nome de *Sêrro do Algarve*. Corre-lhe junto ao sopé uma ribeira conhecida pela denominação d'*A Mulher Morta,* denominação que lhe vem do facto de, segundo conta a lenda, ter alli sido encontrado o cadaver de uma lavadeira que assim fôra punida por haver violado o preceito divino, indo exercer o seu mister em uma quinta feira do Corpo de Deus. Ainda a horas de meio dia, affirmam os camponeses do sítio, se ouve, a bastante distancia, o bater da roupa nas pedras, como a lembrar ás gerações o cumprimento da lei divina pelo castigo que recorda.

Mui perto do cabeço d'aquelle monte, e com exposição ao poente, encontra-se numa depressão do terreno a entrada da gruta, cujo nome serve de epigraphe a este artigo, a qual é constituida por um buraco por onde só se entra bastante curvado. Transposta ella achamo-nos numa sala, de fórma aproximadamente conica, e cujo tecto é formado por várias ondulações, umas proprias da rocha, resultantes outras das estalactites que d'elle pendem: ao seu diametro na parte inferior deve ser de uns seis metros; a sua circumferencia de uns dezaseis, e a sua maior altura de uns quatro. Á direita existe um cavidade cuja profundidade se não póde verificar por estar atulhada de pedras, sem dúvida alli lançadas pelos pastores, a qual péga com uma passagem ainda aberta e de pouca altura e extensão, e onde as estalactites, unindo-se ás estalagmites, formam verdadeiras columnas. O solo da sala de que

---

[1] Cfr. *O Arch. Port.*, I, pag. 5–6.
[2] Vid. *O Arch. Port.*, I, pag. 49 sqq.

Digitized by Google

se trata é constituido por uma grossa camada de terra vegetal para alli acarretada pelas aguas da chuva, pois que a sua entrada se acha inclinada em relação ao terreno circumjacente. Na sua parede-norte abre-se uma especie de corredor que segue na direcção noroeste e por onde se entra de pé para poucó depois se caminhar quasi sempre bastante curvado e nalguns pontos mesmo de gatas, em virtude de muitas pedras disseminadas por todo elle, algumas de consideravel grandeza, as quaes se nos affigurou terem-se desprendido do tecto. Calculámos nuns quarenta metros a extensão d'esse corredor que termina por uma grande fenda, incapaz porém de dar passagem a um homem, além da qual se percebe a sua continuação. A obra de metade d'este corredor ha outra cavidade de metro e meio de profundidade, que continúa depois, mas em pequena extensão. O tecto está totalmente coalhado de innumeras estalactites. É tão variado e caprichoso o seu aspecto, que a imaginação do povo vê nellas verdadeiras figuras humanas, que elle crê serem de moiras encantadas. Nenhum vestigio, é claro, apparece alli por onde se possa inferir ter infallivelmente sido habitada em epochas prehistoricas a gruta; a circumstancia, porém, de por todos aquelles contornos terem apparecido, em grande abundancia, artefactos de primitivas civilizações, junta á tradição de haverem alli vivido os Moiros, nome pelo qual o povo, entre nós, designa em geral quantos povos aqui deixaram monumentos bem visiveis de sua passagem, e mesmo a feição d'ella, levam-nos a crer que não deixariam de a aproveitar para sua morada os homens da edade da pedra. Affigura-se-nos até que em tão remotas eras a sua entrada seria conformada de modo que désse entrada a um homem de pé, e tanto a sala como o corredor que se lhe seguem teriam muito maior largueza e altura. Cremos, pois, que uma exploração bem dirigida não deixaria de encontrar alli provas bem evidentes da sua antiga adaptação a morada humana, quando não no solo actualmente existente, certamente sob a camada estalagmitica, como tem succedido em outras muitas grutas.

Lagos.

José Joaquim Nunes.

«Não ha quasi mosteiro ou igreja antiga em que se não encontrem lapidas de diversas idades, mais ou menos bem conservadas, posto que muitas se destruírão já, ou se enterrárão em alicerces de obras».

João Pedro Ribeiro, *Reflexões historicas*, I, 18.

Digitized by Google

A Philatelia

É evidente o rapido desenvolvimento que os estudos philatelicos tem tomado em todos os países; proclama-se já a sua singular importancia, como novo elemento de proficiente e amena cultura intellectual. Se é certo que as primeiras collecções de estampilhas postaes representavam simples curiosidade—ás vezes, até passatempos meramente infantis, e exhibiam acondicionamentos mais ou menos gratuitamente phantasiados, não menos exacto é, que, em pouco tempo, alguns de taes agrupamentos deixaram transluzir um verdadeiro thesouro de factos, surgindo, então, os trabalhos de classificação e investigação systematica: e d'esta formalização de estudo, modestamente surgiu a *Philatelia*—ramo modernissimo dos fecundos estudos historicos, no qual ha tambem uma secção archeologica, como na Numismatica.

Com identica synthetisação de elementos esparsos várias outras sciencias nasceram:—á astrologia judiciaria seguiu-se a astronomia calculada, como á imaginosa theogonia a theologia erudita; anteriormente á sábia fixação dos estudos physico-chimicos, reinaram os alchimistas medievaes, buscando com as suas acções e reacções o fatidico rasto da encantada pedra philosophal; as proprias sciencias, que respeitam á organização e conservação da especie humana, a anatomia, a pathologia, a hygiene e a therapeutica actuaes, tambem não eram assim nos tempos de Hippocrates e Galeno; do magnetismo animal brotou o hypnotismo de agora, succedendo-se aos nomes de Mesmer e Puysegur os de Braid e Charcot. Illusões de ontem, verdades de hoje!—pessimo systema é o das negações a *priori*.

Pois á mesma lei de perfectibilidade logica se vão subordinando os modernos estudos *philatelicos* com o vasto alcance historico, que as edades futuras lhe hão de conhecer e acatar. Uma collecção de estampilhas postaes póde ser mera curiosidade ou luxo para um profano, e, todavia, para o homem de sciencia póde valer um arsenal diplomatico, que lhe recorde e perpetue assignaladas revoluções politicas e sociaes. Á incipiente *philatelia* não faltam livros revistas, e catalogos no seu genero; tem já uma litteratura sua.

A este proposito, recommendamos os jornaes distinctos na especialidade, como são os seguintes: *Deustchen-Briefmarken-Zeitung,* de Allemanha; *Intermédiaire de la Timbrologie,* de Paris; *Monthly Journal,* de Inglaterra; e *Roma Filatelica,* de Italia.

Louvamos os philatelistas, que, em suas estudadas selecções, procedem com uma orientação verdadeiramente scientifica.

Digitized by Google

Tudo, com effeito, póde ser alvo de sciencia cujo objecto geral é a verdade, isto é, o ser, na multiplicidade de fórmas e manifestações. e nas condições da sua legitimidade. Mas a sciencia não consiste na agglomeração de factos simplesmente juxtapostos; é um todo organico. articulado, onde os assumptos se ligam e enleiam,—um systema em que as noções, em seu encadeamento logico, são a evolução de um determinado princípio.

O saber é immenso como o universo que pretende abarcar, e, como elle tem o seu centro em toda a parte.

Faro.

Monsenhor Conego — J. M. Pereira Botto.

Archeologia[1]

Pulpito da Igreja de Jesus em Setubal.—Projecto de um Museu Archeologico em Setubal

O sr. Januario da Silva, provedor da Misericordia, mandou restaurar um antigo pulpito, que estava inutilizado na cêrca contigua á igreja de Jesus.

É de marmore da Arrabida, como o portico, janellas, columnas e laçaria do tecto da dita igreja.

Devia ter sido posto em desuso quando se fez o que ainda existe na mesma igreja com bellos lavores de talha dourada.

O pulpito em restauração, se não se torna notavel como obra de arte, merece aprêço pela sua antiguidade.

Ao traçarmos estas linhas occorre-nos a ideia de que, pela pouca altura do supporte do mencionado pulpito, poderá julgar-se que elle tivesse servido não na igreja, mas no refeitorio do convento ao qual ella pertencia, antes d'esse refeitorio ser reconstruido e de se collocar o pulpito que lá está e parece relativemente moderno.

A não ser fundada esta hypothese, e querendo-se optar pela de que o pulpito agora em restauração estava na igreja, é forçoso admittir que a sua base deveria ser mais alta do que aquella em que actualmente assenta.

Seja como for, applaudimos a resolução do sr. provedor da Misericordia.

---

[1] Este artigo foi primeiro publicado em *O Elmano*, n.º 317, de 21 de Abril de 1897 (sem o nome do auctor).

Digitized by Google

*

Consta-nos não estar ainda escolhido o lugar em que ha de ser posto o sobredito pulpito, por isso pedimos licença para lembrar quanto elle ficaria bom na casa chamada do capitulo.

Essa casa, que abre para o formoso claustro de caprichosa arcaria, e onde jaz a fundadora do convento, Justa Rodrigues Pereira, ama d'el-rei D. Manuel, é, pela sua construcção e mais condições, apropriada para servir de museu de objectos antigos que ahi se poderiam recolher, sendo o primeiro o vetusto pulpito.

Alguns capiteis, fustes, misulas, azulejos antigos e outros objectos dignos de conservar-se, e que se encontram dispersos pela cêrca e officinas, poderiam ser alli convenientemente guardados.

Assim se formaria o nucleo de um museu onde se iriam reunindo outros objectos proprios para nelle terem cabimento, entre os quaes não seria talvez difficil fazer figurar alguns exemplares de ceramica romana, e alguns instrumentos prehistoricos dos achados nas terras da Quinta do Anjo e Barris.

Virá tardia a obra da qual apresentamos a ideia inicial; mas visto que deixaram ir para fóra de Setubal tantos objectos de valor artistico e archeologico, incluindo os tirados da vizinha Troia, e entre esses até a estatua romana, por tantos annos embutida no angulo do antigo palacio dos Salemas, façamos o possivel para reunir ainda o que restar, sem renunciar á esperança de readquirir o que levaram.

Setubal.

Manuel Maria Portella.

Museu Municipal de Bragança

Para este Museu, ha pouco fundado pela Camara Municipal de Bragança, entraram os seguintes objectos:

Secção archeologica:

a) Epocha prehistorica:

Quatro machados de pedra, da epocha neolithica, encontrados no termo de Argozello;

Um fragmento de um machado de cobre, achado no mesmo termo;

Um fragmento de objecto de bronze, idem;

Um pequeno objecto de cobre, encontrado no sítio da Cocalha, termo de Angueira.

6293734

Digitized by Google

b) Epocha romana:

Tres inscripções romanas, encontradas no *castro* de Sacoias;

Um pêso de pedra (romano?) encontrado no mesmo *castro;*

Cinco moedas romanas, uma das quaes de um imperador do Oriente;

Uma moeda cunhada pelo municipio de *Bilbilis,* achada nas ruinas do *castro* de Alimonde;

Uma dita, tendo numa das faces a figura de Diva Faustina, mulher do imperador romano Marco Aurelio, encontrada no termo de Argozello;

Alguns fragmentos de louça e telha, do *castro* de Alimonde.

c) Epocha portuguesa:

Setenta e quatro moedas de differentes reinados, sendo doze de prata e as restantes de cobre;

Um camafeu, tendo o busto de um dos duques de Bragança, encontrado nuns entulhos, na Estacada;

Uma pedra, notavel pelo trabalho que apresenta, achada no limite da Soalheira, de S. Miguel e onde ha vestigios de povoação antiga;

Uma interessante alabarda, encontrada em Val da Madre, de Mogadouro;

Um fragmento de louça, com ornatos, encontrado nos valles de uma povoação extincta, termo de Argozello;

Um escapulario, muito curioso e interessante, encontrado nas ruinas do castello de Mogadouro;

Um fragmento de uma espada, encontrado no limite da Soalheira, de S. Miguel;

Um laço usado pelos liberaes quando entraram em Lisboa.

*

Alem d'estes objectos, entraram mais os seguintes pertencentes a esta secção:

Uma medalha de cobre de Luiz XVI, encontrada em Miranda;

Uma moeda de cobre inglesa;

Duas moedas de cobre hespanholas;

Tres valiosos pentes de tartaruga, do tempo do Imperio.

*

Para a secção de Artes e Industrias entraram varios artefactos, e para a de Historia Natural alguns exemplares mineralogicos.

P. Belchior da Cruz.

Digitized by Google

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

91. Cambra[1] (Beira)

Torres antigas

«Há nesta freguezia junto ao lugar de Cambra debaixo huma torre muito antiquissima e muito alta, que nam ha noticia do seu fundamento junta ha Irmida do Spirito Santo que se colhe alguma dos habitadores que no dito citio havia hum palacio e cazas nobres, e que o tal citio hera couto e azilo dos que heram preseguidos para militares e criminosos ahonde se recolhiam e viviam com o seguro da sua liberdade e junto a dita torre esta hum carvalho tambem antiquissimo etc.». (Tomo VIII, fl. 360).

«Ouve no lugar de Caveyros debayxo huma torre cujo citio se chama inda hoje citio da torre em cujo citio ha fazendas foreiras e cazais que pagam os foros á caza da Cavalaria da Villa de Vouzella[2] distante deste citio huma legoa. Esta se acha disrupta e com poucos vestigios do seu fundamento etc.». (Tomo VIII, fl. 361).

92. Cambres (Beira)

Objectos encontrados. — Crasto. — Minas de estanho

«He a base, principio e fundamento desta freguezia de Cambres, nome este que addequerio do tempo que os mouros a pessuirão; pois nella fizeram habitassam, o que não só consta por tradissam, mas tãobem se colhe porque haverá sessenta annos, que em hum cabeço que sobre iguala a Igreja matris desta freguezia hum tiro de espingarda, ao nascente apareçeram algũas prendas, que bem mostravão ser despojos daquella barbara nasçam. Couzas que apareseram do tempo dos mouros. Huma bigorna, das que os ferreiros uzam no apurado exercicio das suas fabricas a qual não servio de pouca utelidade temporal ao comprador, pois assi que o fes sua, deixado logo o oficio, se mostrou

---

[1] Provirá este nome de *Calambria*, nome de povoação citado nos *Port. Mon. Hist.*?

[2] Nos *Port. Mon. Hist.*, pag. 272, encontra-se o seguinte: «vaucella subtus mons aguto territorio alahonense discurrente ribulo uouga»; parece portanto vir *Vouzella* de *Vouga* assim como *Vizella* (Avicella) de *Ave*.

Digitized by Google

tam abundante de cabedaes, que deo forçozos motivos, para se conjeturar hera de ouro; porque achandosse tãobem naquelle citio huma eixada, com que as terras se costumam cortar se achou ser de bella prata. Apareceram mais algũs alfinetes de fino ouro na sua grandeza mayores que os de toucar e outros trastes, que os cultores das vinhas daquele citio chamado Chrasto com o seu cothediano trabalho cazualmente descobriram. Já havia maes annos tinha aparecido hum sino de ademiraveis metaes que ainda hoje serve de cuidadoso despertador dos ouvidos e coraçõis catolicos, e reclame spiritual para os officios devinos; e ainda que com augmento de metaes na segunda fundissam em altas e bem conçertadas vozes publica a qualidade excellente de seus primeiros». (Tomo VIII, fl. 365).

«..... em hum citio chamado Penna Curva houve minas de estanho que se ficharam por ordem que veyo de Lisboa naquelle tempo. (Tomo VIII, fl. 389).

98. Campanhã (Entre-Douro-e-Minho)

Minas. — Etymologia popular. — Ruinas

«..... para a parte do Nascente algũa parte da freguezia de sam Verissimo de Valbom e tambem o monte ou outeiro do Crasto, da freguezia de são Cosme.....; e he a dita serra (*de Santa Justa*) bem conhecida, não só pella sua eminencia mas tambem pellas minas de ouro que nella descobrirão os mouros quando no anno de 714 dispois de vencido D. Rodrigo, ultimo Rey dos Godos occuparão a nossa Espanha; e ha poucos annos mostrou esta verdade a experiencia, quando com licença de Sua Magestade no anno de 1717 tirarão os Ministros pellas mesmas antigas gruttas ouro de finissimos quillates, ainda que não continuarão o emprego por não corresponder o lucro ao trabalho e despeza». (Tomo VIII, fl. 400).

«..... tomando o primeiro (*titulo de Santa Maria de Campanhã*) e juntamente a terra (conforme a tradição vulgar) do sittio de hũa campanha[1]; onde dispois [depois] de vencidos os mouros pellos Christãos foi achada a Imagem da Senhora que he de pedra. (Tomo VIII, fl. 401).

«O sittio do acampamento dos dous exercitos Christãos e Barbaros, dizem alguns velhos ainda existentes, que foi da preza velha que está no lugar ou aldea da Formiga até a Quinta da Chyna, onde hoje exis-

[1] Num doc. do anno 1058 (*Port. Mon. Hist., Dipl. et Chartae*, pag. 251) vem a seguinte notícia «villa Campaniana sub alpe Castro Gondemari».

Digitized by Google

tem ainda alguas memorias das Trincheiras e ataques[1] que as que acordarão os ditos velhos na preza velha e Quinta do Prado os forão desfazendo os Lavradores para cultivarem as terras, quando não bastara a diuturnidade dos tempos para conssumillas etc». (Tomo VIII, fl. 402).

94. Campo (Alemtejo)

Ruinas da antiga povoação

«..... estão dezanexados da Igreja [os beneficiados], e rezão as horas canonicas na Igreja vizinha de Santa Maria de Evoramonte, e o Prior não tem obrigação de choro; e isto por cauzas antiquissimas, que se não sabem, mas prezumesse forão guerras que destruirão a terra (a qual he tradição constava de 600 vizinhos, e estava situada na rais do monte ao pê da Igreja, e ahinda hoje se vem alguns vestigios e alicesses) e deixarão o castello no alto do monte, onde está plantada a pequena villa de Evora Monte». (Tomo VIII, fl. 468).

95. Campo[1] (Entre-Douro-e-Minho)

Ruinas no Casal Velho. — Caracteres desconhecidos

«Ha tradição que esta Igreja estivera algum dia no sitio, ou lugar, que hoje se chama Casal Velho, aonde se achão vestigios disso, como são muitos tijollos, e sepulturas que lá apparecerão enterradas; e que nesse tempo era esta freguezia mixta e unida á de São Thiago do Couto, que he hoje annexa a esta; porem outros affirmão que fora ahi convento de Freyras, e que morrerão todas de ver um basilisco»[2]. (Tomo VIII, fl. 474).

«Foy esta Igreja em outro tempo Abbadia; e não só por documentos antigos, mas tambem por hũa inscripção que se achou em hum tumulo, que estava mettido na parede antiga da dita capella das Almas, se colhe ser o ultimo Abbade della hum Jorge de Miranda, que floreceo na era de 1508 etc.». (Tomo VIII, fl. 476).

---

[1] A lenda da expulsão dos mouros da provincia d'Entre-Douro-e-Minho vem já apontada no *Nobiliario* do Conde D. Pedro (*Port. Mon. Hist., Script.* 277) na historia do rei Ramiro e conquista de Gaia, onde se diz de Cid Aboazar que «fez muitas lidas com mouros, e tirouos de Sam Romãao e de Crasto d'Aueoso e de Crasto de Gomdomar e de Todea, etc.» Cfr. o n.º 69 d'esta collecção.

[1] Comarca de Barcellos.

[2] Numa capella nos arredores de Santarem conserva-se um basilisco de metal, chamado vulgarmente *basalisco* ou *badalisco*, em memoria de certo caso. No sec. XVI dava-se o nome de *basilisco*, assim como o de *falcão*, a uma variedade de bombardas.

Digitized by Google

«Nas paredes da Igreja velha, que havia antes da nova, que hoje existe havia hũa inscripção ou hũa pedra, que a incuria dos pedreyros sepultou nos alicerces da nova, a qual tinha uns caracteres, que nunca ninguem pode ler, e ao pe delle hũ tumulo lavrado com bastante primor». (Tomo VIII, fl. 477).

96. Campo[1] (Entre-Douro-e-Minho)

Cavidades na Serra de Vallongo

«Dizem huns que muytos fojos que ha na dita Serra (*de Vallongo ou S. Martinho*) *de quibus infra,* forão feytos por quem tirava ouro, o que se lhe impedira pella Real Magestade, outros que ficaram feytos pellos Mouros». (Tomo VIII, fl. 508).

«Fojos. Convidey a dous homens a que me fossem examinar a parte da Serra a que chamão de Valongo ou Santa Justa quanto ao districto e lemite desta freguezia athe adonde faz bayxa por donde atravessa o dito rio Ferreyra, e acharão que entre muytos fojos que nella ha os mais notaveis são 113 de altura pouco mais ou menos huns de 40 outros de trinta, e outros de vinte braços. E outros dous homens que forão examinar a mesma Serra desde o dito Rio athe a dita Cova ou Pia de São Martinho, entre outros acharão mais notaveis e altos 208 fojos de altura de trinta e vinte braços, pouco mais ou menos, e que alguns mostravão que no fundo fazião passagem de huns para outros». (Tomo VIII, fl. 510).

97. Campo de Gerez (Entre-Douro-e-Minho)

Defesa popular da fronteira. — Estrada romana da Geira

«Não he a freguezia murada, tem sim hũ muro na caza da Guarda chamado o Corpo da mesma Guarda e outros lhes dão o nome da Trincheyra, reparado á poucos tempos; e este he o lugar e donde os Concelhos da Terra de Bouro, Santa Martha de Bouro, Couto de Souto, fazem o seu corpo da Guarda. Não tem torres, nem castello, porem proximo ao dito muro distancia de meyo carto de Legoa se achão penhas de bravos penedos tam fortissimos e inexpugnaveis a mayor violencia dos inimigos, e logo ao pé da mesma Trincheyra, está huma Caza, que serve de recolhimento aos que guardão a pasage, e passando a via mililar da Geira entre a dita Trincheyra, e a portela de Homem

[1] Comarca de Penafiel.

Digitized by Google

está hum muro aruinado por ser mudado este para milhor furtificação no sitio aonde de prezente se acha». (Tomo VIII, fl. 525).

«Esta Igreja de São João do Campo que se acha proxima a rezidencia teve algum dia o seu principio na veiga de São João, da qual foy mudada pera o lugar donde se acha pela informação que me deu o dito Padre [*José de Mattos Ferreira*] o qual dizia asistirão naquelle sitio os Cavalleiros Templarios, e ainda hoje se estão vendo no mesmo sitio paredes e tijolos tudo proximo a via militar per donde se achão quantidade de Padrons de pedras huns inteyros, e outros levantados, com os seus caratheres que o dito Padre copiou com a declaração do que dizião que remeteo a Dom Jeronimo Contador de Argote dando noticia de toda a estrada que pesoalmente andou athe chegar a Cidade de Lugo do Reyno de Galliza». (Tomo VIII, fl. 538).

98. Campo Maior (Alemtejo)

Ruinas. — Fragmento d'uma inscripção romana

«Neste citio estão humas colunas de pedra a obra que parece ser dos Romanos com varios caratheres que já se não podem ler e apenas em hũa dellas se percebe a palavra EMERITENCIS (*sic*) e o tempo tem descuberto neste lugar outros sinais de edeficios». (Tomo VIII, fl. 572).

99. Canal (Alemtejo)

Logar onde houve um templo attribuido a Venus. — Torre de Viriato (lenda)

«Nesta Eminençia está a Ermida de São Gens no mesmo lugar situada em que a Idulatria tinha colocado hum Sumptuoso templo consagrado a Deuza Venus: vai a esta Ermida huma Romaje em 25 de Agosto, em que se festeja como advogado contra o pulgão: he grande o concurço de gente de todas as povoaçoys vezinhas nelle asiste hum Ermitão em huma cazinha proxima a Ermida: teve esta grande ruina [em 1755] por cauza de cair sobre ella a parte de huma grande torre, a que está chegada; porem ia esta reteficada». (Tomo VIII, fl. 598).

«..... ha no seu distrito huma torre munto antigua, proxima a Ermida de São Gens de que ia falamos; chamaçe a torre da Vegia, por servir de Atalaya daonde o grande Veriato Luzitano observava todo o movimento dos Romanos quando se retirou a esta Serra (*de S. Gens*) a esperar ocazião de combater com seus exercitos pello terremoto de 1755 ficou totalmente demolida e deribada a quarta parte da dita torre e asim se conserva». (Tomo VIII, fl. 599).

Digitized by Google

100. Candedo[1] (Trás-os-Montes)

Sepulturas dos mouros

«No alto desta Serra (*do Eivado*) aonde chamam as Campas-do-Ladrilho de cuja eminencia se descobrem varias terras e concelhos e como sam de Ansiains, o de Villa Frol, Villas Boas, Frechas, Mirandella, Braguança, Chaves, Lamas e Abreiro, Alfarela e Alijó e Favaios do bispado de Miranda e a Serra de Bornes de Monte Mejo que dista desta seis Leguas e no mesmo sitio se acham humas campas de pedra onde dizem antiguamente se emteravam os moiros e na mesma Sera em alguns boqueirõis abertos que dizem eram dos moiros que dizem asestiam na Sera de Lamas de Orilham que está defrente desta huma Leguoa». (Tomo VIII, fl. 642).

101. Candomil (Entre-Douro-e-Minho)

Achado de moedas

«No Anno de 1750 no citio chamado as Chans (?) que he huma Tapada do paçal desta Igreja cauando hum homem debaxo de hum penedo por acazo se achou grande coantidade de moeda sem ser ouro nem prata nem cobre ao parecer como bronze, a moeda do tamanho dos de trez, sinco e dez Reis de agora, de huma parte da moeda com suas Armas e Letreiro que se nam pode ler, e da outra parte em algumas pintado um homem de cavalo, e outras huma cara de homem, pareçe ser moeda que correçe no tempo dos Romanos, godos ou mouros, nam se pode dereter o metal por deligencias que me dizem algumas peçoas fizeram, nam foi util pera nada. Neste mesmo citio ha huma Ruina antigua que dizem os naturaez ser de huma Capela, invocaçam de Sam Domingos que ainda conçerua o nome, os edificioz da Ruina mostram ser de coiza maior». (Tomo VIII, fl. 658).

Pedro A. de Azevedo.

«as ruinas do passado..... são a historia, são a fé, são a indole das gerações extinctas».

C. Castello Branco, in *Museu Illustrado*, I, 200–201.

---

[1] Termo de Murça. *Murça* chamava-se antigamente *Mussa* ou *Muza*.

Digitized by Google

Acquisições do Museu Ethnographico Português

55. O Sr. **Gabriel de Almeida Santos** offereceu ao Museu:

a) tres machados de pedra polida achados em Sacavem;

b) diversos fragmentos ceramicos ornamentados, da necropole do Val de S. Martinho (Sintra).

Cfr. os n.ºs 42 e 56 das *Acquisições* do Museu.

56. Da necropole do Val de S. Martinho, explorada pelo Sr. Maximiano Apollinario (vid. *O Arch. Port.*, II, 210 sqq.), vieram para o Museu os seguintes objectos:

a) varios fragmentos de vasilhas de barro ornamentados;

b) quatro facas de silex, e dois fragmentos de outras;

c) uma ponta de lança de silex;

d) uma ponta de setta;

e) uma conta de ribeirite;

f) varios objectos de calcareo e de osso, que, sommados com os que offereceu o Sr. **Manuel José de Oliveira** (vid. *O Arch. Port.*, II, 160, n.º 42), perfazem o número de dezanove, sendo 14 de calcareo e 5 de osso, — cujos typos estão quasi todos mencionados n-*O Arch. Port.*, II, 210 sqq.

g) um pequeno instrumento de pedra (mão de mó?);

h) um machado de pedra polida.

57. A Exma Sr.ª D. **Rita Sebastiana Celorico Palma**, dos Colgadeiros (Mertola), offereceu sete botões de madeira (industria pastoril alemtejana).

58. O Sr. **Francisco Silvestre de Sousa Rocha**, de Castro-Marim, offereceu ao Museu o seguinte:

a) um sello pendente, de chumbo;

b) um *dinheiro* de D. Dinis;

c) cinco ceitis, — de D. Affonso V (tres), de D. Manoel e de D. João III.

59. Recolheu-se no Museu uma ponta de setta de silex, proveniente da anta do Freixo, arredores de Evora, propriedade do Sr. **Duque de Palmella.**

60. O Sr. Dr. **Felix B. Alves Pereira**, dos Arcos-de-Val-de-Vez, offereceu um par de brincos de vidro (industria popular minhota).

Digitized by Google

61. Entrou a lapide romana, de Caparide, cuja inscripção se publicou a pags. 248–249 do vol. I d-*O Archeologo Português*. Adquirida por compra.

62. O Sr. **Julio Navarro**, estudante, offereceu tres instrumentos de pedra polida provindos de entre Parede e Carcavellos (arredores de Lisboa).

63. Adquiriu-se por compra a cabrinha de bronze cuja estampa se publicou a pag. 296 do vol. I d-*O Archeologo Português*.

64. O Sr. **José Maria Pereira** offereceu ao Museu os seguintes objectos:

a) um grande-bronze de Domiciano, apparecido na freguesia de Aguas Bellas, sítio da Decumbada (Ferreira do Zezere);

b) um grande-bronze de Hadriano, apparecido no concelho de Ferreira do Zezere;

c) tres reaes de D. João III;

d) um *dinheiro* de D. Affonso IV (Vide Aragão, n.º 2);

e) uma medalha christã (de Santo Anastacio).

65. O Sr. P.e **José de Almeida e Silva**, de Aldeia, freguesia do Pindo (Penalva do Castello), offereceu-me:

a) dois machados de pedra polida encontrados nos arredores d'aquella povoação;

b) um machado da mesma natureza, provindo dos campos da Moradia (Penalva do Castello).

66. Entraram:

a) um machado de pedra polida, provindo dos campos das Lamas (Sátão);

b) outro dos campos das Infias (Fornos de Algôdres);

c) um rebolo de pedra polida (percutor), que actualmente servia de pêso na Queiriga (Sátão);

d) um machado polido dos arredores do Casal-da-Serra (Figueira da Foz).

67. O Sr. **João Patricio de Albuquerque e Castro e seus irmãos**, de Esmolfe (Penalva do Castello), offereceram-me:

a) tres machados de pedra polida, encontrados nos arredores d'aquella aldeia;

Digitized by Google

b) o fragmento de uma inscripção romana inedita, com o nome de um deus indigena;

c) um *vestigium;*

d) uma colhér de chifre, feita pelos pastores da Serra da Estrella.

68. Entraram os seguintes objectos:

a) doze facas de silex, e sete metades de outras;

b) cincoenta pontas de setta de silex, e tres metades de outras;

c) tres grandes fragmentos de lanças de silex;

d) um nucleo de crystal de rocha;

e) quinze machados de pedra polida, e metade de outro;

f) dois percutores de pedra arredondada;

h) seis testos de granito, sendo um provído de cabo;

i) dois vasinhos de barro quasi inteiros; um grande com uma falha; muitos fragmentos de outros, sendo um com ornamentação pontuada;

j) um pequeno disco de pedra;

k) um pedaço de pedra, que parece estar talhada para depois se fazer d'ella um machado;

l) uma pedra de afiar instrumentos;

m) um machado de pedra, com um sulco transversal;

n) quatro pedras excavadas e polidas (segundo creio, de polir instrumentos).

Todos estes objectos foram achados na *orca* (dolmen) do Tanque, ao pé do Carvalhal (concelho de Sátão), explorada por mim em Setembro de 1896. Ahi appareceram tambem uns objectos de barro, um inteiro e outro fragmentado, que pertencem á epocha romana, e por tanto são muito mais modernos que os primeiros. A epocha do dolmen era puramente neolithica, como outros da mesma região.

69. Entraram os seguintes objectos:

a) dois vasos de barro quasi inteiros, e quatro grandes fragmentos de outros;

b) um grande machado de pedra;

c) uma ponta de setta de silex, e uma ponta de setta de crystal de rocha;

d) um fragmento de faca de silex;

e) dois nucleos de crystal de rocha;

f) tres pequenas contas de schisto;

Todos estes objectos provém da *orca* (dolmen) de Forles, no concelho de Sátão, explorada por mim em Setembro de 1896. Epocha neolithica.

Digitized by Google

70. Entraram na Museu duas pequenas pedras affeiçoadas, cujo uso não será facil indicar, e uma pedra excavada e polida, que terá servido de alisar instrumentos de pedra: provém da *orquinha* (pequeno dolmen) da Bouça, ao pé do Carvalhal, concelho de Sátão, explorada por mim em Setembro de 1896. Nella appareceu tambem um fragmento de barro romano.

71. Entraram os seguintes objectos:

a) sete machados polidos e dois fragmentos de outros;

b) um machado polido com um furo no cabo;

c) uma pequena pedra arredondada e lisa;

d) um vasinho de barro.

Objectos provindos da *orca* (dolmen) do Fojinho, ao pé da Queiriga, concelho de Sátão, explorada por mim em Setembro de 1896.

72. Entraram os seguintes objectos:

a) tres pontas de settas de pedra, sendo uma inteira e duas quasi inteiras;

b) um pequeno estilhaço de silex, e dois pequenos estilhaços de crystal de rocha, sendo um, ao que parece, affeiçoado para vir a servir de ponta de setta; fragmentos de vasos.

Objectos provindos da *orca* de Cortiçô de Algôdres, concelho de Fornos de Algôdres (1896).

73. Entraram os seguintes objectos:

a) nove vasos de barro, sendo dois ornamentados; e fragmentos de outros;

b) quatorze testos de granito;

c) oito instrumentos de pedra (de granito e de seixo) arredondados, que parece terem sido percutores;

d) uma faca de silex;

e) seis pedras de granito excavadas e polidas (segundo penso, pedras de polir instrumentos).

Tudo isto provem da *orca* dos Juncaes, ao pé de Queiriga (Sátão), explorada por mim em Setembro de 1896. Ahi appareceram tambem alguns fragmentos de barro romano (tegulas).

74. Entraram:

a) um machado de pedra;

b) uma pedra excavada e polida, que terá servido de polir instrumentos de pedra.

Digitized by Google

Provém da *orquinha* dos Juncaes (pequeno dolmen), situada a poucos metros de distancia da orca mencionada sob o n.º 71, e explorada por mim em Setembro de 1896.

75. Entraram mais:

a) um testo de granito;

b) uma pedra de afiar;

c) uma ponta de setta, e parte de outra;

d) fragmentos de vasos de bárro.

Objectos provindos da *orca* do Seixinho, ao pé da Queiriga (Sátão), explorada por mim em Setembro de 1896.

76. Entraram mais:

a) um nucleo de crystal de rocha;

b) um testo de granito;

c) fragmentos de vasos de barro.

Objectos provindos da *orca* das Corgas da Matança (concelho de Fornos de Algôdres), explorada por mim em Setembro de 1896. Appareceu outro testo que se perdeu. Em uns campos proximos encontrou-se, e foi recolhido no Museu:

d) um machado de pedra polida.

77. Entraram tres pedras excavadas e alisadas, que terão servido de aguçar ou polir instrumentos de pedra. Provém dos dolmens dos Amiaes e Alcaide de que se fallou nas *Acquisições do Museu,* n.º 5 (*Arch. Port.,* I, 218–219).

78. Entrou um machado de pedra polida, proveniente de uma das *orcas* do sítio das Antas, ao pé de Queiriga (Sátão), exploradas por mim em Setembro de 1896. Tambem entrou um pedaço de schisto que poderá ter servido de testo.

79. Entraram mais:

a) parte de uma estátua romana de marmore;

b) uma pedra esculpturada romana.

Objectos provenientes da Granjinha (Chaves).

80. Entraram no Museu dez ex-votos de madeira, que representam animaes, — e mãos, braços, pernas e pés humanos. Provenientes de santuarios rusticos da Beira-Alta.

J. L. de V.

Digitized by Google

Bibliographia

Revista de sciencias naturaes e sociaes, v, n.º 17. — Artigos que podem interessar aos leitores d-O *Archeologo:*

O indigena de Satary, estudo anthropologico, por Fonseca Cardoso. O A., que serviu como official do Exército na ultima campanha da India, teve tempo, entre o zumbir das balas e o fumo da polvora, para se entregar aos seus estudos predilectos, e contribuir com uma interessante monographia para o progresso das sciencias anthropologicas: honroso exemplo, digno de imitação e elogio!

Alguns vestigios da epocha do cobre colligidos no Museu Municipal da Figueira, por Santos Rocha. Dando notícia da existencia de alguns machados chatos de cobre que existem no Museu da Figueira, o sr. Santos Rocha procura apoiar a ideia da existencia de uma idade do cobre distincta da do bronze. — D'este assumpto trato tambem, embora summariamente, nas *Religiões da Lusitania,* I, 70–80.

A Anthropometria no Exército, por Rocha Peixoto. O A. resume o pouco que em Portugal se tem feito no campo da anthropologia, e termina por apresentar, a proposito da necessidade dos estudos anthropometicos, o alvitre de ser aproveitado para taes estudos no Exército o tenente Fonseca Cardoso, auctor da citada memoria sobre o indigena de Satary, alvitre que julgo inteiramente sensato e opportuno, porque, para todos os estudos, convem sempre escolher individuos dedicados de alma e coração a elles, e alem d'isso já adestrados. — A proposito do que o A. diz da cadeira de Anthropologia na Universidade de Coimbra, notarei que nesta cadeira, confiada á regencia do illustre Lente o sr. Dr. Bernardino Machado, se realizam trabalhos praticos, e que ainda ha pouco um dos alumnos escreveu uma memoria, que vae publicar, á cêrca do indice cephalico dos Portugueses.

Estação chelleana do valle de Alcantara, por Fonseca Cardoso. O A. responde a uma crítica do auctorizado geologo o Sr. Paulo Choffat, a quem trata um pouco duramente.

Canções populares da Beira (de Pedro Fernandes Thomás), notícia por Rocha Peixoto, a qual porém se reduz a meros comprimentos ao auctor do livro.

J. L. de V.

Digitized by Google

VOL. III MAIO E JUNHO DE 1897 N.os 5 E 6

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1897

Digitized by Google

SUMMÁRIO

Museu Ethnologico Português

O «Castello» de Rebordãos.

Bibliographia.

Museu Municipal de Figueira da Foz.

Moedas romanas achadas em Agarez.

Lapide romana de Villa-Boim.

Acquisições do Museu Ethnologico Português.

A torre de menagem de Bragança.

Moeda de Salacia.

As ruinas da Devesa de Villa Nova.

Padre Joaquim José da Rocha Espanca.

O territorio do antigo Castro de Ovide.

Notícias várias.

A respeito de Conimbriga.

Duas povoações mortas.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758».

Museu Municipal de Bragança.

Estudos sobre Troia de Setubal.

Este fasciculo vae illustrado com 7 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. III MAIO E JUNHO DE 1897 N.os 5 E 6

Museu Ethnologico Português

O Museu Ethnographico Português, com séde provisoria no edificio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, onde estão installados outros estabelecimentos scientificos, passou, por Decreto de 26 de Junho de 1897, a denominar-se MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS, denominação que melhor corresponde ao seu actual, embora modesto e vagaroso, desenvolvimento.

Este Museu tem por fim contribuir, pela exposição permanente de objectos respectivos a todas as epochas da nossa civilização, desde as mais remotas, para o conhecimento das origens, vida e caracteres do povo português.

Com quanto se procure dar aos objectos certa disposição artistica, e haja de se attender a diversas condições materiaes de installação, o que pois principalmente se deve buscar no Museu é o methodo scientifico da classificação e do arrumo, de modo que os objectos fallem, por assim dizer, mais á intelligencia do visitante do que aos olhos. Não se estranhe por isso se, ao lado de um bello instrumento de silex, de osso ou marfim, se vir um caco, ou se ao pé de uma estátua de marmore estiver uma inscripção partida: é que ás vezes, só por um caco, pela natureza da sua pasta, pela sua superficie alisada ou tosca, pelo seu bôrdo, pela sua ornamentação, póde determinar-se uma data e uma filiação historica; e só pelo fragmento de uma epigraphe póde tambem resolver-se um problema importante, a exacta situação de um *oppidum,* a decifração de um texto litterario obscuro, a restituição de uma palavra, ou mesmo de uma lingua antiga.

Parte do Museu (objectos meudos) acha-se em salas dependentes da Direcção dos Trabalhos Geologicos: a outra parte (galeria lapidar) acha-se num claustro dependente da Academia: tudo, porém, segundo fica dito, num mesmo edificio.

Digitized by Google

Como o Museu conta ainda pouco tempo de existencia[1] e eu, que trabalho nisto gratuitamente, não posso, por causa de outros trabalhos officiaes, e de falta de pessoal que me ajude, consagrar-me a elle senão nos dias feriados,—as collecções que o constituem, apesar de nellas haverem sido incluidas as que o benemerito Estacio da Veiga com suprema dedicação e magnifico éxito organizou no reino do Algarve. não são por ora tão grandes como eu desejaria. Ainda assim, estão já representadas no Museu Ethnologico Português as seguintes secções:

A) Anthropologia, em relação ao Sul;

a) cranios prehistoricos;
b) cranios luso-romanos;
c) cranios luso-wisigothicos.

B) Ethnographia, em relação mais ou menos a todo o país:

a) *prehistorica* (muito bem representada);
b) *protohistorica;*
c) *luso-romana* (muito bem representada);
d) *luso-wisigothica;*
e) *luso-arabe;*
f) *portuguesa* { antiga, moderna.

} Archeologia

Quem quiser estudar, por exemplo, a evolução da ceramica póde fazê-lo, a partir de tempos antiquissimos, pois que o Museu possue muito vasilhame do periodo prehistorico, romano e arabe, sem fallar em innumeros fragmentos prehistoricos com a mais variada ornamentação, e em diversos exemplares do periodo wisigothico e português propriamente dito.

A respeito de Epigraphia, o Museu, como nenhum outro do nosso país, offerece ao estudioso tambem notabilissimos monumentos, que começam nos tempos prehistoricos, e chegam até o seculo XVIII: sobretudo devem merecer toda a attenção as rarissimas estelas escritas em caracteres ibericos, os ex-votos, em número avultado, do deus lusitano *Endovellicus,* e as lousas sepulcraes do cemiterio myrtiliano dos principios da Idade-Média. Ha inscripções em lingua iberica, em latim, em grego, em hebreu (decalque), em arabe e em português.

Outros muitos elementos de estudo encerra já o Museu: especializei estes, por serem mais ricos, e abrangerem longa serie de periodos.

---

[1] A sua criação data do Decreto de 20 de Dezembro de 1893, referendado pelo esclarecido Lente de Anthropologia da Universidade de Coimbra, o Sr. Dr. Bernardino Machado, quando Ministro das Obras Publicas.

Digitized by Google

Entre as notabilidades do Museu não posso deixar de aqui mencionar ainda: uma rude pintura a ocre, que data da idade da pedra polida, e que é um dos mais antigos monumentos d'este genero que ha no mundo; variadas e singularissimas esculpturas lithicas da mesma idade; muitas placas de schisto ornamentadas, que constituem uma peculiaridade na prehistoria geral; numerosos instrumentos e armas de pedra e de metal, de diversas fórmas, dos tempos prehistoricos; o mobiliario do «Castello» de Pragança, que, por estar reunido, e em grande quantidade, dá sufficiente ideia da civilização de um castro chalcolithico; uma grosseira estátua (meio corpo apenas) de guerreiro pre-romano, curiosa para o estudo das armaduras dos Lusitanos; pulseiras de ouro, e interessantes contas de collar, dos tempos protohistoricos; uma pequena collecção de instrumentos cirurgicos da epocha romana, delicados objectos de vidro, anneis de ouro, esculpturas de pedra e estatuetas metallicas, da mesma epocha; finalmente, para não alongar mais este elencho, a collecção quasi completa dos amuletos populares portugueses da actualidade.

Logo que os trabalhos de installação do Museu Ethnologico Português o permittam, este abrir-se-ha ao público. A abertura inaugural, se não se realizar antes, ha de pelo menos coincidir com a proxima celebração do Centenario da India em 1898, cooperando assim o Museu, pela sua parte, nesta festa nacional[1].

J. Leite de Vasconcellos,
Director do Museu Ethnologico.

O «Castello» de Rebordãos

Ruinas antigas. —Lendas populares.— Belleza natural do sitio.

A meia encosta da vertente éste da serra de Nogueira, no termo de Rebordãos, e a 2 kilometros a noroeste d'esta povoação, vê-se uma elevação, apparentemente conica, formada por um enorme rochedo que sobremodo impressiona a quem d'elle se approxima, enchendo-o de temor e receio. Sómente é accessivel, e a muito custo, pelo nas-

---

[1] A presente notícia foi primeiro publicada, com pouca differença, num pequeno folheto de 4 páginas.

Digitized by Google

cente e sul; da parte do poente é cortado a pique, e para norte prolonga-se em declive escarpadissimo numa extensão de mais de 400 metros.

No ponto mais elevado tem proximamente a fórma ellyptica, em que o eixo maior é de 24 metros de comprimento, e segue a direcção norte-sul, e o menor é de 13 metros e está orientado de éste a oéste. Contornando-o, vêem-se uns restos de muro, que, nalguns sitios, apresenta ainda 3 metros de altura, e metro e meio de espessura, formado de pedra solta e argamassa de tal consistencia que é dificil desagregá-lo. No interior ha umas pequenas divisões feitas por paredes da mesma natureza, distinguindo-se vestigios de haverem sido caiadas e pintadas com tinta vermelha, tendo inferiormente uma faxa preta.

Nestes compartimentos encontram-se restos de louça, de telha, fragmentos de pequenas mós de granito, e principalmento de ossos em tanta quantidade que causa admiração, pois que mal se explica como se fizesse cemiterio no cume de uma penedia e num espaço já em si limitado para offerecer as regulares commodidades de uma habitação. Tambem se tem encontrado nelles algumas pontas de settas, esporas e outros objectos que costumam existir em obras d'esta natureza. Não se percebe já bem de que parte ficava a entrada, mas é de crer que fosse de um dos lados accessiveis, e de que a aproximação era vedada pelo fosso de que ainda se notam alguns indicios.

Taes são as ruinas a que chamam *Castello de Rebordãos,* que observado no seu conjuncto faz nascer a incerteza de qual fosse o seu verdadeiro destino. Pois que, posto de protecção ou refugio não parece que fôra pela sua limitada capacidade e distancia do povoado; atalaya, ponto de vigia, de observação ou de correspondencia tambem ficava melhor na cumiada da serra de que dista 1 a 2 kilometros, deixando de ter um horizonte cortado pelo poente para ter o de uma vastidão enorme.

*

Diz a tradição que este castello fôra mansão de um regulo mouro, a quem as povoações pagavam de tributo certo número de donzellas; e aponta-se, em confirmação, para o lameiro da *véla accesa,* que fica perto, ao lado, porque foi nelle que uma serva collocou, altas horas da noute, uma véla accesa, signal da traição para com seu amo e de aviso, para avançar, aos inimigos que queriam dar morte, como deram, ao exactor de tão negro tributo. Os habitantes da serra, d'essa epocha, são pois dignos de figurar nas chronicas a par dos que na planicie de Chacim se bateram, por causa identica, dando motivo ao milagre de

Digitized by Google

Nossa Senhora de Balsamão. Notavel é que para perpetuar o facto, não se haja erguido sobre essas ruinas uma capella ou ermida dedicada á *Virgem,* por intervenção da qual os guerreiros resuscitavam para continuarem a lucta em defeza da virgindade offendida!

*

Nestas ruinas, no meio do silencio que as envolve, quebrado apenas pelo rugir da pequena corrente que do lado poente se precipita dos rochedos, semelhando uma cataracta, sente-se a impressão do immenso, do indefinido, no vasto horizonte que se descortina entre o norte e o nascente; a do bello horrivel no abysmo que as cerca; e finalmente a do desconhecido, a do mysterioso, nas trevas que cobrem a historia d'esses restos de muros, d'esses fragmentos de ossadas e outros vestigios da passagem do homem.

Sítio admiravel aonde se reunem as grandes impressões da natureza aos mysterios da historia;—dois elementos poderosos para levarem a alma genial á concepção das cousas sublimes. E se o nosso castello não figura numa d'essas obras, que dão a immortalidade, é porque está para ahi ignorado, escondido nas dobras da montanha, fóra da via luminosa que só é dado percorrer aos espiritos superiores.

Bragança, Maio de 1897.

Albino Pereira Lopo.

Bibliographia

Algumas notícias para a descripção historica de Alcainça, Malveira e Carrasqueira, do concelho de Mafra, por J. J. Ascensão Valdez. Lisboa 1897, 115 paginas.

Parte d'estas *Notícias* haviam já sahido no *Boletim da Associação dos Archeologos Portugueses;* o A. addicionou-lhes outras, e condensou tudo num curioso volume, que se lê com agrado, pois os assumptos estão dispostos com boa ordem e clareza. Propriamente no campo da archeologia trata-se ahi de varios templos e sepulturas, com as respectivas datas e inscripções; no campo da ethnographia moderna tem interesse o que se diz á cêrca da feira da Malveira (pag. 46–47), e a lenda poetica da locomotiva (pag. 55–56). O Sr. Valdez enriqueceu tambem o seu livro com diversos documentos ineditos antigos. A pro-

Digitized by Google

posito de algumas etymologias, direi que *Alcainça* não póde ter a que o Sr. Valdez, apoiado nos *Vestigios da lingua arabica,* lhe attribue a pag. 3; o appellido *Froes* (pag. 74) não provém de *Froylam,* mas é o plural da antiga palavra *frol* (de *fror* < *flor*), e corresponde por tanto ao moderno appellido *Flores.* — As considerações que apresenta a pag. 69 sqq., á cêrca da provavel antiguidade romana da Malveira, estão bem deduzidas: creio que, se o Sr. Valdez procurar bem, ha de encontrar pela região instrumentos neolithicos que lhe permittirão chegar ainda alem da epocha romana, isto é, aos tempos prehistoricos.

Se em cada freguesia, ou ao menos em cada concelho, houvesse uma pessoa dedicada que tomasse a peito a descripção da respectiva localidade, como o Sr. Valdez acaba de fazer em relação a Alcainça, Malveira e Carrasqueira, isso sería um optimo serviço, pois em breve ficariamos conhecendo completamente a chorographia de Portugal.

J. L. de V.

Museu Municipal da Figueira da Foz

Para este Museu entraram ultimamente os seguintes objectos:

Secção de prehistoria:

4 machados de pedra, inteiros, e metade d'outro;

1 instrumento de pedra polida não classificado;

1 faca de silex;

1 machado de pedra, 1 gral e 1 fragmento de bracelete, tambem de pedra, provenientes de pesquisas feitas no Valle do Romão, freguesia de Brenha, d'este concelho.

Sala de comparação:

7 cranios com os respectivos maxillares inferiores;

1 barrete dos indios do Amazonas;

1 pequena serpente;

uma interessante collecção de objectos africanos, a saber: um collar feito de garras de leão, pertencente a um chefe landim, 3 hachas-zagaias, 27 zagaias, 6 machados, 1 punhal grande e seis pequenos, 5 arcos, 9 settas envenenadas, 5 travesseiros esculpidos, de madeira, 1 estoque e 1 bastão (toda esta collecção é proveniente de Sena e Tete);

2 vasos de barro, provenientes de Hespanha.

Digitized by Google

Secção de archeologia historica:

1 tesoura;

1 vaso;

1 azulejo hispano-arabe, encontrado na igreja de S. Julião da Figueira da Foz;

2 tijolos, alguns azulejos dos seculos XVII e XVIII, 1 fragmento de inscripção lapidar, parte de um vaso de vidro antigo com iriações, parte de dois alguidares antigos com as siglas dos fabricantes gravadas na pasta e alguns fragmentos de ceramica,—proveniente tudo da vizinha e antiga villa de Buarcos.

Entraram tambem para o Museu alguns exemplares de mineraes provenientes das minas de S. Pedro da Cova, concelho de Gondomar;

3 moedas de cobre portuguesas;

1 bilhete de visita, de 1768;

1 lamina de espada, com uma inscripção lavrada;

4 pesos de tear, feitos de barro, um fragmento de telha com a impressão das patas de uma cabra, outro com 1 *sino-saimão,* 1 pequena mó dormente, metade de outra volante, 1 telha curva, 1 argola de bronze, e diversos fragmentos de vasos de barro,—tudo de fabrica romana, e proveniente de explorações feitas nos arredores de Nellas;

1 azulejo português.

*

Para a Secção de Industrias do concelho, entraram varios objectos.

P. Belchior da Cruz.

Moedas romanas achadas em Agarez (concelho de Villa Real)

A poente de Agarez, a pequena distancia e sobranceiro ao povo, existe um outeiro onde se encontram restos de trincheiras de terra e pedra, a abertura de uma profunda cisterna ou poço de uma mina de grande profundidade, e no meio da encosta, para o lado do nascente, várias excavações de fórma arredondada, praticadas na rocha, a qual se mostra ennegrecida pela acção do fogo durante muito tempo.

Digitized by Google

Por vezes tem apparecido grande quantidade de moedas romanas e outros objectos a que se referiu o nosso amigo P.e Manuel de Azevedo, Abbade de S. Pedro, n-*O Archeologo,* vol. I.

Passando alem no que já é sabido, vamos dar umas ligeiras informações sobre o ultimo achado.

Ha um anno e meio um lavrador, chamado José Leite, andando a cavar numa horta, encontrou duas amphoras de argilla avermelhada com uma quantidade de moedas romanas que pesavam sete kilos aproximadamente.

A maior parte das moedas estavam oxydadas, a ponto tal, que se aproveitaram apenas pouco mais ou menos mil, que foram obtidas pelo engenheiro Antonio Sarmento e Abbade Manuel de Azevedo, e pelo auctor d'esta notícia, na maior parte, e por curiosos o resto.

Eram quasi todas bronzes pequenos, e alguns bronzes minimos.

A grande maioria são dos imperadores Constancio II e Constante I, dos quaes ha muitos exemplares. (Typos dos R_7-R_7: Victorias; dois guerreiros com um estandarte no meio; soldado ferindo um cavalleiro cahido por terra; VOT).

Appareceram tambem exemplares de Constantino Magno, Constantino II, Juliano, Helena, e Theodosio I, Theodora, Valenciano II, Arcadio, Valente, Delmacio, Roma e Constantinopola.

Alguns exemplares são muito perfeitos.

São estas moedas iguaes a outras, que em grande porção foram encontradas numas excavações em Braga já ha annos, e a outras que descobriram em Cerva (concelho de Ribeira de Pena) num castello em ruinas uns pastores d'aquelles sítios, perfeitamente conservadas, dentro de um vaso de cobre que as resguardava da humidade.

Na povoação de Agarez e no mesmo sítio achou um lavrador uma fivella de ouro, pertencente a um cinturão, e um objecto de prata semelhante a um apito de que a policia usa. A fivella mandou-a o Rev.o P.e Joaquim, de Agarez, a um primo que tem no Brasil; o outro objecto desappareceu, sem que o pudessemos obter.

As ruinas do outeiro não deixam a menor dúvida de que houve ali um castro luso-romano.

Na mesma povoação, em um nivel muito inferior ao do outeiro, existia ha alguns annos uma torre, igual á que se vê actualmente em Quintella, povoação situada na ribeira e pertencente, assim como Agarez, á freguesia de Villa-Marim, e igual a muitas outras que ha na Beira Alta.

Villa Real, Maio de 1897.

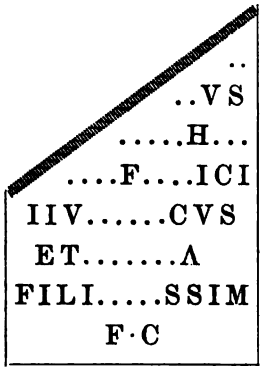
Henrique Botelho.

Digitized by Google

Lapide romana de Villa-Boim

O viajante inglês, Sr. Eduardo Spencer Dodgson, tendo passado por Villa-Boim, encontrou uma lapide romana, que, por indicação d'elle, foi obtida pelo Museu Municipal de Elvas, onde hoje se acha.

A inscripção consta actualmente de sete linhas, mas está quebrada, e tão gasta, que, segundo um amigo meu, que me escreve sobre o assumpto, apenas se lêem com mais ou menos probabilidade algumas lettras; alem d'isso a pedra está falhada na sua metade superior. Eis o que o meu referido amigo pôde apurar da inscripção.



As ultimas duas lettras constituem uma fórmula muito conhecida: F(*aciendum*) C(*urauit*) ou F(*aciendum*) C(*urauerunt*). As quatro ultimas lettras da penultima linha são o final de uma expressão de carinho, que costumava juntar-se á palavra que exprimia o grau de relação (parentesco, amizade, etc.) em que o morto estava para com o dedicante; aqui a relação é de filiação: F I L I [*o*] *pientissimo, carissimo,* ou outro epitheto. A julgar das ultimas lettras da 1.ª linha, o nome do morto acabava em -VS; a julgar das ultimas tres lettras da linha 4.ª, o nome do pae acabava em -CVS. As primeiras lettras da 5.ª linha constituem a conjuncção ET que ligaria os nomes do pae e da mãe.

Em resumo: a inscripção é funeraria, e parece que foi consagrada por um pae e por uma mãe a um filho saudosissimo.

Largura da lapide: 0^{m},36; comprimento maximo no estado actual: 0^{m},40.

J. L. de V.

Digitized by Google

Acquisições do Museu Ethnologico Português

81. Adquiriram-se por compra, e entraram no Museu, onze figuras de barro modernas, que representam typos, e usos populares do Minho.

82. Adquiriram-se por compra dois pesos de tear modernos cordiformes e com lettras, de Maiorca (districto de Coimbra).

83. Adquiriram-se por compra para o Museu os seguintes objectos ethnographicos modernos:

a) dois instrumentos musicos infantis, de barro;

b) dois brinquedos infantis de lata,—*chocalho* e *martellinho* (Figueira da Foz);

c) um pião de madeira (Coimbra);

d) uma veronica de chumbo com a representação do milagre de D. Fuas Roupinho;

e) ferragens de tamancos da Beira-Alta,—*testeiras, ferraduras, brochas* (objectos muito caracteristicos).

84. O Sr. **Francisco de Frias Barbosa,** da Queiriga, offereceu-me:

a) um tinteiro antigo de louça (arte portuguesa);

b) uma caixa antiga de chifre, com ornatos (arte portuguesa).

85. Entrou no Museu um *pondus* de barro, proveniente da estação da Capella da Senhora do Desterro em Monte-mór-o-Velho.

86. Adquiriu-se um ex-voto de 1710 (painel com um milagre).

87. O Sr. **Antonio de Mesquita Figueiredo,** estudante e collaborador d-*O Archeologo Português,* offereceu-me um *isqueiro* de madeira (industria popular da Figueira da Foz).

88. O Sr. Dr. **Alberto Osorio de Castro** offereceu-me uma lampada de metal moderna, proveniente da India Portuguesa (recolhida no Museu, a titulo de comparação ethnographica).

89. Adquiriram-se seis balas de chumbo da guerra peninsular, provenientes da Serra do Buçaco.

90. Adquiriram-se os seguintes objectos ethnographicos modernos:

a) quatro lencinhos com quadras e versos de redondilha maior, provenientes do Norte do país;

Digitized by Google

b) uma roca ornamentada, proveniente do districto de Beja;

c) uma figura de barro, que representa o *Zé Povinho,* comprada na Praça da Figueira numa noite de Santo Antonio;

d) tres testos de schisto, provenientes da Queiriga (Sátão), e que justificam a denominação que dei tambem de *testos* a alguns objectos de pedra descobertos em dolmens e mencionados sob os n.os 66 *h,* 71 *b,* 74 *b,* etc.

91. A Ex.ma Sr.a D. **Maria da Conceição Pereira Soares,** do Bombarral, offereceu-me dois antigos fusos de torcer (já hoje pouco usados), providos dos respectivos pesos de madeira. Estes objectos foram recolhidos no Museu principalmente para se explicar o uso dos verticillos ou fusaiolas de barro prehistoricas e romanas, que tambem serviam de pesos de fuso.

92. O Sr. **Manuel Dias Nunes,** de Serpa, offereceu-me para o Museu um apito duplo de madeira, feito a canivete, espécime de industria popular alemtejana.

93. Entraram no Museu:

a) uma moeda de chumbo da Republica Romana (cfr. Babelon, II, 108);

b) fragmentos de vasos de barro.

Objectos provenientes do castro de Dornes (Ferreira de Zezere), onde procedi a excavações no verão de 1895.

94. O Sr. **Paula e Mello,** de Lisboa, offereceu-me um machado de pedra polido, achado na Malveira de Cascaes: cfr. *O Arch. Port.,* I, 246.

95. O Sr. **João Manoel da Costa** offereceu-me para o Museu:

a) um pequeno busto romano de bronze;

b) uma panella de barro romana;

c) um machado de pedra polida, com um sulco transversal numa das faces.

96. Em 1896 adquiri por compra os seguintes objectos:

a) quinze pontas de setta de pedra;

b) cinco laminas (faquinhas) de pedra;

c) quatro facas de pedra;

d) uma faca de pedra com espigão para se encabar;

e) um fragmento de lança quasi inteira, de pedra;

f) quarenta e tres fragmentos de facas de pedra;

Digitized by Google

g) tres goivas de pedra;
h) nove verticillos de barro;
i) sessenta e cinco machados de pedra polida;
j) dois objectos de pedra com orificios;
k) treze fragmentos ceramicos ornamentados;
l) vinte e dois martellos de pedra;
m) trinta e tres hastes e outros objectos de osso,—uns inteiros, outros quebrados;
n) um dente de javali com orificio (amuleto);
o) um fragmento de mó;
p) dezanove contas (de ribeirite, etc.), e dois fragmentos;
q) um denario, e dois fragmentos de outros;
r) duas facas de cobre ou bronze;
s) cinco lanças da mesma substancia;
t) duas fibulas da mesma substancia;
u) uma serra da mesma substancia;
v) dois machados e um escopro da mesma substancia;
w) uma setta da mesma substancia;
x) uma haste da mesma substancia;
y) outra haste com argola da mesma substancia;
z) muitos objectos da mesma substancia, e de pedra, partidos;
a') um disco de chumbo (pêso romano) com um S;
b') uma pedra excavada e polida;
c') fragmentos de vasos com orificios;
d') dois *pondera* de barro romanos;
e') um pêso de barro prehistorico;
Estes objectos tem diversas proveniencias.

97. A Ex.ma Sr.a D. **Mariana Celorico Rocha**, de Castro-Marim, offereceu ao Museu uma funda de pita, um fuso com a haste de ferro e respectivo *cossôiro* (pêso) de madeira ornamentado, e uma molineta de pedra,—objectos que representam costumes populares do Algarve, onde se usam.

98. A Ex.ma Sr.a D. **Maria Isabel Gil**, de Castro-Marim, offereceu uma roca de canna ornamentada.

99. O Sr. **Manoel Celorico Drago** e seu filho o Sr. **Antonio Celorico Drago** offereceram-me os seguintes objectos:
a) uma lancinha de cobre ou bronze, prehistorica;
b) uma *clavis* de ferro, provavelmente romana;

Digitized by Google

c) várias pedras arredondadas que deviam servir de percutores, excepto uma que serviria de mão de gral;

d) vinte e quatro pedras excavadas e polidas do lado da excavação, as quaes tinham o mesmo fim que as mencionadas a cima, sob o n.os 75, 68, etc.

100. O Sr. **Sebastião Estacio** offereceu-me os seguintes objectos:

a) uma lucerna romana de barro ornamentada (mas partida em pedaços);

b) o fragmento de uma inscripção romana (inedita).

101. O Sr. **Sebastião Ortigão** offereceu-me:

a) uma lucerna arabe de barro (com o bico já quebrado);

b) tres moedas de cobre romanas e uma portuguesa de cobre.

102. O Sr. Prior **Jacintho Augusto Quintino** offereceu-me o fragmento de uma lucerna arabe.

103. A Ex.ma Sr.a D. **Mariana da Conceição Madeira Celorico** offereceu-me cinco colheres de madeira ornamentadas, feitas por pastores do Algarve.

104. O Sr. **Antonio Madeira e Silva**, de Cacella, offereceu-me um copo de chifre destinado para se beber vinho.

105. O Sr. **Thomás Joaquim da Silva** offereceu-me um machado de pedra polida.

J. L. de V.

A torre de menagem de Bragança

No ponto tactico do Cêrro da Villa, coroado por uma cintura de muralhas, ergue-se a *torre de menagem,* que se distingue dos monumentos congeneres existentes no reino pela sua elegancia, traçado e solidez.

De fórma quadrangular tem as suas faces orientadas pelos quatro pontos cardeaes; e é formada de pedra sôlta e argamassa, á excepção da base, angulos, ameias, miradoiros e uma cintura que tem a meia altura, que são de granito grosseiro. Tem 17 metros de lado e 33 de altura proximamente, o que lhe permitte não só ter muitos compar-

Digitized by Google

timentos interiores e um vasto eirado aonde se acommodava um grande número de combatentes e machinas de guerra, mas tambem alargar o horizonte dos defensores, favorecendo-lhe a observação, quer de toda a planicie que se lhe estende ao derredor, quer das imminencias que a contornam. Os seus miradoiros saem-lhe naturalmente dos flancos tão elegantes e proporcionados, que mais parece terem sido feitos para a adornar e tornar bem parecida do que para guardar e defender. As suas janellas, principalmente as que olham a sul e nascente, são de grande lavor artistico e de bella apparencia, condizendo perfeitamente com toda a obra.

Pelo seu valor passivo constituía o forte reducto de segurança de um amplo campo entrincheirado, que abrangia quasi a area occupada hoje pela cidade, e de que ainda se divisam alguns restos de muros, que mostram ter sido esta fortaleza uma das mais importantes do norte do país.

Notavel monumento que a idade média nos legou, tanto pela fábrica da sua construcção como pelas tradições historicas que apresenta, nascido com Bragança, ampliado e engrandecido pelo Conde de Benevente, é a encarnação de todas as vicissitudes e dias de gloria porque esta cidade tem passado durante já um longo periodo de quasi sete seculos. Principal baluarte fronteiriço de toda a corda da raia trasmontana desde Mont'alegre á Barca d'Alva, ella destaca-se de entre a planicie revestida de toda a magestade e poderio como quem soube guardar e proteger o vasto termo que lhe foi confiado. E a sua importancia, a sua consagração historica foi tão notavel que mereceu ser escolhida para dar o titulo a um dos Principes mais poderosos que houve em Portugal; vindo por este motivo a ter a dita de figurar nos escudos não só da Casa Real Portuguesa, mas tambem nos das mais poderosas familias reinantes da Europa: Joanna a louca, Isabel a Catholica, Carlos V, são, entre outras grandezas historicas, os representantes de D. Affonso, primeiro Duque de Bragança, que dorme o eterno somno em Chaves na igreja de S. Francisco.

É um dever que a cidade de Bragança tem de olhar pela reparação e conservação da sua *torre de menagem*, porque, sem dúvida, a sua existencia e importancia historica deve-a á valorosa protecção que ella lhe tem prestado nos dias de infortunio, evitando a sua destruição e ruina; e mesmo porque é de presumir, que, no dia em que derruir, fique sepultada nos seus escombros a grandeza da capital trasmontana.

(D-*O Norte Trasmontano*, de 19 de Março de 1897.)

Albino Pereira Lopo.

Digitized by Google

Moeda de Salacia

A nova moeda de Salacia, descripta com o n.º 1 n-*O Arch. Port.,* II, 280, não sahiu exactamente figurada, quanto á legenda, pela difficuldade do desenho. Aqui se dá outra figura mais exacta:

Numa edição, que do artigo se fez separadamente, sahiu o desenho já com esta correcção.

J. L. de V.

As ruinas da Devesa de Villa Nova

A quatro kilometros, proximamente, a Noroeste de Bragança, e um a Sul da pequena povoação da Villa Nova de S. Jorge, em um dos taboleiros de uma das alturas que dominam os valles formados pela Ribeira d'este nome e pelas linhas de agua confluentes, tem-se encontrado, e vêem-se ainda, restos de uma estação luso-romana.

Notam-se distinctamente alicerces de muros, fragmentos de telha, tijolo, argamassa e de ceramica romana; fragmentos de lousa furada, de mós de granito, pesos de pedra e de tijolo. Apparecem tambem algumas moedas; e uma de cobre, ha pouco achada e que possuo, é de Tiberio, e foi cunhada em *Turiaso* (na Hespanha), sendo duumviros *Maulio Sulpicio Lucano* e *Marco Sempronio Frontão*. Ha mesmo nas ruinas uma pequena escavação conhecida pela—*cova do thesouro,* em que se diz haverem-se encontrado muitas moedas de ouro.

A posição, como se vê do *croquis,* fica na juncção de dois valles mais importantes, e enfia perfeitamente todos os outros que a ella vão ter. As suas encostas são muito ingremes, principalmente a do lado do norte, que até á infanteria é de difficil accesso. Todavia, apesar do seu desenfiamento natural e de outras condições tacticas que apresenta, não é uma posição militar, nem podia ser escolhida para esse fim, porque, logo a algumas dezenas de metros para Oeste e Sudoeste, o seu horizonte é limitado por elevações do terreno que a dominam

Digitized by Google

completamente. Effectivamente, nos varios reconhecimentos que fiz, não encontrei vestigios que denotassem ter havido grandes obras defensivas, antes averiguei que a povoação tinha sido muito pequena, por ser limitadissima a área em que elles se encontram.

Já recentemente alguem se referiu a estas ruinas considerando-as como sendo da *Brigancia romana,* baseando-se numas considerações com respeito a um deus *Brigo* e a S. Jorge, e sua romaria tradicional que ha todos os annos numa capellinha d'este santo, que se vê em baixo, no valle, e que elle vem de Bragança sempre visitar no dia 23 de abril acompanhado da Camara.

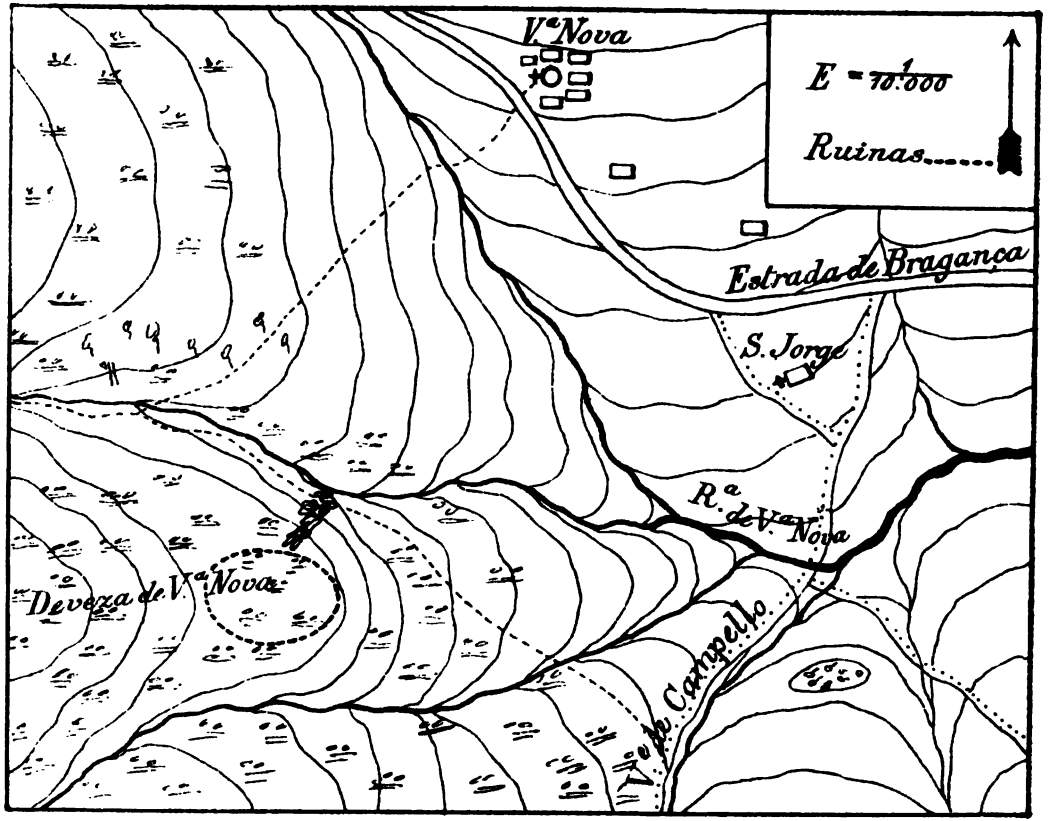
Apesar d'essas razões, a que se póde acrescentar a vaga tradição que ha nesta cidade de que antigamente ella fôra neste local, e a circumstancia de S. Jorge ter sido escolhido para patrono de Bragança quando ainda não ficava aonde a vemos agora (pois a actual cidade foi fundada por D. Sancho I, e o patronato de S. Jorge data de 879 da era christã, segundo se lê no *Agiologio Lusitano,* em virtude de um *voto* que lhe fizeram os seus moradores, motivo porque talvez figure no pendão da Camara), ficamos ainda assim em dúvida se esta opinião terá visos de verdade; porquanto a situação e pequenez da estação contrariam por completo a ideia de que ella tivesse sido uma povoação com a consideração de um *oppidum,* ou outra de alguma importancia como parece que devia ter a *Brigancia.* E a ter existido por estes sitios assentava melhor num dos castros de Avellãs, Alimonde, Castrellos, Sacoios, Babe ou nalgum de muitos outros que ha nestas immediações, aonde se encontram abundantissimos vestigios que denotam terem sido importantes povoações romanas. No de Babe appareceu ainda ha poucos dias uma curiosa lapide funeraria e romana pertencente a um cavalleiro, (vid. o proximo n.º 7 d-*O Archeologo Português*) o que combinado com outros dados, leva á suspeição de que toda ou parte d'ella teve, durante algum tempo, neste lugar o seu *castra stativa;* vindo a ser, por tanto, uma estação importante, que, com mais razão em virtude das considerações expostas, devia ter sido tida em maior conta pelo povo rei, do que a da nossa Devesa.

Concluo esta notícia fazendo menção da tradição que ha em Villa Nova de que outr'ora o local das ruinas era conhecido pela *Quinta da Nogueirinha;* e chamando a attenção dos archeologos, que por ventura um dia o visitem, para um alinhamento natural de fragas ou rochedos que ha na vertente norte, onde talvez se lhes afigure ver indicios dos tempos prehistoricos.

Bragança, Abril de 1897.

Albino Pereira Lopo.

Digitized by Google



Digitized by Google

Digitized by Google

P.e Joaquim José da Rocha Espanca

Nas ferias do Entrudo de 1890 fiz uma excursão archeologica pelo Alto-Alemtejo, indo nessa occasião pela primeira vez a Villa-Viçosa. Eu aqui não conhecia ninguem, e unicamente levava uma carta de apresentação para o Sr. prior de S. Bartholomeu, o Rev.do Joaquim José da Rocha Espanca.

Apenas cheguei a Villa-Viçosa, e pus a mala na hospedaria, tratei de procurar o prior, que era, pelos seus estudos e predilecções archeologicas, a unica pessoa que me podia informar sobre o que eu queria.

Como na hospedaria não havia quem me acompanhasse, e a noite já estava entrada, e pouca gente se encontrava, andei pela villa algum tempo um pouco á toa, por terreiros, viellas, e ruas esquecidas, em busca da casa do prior, até que por fim, vendo numa rua estreita, que me indicaram, bruxulear uma luz por dentro de uma janella baixa, resolvi-me a bater á porta, fosse de quem fosse a casa.

Era effectivamente a residencia do Sr. prior de S. Bartholomeu de Villa-Viçosa.

—Entre!

Foi a palavra que ouvi, depois de penetrar na casa de fóra guiado por uma criada velha, e ao aproximar-me do escriptorio em que elle velava. E appareceu a receber-me um homem alto, magro, de oculos, envolvido num farto capote, e de physionomia agradavel e insinuante. Estava deante de mim o P.e Espanca,—nome este por que mais vulgarmente era conhecido.

Mal lhe disse ao que ia, e lhe entreguei a carta, tratou-me logo com toda a affabilidade. E em quanto elle, com um sorriso bondoso, lia a carta de pé, achegando-a aos seus olhos de myope, percorria eu com a vista aquella pequena sala de homem de estudo, ladrilhada de tijolo vermelho, segundo o costume alemtejano, rodeada de armarios e de estantes com livros e papeis, e mal alumiada por uma luz de azeite num candieiro de metal amarello, de gôsto antigo.

No seu enthusiasmo pela archeologia, o Rev.do Espanca levou-me mesmo áquella hora, dez e tanto da noite, a alguns dos locaes de Villa-Viçosa que eu desejava visitar,—taes como o da igreja dos Agostinhos, onde estão diversas inscripções latinas do nosso deus lusitano Endovellico, o do Paço ducal, o do castello. Eu tinha andado bem boas horas de comboio e de diligencia, estava mesmo um tanto debilitado do estomago: mas nem por isso senti enfado neste passeio nocturno, indo, como ia, acompanhado por tão erudito cicerone, que co-

Digitized by Google

nhecia Villa-Viçosa por fóra e por dentro, nas suas lendas e nos seus fastos de gloria, desde os tempos mais antigos até á actualidade.

Depois do passeio, Espanca conduziu-me outra vez a casa, cujas curiosidades archeologicas me mostrou: uma inscripção romana, que tinha fixa na parede, para lh'a não roubarem; um punhado de moedas romanas e portuguesas; varios machados prehistoricos de pedra polida. Por fim, sentando-se ao piano, na sua sala de visitas, que era ao mesmo tempo *museu,* tocou e cantou umas peças sacras de sua lavra, pois, alem de antiquario, Espanca era poeta e musico.

Áquellas horas mortas da noite, tudo dormia na nobre terra senhorial dos duques de Bragança; as ruas estavam desertas; não se ouvia rumor algum lá fóra, — e só talvez errava ao longe, através das alamedas dos jardins ducaes, alumiada pela lua livida, a alma do pagem Alcoforado, á procura dos beijos de D. Leonor, sob os anathemas formidaveis e as imprecauções da sombra de D. Jaime: por isso a melodia do piano e a voz untuosa e mystica do prior, espalhando-se no silencio da noite solitaria, adquiriam tons solemnes... e eu julguei-me por momentos arrebatado num sonho: tão íntima foi a impressão que recebi, e de que ainda agora, após sete annos, conservo viva lembrança!

*

Desde 1890 mantive sempre com o P.e Espanca relações de amizade, tendo tornado a visitá-lo na sua casa de Villa-Viçosa por mais de uma vez, nas minhas passagens por aquella villa, e tendo recebido d'elle, ha annos, uma lapide romana, que está hoje no Museu Ethnologico Português. Não foi pois sem commoção, que ultimamente li num jornal a noticia do seu prematuro fallecimento!

Faltaria a um dever se deixasse de publicar n-*O Archeologo Português* uma homenagem de saudade á memoria do prestimoso antiquario, que tanto queria á historia de Villa-Viçosa, e que alguns bons serviços prestou á archeologia geral do nosso país. É o que vou fazer, recordando factos da sua vida, e enumerando os seus trabalhos litterarios.

*

Lê-se n-*A Vida Moderna,* n.º 14, de 17 de Desembro de 1896, e n.º 17, de 7 de Janeiro de 1897, num artigo firmado pelo Dr. Pedro Augusto Ferreira, digno abbade de Miragaia:

Digitized by Google

«O Rev.do Sr. P.e Joaquim José da Rocha Espanca, filho de Villa-Viçosa, e filho muito benemerito, pois ninguem até hoje estudou mais profundamente a historia e antiguidades da sua terra natal, nasceu na freguesia de S. Bartholomeu d'esta villa a 17 de Maio de 1839, e é filho legitimo de Joaquim José Lourenço da Rocha Espanca e de D. Maria das Dores da Purificação Pereira.

Depois de estudar instrucção primaria, latim, cantochão, musica, piano, e orgão nesta villa passou em 1856 para o seminario episcopal de Evora, onde completou os seus preparatorios e fez o curso triennal com distincção.

Recebeu a ordem de presbytero a 17 de Setembro de 1863, e, depois de ter sido capellão da irmandade das Almas em Bencatel durante 14 annos, collou-se na freguesia de Pardaes, tomando posse a 25 de dezembro de 1877, —e desde 1868 reside em Bencatel com o Rev. Sr. Antonio Joaquim da Rocha Espanca, seu irmão, tambem presbytero de muito merecimento e prior da dicta aldeia.

Tem-se dedicado muito ás letras e á musica, principalmente sacra, na qual tem composto muitas obras que infelizmente ainda não foram dadas á estampa[1].

Em 1864 principiou a collaborar no jornal religioso *A fé Catholica,* onde, a partir do n.º 61, publicou varios artigos, firmados com o seu nome.

Depois escreveu e publicou nas *Leituras Populares* o romancezinho *Heroismo de amor filial* e noticias historicas das egrejas das Mercês e Bencatel—e collaborou nos almanachs do *Bom Catholico* e da *Immaculada Conceição,* etc.

Em 1882 publicou na *Ordem,* jornal religioso de Coimbra, um extenso protesto contra o centenario do marquês de Pombal.

O finado publicou tambem um *protesto* em latim contra a invasão da *Porta Pia* e contra a usurpação dos *Estados Pontificios* em 1870,— protesto que foi assignado por elle e pelo reverendo irmão Antonio José Rocha Espanca, então prior de Bencatel, e publicado no *Eco de Roma*».

---

[1] No referido jornal *A Vida Moderna,* n.º 14, de 7 de Janeiro de 1897, inseriu o sr. Abbade de Miragaia, um *Catalogo das obras musicaes do padre Joaquim José da Rocha Espanca, de Villa Viçosa.* D'esse catalogo se vê que Espanca compôs 73 obras musicaes, distribuidas em seis grupos; 1) para piano sómente; 2) para piano e canto; 3) para instrumental; 4) para instrumental e canto; 5) musica religiosa em lingua portuguesa para novenas; 6) musica sacra.

No campo de poesia creio que apenas compôs alguns hymnos e peças religiosas; certamente cousa de pouco valor.

Digitized by Google

*

Como nos artigos do P.e Espanca precedentemente indicados pouco ou nada haverá que interesse á archeologia, e como tambem não tive occasião de os ver, nada direi d'elles, e passarei a fallar dos que são propriamente archeologicos, e que eu li.

1. No *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa,* 3.ª serie, 1882, pag. 253 sqq. e 274 sqq., publicou o P.e Espanca um artigo com este titulo «O deus Endovellico dos Celtas (*sic*) do Alemtejo», dividido em 9 capitulos: 1) historia litteraria do assumpto; 2) inscripções já publicadas; 3) destino das lapides precedentes; 4) lenda erudita do templo; 5) significação do deus; 6) novas inscripções dadas a conhecer por Espanca; 7) proveniencia da pedra das aras; 8) local do templo; 9) destino e ruinas do templo.

Pelo que escrevi n-*O Arch. Port.,* I, 43 sqq., sabem já os leitores alguma cousa do deus lusitano Endovellico, cujo templo ficava no alto do monte de S. Miguel da Mota, ao pé de Terena, no Alemtejo.

O que o P.e Espanca diz no 1.º capitulo do seu artigo póde não só agora, mas já podia no tempo da redacção (1882), ser augmentado com diversas outras notícias: o que farei na parte que a este deus consagrarei no vol. II das minhas *Religiões da Lusitania.* O que diz no cap. 5.º sobre a significação etymologica do nome do deus, é inteiramente phantastico. O capitulo mais importante d'este artigo, e com o qual contribuiu para o conhecimento da historia do deus, é o 6.º, em que o A. publica pela primeira vez nove inscripções que elle encontrou numa visita que fez ao monte em 1874. Alguns dos outros capitulos são tambem curiosos.

Actualmente as lapides do deus Endovellico estão nos seguintes pontos: *a*) umas na igreja dos Agostinhos, em Villa Viçosa; *b*) outras na igreja da Boa-Nova, em Terena; *c*) outras em poder do Sr. Dr. Martins, no Redondo; *d*) outras, a maior parte, no Museu Ethnologico Português. A inscripção que André de Resende diz que se achava na torre do castello do Alandroal, por mais que lá a procurei, não a achei.

2. Na *Revista Archeologica,* I, 45, 100, e II, 173, publicou o P.e Espanca os seguintes artigos (1887–1888):

a) «Os estudos archeologicos em Portugal»;

b) «Mais um monumento epigraphico de Bencatel»;

c) «As Lacóbrigas da Lusitania».

Digitized by Google

O primeiro é uma breve notícia do movimento archeologico em Portugal. Nelle se lê um periodo que julgo util transcrever: «os senhores parochos poderiam, se quisessem, cooperar muito nesta obra, resenhando cada um os monumentos antigos das localidades em que vivem; e assim poderia fazer-se uma ideia exacta do que já existiu de notavel entre nós, e ainda existe digno de contemplar-se». O P.e Espanca deu por si o exemplo, como logo veremos; oxalá todos os outros parochos o seguissem!

O segundo artigo contém a notícia de uma lapide funeraria romana, que depois foi publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5211. Tambem ha nelle umas palavras dignas de serem transcriptas: «conviria que se promulgasse uma lei que obrigasse os municipios a remunerar com quaesquer quantias as pessoas que lhes apresentassem monumentos antigos. Nesse caso, com a mira no interesse monetario, aquelles que descobrissem qualquer antigualha a levariam logo á auctoridade».

O terceiro artigo está feito sem grande crítica, e foi certamente só por deferencia para com o auctor que Borges de Figueiredo o publicou.

3. Para a conclusão do *Portugal antigo e moderno,* obra começada a publicar pelo fallecido Pinho Leal, necessitou o continuador d'ella, o Sr. Dr. Pedro A. Ferreira, a quem já a cima me referi, de recorrer a diversas pessoas, e principalmente a parochos, para obter esclarecimentos geographicos e historicos que lhe faltavam. Nestas circumstancias dirigiu-se tambem ao P.e Espanca em 1884, como diz n-*A Vida Moderna,* n.º 14, de 17 de Dezembro de 1896, accrescentando que elle lhe ministrou os apontamentos para o artigo intitulado Vilela Viçosa, «que é todo ou quasi todo d'elle, e um dos mais longos e mais interessantes de todo o diccionario».

Neste artigo ha tambem umas curiosas notícias sobre as antiguidades romanas de Bencatel. O P.e Espanca, como se disse a cima, residiu muito tempo em Bencatel. Foi aqui, no meio d'estes campos, onde a cada passo apparecem inscripções, tegulas, moedas, pedras lavradas e esculpturas, que o gosto do P.e Espanca se despertou para a archeologia. O artigo sobre Endovellico, e os dois primeiros artigos da *Revista Archeologica,* estão datadas ainda d'esta aldeia. Em Bencatel se encontrou o celebre monumento de *Fontanus* e *Fontana*[1], que veiu depois para Lisboa, onde ha muito se perdeu: as minhas diligencias para o achar tem sido baldadas! Eu estive duas vezes em

[1] Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 150.

Digitized by Google

Bencatel, já depois do P.e Espanca ter de lá sahido, e posso confirmar tudo ou quasi tudo o que elle diz no artigo sobre Villa Viçosa, publicado no *Portugal Antigo e Moderno*. Nas minhas excursões a Bencatel acompanhou-me o meu prezado amigo José Velladas da Silveira Bello, do Alandroal, que me facilitou a visita ao proximo campo dos Villares e a outras localidades, onde abundam antigualhas. Em Bencatel appareceu tambem o monumento funerario romano de que fallo a cima, e que o P.e Espanca me cedeu, facto a que elle se refere nas *Memorias de Villa Viçosa,* pag. 70.

Está hoje reconhecido que o *meio* influe poderosamente nos individuos. Como não havia, pois, o P.e Espanca de se dedicar á archeologia, elle que possuia genio investigador, que recebêra por occasião do seu curso escolar alguma instrucção classica, e que em Bencatel e em todas aquellas redondezas, onde estava o castello do Alandroal, o castello de Terena, as ruinas do *fanum* de Endovellico, a igreja da Senhora da Boa Nova, e a historica Villa-Viçosa, tinha um estímulo a provocá-lo constantemente a estudar?

4. Quando estive a primeira vez com o P.e Espanca, mostrou-me elle tres ou quatro grossos volumes manuscriptos que intitulára *Memorias de Villa Viçosa,* onde comprehendêra tudo quanto, em laboriosas investigações em archivos, etc., havia podido recolher a respeito d'aquella villa.

Por difficuldades de impressão da obra completa, resolveu-se a publicar apenas um resumo, a que chamou — *Compendio de noticias de Villa-Viçosa,* Redondo 1892, 448 pag. in-8.°, com mais 1 de erratas, e uma planta da villa.

A obra divide-se em onze capitulos, e trata dos seguintes assumptos: topographia da villa e seu concelho (cap. I); archeologia da villa e concelho, e fundação de Villa-Viçosa (cap. II–IV); explendor da villa e resumo da historia da Casa de Bragança (cap. V); primeira decadencia de Villa-Viçosa (cap. VI); segunda decadencia (cap. VII); monographia sobre varios edificios, fontes, etc. (cap. VIII); instrucção pública, bellas artes e bibliotheca (cap. IX); agricultura, industria, feiras (cap. X); pessoas notaveis da villa (cap. XI).

Fructo de longos dias de trabalho, entre o pó dos cartorios e das bibliothecas, nas ruinas dos monumentos, em toda a parte, emfim, onde póde decifrar-se uma data antiga, ou apurar-se uma lembrança historica: geralmente o público não avalia o que custam trabalhos d'estes, e quanta paciencia, quanto affinco, não é ás vezes necessario empregar para chegar a qualquer resultado proficuo.

Digitized by Google

Muitos dos factos baseiam-se em documentos manuscriptos, compulsados pelo A., e por isso não os posso confirmar ou rectificar. Os que se referem aos tempos antigos necessitam porém de grandes correcções; nem sempre tambem o A. escolhe os que são verdadeiramente importantes, apresentando muitos que podiam ficar na sombra; o estylo é bastante descosido, para o que contribuia a natureza do livro, essencialmente rico de elementos estatisticos: não obstante tudo isto, encontrar-se-hão no *Compendio de noticias de Villa-Viçosa* informações apreciaveis que hão de sempre utilizar a um investigador que se sirva d'ellas com crítica.

5. Segundo se disse a cima, o P.e Espanca, depois de ser capellão das almas em Bencatel, collou-se parocho na freguesia de Pardaes (1877): foi no tempo que parochiou esta freguesia, que teve conhecimento de umas antas ou dolmens, que o levaram a manifestar ideias um tanto estranhas sobre a prehistoria.

No *Compedio das notícias de Villa-Viçosa,* pag. 74, diz peremptoriamente: «Saibam este meu sentir os prehistoristas: as antas eram choças dos tempos prehistoricos». Esforçando-se por demonstrar este ponto, escreveu em 1894 um opusculo de 55 pags. in-8.°, intitulado *Estudo sobre as antas e seus congeneres*, impresso em Villa Viçosa, por mãos do proprio auctor, em prelo seu particular. Este opusculo era o 1.° de uma serie, de que porém mais nenhum se publicou.

Não vale a pena insistir num assumpto tão infeliz como este, pois as antas são sepulcros, e não choças. Quero porém dar notícia de uma polemica litteraria que d'elle se originou.

Tendo-o o Sr. P.e Isidro Brenha criticado na *Vida Moderna,* em varios artigos, cujo 1.° sahiu no numero correspondente a 1 de Maio de 1895, o P.e Espanca respondeu-lhe no mesmo jornal, noutros artigos, cujo primeiro sahiu no numero de 20 de Junho de 1895; o sr. P.e Brenha treplicou, do numero correspondente a 24 de Outubro em deante, e o P.e Espanca tornou a replicar, no numero de 30 de Janeiro de 1896 até o de 24 de Junho, em que a questão terminou. Eu achei-me tambem envolvido nella, como se viu dos artigos reproduzidos n-*O Arch. Port.,* I, 92 sqq. e 172 sqq. O P.e Espanca morreu impenitente neste ponto, em que as suas ideias religiosas e o seu espirito pyrrhonico o não deixavam ver claro.

6. No *Archeologo Português,* I, 216–217 publicou um artigo intitulado «Monumento sepulcral de Juromenha», em que dá conta de uma inscripção romana até então inedita,—inscripção que por esforços

Digitized by Google

do meu prestante amigo José Velladas da Silveira Bello, do Alandroal, já hoje figura no Museu Ethnologico Português.

Este artigo, e os da polemica na *Vida Moderna* foram, creio eu, os ultimos que Espanca escreveu sobre archeologia.

*

Não tenho conhecimento de outros artigos ou obras de archeologia do nosso auctor, alem dos que ficam mencionados; se mais alguns escreveu, elles devem ser de pouca importancia.

O P.e Joaquim José da Rocha Espanca, falleceu na sua casa de Villa-Viçosa em 26 de Novembro de 1896, com 57 annos de idade, após breve doença.

Por testamento legou á Bibliotheca Pública de Evora tres volumes manuscriptos de sermões seus, quasi todos os que prègara, e que na occasião do fallecimento andava imprimindo (já impressas 20 folhas); legou á Bibliotheca Municipal de Villa-Viçosa, tres volumes in-folio, tambem manuscriptos, das suas *Memorias de Villa-Viçosa;* e instituiu que a sua casa, capella e livraria ficassem para disfructo dos parochos que lhe succedessem.

Outros factos biographicos, que não vem a proposito mencionar numa revista archeologica, podem vêr-se no desenvolvido artigo que a respeito do fallecido publicou o Sr. Abbade de Miragaia nos n.os 1, 2 e 3, de 17 e 24 de Dezembro de 1896 e de 7 de Janeiro de 1897 d'*A Vida Moderna,* artigo de certo muito benevolo quanto á apreciação dos meritos scientificos do biographado, mas escripto com boa alma: d'elle extrahi para aqui algumas notícias propriamente biographicas.

*

Chegados a tal altura da presente notícia necrologica, necessitamos de saber quaes, em synthese, os meritos do P.e Espanca no campo da archeologia nacional.

A minha opinião é esta: o P.e Espanca não era propriamente archeologo; era antiquario e curioso, mas instruido. A sua instrucção, com respeito ao caso que nos interessa, limitava-se porém ao latim, lingua que ensinava particularmente, e sobretudo á leitura dos nossos antigos chronistas e historiadores; Espanca não acompanhava o moderno espirito scientifico, antes, como se vê do opusculo sobre as antas, fugia d'elle. D'aqui resultou o usar de pouca crítica nos seus estudos, e ser necessaria certa circumspecção ao aproveitarem-se os materiaes

Digitized by Google

que colligiu. No emtanto devem ser tomados na devida conta de aprêço e louvor os serviços por elle prestados em salvar do esquecimento monumentos lapidares e notícias historicas, que laboriosamente buscou e recolheu. Quantos, podendo fazer o que elle fez, servindo a patria, o não fazem, e adormecem de inacção?

J. L. de V.

O territorio do antigo Castro de Ovile

Ao sul, poucas leguas, da elegante praia do Espinho, encontra-se uma lagoa rarissimas vezes representada nos mappas. Não tem hoje nome exclusivamente seu, nem provavelmente o teve nunca; póde, porém, indicar-se com a denominação das freguesias que lhe são limitrophes: Esmoriz ou Paramos.

Toda a costa comprehendida entre as fozes do Douro e do Mondego, com excepção d'estes sitios extremos, é formada de areia de que resulta a constante alteração do aspecto da beira-mar; pois a lucta das correntes oceanicas e fluviaes dando-se com aquelle elemento, tão instavel que basta o vento para o deslocar, as barreiras que se formam naturalmente pelo deposito das areias impedindo a descarga dos rios sobre o mar tem de ser eliminadas pela mão do homem para evitar maiores prejuizos. Segundo as memorias de 1758 dos parochos d'aquellas duas freguesias, dentro das quaes existe a lagoa (*Diccionario Geographico,* Archivo Nacional), a areia por vezes fechava a abertura da bacia onde desaguavam algumas ribeiras, motivando assim a inundação dos terrenos vizinhos pelas aguas que procuravam um novo caminho para se lançarem no mar, e obrigando toda a população a abrir um novo canal apropriado[1]. É possivel que noutras eras tivesse maior extensão o pequeno lago, havendo ainda em 1758 a tradição de terem nelle fundeado caravellas; só, porém, o exame geologico do terreno póde demonstrar a verdade do facto. Como a Beira maritima é pouco dotada de montanhas e os rios são de curso lento, prova da falta de declividade do territorio, facilmente se tem podido formar lagoas de que tantas possue o districto de Aveiro.

---

[1] Pela mesma occasião a classe piscatoria estava passando por uma grande crise, devida ao desapparecimento do peixe.

Digitized by Google

O nome mais antigo dado á lagoa de Paramos, mas que tambem não é seu exclusivo, era, com todas as suas differenças orthographicas, o de *Aville, Ouvil, Ubile* e *Obil,* que talvez seja a palavra latina *ovile* «curral», e com as quaes denominações era tambem conhecido um castro *subtus* o qual ficava a lagoa. O primeiro documento em que se falla da lagoa tem a data de 897.

Alguns documentos, que empregam a expressão *ribulo que dicent lagona,* parecem indicar que se considerava a lagoa como um pequeno ribeiro, a não ser, caso pouco provavel, que se desse esse nome a algum regato que nella desaguasse.

Os rios, o maior dos quaes não excede uma legua, cujos nomes vem mencionados nos documentos publicados até ao anno 1100 na região que fórma a bacia hydrographica da lagoa de Paramos são os seguintes: *Medianus, Sparago de Mazaneta, Pariamio, Maiore* e *Primi.*

1.° *Rio* ou *Ribulo Medianus* ou *Mediano.* — Conserva-se no nome da freguesia de S. Tiago de Rio Meão por onde actualmente passa, vindo da freguesia de S. João de Ver, onde nasce no sítio chamado Fonte Secca, encosta de um monte que outr'ora se chamava *mons Sauto Rodondo.* É conhecido o regato pelo nome de Cortegaça ou de Mourão [1]. e une-se ao rio que antigamente se chamava *de Sparago de Mazaneta.*

2.° *Rio de Sparago de Mazaneta.* Nasce em S. João de Ver e recebe os seguintes nomes, apezar do seu pequeno curso, Cavalleiros, Espargo, Lourido, S. Geraldo e Lambo; une-se ao anterior com o qual desagua na lagoa.

3.° *Rio de Pariamio.* Nasce da reunião de varias fontes sitas nas freguesias de Lourosa e Mozellos. É identico ao *Rio Maiore.*

4.° *Rio* ou *Rivulo Maiore.* Na freguesia de Paços-de-Brandão ha um lugar chamado Rio Maior, e, como por esta freguesia passa o rio de Paramos, não resta dúvida serem as denominações referentes ao mesmo rio.

5.° *Rivulo Primi.* Nasce na fonte da Goda, freguesia de Mozellos, e entra no rio de Paramos. *Primi* creio ser um genitivo de *Primus;* este nome conserva-se em Prime.

As villas que se podem localizar são as seguintes:

Cortegaza ou *Cortelaza,* hoje freguesia de S. Marinha de Cortegaça.

Ermoriz e *Ermorizi.* Este nome provém do genitivo de *Ermoricus* (Esmoricus, testemunha num documento de 1021, *Port. Mon. Hist., Dipl. et Chartae,* pag. 154) e conserva-se em Santa Maria de Esmoriz.

---

[1] Este nome tão vulgar creio provir de *Maurani.*

Digitized by Google

Dentro dos limites da freguesia encontramos *Condesindo,* hoje Gundesinde e *Sancta Cruce,* hoje Santa Cruz.

Paramio ou *Pariamio,* hoje S. Thyrso de Paramos.

Laurosa, hoje S. Tiago de Lourosa.

Mazaneta, hoje S. Pedro de Maceda. Sobre a etymologia de *Maceda* e palavras da mesma familia v. *Revista Lusitana,* I, 241, estudo do Sr. Leite de Vasconcellos.

Sisvaldi, hoje S. Tiago de Silvalde, genitivo de *Sisualdus*[1].

Sparago, hoje S. Tiago de Espargo. Vem do nome proprio *Sparacus.*

Palaciolo dá phoneticamente Paçô, apezar do que, creio ser hoje S. Cypriano de Paços-de-Brandão.

Valeiri é hoje S. João de Ver. É genitivo de Valerius (Valerii). Pelo *Censual* da Sé do Porto, e mediante os extractos que dá João Pedro Ribeiro no Tomo v das *Dissertações,* forma-se a serie de transformações de Valerii: pag. 28 *Veeyri,* e pag. 91 *Veer.* A fórma *Vaer* encontra-se nas *Inquirições* de D. Dinis. O nome do celebre convento de Vairão provém de *Valeriani.* Gondulfi (genitivo de *Gondulfus*) conserva-se hoje em Gondufe, lugar da freguesia de S. João de Ver.

Moazelus, já identificado pelo Sr. Gama Barros, (*Historia da Administração Publica em Portugal,* II, 334), com S. Martinho de Mozellos. Nesta freguesia existe um castro do qual dizia em 1758 o parocho:

«Junto a esta Igreja ha hum outeyro a que chamam do Murado que fica muito alto em hum monte o qual serve de apacentar os gados... mostra este nos antigos tempos ser cercado com valle cujo monte ou outeiro dizem os antigos que foi Praça dos Mouros de cujo se descobre grande parte do mar, a villa de Aveiro, o Rio que fica junto, que a villa será de distancia 5 para 6 legoas e o castello da villa da Feira».

Tem grande probabilidade o antigo *Castro de Ouile* (*Obile* e *Obil*) ou *Castro Ouibil* ser o actual monte d'*O Murado.* A grande altura (relativamente) do monte, permittindo a inspecção da maior parte do territorio, e as suas encostas arborizadas em que o gado, principal riqueza d'aquelles tempos, facilmente encontrava sustento, offereciam á reduzida população um abrigo passageiro perante os ataques dos que tanto podiam ser seus correligionarios como adversarios constantes (mouros e normandos). O proprio nome do castro parece ser uma palavra latina que significa «curral de ovelhas», e effectivamente ao

[1] Só por etymologia popular se póde considerar *Silvalde* como derivado de *Silva.* Cfr. *Revista Archeologica,* III, pag. 8.

Digitized by Google

menor assomo de invasão deveria ser o primeiro movimento dos donos das villas recolher em lugar seguro o seu gado em quanto elles, rodeados dos seus servos de diversas qualidades, tentariam pelas armas oppor resistencia ao avance do inimigo.

Através d'esta região corre uma serie de collinas, que hoje são anonymas mas que nos documentos mais antigos da historia portuguesa tinham denominações. A parte que nos interessa recebia o nome *mons Sauto Rodondo* que se conserva apenas num lugar da freguesia de S. João de Ver. Em Urró (Arouca) ha um outro lugar do mesmo nome. Ao norte do *mons Sauto Rodondo* havia o *mons Sagitella* ou *Saitella* que era talvez identico com o *mons Serpente*.

Actualmente passa encostada ao mar a via ferrea de Lisboa ao Porto, com pouca differença seguindo o traçado antigo da estrada romana (?). Nos documentos d'este periodo historico é vulgar encontrarem-se referencias a estradas que devem ser as construidas pelos romanos, apezar de serem ás vezes mencionadas como *mauriscas*.

Os concelhos actuaes da Feira e de Ovar (*Obal*), a que pertencem as freguesias que tem sido nomeadas, jaziam no *territorio portugalense*, e ficavam «prope civitas Sancta Maria». Santa Maria da Feira com as povoações vizinhas tinha um governador proprio, se não era o mesmo que governava todo o territorio portugalense. Um documente de 1037 dá como governando a terra de Santa Maria um Mendo ou Mem, filho de *Lucitus* e que era conde, *obtinente comite menendus prolix lucitu sancta maria*. O condado da Feira, pela extincção da familia a que pertencia, foi junto mais tarde á Casa do Infantado.

Em S. João de Ver existia um cenobio ou asceterio que desappareceu cedo, mais ao norte em Anta existiu tambem um outro regido pelo abbade *Tudeildus* ou *Tudegildus*.

Com excepção d'*O Murado*, na freguesia de Mozellos, não ha segundo parece, ou não tem apparecido, vestigios antigos. Em Fiães antes de 1752 tinham sido encontradas numerosas sepulturas e moedas d'ouro, com inscripções mouriscas (*sic*).

Como parte principal do presento artigo serviram os documentos publicados no *Portugaliae Monumenta Historica*, dos quaes se extractou a parte necessaria para illustração. Para o conhecimento do terreno foram utilizados, á falta de melhor, os depoimentos dos parochos feitos em 1758.

*

Seguem os extractos dos documentos da maior antiguidade até ao anno 1100 que se referem á região que estou estudando:

Digitized by Google

773 (?). «.....uillas prenominatas ipso acisterio quod fundamus cenobio sancti ihoannis de uilla de ualeiri et uilla de fontanelas et uilla canelas medietate et uilla pinopero et condesindo duas partes uilla cortegaza v^{a} et uilla sinobilani III^{a}.....». (Pag. 1).

«.....adtestauit ipsam uillam que iacet ubi rio medianus discurrit. et exparte cum uilla eurobas uoso et leuase ad illum portum de; et inde per illo aroio et fer in illa fonte. et exinde per illo uado qui auia ad illum montem et torna ad illo rio et concludit intégro.....». (Pag. 1).

«.....concedimus ipsam hereditatem que dicent medianas. et iacent inter uilla de patre et uilla canelas et uilla auelaneda. et de hereditate de pater donelizi III^{a}..... et medietatem de sancti iacobi de eurobas uoso..... et habent iacentiam ipsas uillas subtus mons sauto rodondo territorio portugalensi.....». (Pag. 1). O porto cujo nome ficou illegivel talvez esteja na lagôa de Ovile.

897. «..... uilla de ermoriz que est circa lagona de auille». (Pag. 8).

922. «De portugal dedit aliam ecclesiam in lagona de auuil (?) uocabulo sancta cruce.....». (Pag. 16).

977. «.....in uilla ualeiri discurente riuulo rio mediano terredorio portugalense prope ciuitas sancta maria.....». (Pag. 75).

«.....uilla quod est inter ualeiri et ipse casal cos (*quos* ou *quod*) uocitant osorei et est ipse casal in riba de ille riuulo que discurre per figueirido et de alia parte in gondulfi medio de illo casal de riba de ille riuulo gustu....lus pinus..... et ipse casal quos uocitant sauegodi exparte cum osorei per ille riuulo que descurre de figuerido et per ille aroio qui discurre de illa lagona et exparte cum pumares et uadi iusta ille forno telliario». (Pag. 75).

1009. «cum uilar de segoi et cum laurosa et cum moazelus.....». (Pag. 126).

1013 (?). «.....in uilla ermorizi et cortelaza (?) subtus castro de obile discurrente ribulo mediano terridorio portukal.....». (Pag. 134).

«.....diuidet cum uilla pariamio et de alia pars cum uilla mazaneda.....». (Pag. 134).

1037. «.....in uilla sancta cruce..... et est ipsa uilla subtus alpe mons sagitella territorio portugalense discurrente ribulo que dicent lagona usque se infundit in mare». (Pag. 181).

«obtinente comite menendus prolix lucitu sancta maria». (Pag. 181).

1043. «.....in uilla pausada et sancta cruce quos diuide inter uilla palaciolo et sisualdi et lagona usque in littore maris». (Pag. 198).

1053 (?). «.....de uilla paramio usque in mazaneda.....». (Pag. 235).

Digitized by Google

1055. «.....de rrio de pariamio usque usque (*sic*) rio de sparago de mazaneta.....et abe ipsa ereditate iacentia subtus castro ouibil prope litore maris territorio portugalense». (Pag. 241).

1056. «.....in uilla ermorizi subtus castro de obile discurrente ribulo paramio teridorio portukal». (Pag. 244).

1057. «.....in uilla que uocitant lagona..... discuremte ribulo lagona de ubile prope litore maris». (Pag. 247).

1076. «.....in uilla ermoriz subtus castro ouile discurente ribulo maiore prope lidore maris.....». (Pag. 327).

1077. «.....uilla ualeiri.....». (Pag. 330).

1077. «.....in cortegaza.....». (Pag. 334).

1090. «.....in uilla ermorizi subtus mons castro de obil territurio portugalensis discurrente ribulo lacona de obil prope litore maris». (Pag. 441).

1097. «.....subtus mons sauto rrodondo discurrente rribulo umia[1] torridorio (*sic*) portukalensis prope ciuitas sancta maria». (Pag. 505).

1097. «.....in uilla dicta moazelus..... subtus monte saitella discurrente strata ad portum asinarium riuulo maior». (Pag. 515).

1099. «.....in uilla dicta moazelus in loco primi..... et fer ipsa larea in ipso riuulo qui uenit de laurusela subtus monte saitela discurrente riuulo primi». (Pag. 545).

Pedro A. de Azevedo.

Notícias várias

1. Sepulturas de ao pé da Mina de S. Domingos

Noticiaram ultimamente varios jornaes o apparecimento de umas sepulturas na Mina de S. Domingos (Alemtejo), ás quaes attribuiam grande antiguidade.

Buscando saber de boa fonte o que existiria de verdade em taes notícias, vim a averiguar que nada revelaram essas sepulturas que as fizesse considerar muito antigas, antes ha todas as probabilidades de que sejam christãs.

J. L. de V.

---

[1] É o actual rio Uima que desagua no Douro em Crestuma (Castru Umie).

Digitized by Google

2. Museu do Instituto de Coimbra

Da *Resistencia* (Coimbra), n.º 218, de 18 de Fevereiro de 1897:

«No Museu de antiguidades do Instituto vae em breve inaugurar-se a sua secção prehistorica, reunindo-se para isso varios objectos á magnifica collecção offerecida ao Instituto pelo sr. dr. Santos Rocha, o infatigavel e intelligente collecionador da Figueira.

Para tal fim foi construida uma *vitrine,* de um desenho original e de uma ornamentação inspirada nas obras prehistoricas.

Annuncia-se tambem para breve a acquisição de esculpturas dos seculos XIV e XVI, exemplares muito importantes para o estudo da arte em Portugal».

3. Antiguidades da Arruda dos Vinhos

Lê-se no *Seculo,* de 25 de Fevereiro de 1897:

«Um cavalheiro, nosso assignante de Villa Franca de Xira, escreve-nos relatando varios achados archeologicos de que teve conhecimento e que passamos a descrever:

A leste da villa da Arruda dos Vinhos, a cêrca de 2:500 metros de distancia, num sitio denominado as *Antas,* composto de uns humildes casebres, matos e terras de semeadura, algumas pequenas vinhas americanas e poucas arvores de fructo, encontram-se vestigios de uma antiga povoação que se suppõe dos romanos. Pelos matos tem apparecido varias especies de dolmens.

Por alguns dos proprietarios das terras d'aquelles sitios, que tem feito surribas para vinhas americanas, tem sido encontrados, a uma profundidade não inferior a $1^{m},30$, os seguintes vestigios:

Ha tempos encontrou-se um grande forno que tinha servido á fabricação de telha e tijolo; mediu-se um d'estes que tinha servido na construcção do mesmo e viu-se que tinha $0^{m},40$ de comprido, $0^{m},30$ de largo e $0^{m},20$ de grossura. Mais adeante foi encontrado um grande pavimento subterraneo, composto de um betume desconhecido e ligado a pedras britadas, que formava uma amalgama rija como a propria pedra, cujas bordas eram levantadas em fórma de taboleiro; a capacidade é desconhecida, porque o proprietario, imaginando que por alli estivesse algum thesouro, foi partindo e arrumando as pedras; fez um grande marouço, e por fim, vendo que nada achava, a não ser um pequeno tubo e bocados de colheres, tudo de chumbo e alguns ossos, deixou de investigar. Não se pode calcular que applicação teve esta

Digitized by Google

especie de tanque. Proximo ha um largo alicerce, formado de pedra e egual betume, parece que foi a base de uma torre; mede $2^{m},75$ de largo, ignora-se o seu comprimento e profundidade.

Em 12 de Fevereiro do corrente foi encontrado mais um objecto: é uma pequena abobada de tijolo de $0^{m},10$ de grossura, crivada de buracos de $0^{m},23$ de diametro, pouco mais ou menos. Tem descoberto a largura de 2 metros, ignorando-se o mais; dentro tem agua e nateiro. Só para o verão se poderá explorar; mas ha já quem affirme que foi forno de louça.

Encontram-se por toda a parte, em se profundando na terra, bocados de talhas ou amphoras e alguns bem negros do lado interior, que se julga terem servido a vinho.

Ao norte das *Antas,* ha um casalinho ha pouco edificado numa terra conhecida pelo nome de *Relva* e em outros tempos pelo de *Villar.* Nesta terra, que mede uns 300 metros de comprimento por 300 de largura, pouco mais ou menos, encontram-se alinhados e compridos alicerces de pedra e betume, cantarias de portas e janellas das quaes se aproveitam os seus proprietarios para novas edificações.

Por entre os alinhamentos a charrua tem voltado muitos bocados de talhas de differentes feitios, alguns quadrados, tijolos com a superficie quadrada de $0^{m},50$ por $0^{m},4$ de grossura, telhas grandes e grossas e até machados de basalto. Mais ao leste da dita terra, vem com as leivas voltadas pela charrua, muitas cascas de ostras e madreperolas e outras substancias fosseis.

A norte da terra ha um tanque e indicios da canalização das aguas que de certo abastecia a povoação.

Não seria fóra de proposito que os competentes em taes assumptos tratassem de investigar o que possa haver de aproveitavel para a sciencia nos achados a que se refere a curiosa informação do nosso assignante».

4. Museu Archeologico de Faro

No *Diario de Noticias,* de 8 de Março de 1897:

«Ao sollícito cuidado do conservador do Museu municipal de Faro, Monsenhor Conego Botto, se deve haverem ultimamente recolhido ás suas respectivas secções archeologicas dois preciosos ineditos prehistoricos:—uma placa de rocha basaltica singularmente ornamentada, e uma espada de bronze, tambem *sui generis,* colhida cêrca do cabo de S. Vicente».

P. Belchior da Cruz.

Digitized by Google

A respeito de Conimbriga

1. Fragmento de estatua romana

Acabamos de ver nos escriptorios do *Conimbricense* o fragmento de estatua ultimamente encontrado nos terrenos da *almedina,* muros a dentro do castro romano da Condeixa-a-Velha, em propriedade do sr. Wenceslau Martins de Carvalho.

É a parte anterior do pé esquerdo de uma estatua collossal, que a avaliar pelo canon classico, do Achilles antigo, por exemplo, deveria medir $2^{m},82$ de altura.

É de alabastro, com a sandalia heroica, trabalho de uma accentuação authentica.

A estatuaria romana d'estas dimensões não é vulgar.

Para a inducção de hypotheses á cêrca da sua significação iconica são insufficientes os indicios de um simples pé.

Todavia é quasi fóra de dúvida que pertenceu á imagem de uma divindade. E se, dando credito a signaes falliveis, póde aventar-se que fosse uma representação feminina, nesse caso a altura iria alem de 3 metros.

Consta que o sr. Wenceslau está disposto a empregar tentativas para descobrir se no mesmo local existe o torso e os membros que a completam.

Essa investigação não admira que tente a natural curiosidade de um homem illustrado: mas quasi se póde affirmar que será esfôrço baldado. Uma figura de taes proporções deve ter soffrido desbaratos crueis.

Pelos escassos factos, que o acaso tem revelado, póde asseverar-se que quaesquer que tenham sido as vicissitudes por que passou a cidade de Conimbriga, um grande incendio occorreu, como epilogo de todos os desastres.

O subsolo em muitos pontos contém camadas extensas de substancias carbonizadas; e muitas vezes alli tem sido encontradas quantidades avultadas de trigo queimado.

A todos os espiritos salta a conjectura de uma invasão armada, guiada a todos os horrores da atrocidade e da destruição pelos odios de um cêrco, que de certo seria tenaz e prolongado.

Todas as considerações favorecem uma tal supposição: a ferocidade dos costumes, e as represalias provocadas pela resistencia de uma povoação defensavel pela fortaleza dos mouros e pelas vantagens da sua posição sobre penhascos alcantilados.

Digitized by Google

*

As ruinas de Condeixa-a-Velha, taes como se encontram, são o mais vexatorio depoimento da lassidão e do amollecimento português.

Até hoje jaz sellado pelo desprêso e pela incuria aquelle abundante jazigo de uma civilização brilhante ali sepultada — a 2 metros de profundidade!

Como é triste e symptomatico de uma sociedade em decomposição, que tantos homens, archeologos, artistas e sabios, alli vão frequentes vezes espalhar lastimas, não como Mario chorando sentimental sobre as ruinas do Carthago, mas deplorando a vergonha de que em Portugal seja impossivel encontrar trezentos mil réis, devotados a bem da sciencia, da historia e da civilização. Nem os cofres publicos, nem a generosa iniciativa de uma collectividade ou de um individuo, para levar a effeito uma excavação fertil, garantida por tantos indicios de bom exito!

. . . . . .

*

Felizmente sabemos que a secção de archeologia do Instituto se entrega neste momento ao estudo dos meios praticos para iniciar sondagens e excavações, segundo um plano methodico e maduramente pensado, que facilmente possam prestar indicações indispensaveis e projectos e trabalhos de mais completa investigação. = *A*.

(D *O Jornal de Condeixa*, de 8 de Maio de 1897, para onde havia sido transcrito da *Resistencia*.)

2. Rapida visita ás ruinas

Tendo-se-me offerecido ensejo de ir a Coimbra nas passadas ferias do Entrudo, resolvi dar um passeio ás ruinas de Conimbriga, em Condeixa-a-Velha, e effectivamente o dei, em companhia do distincto lente da Universidade, e meu prezado amigo, o sr. dr. Bernardino Machado, e de outras pessoas.

Já ha annos eu tinha estado naquelle local, mas então não tirei tanto fructo da minha excursão como agora.

Como não posso escrever neste momento um artigo desenvolvido, pois apenas tenho por fim corresponder, com um pequeno artigo destinado ao *Jornal de Condeixa*, á amabilidade com que o seu illustrado

Digitized by Google

redactor, o sr. dr. Alberto Martins de Carvalho, e seu Ex.mo pae, me acolheram e me informaram á cêrca dos assumptos que eu pretendia conhecer, limito-me a umas breves notas.

O trabalho mais desenvolvido que ultimamente se tem publicado sobre Conimbriga é o de Borges de Figueiredo, no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 5.ª serie, 1885, pag. 589 sqq. O fallecido archeologo estabalece que Conimbriga foi effectivamente em Condeixa-a-Velha, onde ha ainda muitos e notaveis restos; a pag. 595, porém, transcreve o seguinte da acta de uma sessão do Instituto de Coimbra: «Este cunho de grandeza, que apparece nas ruinas, afasta inteiramente toda a ideia de que alli fôsse um *castrum*, como tambem se tem opinado», — opinião esta, que Figueiredo perfilha.

Não sei bem em que sentido é alli tomada a palavra *castrum*, se no sentido romano, se no sentido do português *castro*.

Com relação ao primeiro ponto, não ha dúvida que *Conimbriga* era mais que um *castrum*, era um *oppidum*. Com relação ao segundo ponto, tenho como certo que as actuaes ruinas correspondem perfeitamente ao que na nossa archeologia se chama *castro* ou *crasto*. O proprio nome Conimbriga, em que entra o elemento -briga, de origem celtica, e com significação de «altura fortificada», o prova soffrivelmente.

Conheço *de visu* castros em todas as provincias do nosso país; quando visitei estas ruinas, logo as incluí no número dos castros, pois tem todos os requisitos que para estes se requerem: sufficiente altura, muralhas, e até mesmo a proximidade de um ribeiro, que corre ao fundo. Todavia é um castro grande e importante.

Na minha última excursão colhi bastantes objectos que trouxe para o Museu Ethnologico Português, a meu cargo. Estes objectos são uns *pre-romanos*, outros de origem *romana*.

No que existe escrito a respeito de Condeixa-a-Velha ou Conimbriga, falla-se só, creio eu, da epocha romana e posteriores; da epocha *pre-romana* apenas se cita o nome Conimbriga com as suas variantes: os objectos que eu encontrei preenchem pois uma lacuna, embora elles sejam muito diminutos, pois se reduzem a varios instrumentos prehistoricos de pedra polida: 1 goiva, 8 da classe dos machados, e 3 que poderão ter servido de amuletos.

Da epocha romana foi maior a colheita, pois trouxe muitos *pondera* de barro (alguns com marcas figulinas), instrumentos de ferro, 1 espora do mesmo metal, 1 camapheu, moedas de cobre e de prata, pedras esculpturadas, 1 figura de bronze, e diversos outros objectos. No Museu do Instituto de Coimbra, cujos progressos recentes, devidos ao zêlo e dedicação scientifica e patriotica de um grupo de archeologos

Digitized by Google

de Coimbra, são muito para elogiar, observei varios exemplares analogos aos meus, como uma espora, *pondera* de barro e instrumentos de ferro.

Todos estes objectos, pela comparação de uns com os outros, se authenticam e esclarecem reciprocamente.

Tambem trouxe umas curiosas contas de collar, a que não posso ainda marcar data precisa, mas que ou são romanas ou *pre-romanas*.

Da velha *Conimbriga* existem tão valiosas ruinas,—muralhas, restos de casas, aqueductos—, e apparecem tantas vezes cousas antigas por occasião dos trabalhos agricolas, que bem merecia a pena proceder a excavações methodicas e amplas, do que resultaria grande peculio scientifico. A Secção Archeologica do Instituto de Coimbra bem sabe isto: ella que faça, pois, por tomar a si quanto antes este encargo, e adquirir esta gloria.=J. L. de V.

Lisboa, 6 de Maio de 1897.

(Do referido n.º d-*O Jornal de Condeixa.*)

Duas povoações mortas

Na margem direita da linha de agua que entra no Sabor com o nome de Ribeira de Villa Nova encontram-se, em duas das alturas que a contornam e em correspondencia ás pequenas aldeias de Villa Nova e Meixedo da margem esquerda, restos de *povoações mortas* nos sitios conhecidos pela *Devesa* e *Lombeiro Branco*.

Estes pontos formam com Villa Nova quasi um triangulo isosceles, occupando esta localidade o vertice e sendo os lados iguaes a sua distancia ás ruinas que deve regular por 1,5 kilometro, e o lado desigual o intervallo que ha entre estas, que andará por 2 kilometros.

Avistam-se uma da outra, e ambas estão na confluencia de dois valles: a Devesa na juncção do de Campello com o de Villa Nova, e o Lombeiro Branco no encontro do prolongamento d'este, que no local tem o nome de Amoreira, com o da Raposeira, que, como o de Campello, corre a sudoeste da posição.

Apresentam proximamente a mesma configuração topographica. Tem declives escarpados entre norte e sul, e para poente continuam-se em ondulações que vão terminar nos cimos que separam as aguas do Sabor e do Vasseiro. Os seus horizontes são muito limitados, e o maior é o que se descobre da Devesa para nordeste, que se estende até ás alturas de Babe numa extensão não superior a 20 kilometros.

Digitized by Google

Incontestavelmente são estes vestigios da mesma epocha e duraram até o tempo do dominio romano, a avaliar pelos fragmentos de tijolo, de louça, mós de granito, telha de rebordo, etc., que os constituem. Mesmo na Devesa appareceu ha poucos dias um meio-bronze de Tiberio, cunhado em *Turiaso, sendo diumviros Manlio Sulpicio Lucano e Marco Sempronio Frontão.*

A sua situação e a limitada área abrangida pelas ruinas mostram evidentemente que estas duas estações archaicas não eram posições militares nem grandes povoados. A sua população, que hoje constituiria, quando muito, uma povoação regular, estava protegida por um ou mais fossos em andares, de que ainda se notam indicios bem distinctos no Lombeiro.

Não se vá, todavia, a ajuizar pela natureza e pequenez d'estas ruinas que ellas não tem grande merecimento historico e de que não são dignas da attenção dos archeologos e da veneração de todos nós.

Albino Pereira Lopo.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

102. Castellães (Entre-Douro-e-Minho)

Ruinas. — Crasto

«Nam tem villas nem Lugares; somente ha alguns vestigios que no Escodequil ouve algum dia cazas de que nam lembra seu principio». (Tomo IX, fl. 757).

«Tem mais para a parte do Sul hum Outeiro, e Monte redondo a que chamam o Crasto do qual tambem se descobre todo o concelho e para a parte de Guilhofrey, e se diz teve algum dia, no tempo dos Mouros, hum Castello que hoje nam ha, mas ja vi vestigio disso etc.» (Tomo IX, fl. 759).

103. Capella de Rendufe (Entre-Douro-e-Minho)

Ruinas do Mosteiro de Adaufe

«O que aqui ha digno de memoria são os ossos de hum Monge tresladado das ruinas do antigo Mosteiro de Adaufe para a Igreja

Digitized by Google

deste Mosteiro de Rendufe e tumulados ao Lado do Evangelho da Cappella mor com os quaes os povos tem grande fé em suas necessidades». (Tomo IX, fl. 793).

104. Capinha (Beira)

Vestigios de fortificação

«Está çituado este Lugar em hum valle cercado de montes entre os quaes o mais vezinho do Lugar se destingue do mais na eminencia em cujo cume se percebem alguns vestigios de huma antiga fortificação que se tem por certo ser fabricada por alguma das nasções que dominaram as Hespanhas, e ainda o dito monte conserva o nome de Villa Velha». (Tomo IX, fl. 801).

«Tem este povo as Ermidas de Santo Antonio, a de Sam Marcos, ... a de Nossa Senhora da Estrela.....» (Tomo IX, fl. 802).

105. Cardiellos (Entre-Douro-e-Minho)

Torre, dita dos tempos dos mouros

«Tem esta freguezia no meio entre Lavradio e veiga huma nobre torre do tempo dos mouros que terá de alto 40 palmos com sua porta de arco as paredes tem de largo 7 palmos toda de quantaria suponho pertence a coroa de S. Magestade; he habitada de muitos passaros por não ter telhado». (Tomo IX, fl. 842).

106. Cardigos (Beira)

Inscripção romana

«Não tem couzas de memoria nem antiguidade algũa mais do que em hũa pedra que serve de peitoril na fonte publica desta villa as seguintes Letras Latinas e Maiusculas[1]»:

AL · L · ON · · · ·
L · V · ANN L · X · X ·
H · S · E ·
S · T · T · L ·

(Tomo IX, fl. 849).

[1] No *Corp. Inscr. Lat.*, tomo II, debaixo do n.º 2677 (Leão) apparece o nome *Alloni* (dativo de *Allo*).

Digitized by Google

107. Caria (Beira)

Vestigios de fortificação. — Inscripções que já não se podem ler

«..... os Senhores Bispos deste bispado (*da Guarda*) antigamente tinhão cazas e habitavão neste Lugar que ainda existem parte dellas em o mais alto delle, juncto a Igreja Principal e Matriz e se conserva com o tittulo — Cazas da Torre. E pregado a ellas ha hũa trincheyra ao modo de forte..... Esta caza e Torre mostra antiguidade e tem algũas inscripsões de Leteras que já se não podem ler está intrincheyrada como se disse e nas partes principaes do Lugar á entrada de S. Sebastião e a sahida para Sancta Anna ha tambem em cada hũa outra Trincheyra». (*Construidas parece em 1650*). (Tomo IX, fl. 866).

108. Caria[1] (Beira)

Castello dos Mouros

«Em huma borda desta villa está hum outeiro não muito alto com grandes penedos, no qual se vem os Licerços de hum castello e se achão pedaços de ferro e muitos graons de senteio trigo e sevada queimados, não se sabe se este castello foi do tempo dos Mouros se dos antigos christaons, ainda hoje este citio se chama o Castello de Caria». (Tomo IX, fl. 878).

109. Carnide (Estremadura)

Inscripção portugueza

«Ha junto e defronte deste Convento o regio hospital da Lus que fundou e acabou a mesma virtuoza senhora Infanta Dona Maria..... Deyxou esta senhora no seu real grandioso e pio testamento rendas estabelecidas para se curarem secenta e tres pobres doentes conforme hum Letreyro que se acha por sima da porta principal do dito Hospital por bayxo do nicho de Nossa Senhora o qual diz na forma seguinte:

A INFANTE DONA MARIA FILHA DE EL REY D. MANUEL E DA RAINHA DONA LEONOR INSTETUIO ESTE HOSPITAL E O DOTOU COM SINCO MIL CRUZADOS DE RENDA CADA HUM ANNO PARA NELLE SE CURAREM PERPETUAMENTE SE CENTA E TRES POBRES ENFERMOS ABRIOSE EM VINTE E TRES DIAS DE ABRIL DE MIL E CEISCENTOS E DEZOUTO ANNOS.

(Tomo IX, fl. 918).

[1] Bispado de Lamego.

Digitized by Google

110. Carreiras (Entre-Douro-e-Minho)

Torre de Penagate. — Castello dos Mouros

Freguesia de S. Miguel de Carreiras.—«Junto desta Cappella (*de Nossa Senhora da Pena de Cima*) está huma torre com ameyas toda de pedra de Esquadria bem feita fundada sobre hua penha de sorte que para entrar dentro he necessario pôr escada a penha para, subindo, entrar pela porta..... Chamase a torre de Penagate e he aquella de que faz memoria a Nobiliarchia Port. no Cap. 4.º nomeando por fundador a Men Rodrigues de Vasconcellos, e hoje pertence a D. João Manoel de Menezes, senhor da villa da Barca etc.» (Tomo IX, fl. 1008).

Freguesia de S. Thiago de Carreiras.—«Da parte do sul ha o monte chamado do Castello que prencipia na freguesia de Barbudo e acaba no Lugar das Rouqueyras desta freguezia tambem de roça[1] todo e para a parte do nascente tem bons olivais. Neste monte estão os vestigios de hum castello e ao redor huns valados que dão indicios de que ahi averia algum dia praça ou fortaleza, e os Lavradores dizem por tradição que fora Castello de Mouros». (Tomo IX, fl. 1014).

111. Carrocedo (Trás-os-Montes)

Fraga concava. — Mouros. — Etymologia popular

«O seu Oragaro (*sic*) he hua inmaculada Imagem de Nossa Senhora da Acumpcão muito milagroza que apareceo no concavo de hua fraga, que fica arumada ao adro da Igreja para a parte do Poente, de cujo concavo se tiram poses (*pós*) com picos com que se saram muitos infermos e cobram saude, outros a cobram lambendo os poses no mesmo concavo». (Tomo IX, fl. 1020).

«He tradiçam ser abitaçam de Mouros o sito adonde esta a Igreja que he muito fragoso e se chamava a Villa do Caroço e achando sse na cidade de Bragança o Ex.mo Sr. Duque D. Joam no tempo em que a Snr.ª apareceo tendo noticia deste milagre a foy vizitar e madrugando muyto cedo para se livrar da calma chegando a Senhora por vir molesto disse para a Senhora Duqueza estas palavras; isto he caro cedo e de ahi lhe ficou o nome.....» (Tomo IX, fl. 1021).

112. Carvalho d'Egas (Trás-os-Montes)

Lendas. — Penedo Macho

«.....ha hum sitio que vulgarmente lhe chamam Mil Almas e outro as Couas e por tradiçam ouvia dizer aos velhos que a Cauza de

[1] Roçar = cortar matto.

Digitized by Google

chamarem Mil Almas e Couas fora porque no tal sitio fora a ultima batalha que os christans tiveram com os Mouros coando os extinguiram destas terras aonde dizem que os mataram e os enterraram.....», «.....e suposto lhe chamam Carvalho de Egas e nam Barreiros he porque naquelle tempo que se mudaram e edificaram este pouo havia hum sitio aonde está a Capella da Senhora do Rozario avia hum grande carvalho e estando á sombra delle Egas Monis Coelho ahi o prenderam no tempo que governava El Rey dom Pedro Cru». (Tomo IX, fl. 1124).

«.....no llemite deste Lugar estâ hum grande Penedo sobre huma Layja Marmere o coal chamam Penedo Macho e he muito selbre (= célebre), asim no feitio como no nome e grandeza e delle se descobre e ve muntas Terras..... e este tal Penedo ha menos de vinte annos hum homem de villa Flor por nome Jozé da Cunha intentou abrillo com fogo que com efeito lhe tirou um piqueno pedaço com o motivo de que dentro do tal penedo havia hum grande aver de ouro porem breuemente se enfadou da despeza que na tal parvoice hia fazendo». (Tomo IX, fl. 1125).

113. Carvalho de Rey (Entre-Douro-e-Minho)

Lapa

«.....he este vale muyto montuozo e se veste de arvoredos grandes, tem este vale em si hũa cova chamada a Lapa do Beyrão cuja porta cobrem huns penedos e na Entrada da dita coua pode entrar hum homem a cavallo, o fim della não se descobre pela escuridade que na entrada o occulta». (Tomo IX, fl. 1129).

114. Carviçaes (Trás-os-Montes)

Exploração de ferro

Cousas dignas de memoria o fabricar-se ferro brauo e por outro nome çatico (*sic*) sem para isso ser necessario aos fabricadores comprar a pedra de que se fas por se achar no Cabeco da Alua, nem cepa para o carvão, e ha duas fabricas delle.» (Tomo IX, fl. 1145).

115. Cascaes (Estremadura)

Despenhadeiro no Cabo da Roca

«Neste templo (*do Cabo da Roca*) obrou esta Senhora hũ prodigio segundo he constante tradição desta terra, della desapareceu hũ dia de caza de sua May hũ Menino, cuja idade seria de 5 thé 6 annos, sem que a triste May podese saber onde estaua: já o presumia cahido

Digitized by Google

de algũ penhasco abayxo no mar, e afogado já o deplorava morto de algũ infausto successo na terra se bem que a verdade era que hũas bruxas lhe tinhão arebatado de Caza e o forão lançar em hũ despenhadeiro em hũ monte sobre o mar que confina para aquella parte da Guia. Aos choros que o menino dava acodirão huns Pastores de gado que dando noticia a Villa sahyrão muntos com a desconsolada May a socorrerem a Inocencia. Não foi pouco o que custou a tirarem-no pelo profundo e inacessivel do despenhadeiro, e alegres todos pelo verem sem perigo lhe perguntou a May quem o metera ali, e que lhe dera de comer havia tantos dias? o que o Menino satisfes e dise que huas molheres o trouxerão pelo ar e atirarão com áquelle cova, porem que hua senhora munto fermosa lhe levava todos os dias hũas sopinhas de cravos para elle comer. Vejo a May e todos a Igreja arenderem as graças a Senhora, e asim que o menino vio a Senhora no altar dise estas formais palavras: *Oh May, eis ali está a Senhora que todos os dias me dava as sopinhas de cravos para as comer.* Chamouse este menino Joseph Gomes Lemos de alcunha o Chapinheyro, e foi nesta Praça, depois insigne Cirurgião Mor do Regimento, e mui pratico em Medicina e grande Filosofo, e o tal milagre o vio munta gente em hũ quadro estampado no mesmo templo da Guja que com outros que a mesma Senhora lîvrou, muntas embarcações de Captivos e dos Mouros consumio o tempo». (Tomo IX, fl. 1180).

116. Castanheira-do-Vouga (Beira)

Antigo deposito mineral

«..... haverá couza de des annos abrindo os moradores do Lugar das Maçadas no monte, que lhe fica contiguo hũa cava para tirar agoa, nella em altura de doze palmos, pouco mais ou menos aparecerão hũas pedras piquenas, que por hũa parte erão cobertas de hũ mental (*sic*) como deretido que propendia na cor mais para amarello do que branco, e erão muito pezadas, não se fes averiguaçam algũa disto, e tambem daquella mesma cava e terra sahja hũ cheiro a emxofre muito forte». (Tomo IX, fl. 1272).

117. Casteição (Beira)

Vestigios de um castello

«.....para a parte do Sul pegado na mesma villa tem hũ eminente rochedo, chamado Castello, com vestigios de que em algũ tempo foi fortificação, e delle se descobrem terras de sete Bispados.....» (Tomo IX, fl. 1291).

Pedro A. de Azevedo.

Digitized by Google

«Puissent les Portugais, au souvenir des savants accourus de tous les pays de l'Europe pour étudier les remarquables antiquités de leur patrie [em 1880], se mettre résolument á l'œuvre et explorer les immenses richesses archéologiques et artistiques de l'antique Lusitanie».

Ad. de Ceuleneer, *Le Portugal, notes d'art et d'archéologie,* Anvers 1882, pag. 89.

Museu Municipal de Bragança

De Março a Maio entraram para este museu os seguintes objectos:

Archeologia prehistorica:

7 machados, encontrados no termo de Bemposta, e uma mó de granito, achada no castro de Alimonde.

Archeologia historica:

a) *Epocha pre-romana:*

1 moeda de prata, iberica, encontrada em Sendim de Miranda;

b) *Epocha romana:*

2 moedas de bronze e uma de cobre, dos imperadores;

1 pedaço de pedra de afiar, e varios fragmentos de tijolos e louças romanas, encontradas nas ruinas romanas da Devesa de Villa Nova;

1 fragmento de uma lapide romana inedita, achado no castello de Oleiros.

c) *Epocha Portuguesa:*

1 interessante jarro de madeira, feito de uma só peça;

1 autographo do voto de uma freira de S. Bento, de esplendido trabalho:

1 medalhão de cobre, da inauguração do palacio de Crystal do Porto;

1 curioso quadro de cobre dourado, que representa um milagre de S. Francisco, proveniente das ruinas do convento de Santa Clara de Bragança;

1 fragmento de louça com relêvo, da mesma proveniencia.

Foral das aldeias do termo de Bragança, dado por D. Affonso III em 1252;

2 espadas do seculos XVII;

1 lapide portuguesa, encontrada na cêrca de S. Bento;

1 fragmento de talha muito antigo;

Digitized by Google

40 moedas portuguesas, de differentes reinados, sendo 1 de ouro, 14 de prata e 25 de cobre;

7 ditas estrangeiras de differentes epochas, 2 das quaes de cobre e a restantes de prata.

Objectos diversos:

Algumas amostras de differentes mineraes e rochas;

3 objectos de fiar.

8 settas africanas, antigas.

P. Belchior da Cruz.

Estudos sobre Troia de Setubal

Ha defronte de Setubal, na margem esquerda do Sado, umas importantissimas ruinas da epocha romana, a respeito das quaes se disseram algumas palavras n-*O Archeologo Português*, I, 54–62.

No desejo de tornar cada vez mais conhecidas estas ruinas, que bem mereciam ser methodica e completamente exploradas por conta do Govêrno, porque d'isso resultaria, sem dúvida alguma, farto peculio scientifico, ir-se-ha aqui sucessivamente inserindo uma serie de artigos, devidos a diversos investigadores.

Pela minha parte, já por mais de uma vez as visitei, tirando nessa occasião o Sr. Maximiano Apollinario, adjuncto do Museu Ethnologico Português, várias photographias que acompanham alguns dos seguintes artigos, como nelles se dirá. Novamente agradeço ao dono da Troia, o Sr. Francisco Cabral de Aquino Mascarenhas, todos os obsequios que me dispensou, permittindo mesmo que eu fizesse, como fiz, algumas excavações (cfr. *O Arch. Port.*, I, 221, § 14). Alem dos objectos que então se colligiram, e vieram para o Museu, existem aqui outros, da mesma procedencia, adquiridos por várias vezes, e dos quaes a seu tempo tambem se fallará.

As ruinas de Troia de Setubal constituem um inexgottavel manancial archeologico. Não se dá um passeio pela praia, não se mexe na areia, que não appareça alguma cousa. Oxalá que algum Ministro se amercie d'ellas! tanto mais que é uma vergonha que esteja a findar o seculo XIX, o seculo chamado das luzes, e Portugal deixe perder para sempre estes eloquentes vestigios da grandeza do seu passado, sem lhes prestar o culto que os povos civilizados prestam a tudo o que póde servir para aclarar os problemas historicos.

J. L. de V.

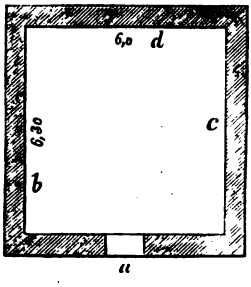
Digitized by Google

1. Piscinas

Dentro de um recinto murado ainda hoje se vêem a descoberto quatro grandes piscinas, havendo porém notícia de existirem ahi outras hoje cobertas pelas areias. Representam-se duas na fig. 3, segundo uma photographia que tirei.

Medem $2^m,70 \times 1^m,80$ e tem de profundidade $1^m,70$.

As paredes d'estas piscinas são construïdas de pedra (grês compacto), argamassada, revestidas por uma especie de *beton* formado de pedra calcarea britada, cimentada por argamassa de cal e areia.



Escala 1 : 200

Fig. 1

Escala 1 : 20

Fig. 2

2. Columbarium

Como se vê da fig. 4 (photographia), o monumento, de que apenas resta parte, era de fórma circular.

As paredes formadas de alvenaria de pedra ordinaria e de tijolo eram revestidas interiormente por uma camada de argamassa.

O pavimento constituido por uma especie de *beton,* formado de fragmentos de tijolo—assentava sobre uma fundação em que se notam tres camadas sobrepostas: uma de tijolo; outra de terra amassada e fragmentos de telhas; e uma, inferior, de pedra.

Na parte que existe da parede circular vêem-se duas excavações em fórma de nicho.

A cêrca de 100 metros para leste da capella de Troia acham-se as ruinas de uma construcção cuja planta é de fórma rectangular (fig. 1). Em *a* existe o resto de um arco de tijolo formando resalva

Digitized by Google

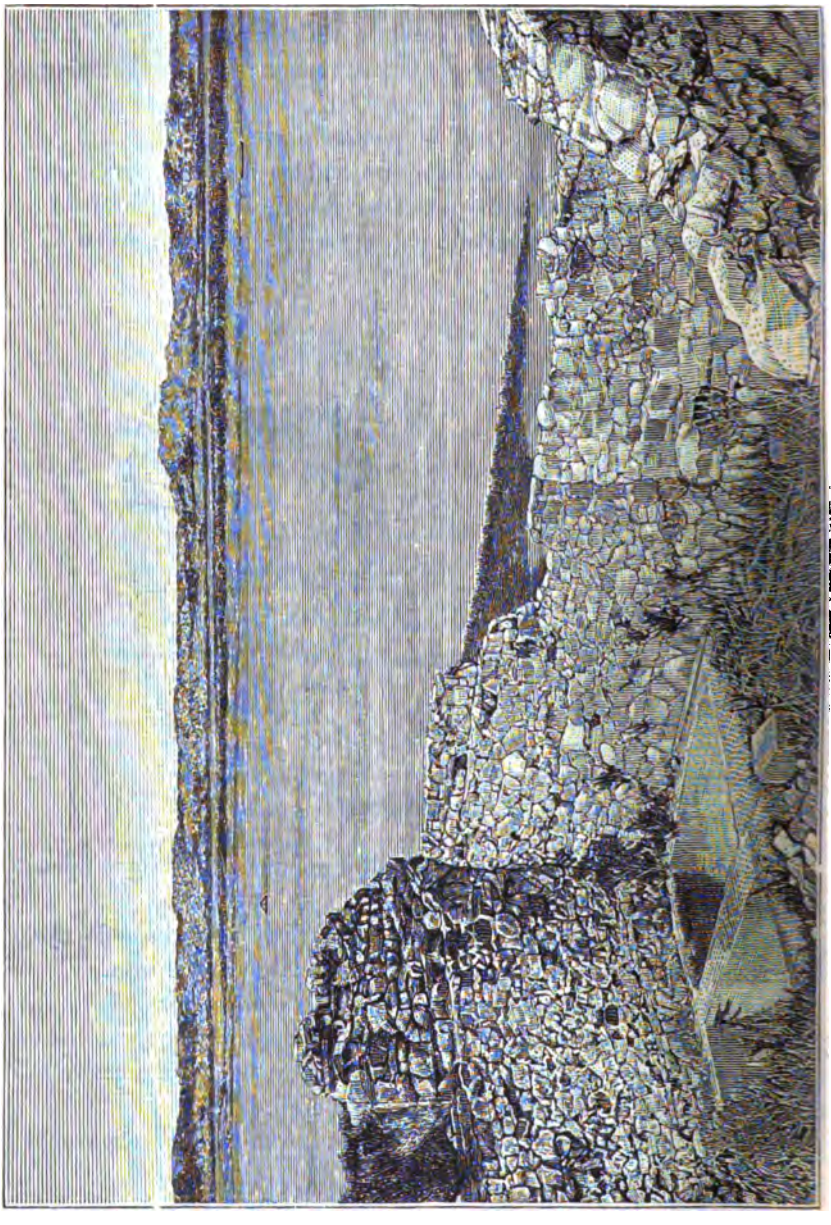


Fig. 5

Digitized by Google

Fig. 4

Digitized by Google

sobre uma peça de cantaria que seria provavelmente a verga de uma porta.

Logo a cima da verga da porta vê-se uma fiada de tijolo formando uma pequena saliencia sobre a parede, e por sobre ella, nas paredes fronteiras *b* e *c*, notam-se aberturas de fórma rectangular feitas no massiço de alvenaria e que provavelmente constituiam os *agulheiros* ou pontos de apoio do vigamento que sustentava o tecto do recinto.

A baixo do friso de tijolo estão abertas nas paredes *b*, *c* e *d* umas cavidades em fórma de nicho como o representa a fig. 2.

8. Thermas de Troia

Das thermas de Troia ainda hoje existem restos dos alicerces e de velhas paredes em partes desmoronadas.—A figura representa em planta o conjuncto da parte d'essas minas que hoje se acham a descoberto.

A julgar por essa planta, a entrada do edificio seria pelo lado sudoeste.—Para entrar no edificio atravessava-se o *prothyrum A* e passava-se ao vestibulo *B*, que communicava por um lado com o *caldarium C* (camara thermal) e por outro com o vasto recinto *I*.

No *caldarium* achava-se de ordinario o *labrum*, que devia estar no topo da sala do lado onde se vê ainda um massiço arredondado de alvenaria, e pouco mais ou menos no ponto indicado *a*.

O *labrum* era uma vasta bacia com agua, cujo bordo se elevava de um metro, proximamente, a cima do pavimento, e onde se faziam as abluções da cabeça e do tronco,

D e *E* precediam os *alvei F*—compartimentos que recebiam tinas de banhos especiaes. Entre *G* e *D* encontraram-se, por sob o *alveus*, vestigios de fornalhas de aquecimento.

Na parte posterior *H* ainda se vêem os restos de grandes piscinas, deixando ver ainda nalguns pontos o seu revestimento de mosaico.

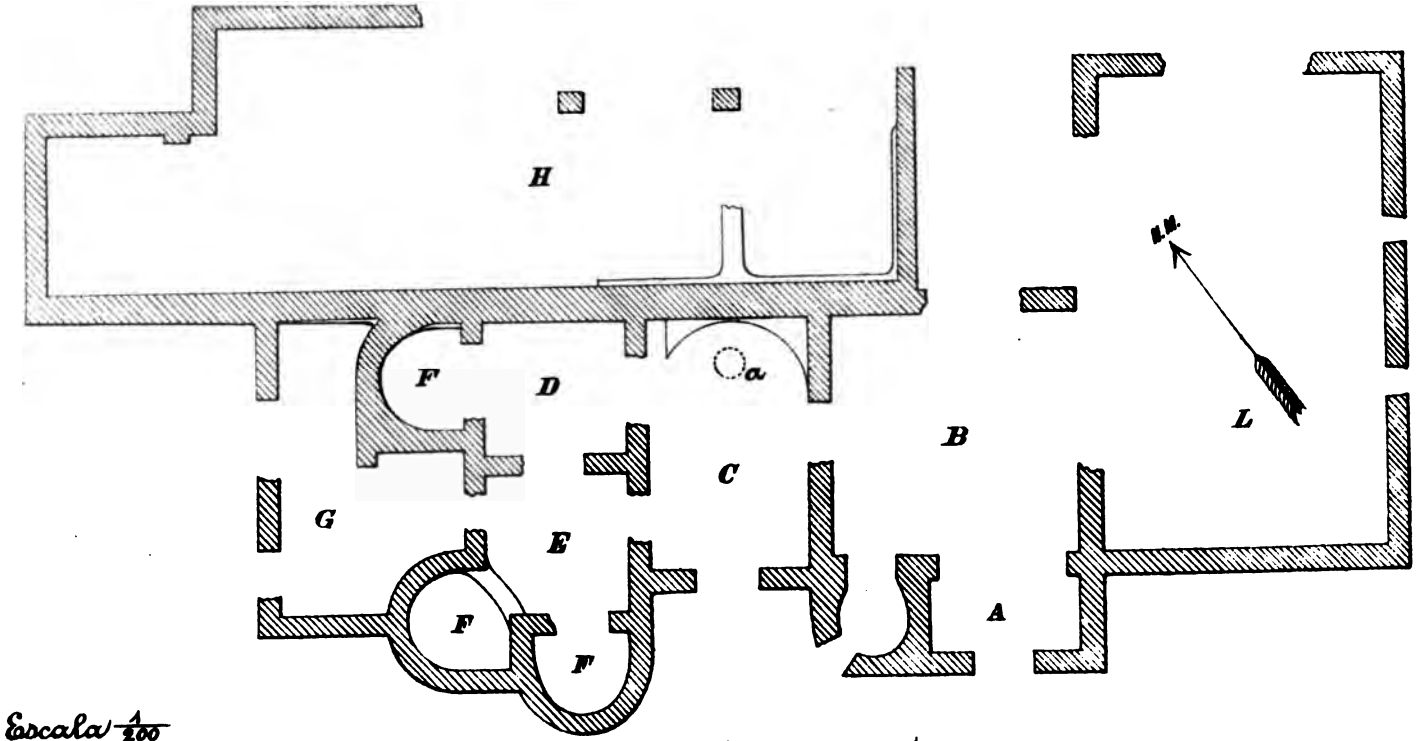
O recinto *I* constituiria a *spheristeria*, isto é, o lugar destinado aos exercicios physicos como o jogo da bola, que lhe deu o nome.

A construcção das paredes era em grande parte de alvenaria de tijolo.

O fundo dos *alvei* era formado por uma especie de *beton* muito resistente, formado por fragmentos de tijolo cimentados por argamassa de cal com muito pouca areia.—Num d'esses *alvei* ainda restavam vestigios do revestimento do mosaico.

Maximiano Apollinario.

Digitized by Google



Planta das Thermas de Troya

Digitized by Google

PUB...
ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS

Digitized by Google

VOL. III JULHO E AGOSTO DE 1897 N.os 7 E 8

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1897

Digitized by Google

SUMMÁRIO

Inscriptio arae Romanae repertae in oppido aliquo vetusto, sed ignoto Lusitaniae orientalis.

Acquisições do Museu Ethnologico Português.

Dolmen de Villarinho.

Penedo com insculpturas, nos arredores de Vianna do Castello

Alguns sellos antigos do concelho de Santarem.

Estudos sobre Panoias.

Vestigios archeologicos de Pombal.

Notícias várias.

O tumulo do Conde de Ariães.

Nova inscripção iberica do Sul de Portugal.

Publicações archeologicas recentes.

Museu Municipal de Figueira da Foz.

Lapide romana.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758».

Este fasciculo vae illustrado com 9 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. III JULHO E AGOSTO DE 1897 N.os 7 E 8

Inscriptio arae Romanae repertae in oppido aliquo vetusto, sed ignoto Lusitaniae orientalis

AEMILIUS HÜBNER JOSEPHO LEITE DE VASCONCELLOS s. p. d.

Ara romana, quam mihi scripsisti nuper inlatam esse in Museum tuum ethnographicum Olisiponense, reperta illa prope S. Thomam *das Lamas,* in antiquo concilio *do Cadaval* provinciae *Extremadura* Portugalensis, titulum continet, cuius pars superior erasa est, ut videtur, consulto, inferior admodum evanida, ita ut lectio et interpretatio difficultates praebeant minime vulgares. Age, periculum faciamus, numquid in ea legenda et interpretanda proficiamus, tu, testis oculatus cum perspicacitate tua, quam titulis multis, qui in patria tua reperti sunt, legendis tibi paravisti, ego adiutus usu vitae consumptae in titulis etiam aliarum regionum supplendis et explicandis permultis et variis.

Ara haec alta, ut scribis, m. 0.58, lata 0.40, ex lapide calcario regionis eius, ubi prodiit, supra fastigiata est cum volutis duabus. Unde probabile redditur deo vel imperatori alicui positam, non sepulcralem esse. Quamquam etiam sepulcrales extant eiusdem formae, utpote dis Manibus sacrae; tamen minus solita est forma illa in titulis sepulcralibus, atque quae in hac ara tua leguntur vocabula idem demonstrant, scilicet titulum non esse sepulcralem, sed votivum, imperatori alicui dedicatum. Litterae versuum vel quattuor vel quinque priorum una cum facie totius lapidis superiore videntur scalpro deletae esse temporibus recentioribus, non, ut solebant tituli imperatorum damnatae memoriae, aut alii alias ob causas, consulto erasae in ipsa iam antiquitate. Nam primum, si nomina tantum imperatoris alicuius delenda erant, non fastigium quoque arae, in quo nullae unquam litterae fuisse putandae sunt, et ipsum, ut est, eodem scalpro attritum esset,

Digitized by Google

quo inferiora perierunt. Deinde vero restant quae finem faciunt titulorum imperatoris vocabula, ut statim apparebit; quae delenda fuissent cum reliquis, cum memoria imperatoris eius deleretur. Itaque saecula post antiquitatem Romanam insequentia, ab octavo nonove ad duodevigensimum undevigensimumve in culpa sunt, quod caecutientes nunc et aegre litteras rimantes, quas saecula illa vel intactas reliquerunt vel non prorsus evanidas, in sensu tituli recuperando desudamus.

Quae tu in lapide legere potuisti adiutus exemplo, quod ego ad ectypa feci, haec sunt:

.....
...I PRONEPOTI DIVI NER
.....NEPOTI FEL · FLAV FRV
...OB · PIRC · IVLIVM IAVR
..IΛMALLONIVM MARCIC
...NVM · ..... IV..... V.....
...*I* VM ET · MIVL · IAVRVM

In v. 1, qui legi potest, omnia clara et perspicua sunt; ante I primam in ectypo C litterae partem superiorem mihi videor distinguere, quam ibi olim fuisse nominum ratio docet.

V. 2 initio olim VAE litteras fuisse certum est; vestigia vero earum non supersunt. Quae post NEPOTI vocabulum perspicuum sequuntur, dubitationi obnoxia sunt. Ad discriminandas litterarum lineas iam, ut in sequentibus, accedere debet divinatio, quae studeat assequi cogitando, quid hoc loco olim fuerit scriptum.

V. 3 cum sequantur nomina virorum complurium, *per* quos—*per* enim re vera ibi legi, non *pir,* videbimus infra—perfecta sit dedicatio haec imperatori alicui destinata, necessario nominandus erat ipse auctor dedicationis. Auctor autem dedicationis aut homo aliquis fuisse potest aut res publica quaedam, sive illa municipii alicuius erat sive collegii sodaliciive sive templi vel fani alicuius. In scriptura arae huius minuta et evanida IEFIT litterae aegre distinguuntur; unde quae tu legisti FEL · FLAV, mihi in ectypo etiam T · FL · FLAV legi posse visa sunt. Ut finem v. 2 et initium sequentis 3 nunc omittamus, FEL · FLAV aliqua ratione ita possunt explicari, quamquam non satis commode, ut nomina fuerint oppidi sive rei publicae alicuius *Fel* .....*Flav*(*ienses*) dictae; veluti *Alb*(*enses*) *Urgav*(*onenses*) et similia.

Digitized by Google

Non solent sane ita pluraliter exhiberi nomina oppidorum frequenter; frequentius singulari numero nomina ita fere indicantur [*municipium*] vel [*res publica*] *Fel(icitas) Fla(via)*. Neque placet *Fel(icitatenses)* aut fortasse *Fel(ices) Fla(vienses)*; quamquam Felicitatis Iuliae Olisiponensis nomina tibi, utpote civi Olisiponis urbis, statim in mentem venient. A *Fel*... vero litteris incepisse nomen aliquod peregrinum oppidi a Vespasiano postea iure municipii Latini donati et propterea *Flavium* cognominati, ideo exiguam habet probabilitatem, quod *f* litteram litteraeque eius sonum scimus abfuisse a lingua Iberica (vide *Monumenta* mea *linguae Ibericae,* p. XLVI). Quodsi per *Fel*..... *Flav*..... duo potius oppidi eius ignoti cognomina designari statuimus, nomen eius peregrinum quaeremus in litteris v. 2 ultimis primisque v. 3. Atque quae post F L AV sequuntur puncto interposito — sic F L AV · — a te F R V lecta concedo aut haec esse aut E R V aut IRV aut T R V. Item quae v. 3 ineunte tu legisti ...O B et ipse in ectypo video, praecessisse vero eis secundum spatium, quod in lapide est, non possunt nisi littera una duaeve. Quas priusquam cum eis litteris coniungimus, quae praecedunt in versu 2 extremo, videamus primum quae sequuntur in versu 3. Quas tu ibi in lapide legisti P I R C, ego secundum ectypum contendo aequo iure legi posse P E R C. Interest inter R et C litteras spatium paullo maius quam inter E et R, P et E; unde puto a C novum vocabulum incipere, quamquam puncto interposito nullo. Nam si *per C* · ...., i. e. *Gaium,* legimus, *per* praepositio secundum legem aliquam scripturae Latinae saepe observatam coniungitur scribendo cum casu, quem regit. Tum vero *ob* praepositioni alteri ante *per* nullus esse potuit locus; accedit quod *ob* praepositio per se non habet quemadmodum facile explicetur; nisi ponimus *ob illos homines servatos* dedicationem factam esse imperatori, vel *ob beneficio aliquo ornatos,* quod in ara hac non videtur spatium habuisse quo indicetur. Sed quamvis *per* praepositionem inesse in illis P E R C probabilitatis speciem longe maximam in se habeat, tamen eis, qui contra hanc meam opinionem pugnare volent, ipse indicabo unde arma sibi sumere possint; sed arma, ut statim apparebit, obtusa et inutilia. Indicavi olim in praeceptis quam brevissime propositis de inscriptionibus Romanis recte legendis interpretandisque, ubi de variis praenominum generibus verba feci, extare singula exempla in titulis vetustis quibusdam regionis Praenestinae et Sabinae *Pescennii* vel *Percennii* praenominum, ita P E S C et P E R breviata (*Corp. Insc. Lat.,* XIV, 3103; IX, 2610). Sed unus quisque paullo magis eruditus statim perspiciet, de vetustis illis praenominibus aetate liberae rei publicae gestis ab hominibus quibusdam non urbanae originis omnino cogitari non posse in titulo Lusitano saeculi post Chr. n.

Digitized by Google

alterius. Abiciatur igitur necesse est *Perc(ennius) Iulius [T]aur[inu]s*, quem perversa tantum eruditione usus proferre posset contra simplicem *per* praepositionem adversarius aliquis meus, cuius arma a me ipso subministrata vi omni destituta esse demonstratum est. Itaque si a longiuscula digressione redimus ad *per* praepositionem, iam in . . . *ob* illo non praepositio quaerenda est, sed finis eius vocabuli, quo nomen oppidi *Fel*. . . . . *Flav*. . . . . plenum reddebatur. Quod quale fuerit sane in tam densa, in qua versamur de regionis illius oppidorum nominibus vestustis ignorantia pro certo nemo indicare poterit. Divinationi siquis locus est, cogitaverim in lapide talia fere fuisse: TRV | *t*OB vel TRV | *ti*OB; ut nomen oppidi fortasse fuerit *Trutobriga* vel *Trutiobriga*. Quod Trutobrigae, quam fingo, nomen in *Trutob.* breviatum est, non in *Trutobr.*, ut expectamus, ferri potest; quadratarii enim provinciales in talibus non sibi constant. De *Brutobriga*, cuius nomen nummi servaverunt (*Mon. ling. Iber.*, n. 184; apud Stephanum Byzantium Βρουτοβρία scribitur) cogitare non licet; nam F vel T vel I vel E in lapide legi possunt, non B. Quaeritur oppidum illud, quod nomen sine dubio traxit a Decimo Iunio Bruto Callaico, qui Lusitaniam subegit, alicubi inter *Thomar* et *Abrantes* (v. *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II, p. 813, 1030).

Longa igitur hac demonstratione illud effecimus, ut possent aliqua cum probabilitate, vel potius non sine ulla probabilitate quae tu in lapide legisti ita explicari, una tantum littera F mutata in T, *Fel(ices) Flav(ienses) [T]ru[t]ob(rigenses)*. Tamen ne in hac quidem probabilitatis specie per se iam admodum levidensi licet nobis conquiescere. Nam dixi supra pro FEL aequo, nisi omnia me fallunt, iure etiam legi posse T · FL. Hoc si concedes, nullo negotio ita mecum interpretaberis vocabula breviata quae statim sequuntur: *T(itus) Fl(avius) Flav(ianus)*. Quae vero restant aequo item iure pronuntiabis vocabulum esse geographicum, quo origo hominis illius indicetur, qui nomina sua per gentis heredidatem ad Vespasianum imperatorem retulit sine dubio, scilicet ut fuerit *[T]ru[t]ob(rigensis)*. Propter simplicitatem hanc magis arridere explicationem quam antea propositam ipse concedes. Sed tamen liberam tibi optionem do inter utramque eligendi. Dummodo alteram utram certam esse contendere possim; quod tamen minime spondeo.

His vero difficultatibus aut victis aut aut aliqua saltem ratione expeditis minus negotii praebent qui supersunt versus explicandi. Satis enim manifestum est ex eis litteris, quas eodem modo legimus tu in lapide, ego in ectypis, continere eos hominum quattuor — fortasse quattuor virorum, qui oppidum illud regebant — nomina trina casu quarto

Digitized by Google

exhibita omnia, qui casus pendet a *per* praepositione illa, quam supra defendimus. Primum e quattuor illis nomen ita legisti:

C · IVLIVM IAVR

atque observavisti quae M sequatur litteram non fuisse T, sed I. Post R finale spatium est litterae unius duarumve capax; item initio v. 4 sequentis, quod ipse indicavisti. Sed ibi potest praenomen intercidisse alterius e quattuor illis viris. Concedo, secundum ectypa cognomen C. Iulii eius a T incipere non videri, quamquam in statu eo, quo superficies lapidis est, potuit omnino evanescere linea transversa superior, quae T litteram efficit. Sed I fuisse nego; *Iaur*..... nomen nullum unquam fuit nec Latinum nec peregrinum. Potest fuisse *Laur*.....; nam pes litterae cum A quae sequitur paene coaluit. Laurus cognomen est exemplis non admodum paucis notum. Itaque quamquam exigui momenti est, homo ille utrum Laurus fuerit cognominatus an Taurus, faciamus eum Laurum fuisse. Litterae nominis eius duae ultimae fortasse ligatae fuerunt in nexum M ex V et M factum. Nunc demum tertium versum partis tituli superstitis absolvimus.

V. 4 initio iam dixi observatas esse a te ante nomen gentilicium elementa litterarum haec:..... IΛ. Mihi in ectypis ita videntur formata esse ita potius: VIA. Vides discrimen esse exiguum. Inter praenominum Romanorum notas, quas omnes novimus —nisi superest in illis elementis pars ultima cognominis C. Iulii eius, qui est in versu praecedente, *Laur[i]num;* quod tamen non probo—, una est, quae aliquam praebeat similitudinem cum litterarum reliquiis illis, NVM, Numerium significans, quam infra videbimus redire. MALLONIVM gentile a me in ectypo statim lectum gaudeo a te in lapide quoque inventum esse. Nomen non admodum frequens est, sed cuius exempla non desint. Cognomen MARCIC legimus uterque. Scilicet cum Marcicus forma nulla sit, C ultima quae nobis apparuit necessario pro O habenda est detritu lapidis imperfecta. Unde initio versus qui sequitur Marcionis cognomen finem invenisse putandum est, *Marcionem.*

V. 5 scripsisti mihi te eas tantum percipere potuisse litterarum reliquias, quas supra adnotavi. Ectypum propterea minus clarum evasit, quia versus ille ultimus est ante pedem arae prosilientem; unde in cavum charta non potuit satis profunde penetrare. Atque initio versus, ut modo vidimus, NEM litterae ad cognomen pertinentes, quod antecedit, extitisse certum est. Neque obstant nec spatium nec vestigia.

Digitized by Google

Quae sequuntur NVM litterae a te lectae, praenomen Numerii sunt, quod iam initio versus 4 extare vidimus. Post NVM vestigia haec distinguo

C\TIVIAIFIT\\

quae quale nomen et cognominis initium significent non intellego. Finis cognominis initio versus sequentis legitur. Non quia verum invenisse mihi persuadeam, sed ut exemplum proponam, qualia nomina ibi fuisse divinando aliquis statuere possit, dico

CATILIVM FESTI
VVM

nomina aliquatenus accedere ad vestigia servata.

Nam v. 6 initio tu ipse in lapide VVM litteras legisti. In ultimo nomine legendo paene convenit inter nos; nam tu in lapide legisti

ET · M · IVL · IAVRVM

ego in ectypo primam cognominis litteram supra detritam, ut reliquae eius versus omnes, T fuisse contendo. Nam *Iaurus* nomen nullum esse supra dixi; L vero litterae pedem hic non perspicio. Unde necessario TAVRVM legendum est. Post hunc versum num alii insecuti sint ignoro; sensus tituli nihil ultra exigit. Nam formula *d(at) d(edicat)* vel similis non desideratur.

Tandem igitur ad finem perductum est examen minutum nec taedio carens, quo litteras huius tituli singulas persequi opus erat. Nunc demum totius tituli textum ita fere restituere licet:

imp. caes. m. aurelio
antonino aug., trib. pot..., cos...,
divi antonini f., divi hadri-
ani n., divi traiani parthi-
CI · PRONEPOTI · DIVI · NER
*vae ab*NEPOTI · T · FL · FLAV · TRV
*t*OB · PER C · IVLIVM · LAVR*um*
*nu*M · MALLONIVM · MARCIO
*ne*M · NVM · CATILIVM · FESTI
VVM · ET · M · IVL · TAVRVM

Digitized by Google

Transcribo textum compendiis solutis, ut facilius intellegatur:

[Imp(eratori) Caes(ari) M(arco) Aurelio
Antonino Aug(usto), trib(unicia) pot(estate)..., co(n)s(uli)...,
divi Antonini f(ilio), divi Hadri-
ani n(epoti), divi Traiani Parthi-]
ci pronepoti, divi Ner-
[vae ab]nepoti T(itus) Fl(avius) Flav(ianus) Tru-
[t]ob(rigensis) per C(aium) Iulium Laur[um],
[Nu]m(erium) Mallonium Marcio-
[ne]m, Num(erium) Catilium Festi-
vum et M(arcum) Iul(ium) Taurum

Puncta olim posita fuise inter vocabula singula —si *per* excipimus, de quo supra dictum est—, quamquam raro tantum discernuntur, tamen perquam probabile est. Catilii Festivi nomina exempli tantum causa a me posita esse repeto; sed minimum interest quae viri eius nomina re vera fuerint, dummodo ibi scripta fuisse conceditur. Unum addo: *et* particulam copulativam, quae v. ultimo clare legitur, additam quarto tantum loco, cum tria nomina anteriora enumerentur sine particulis copulativis, non offendere aetate illa et in illius generis titulo; quamquam scriptores et antiquiores et elegantiores sane putandi sunt eam potius omisisse. Apparet cui nam Marci imperatoris anno titulus tribuendus sit incertum esse, cum numeri tribuniciae potestatis et consulatus suppleri nequeant; sed certum est dedicationem factam esse imperatore adhuc vivo, i. e. intra annos p. C. 161 et 180. Dedicationes Marco et Vero divis fratribus factae minime rarae sunt etiam in Hispaniis ut in Italia reliquisque imperii Romani provinciis. Nova est oppidi memoria Trutobriga, ut conieci, dicti; cuius situm fortasse non procul a Sancti Thomae *de Lamas* quaerendum et accuratius definiendum antiquarii regionis eius periti speramus fore ut mox sibi proponant.

Scripsi Berolini d. 11 m. Martii a. 1897.

Acquisições do Museu Ethnologico Português

106. O Sr. **José Velladas da Silveira Bello**, do Alandroal, obteve e offereceu-me para o Museu a lapide romana de Juromenha, cuja inscripção foi publicada n-*O Archeologo Português*, I, 216.

Digitized by Google

107. O Sr. Dr. **Manoel Matheus**, de Grandola, offereceu-me:

a) dois machados de pedra polida;

b) uma pedra trabalhada, e quatro fragmentos de outras, que parece serviram para moer;

c) uma pedra polida, que serviu de triturador.

Objectos prehistoricos, provenientes do sítio da Pòveira (beira-mar), ao pé de Sines.

108. O Sr. **Severino Lopes Marques**, de Abrantes, alumno da Eschola Medica de Lisboa, offereceu-me duas lapides romanas, com inscripções funerarias (ineditas), encontradas no sítio das Aldeias, freguesia das Mouriscas, concelho de Abrantes.

109. O Sr. P.e **Antonio da Silva Pires**, prior de Castro-Verde, offereceu-me um machado prehistorico de cobre ou bronze, encontrado ao pé de Cazèvel.

110. O Sr. Dr. **Pedro Augusto Ferreira**, abbade de Miragaia, offereceu-me dois machados de pedra polida, provindos do districto de Bragança (talvez da Bemposta).

111. O Sr. Dr. **Antonio Augusto Crispiniano da Fonseca**, juiz de direito de Bragança, offereceu-me dois pesos de barro romanos e o fragmento de outro (um com marca), achados na sua quinta da Carvalheira, concelho do Marco de Canaveses.

J. L. de V.

Dolmen de Villarinho

O Sr. P.e José Augusto Tavares, benemerito e desvelado protector do Museu Ethnologico Português, que lhe deve relevantes serviços, referiu-se n-*O Archeologo Português,* I, 107–109, á anta de Villarinho, no concelho de Carrazeda de Anciães. Para completar as informações publicadas por elle, dou aqui uma gravura da anta, segundo uma photographia que me foi amavelmente enviada pelo illustrado sacerdote, o Sr. Adriano Guerra, a quem, como mostrei n-*O Archeologo Português,* II, 134 e 168, tenho já merecido outros obsequios analogos.

A anta é vista de frente, tendo a galeria duas pedras cahidas.

J. L. de V.

Digitized by Google

Digitized by Google

«Em toda a parte, ainda nos mais abandonados recantos da provincia, ha sempre, onde existe um monumento, um homem pelo menos que o ama, que o estuda, que o comprehende. É a collaboração preciosa d'esses pobres poetas obscuros, d'esses modestos archeologos, ignorados da crítica e do público que aos organizadores das commissões [archeologicas] locaes compete acolher e utilizar».

Ramalho Ortigão, *O culto da arte em Portugal*, 1896, pag. 161.

Penedo com insculpturas, nos arredores de Vianna do Castello [1]

Em Outubro de 1893, numa das minhas excursões paleoethnologicas pelos planaltos da Serra de Santa Luzia, encontrei no flanco oeste de uma ravina, nas trazeiras da capella que dá o nome á montanha, um interessante espécime d'esses mysteriosos rochedos gravados que se acham esparsos pela Europa a attestarem uma civilização ida.

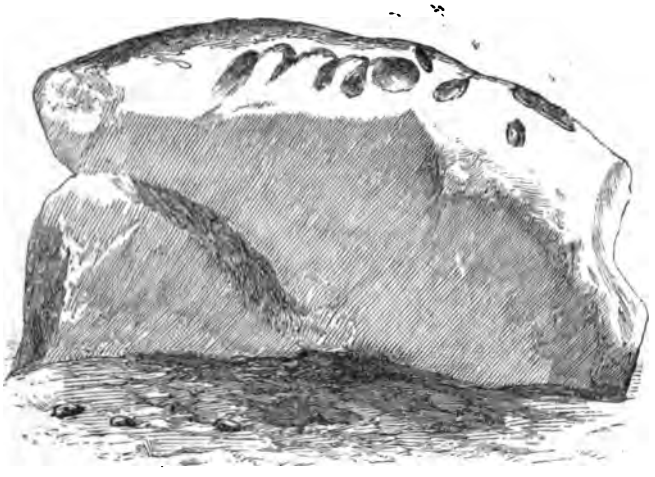
É um grande rochedo de granito, apresentando uma superficie trapezoidal de 4m,5 de comprimento e de 2m,6 na sua maior altura. Nella se acham abertas sessenta e duas cavidades (Vide gravura). Estas cavidades, umas ellipticas outras circulares, dispõem-se em sete linhas que se dirigem para a base, compondo-se cada uma de certo numero d'essas cavidades, ligadas e em communicação entre si. No meio da pedra apresenta-se um grupo de cinco pequenas cupulas independentes, que formam um trapezio, bem como no alto da 5.ª e 6.ª linhas outro grupo, que determinam um triangulo; na sua extremidade esquerda mostra-se um curioso agrupamento de tres cavidades conjugadas, que tomam uma direcção perpendicular ao alinhamento geral.

---

[1] [Tendo eu pedido ao meu amigo Fonseca Cardoso uma informação á cêrca do penedo insculpturado do castro de Santa Luzia para as minhas *Religiões da Lusitania*, elle mandou-me este artigo, que, por ser interessante e estar feito com algum desenvolvimento, aqui publico por inteiro. Nas *Religiões*, I, 380, incluí apenas um breve extracto, que bastava para o meu fim. Nesse livro acharão os leitores, alem de bastantes elementos bibliographicos, notícias de muitos outros penedos analogos que ha pelo país e lá fóra.—J. L. de V.].

Digitized by Google

Como a superficie do rochedo —voltada para o oriente— apresenta um declive de 23°, qualquer liquido, espalhado no alto, correrá pelas fieiras das cavidades, enchendo-as até deslisar pela outra face do penedo numa altura de 0m,90. Note-se ainda: no arranjo da 5.ª e 6.ª linhas, uma disposição em Y com a abertura para a base e canellura que parece isolar ou tornar em evidencia as tres cavidades conjugadas da esquerda do megalitho. Entre ellas, algumas acham-se um pouco apagadas pela acção dos agentes atmosphericos; a sua profundidade varía de 0m,06 a 0m,15 e os diametros de 0m,10 a 0m,23.



Quando eu encontrei este interessante rochedo achavam-se as cavidades, na sua maior parte, cobertas de musgo, tendo de as limpar com a unha do meu martello de aço.

Claro é que estas cavidades foram cavadas pela mão de homem; em que epocha e com que fim?

Sabe-se que as cupulas ou cavidades que marcam certos dolmens bretões e entre nós, por exemplo, a anta de Paço da Vinha, e a do Paço da Cham, no Valle d'Ancora (explorações de Martins Sarmento), datam do periodo neolithico, mas o seu uso manteve-se até aos tempos protohistoricos. Assim este megalitho que acabo de descrever fica situado junto das ruinas das muralhas da Cividade de Santa Luzia; eu mesmo desenterrei junto d'elle um fragmento de louça caracteristica d'aquellas estações pre-romanas. Numa das excavações que eu e Ricardo Severo fizemos na Cividade de Bagunte (Villa do Conde) desentranhámos, de

Digitized by Google

mistura com telhas de rebordo e restos ceramicos, uma pedra rectangular de grês micaceo coberta de cupulas.

O fim d'estes monumentos era religioso. Ainda hoje o povo venera esses penedos, attribuindo-lhes virtudes. No departamento de Ain (França) as raparigas e as viuvas ainda ha pouco tempo se entregavam a certas práticas, num penedo de sessenta cavidades, com o fim de obterem esposo [1].

Na comarca de Moimenta da Beira, numa romaria, feita a uma Senhora da Lapa, que se venera na anfractuosidade de um grande rochedo, cada pessoa, ao dar as voltas em tôrno da imagem, toma um seixo e com elle esfrega umas cavidades que existem na extremidade do penedo, para se livrarem das maleitas, conforme me narrou um meu amigo.

Contou-me tambem que não longe d'aquelle sítio, numa pedra chamada *escorregadouro,* os rapazes e as raparigas dos lugares proximos se entretem a escorregar pelo penedo, a fim de saberem com quem hão-de casar. Este facto tem relação com o que se pratica nos Pyrineus, na montanha d'Espiaux, onde as raparigas e os rapazes vão estreitar solemnemente as suas relações amorosas, junto do megalitho chamado *Calhau d'Arriba Pardin* [2].

Emfim, nas margens do Ganges, as mulheres indianas vão regar com agua d'esse rio os signaes gravados nas pedras das montanhas de Pendjab, com o fim de poderem ser mães [3].

Estes usos tradicionaes, mantendo-se no povo através do tempo, e a despeito das repressões dos sacerdotes catholicos, indicam que as cavidades se prestavam a um culto, quer gravadas nos monumentos funerarios neolithicos, quer nos penedos das montanhas. Mas debalde tenta o paleoethnologo decifrar a significação d'esses signaes.

O rochedo insculpturado de Santa Luzia, que acabo de descrever, tão interessante na solidão mystica da ravina aonde assenta, arrisca-se a, mais dia menos dia, ser dilacerado por um tiro de dynamite. E é mais um monumento prehistorico que se perde, como tantos outros, neste desbarato das nossas antiguidades nacionaes!

Fonseca Cardoso.

---

[1] Cartailhac, *La France préhistorique,* pag. 247.

[2] Julien Sacaze, *Les pierres à écuelles et à cupules,* in Compte-rendu du Congrès d'anthropologie e d'archéologie prehistoriques de 1889, pag. 617—Cartailhac, *La France préhistorique,* pag. 248.

[3] Cartailhac, *idem,* pag. 247.

Digitized by Google

Alguns sellos antigos do concelho de Santarem

A conquista definitiva de Santarem pelos Portugalenses effectuou-se em 1147, recebendo a villa foral só passados 32 annos, em 1179, cinco annos antes do grande cêrco arabe. Já em 1095 recebêra um primeiro foral, que provavelmente caducou pela quéda em 1112 no poder mahometano. Do conteudo d'estes documentos e ainda do de outros se infere a permanencia no antigo municipio romano, desde os tempos mais afastados até á sua inclusão no poderio do norte, da população christã[1]; da mesma fórma tambem um pequeno grupo mahometano se conservou nessa povoação até findar o seculo XV.

Foi sem dúvida durante a administração arabe que se deu a mudança do antigo nome *Scallabis* no de *Santarem*. O documento mais antigo em latim onde se menciona o moderno nome é datado de 985, fallando-se vagamente de *Sanctaeiren*[2] em que se reconhece a fórma *Sancta Irene* (Santa Iria), ainda hoje orago de uma igreja sita na margem do Tejo, e que provavelmente era visitada frequentemente pelos romeiros que inconscientemente mudariam o nome da povoação no do sanctuario a que elles vinham implorar beneficios[3]. Se o facto assim se deu, fica demonstrada mais uma vez a tolerancia ou melhor o profundo senso politico dos primeiros conquistadores arabes que achavam preferivel, conservando elles a sua religião, permittir aos vencidos senão alliados o livre exercicio do culto que tinham adoptado.

---

[1] Sr. Gama Barros, *Historia da Administração Publica em Portugal nos seculos* XII–XV; II, 116.

[2] «... in boue que ueno de sanctaeiren...»; ha aqui tambem uma referencia aos ferozes habitantes das lezirias: os touros. O sitio para onde o boi foi exportado era proximo do rio Ave. Não ha comtudo certeza absoluta da povoação acima mencionada ser a moderna cidade de Santarem. O documento vem publicado nos *Port. Mon. Hist., Diplomata et Chartae,* pag. 94.

[3] Ainda assim, encontra-se notícia nos Chronicões e num Hagiologio de *Scalabicastro,* talvez como recordação erudita. [É provavel que ao sanctuario ou á povoação se désse o nome de «*Sancta Irene* de Scallabis», tendo depois o segundo nome succumbido deante da importancia do primeiro. *Irene,* ou *Eirene,* é, como se sabe, um nome grego, εἰρήνη, que significa «paz». *Sant'Eirene* explica perfeitamente a moderna fórma *Santarem,* por intermédio de *Sant(a)eirẽe* > **Santerem.* O ditongo que se observa na syllaba inicial do nome da santa em *Santaeirẽe,* não deverá corresponder ao grego, mas ter-se, já em português, desenvolvido do *i* de *Irene:* isto é, Εἰρήνη > *Irene* > *Eirẽe.*—J. L. de V.].

Digitized by Google

Pelos foraes eram confirmados e submettidos á estabilidade proveniente da escripta certos actos de administração interna da povoação agraciada, que tinham origem remota e que differiam por ligeiras gradações de uns sitios para outros. Assim em Santarem havia umas auctoridades chamadas *alvazís,* nome de origem arabe, que correspondia ao que noutros lugares se chamavam *judices,* e que eram de nomeação annual:

«Item os Alvaziis de Sanctaren devem a seer metudos en cada huum ano primo dia dabril com outorgamento dos homeens boons». Este artigo dos «Costumes de Santarem communicados a Oriolla» (*Portugaliae Monumenta Historica, — Leges et Consuetudines,* vol. II, pag. 36) serve-nos talvez de explicação á variedade de sellos, que temos, do concelho, que seriam mudados todos os annos, como eram tambem as auctoridades do municipio, produzindo-se assim um caso semelhante ao que se dava com a quebra dos escudos pela morte de um rei.

Os sellos de que tenho até agora conhecimento são quatro, todos de cera vermelha, de fórma circular, com excepção do mais antigo. A figura do castello e a legenda não são constantes. No sello de 1265 o castello tem uma fórma mais simples do que os posteriores. O estylo é de uma fortificação hispano-arabe com as suas caracteristicas portas. Na torre central encontra-se o escudo das quinas, parecendo por este facto indicar-se que o uso do sello de Santarem teve o seu começo no tempo em que as armas de Portugal não tinham ainda a orla de castellos. É de notar que o antigo sello, assim como o actual brasão da cidade de Santarem, representa as armas portuguesas simplificadas: quero dizer, estas constam do escudo das quinas com uma orla de castellos, ao passo que os sellos de Santarem representam um castello com o escudo das quinas.

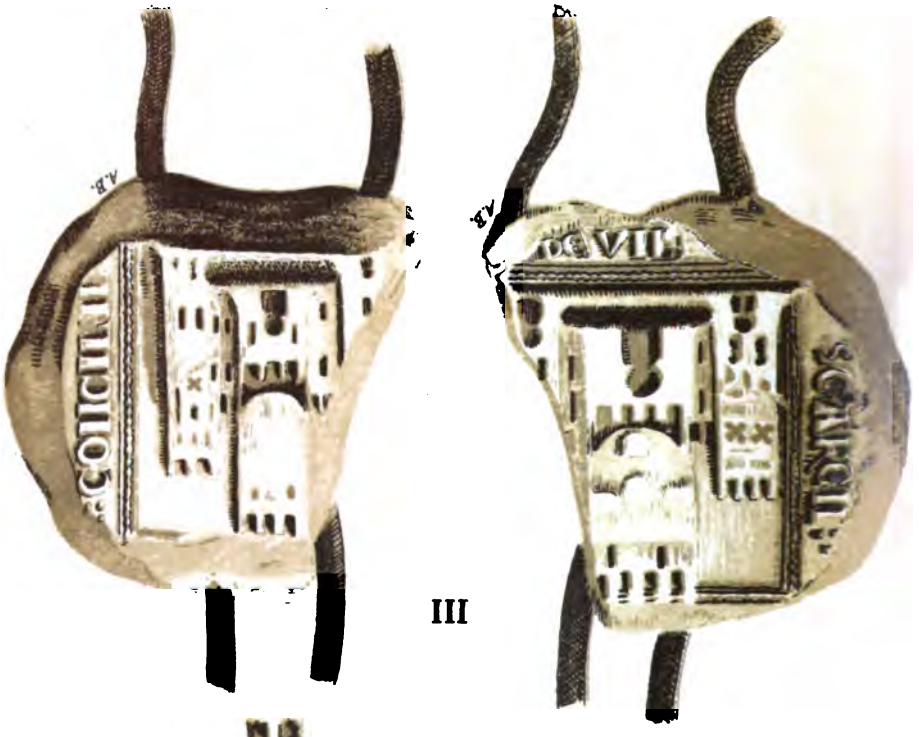
No grande trabalho de D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real,* tomo IV, não é representado o sello de Santarem, apenas vem os do concelho de Lisboa. Em João Pedro Ribeiro, *Dissertações Historicas e Chronologicas,* tomo II, pag. 284 (communicação do sr. dr. Sousa Viterbo), vem mencionado o mais antigo. Os quatro sellos que são agora publicados pela primeira vez (com excepção do n.º II, que já o foi pelo sr. Zepherino Brandão no seu importante livro *Monumentos e Lendas de Santarem*), mediante umas aguarellas que o meu amigo o sr. Antonio Bivar eximiamente executou, estão bastante maltratados, com especialidade o mais moderno reduzido a menos de metade. É desnecessario indicar que existem no Archivo Nacional, e que são representados em tamanho natural.

Digitized by Google

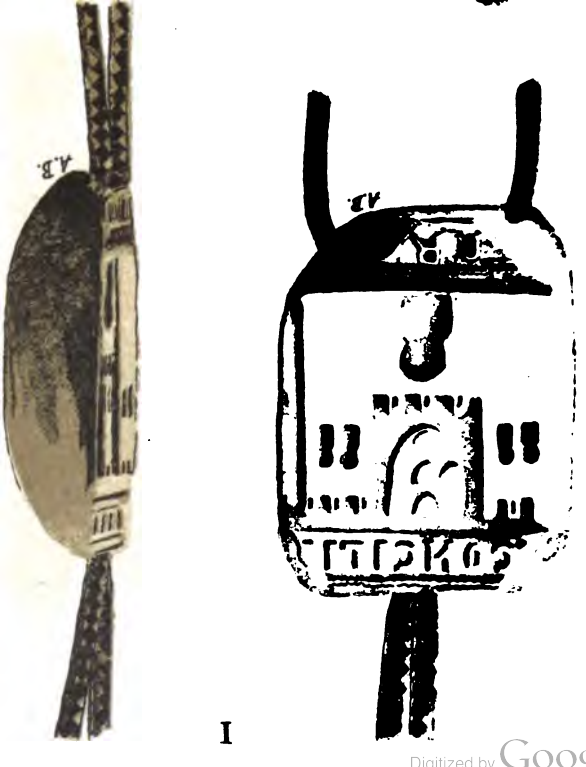
THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS

Digitized by Google



III



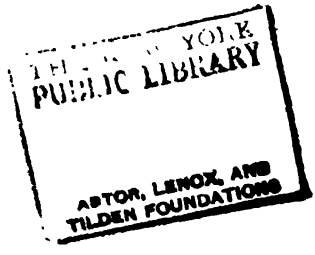
I

Digitized by Google

II

IV

Digitized by Google



Digitized by Google

Segue a descripção dos sellos:

I. — «Carta porque D. Fernando Gomes e D. Sancha Paes (*correção antiga de* Pires *feita talvez no summario por J. P. Ribeiro*) deixarão á Ordem do Templo a herança da Cornaga que se chama Sira[1] por conhecerem ser propria da dita ordem e haver tempo que a trazião e renunciarão todo o direito e ações. Feita em 18 de Dezembro da era de 1303 (1265)». Gaveta 7, Maço 3, n.° 14.

Sello do concelho de Santarem em cera vermelha e pendente por cordões azues e brancos. Legenda:

... CONCILII ... AR

Reverso convexo.

Existe ainda o sello de D. Sancha Paes[2] em cera de côr natural e pendente por cordão. Legenda:

+ : S : DONNE : SANCIE PELAGII DE ALVAREG :

A legenda cerca um escudo partido em pala, reconhecendo-se as armas da familia Alvarenga numa das divisões (4 fachas).

II. — «Sentença a favor da villa de Santarem contra Lourenço Esteves Fermozelhe pela qual se julgou pertencer á dita villa a Liziria de Atalaya. Dada a 12 de feuereiro da era de 1320 (1282)». Gaveta 3, Maço 7, n.° 5.

Sello do concelho de Santarem em cera vermelha e pendente por cordão de côr vermelha escura. Legenda:

SIGILL ... VILLA ... CARE ...

℟ SIGILLVM : ... CONCILII : ... DE VILLA ...

Ainda existe o fragmento d'um outro sello em cera vermelha.

---

[1] Xira.

[2] João Pedro Ribeiro, *l. l.*, leu sempre por inadvertencia *D. Sancha Peres;* inclusivamente na legenda do sello em lugar de *Pelagii* escreve *Petri.*

Digitized by Google

III.—«Transação á Villa de Santarem pelo concelho da mesma villa com Lourenço Esteves, arcediago de Vizeu e o Prior do Mosteiro de S. Martinho de Castro sobre a Liziria da Atalaya, a qual ficou a dita villa por fallecimento de Pedro Esteves. Feita a 10 de julho da era de 1320 (1282)». Gaveta 3, Maço 9, n.º 13.

Sello idem. Legenda:

... DE VILL ... SCTAREN : ...

℟ ... CONCILII...

Encontra-se ainda o sello de cera vermelha do mosteiro de Castro (Territorio bracharense) tendo no campo uma flor de lis, a sua legenda, de leitura difficil, foi resolvida pela descripção existente no mesmo documento d'um outro sello do referido mosteiro.

... Pº RIS T ꝰVENT' ... ARTIN : DE : ...

(Sigillum prioris et conventus Sancti Martini de Clasto). Reverso convexo.

IV.—«Privilegio por El Rey D. Dinis dado á Villa de Santarem para que quando elegerem Alvazis novos os Alvazis velhos que os elegessem; e que hum fosse Cavalleiro, o outra cidadão. Feito em Santarem a 29 de novembro, era de 1330 (1292)». Gaveta 3, Maço 8, n.º 13.

Sello do concelho de Santarem em cera vermelha pendente por fita de seda de côr vermelha escura. Está reduzido a menos de metade. No interior da porta principal existe um objecto com a vaga apparencia de uma prensa que ignoro o que seja.

O sello real desappareceu. Carta partida por A B C.

Em nenhum dos sellos encontramos a legenda completa; podemos, porém, restaurá-la facilmente pela comparação dos fragmentos, o que produz:

SIGILLVM : CONCILII : DE : VILLA : SANCTARENE.

Pedro A. de Azevedo.

Digitized by Google

Estudos sobre Panoias

8. Restituição de uma inscripção perdida

Os preciosos monumentos archeologicos de Panoias estão arriscados a perderem-se completamente, em quanto a Ex.ma Camara Municipal de Villa-Real não cuidar de os adquirir e resguardar, o que para ella constitue dever civico, por taes monumentos pertencerem a uma epocha historica de que poucos vestigios restam no concelho de Villa-Real, e serem alem d'isso interessantes para o conhecimento geral das antiguidades da nação. Tanto mais se extranhará que a Ex.ma Camara o não faça, quanto é certo que com a acquisição e resguardo despenderia quantia insignificante.

Um dos monumentos epigraphicos, ainda existentes ha bem pouco tempo, desappareceu já, de baixo do camartello de um pedreiro analphabeto.

Quem toma a responsabilidade d'esta perda scientifica?

Não se póde allegar ignorancia do valor da inscripção, porque em Maio e Junho de 1894, num artigo publicado em dois periodicos de Villa-Real[1], chamei a attenção da Ex.ma Camara para a importancia da estação archeologica de Panoias, quando ainda estava em pé o referido monumento: mas, mesmo independentemente do meu despretencioso artigo, toda a gente illustrada de Villa-Real sabe quanto valem os fraguedos romanos de Panoias.

Por tanto, ninguem se admire, se no futuro, em epochas em que os estudos archeologicos, inspirados por nobres sentimentos de patriotismo, e de verdadeiro e desinteressado amor da sciencia, florescerem mais que no presente, alguma voz severa e rude se levantar, e, evocando a memoria dos que vivem agora, e que, podendo salvar um importante documento historico, o não salvam, fulminar contra elles uma d'essas accusações formidaveis que o historiador, na sua tremenda severidade impassivel, não poupa jamais a quem uma vez prevaricou.

A inscripção do monumento perdido havia sido publicada nas *Memorias do Arcebispado de Braga,* de Argote, d'onde passára para outras obras, até entrar no *Corp. Inscr. Lat.,* da Academia Real das Sciencias da Prussia. O texto, comtudo, não está perfeito, e ha muito reclama correcção. Por uma casualidade posso restitui-lo, senão absolutamente á sua fórma primitiva, pelo menos a uma fórma proxima d'ella.

---

[1] Reproduzido in *O Archeologo Português,* I, 37 sqq.

Digitized by Google

Em virtude de um discurso que o Visconde de Seabra proferiu na camara dos Pares, na sessão de 5 de Março de 1883, o então ministro das Obras Publicas, o Sr. Conselheiro Hintze Ribeiro, mandou copiar as inscripções que existiam em Panoias, sendo encarregado d'esse serviço o engenheiro civil Sr. João Henrique von Hafe.

Vi no Ministerio das Obras Publicas o relatorio que elle apresentou[1].

Corrige Argote na parte onde este diz que as lapides erão de marmore, sendo, como são, de granito; refere-se ao apparecimento de tijolos e moedas no local, e a outros factos conhecidos.

Da inscripção, hoje perdida, diz:

«Confrontámos as inscripções com as copias tiradas pelo Contador de Argote, e notámos que a inscripção da estampa H tem os seguintes erros:

immantur leia-se *immolantur; santus* leia-se *sanguis; pacid* leia-se *juxta.*

Começa a inscripção, como algumas das outras, por *Diis,* e nessa primeira linha nada mais se descobre».

Eis aqui o texto de Argote, nas *Memorias do Arcebispado de Braga,* I, 343:

HVIVS HOSTIAE QVAE CA
DVNT HIC IMMANTVR
EXTA INTRA QVADRATA
CONTRA CREMANTVR
SANTVS LAC·ICVIIS PACID
SVPER FV..ITVR

Eis agora o texto do Sr. Hübner, no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2395:

HVIVS HOSTIAE QVAE CA
DVNT HIC IMMANTVR
EXTA INTRA QVADRATA
CONTRA CREMANTVR
SANTVS LAC·KVII SPACTO
SVPERFV...TVR

[1] Intitula-se *Apontamentos sobre monumentos antigos existentes em Panoias.* Tem a data de 17 de Julho de 1883. É o mesmo a que me referi n-*O Archeologo Português,* II, 248 sqq.

Digitized by Google

Onde Argote tinha, na penultima linha, LAC·ICVIIS, lê-se no texto do Sr. Hübner, não sei com que fundamento, LAC·KVII, tendo de mais a mais passado o S final para a palavra seguinte. Eu creio que LAC·ICVIIS está por LACICVLIS, deminutivo de *lacus*. Quem copiou estas inscripções copiou-as com bastante exactidão, como verifiquei nos originaes; é provavel mesmo que essa pessoa copiasse SANGVIS, e depois, nas transcripções successivas, a palavra se alterasse em SANTVS; por tanto não me repugna acceitar LACICVIIS, isto é, LACICVLIS. Com quanto *laciculus*, não exista nos diccionarios latinos, essa fórma justifica-se perfeitamente perante as leis da glottologia, pois ha em latim *geniculum*, de *genu*, e houve no latim vulgar *acucula*, de *acus*. Por tanto, se os nomes da 4.ª declinação podiam ter deminutivo formado pelo suffixo *-i-culu-s*, ou pelo seu correspondente *-u-culu-s*, que admira que numa inscripção, redigida em latim provincial, *lacus* tivesse o deminutivo *laciculus*?

A penultima linha supponho que deve restituir-se d'esta maneira: SVPERFV[NDI]TVR.

Aproveitando as quatro correcções do Sr. von Hafe, e as minhas duas interpretações, temos em fim este texto:

DIIS.....
HVIVS HOSTIAE QVAE CA
DVNT HIC IMMOLANTVR
EXTA INTRA QVADRATA
CONTRA CREMANTVR
SANGVIS LACICVLIS IVXTA
SVPERFU*ndi*TVR

O sujeito de *immolantur* deve ser *hostiae*, como noutra inscripção, que está completa. *Quadrata*, accusativo do substantivo *quadratum*, refere-se ás excavações quadrilateras da rocha em que estava a inscripção, e tem quasi a mesma significação que *lacus* e *laciculus*: eram como que vasos de pedra para receberem os restos das victimas.

Transcripção:

Diis.....huius hostiae, quae cadunt, hic immolantur; exta intra quadrata contra cremantur; sanguis laciculis iuxta superfunditur.

Digitized by Google

Traducção:

Aos deuses.....[1]. *As suas* [*de quem?*[2]] *victimas, que se abatem, immolam-se aqui; as entranhas queimam-se em frente, dentro dos tanques; o sangue espalha-se ao pé, pelas pias.*

É provavel que na inscripção houvesse mais uma linha final, com o nome de *C. C. Calp. Rufinus,* pois que este nome apparece em todas as actuaes inscripções de Panoias.

Tem a inscripção de commum com outras de Panoias o ser consagrada a mais de uma divindade. Como numa das restantes, indicam-se aqui várias cerimonias dos sacrificios que se faziam aos deuses em Panoias.

*

A par do testemunho que a inscripção nos ministra á cêrca da religião pagã dos nossos maiores, na epocha luso-romana, está o testemunho da existencia de mais uma palavra no vocabulario latino, que não era conhecida, que eu saiba, de outra fonte: refiro-me ao deminutivo LACICULUS, que tem de inserir-se de ora avante naquelle vocabulario[3].

Vê-se quão curiosa era a inscripção, e como a sua perda se torna sensivel no nosso, relativamente pequeno, peculio archeologo, onde não conheço muitas de formulario semelhante: talvez, se ella ainda existisse, se conseguisse saber alguma cousa a respeito das divindades cujos nomes faltam na 1.ª linha.

Agora só me resta receber a notícia de que as demais inscripções de Panoias seguiram o mesmo caminho d'esta!...

J. L. de V.

---

[1] Aqui deviam indicar-se os nomes dos deuses a quem a inscripção era consagrada; mas von Hafe já não os conseguiu decifrar na linha.

[2] *Huius* não parece referir-se a deuses, pois estes eram mais de um, como se vê do appellativo *Diis.*

[3] Não é esta a primeira vez que de uma inscripção romana de Portugal se colhe uma palavra nova: já noutra eu tinha descoberto a palavra *aedeolum,* que constituiu o assumpto de uma pequena memoria, que publiquei em 1894 com o titulo de *Quod apud Lusitanos verbum «aedeoli» significaverit.....*

Digitized by Google

Vestigios archeologicos de Pombal

No olival das Courellas, que se estende ao Norte de Pombal por toda a encosta dos Governos, encontrámos vestigios antigos, que consistem em fragmentos de *tegulae,* e de *imbrices,* espalhados por todo o terreno em grande extensão, tendo de mistura alguns fragmentos de tijolos espessos, *lateres,* e de grandes vasos. É para notar, porém, que no mesmo lugar apparecem fragmentos ceramicos, cuja pasta grosseira se assemelha á das louças dos castros lusitanos do concelho da Figueira.

Nós encontrámos neste olival, entre os referidos fragmentos de telhas de rebordo e curvas, um machado de schisto, polido; e mais adeante, em um caminho, junto ao moinho do Alto dos Cabaços, encontrámos outro machado fragmentado da mesma rocha.

Estes objectos colhemo-los nós numa rapida visita que ahi fizemos este verão, sendo de presumir que uma exploração em regra produzisse alguns resultados satisfatorios.

Deram-nos aqui notícia de que, quando cavam as terras, costumam apparecer bastantes telhas e tijolos.

É tradição local, que neste olival existiu primitivamente a villa, e Pinho Leal, tratando de Pombal [1], a isso mesmo se refere.

A. Mesquita de Figueiredo.

Notícias várias

1. Museu do Instituto de Coimbra

No *Defensor do Povo,* de 25 de Fevereiro de 1897:

«No Museu de antiguidades do Instituto, deram ultimamente entrada os seguintes objectos de valor artistico e de curiosidade industrial:

Um bello castiçal de cobre prateado (estylo Luiz XVI);

Dois espelhos de fechadura, de ferro batido;

Um antiquissimo prato de olaria popular».

---

[1] *Portugal antigo e moderno,* VII, 129.

Digitized by Google

2. Pedras romanas

Lê-se no *Bejense,* de 8 de Junho de 1897:

«Dizem-nos que nas torres da fortificação, encorporadas no edificio do extincto convento da Esperança e que estão sendo demolidas, teem apparecido pedras romanas magnificamente lavradas. Não será possivel have-las para o Museu da Camara?»

3. Restos romanos do Azinhal

Pessoa de toda a confiança informa ao director do Museu Ethnologico Português o seguinte, em carta particular de 17 de Agosto do anno corrente:

«Ha dias soube ter apparecido nas proximidades do Azinhal (Algarve), quando se tratava de amanhar a terra, vestigios de habitação, monumento ou cousa que o valha do periodo romano, segundo parece. Appareceram, ao que me informaram, alicerces em differentes direcções, grande porção de tijolos de barro vermelho e de diversas dimensões, e algumas, não poucas, moedas de cobre.

Procurando obter algumas d'estas, para melhor poder informar a V. , soube que o dono as tinha vendido a um comprador ambulante, conservando apenas duas ou tres, das quaes prometteu enviar-me uma, que ainda não chegou».

P. Belchior da Cruz.

O tumulo do Conde de Ariães

Em Maio do anno passado acompanhei, num passeio ao Castro de Avelãs, o sr. Lino de Assumpção, que depois publicou no n.º 64 do jornal d'esta localidade, *Norte Transmontano,* um artigo sobre esta digressão, do qual, com a devida venia, vamos transcrever o que diz respeito ao nosso tumulo, cujo desenho foi tirado á vista pelo meu amigo tenente Conceição, do estado maior de cavallaria, que obsequiosamente se prestou a isso, quando o convidei a ir visitar commigo os restos do mosteiro que se vêem na mesma povoação.

Eis o que lemos no artigo: «Á entrada da igreja, á esquerda, meio encravado num arco aberto na grossura de uma parede, e que evidentemente não foi construido para o fim para que o aproveitaram, está o sarcophago de granito do Conde *Ariães,* fallecido em 1262 (Era

Digitized by Google

de 1300). Na entrada do adro, sobre duas baixas hombreiras, que formam a porta do recinto fechado por um muro de pequena altura, ostentam-se dois felinos, um já sem cabeça, agachados e como que vergando a grande pêso. Estes animaes tem, como o deus *Aerno* (*refere-se á lapide «Deo Aerno» que traz Viterbo*) soffrido varias classificações. Uns lhes chamam leopardos, outros pantheras e ainda outros, entre elles eu, leões. E não só o nome das feras tem variado, como tambem o seu primitivo destino e idade, havendo até quem as attribua aos tempos visigothicos!! Eu, porém, encontrei-lhes o destino pondo-lhes o caixão em cima, o que me convidavam a fazer os seus dorsos rectos e com rebaixos apropriados. Verifiquei depois que não tinha encontrado novidade alguma na minha conjectura, pois li na *Benedictina Lusitana:* «Tem dentro (a igreja) um tumulo levantado sobre leões que, segundo dizem os naturaes, é do Conde de Ariães, terra junto ao mosteiro». A porta pois... estava aberta!

Fr. Leão, o autor da *Benedictina,* curou por informações. Não precisava que os naturaes lhe affiançassem o que poderia ter lido em grandes letras do seculo XIII. Mas o que elle nos não diz foi onde existiu primitivamente o tumulo; e aqui, se o leitor me permitte, aventuro uma conjectura, que me parece muito plausivel.

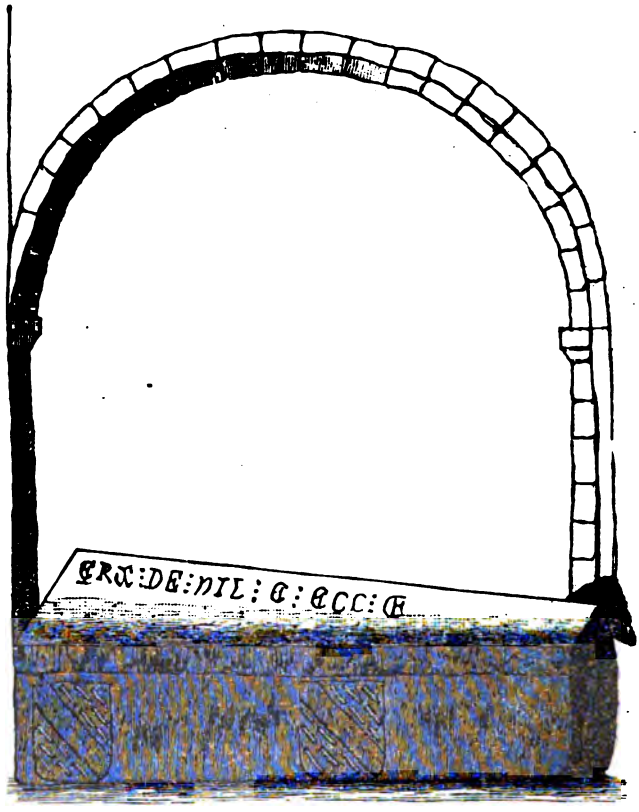
No tempo em que o conde morreu, ainda as demonstrações publicas de humildade christã não permittiam que se enterrasse gente na casa de Deus, reservada ao seu culto e ao das reliquias dos seus santos. Ainda os que morriam diziam em seu testamento: «E peço-lhes por mercê, que *me cheguem* á Igreja o mais que puderem», segundo se lê num documento de Vairão de 1289, citado por Viterbo e corrigido na interpretação por J. P. Ribeiro. Portanto o tumulo não estava na igreja, onde lhe deu entrada o seculo XVII, mas sim numa especie de pequeno portico ogival, que ainda hoje existe, parecendo ser a base de uma torre, e que outr'ora existia *chegado* á igreja, mas sem ter communicação com ella.

Neste pequeno portico, composto de dois arcos de ponto subido, que fazem angulo recto com duas paredes cheias, e coberto de abobada, formada por arcos que se cruzam em ogivas, ha uma singularidade, e é que num dos cantos onde se encontram as paredes, e d'onde sae um dos arcos, a imposta está segura por grosseira mão de cantaria, que sae do grosso da alvenaria. Será um symbolo, uma tradição, ou uma simples phantasia do alvaneo?»

Completaremos a noticia sobre o nosso tumulo, acrescentando que a seu respeito contam os naturaes uma lenda, dizendo que o conde mandou matar, por uma futilidade, a mãe, lançando-a a dois leões; e

Digitized by Google

que em castigo foi mettido vivo dentro d'este caixão de pedra, conjunctamente com cobras, viboras, etc., pelas quaes foi devorado. Todavia, quer-me parecer que esta lenda é pura phantasia, filha da ignorancia, que a inventou por não saber explicar de outro modo a origem d'essas pedras que parecem representar leões. O conto não



passa, de certo, de uma historia de velhas, pois tudo concorre para mostrar que este sarcophago pertenceu a um grande senhor, que noutros tempos viveu por estes sitios, e que porventura prestou importantes serviços ao mosteiro. D'outra fórma não se explica a tradicional veneração que por elle tem havido, a ponto de o recolherem dentro da igreja.

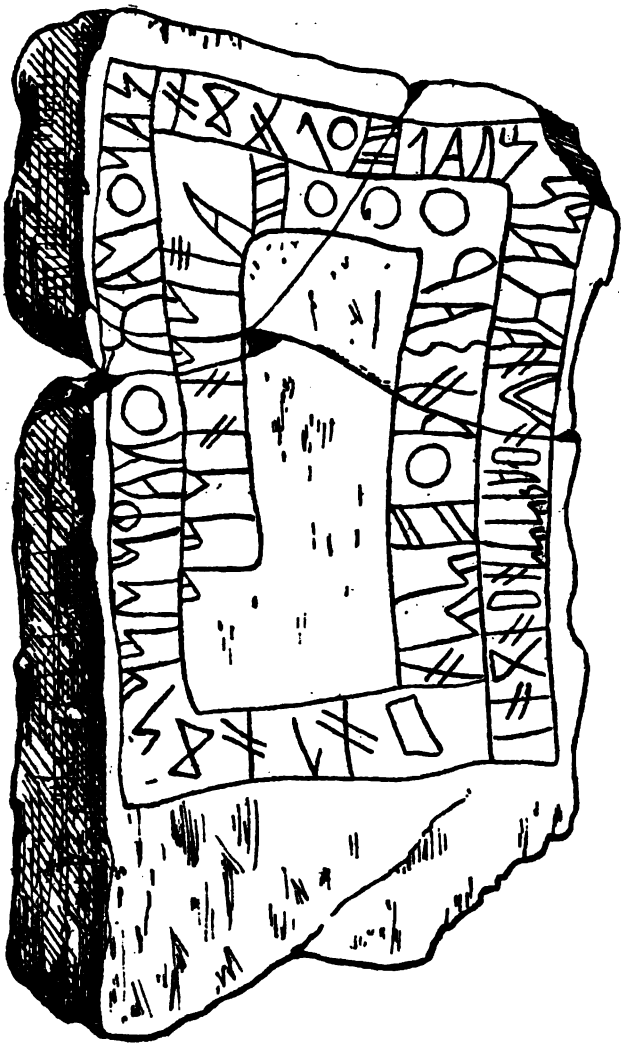
Bragança, 1897.

Albino Pereira Lopo.

Digitized by Google

Nova inscripção iberica do Sul de Portugal

O Sr. Dr. Antonio dos Santos Rocha enviou-me ha tempos cópia de uma inscripção iberica por elle encontrada na necrópole da Fonte-



Velha, em Bensafrim, no Algarve[1], onde Estacio da Veiga encontrou outras, e d'onde eu proprio obtive duas.

[1] Vid. *Revista de sciencias naturaes e sociaes*, IV, 129 sqq.

Digitized by Google

A inscripção do Sr. Santos Rocha (vid. a figura junta), hoje guardada no Museu Municipal da Figueira da Foz, de que constitue a joia mais preciosa, está gravada numa tosca estela de grés vermelho, de 1m,34 de comprido, de 0m,65 de largura maxima, e de 0m,15 de espessura: é analoga a uma das que possuo, como póde ver-se nos *Monumenta Linguae Ibericae,* do Sr. E. Hübner, n.º LXXIV, onde ella se acha impressa.

Se dispusermos a pedra verticalmente, a inscripção lê-se do fim da última linha á direita, para cima, e segue esta direcção:

Se a dispusermos horizontalmente, a leitura começa na extremidade esquerda da linha infima, e segue esta direcção:

A pedra porém era provavelmente para pôr a pino á cabeceira de uma sepultura, como se vê do espaço que ficava livre na pedra: a primeira posição é pois a melhor. Nos *Mon. Ling. Iber.* encontrará o leitor muitas outras inscripções ibericas de sepulturas.

Está averiguado que os caracteres das inscripções e das moedas indigenas da Iberia, caracteres chamados vulgarmente *ibericos,* e tambem, com menos propriedade, *celtibericos,* tem origem phenicia[1]: por isso nesta inscripção, como noutras, as regras lêem-se da direita para a esquerda, á maneira semitica (assim se lê tambem o hebreu e o arabe, linguas semiticas); sem embargo, ha inscripções ibericas em que a leitura se faz, como na nossa lingua, da esquerda para a direita, o que presuppõe influencia da lingua grega e romana[2]. Como a Penin-

---

[1] Vid., entre outras, as seguintes obras:

H. George Phillips, *Ueber das Iberische Alphabet,* Wien 1870, pag. 47 sqq.;

F. Lenormant, *Essai sur la propagation de l'alphabet phénicien dans l'ancien monde,* t. I, 1875, pag. 151 (o A. promettia tratar o assumpto desenvolvidamente no cap. 1.º do liv. V da sua obra, mas, como falleceu, creio que essa parte não chegou a publicar-se);

E. Hübner, *Monumenta linguae Ibericae,* Berolini 1893, pag. XXXI.

[2] Cfr. Phillips, *Ueber das Iberische Alphabet,* pag. 48; e Hübner, *Mon. ling. Iber.,* XXXI.

Digitized by Google

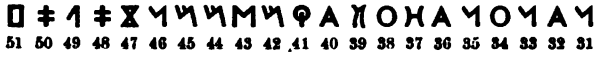
sula é muito grande, e os povos que a habitaram muito variados, o alphabeto phenicio modificou-se diversamente, segundo as regiões: existem por consequencia diversos alphabetos ibericos.

De ser de origem phenicia o alphabeto não se segue que a lingua ou linguas nelle escritas o sejam tambem; pois muitas e diversas linguas podem ser representadas pelos mesmos caracteres.

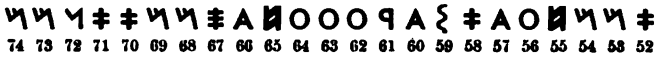
Eis a transcripção do texto de Bensafrim, da direita para a esquerda:

I

II



III



Dispus as lettras em tres linhas, por isso que na pedra ha duas divisões, uma depois da lettra 30.ª; outra depois da lettra 51.ª; na lettra 52.ª está o termo natural da inscripção.

Supprimindo-se as lettras repetidas, vêem-se na nossa inscripção vinte lettras differentes, que são as seguintes:

Com excepção de X, ǂ, H, ⊟, V e □, todas ellas se encontram noutras inscripções de Bensafrim e do Sul de Portugal; o primeiro signal apparece em inscripções da Hispania Citerior; os dois seguintes apparecem noutra inscripção da Ulterior; o signal □ aproxima-se do □, que apparece na Citerior; o signal V, parece ser uma variante do V da Hispania Ulterior, como Λ o é de Λ; o ⊟ será uma variante do ⊟ da Ulterior. O signal n.º 39 creio ser o mesmo que o n.º 22; o mesmo digo do n.º 25 em relação aos n.ºs 55 e 65.

Digitized by Google

Como no citado livro do Sr. Hübner, *Mon. Ling. Iber.*, livro de riquissima erudição, e que revela em seu auctor o mais penetrante e observador espirito, se acham colleccionados e interpretados os diversos alphabetos ibericos, não é difficil determinar o valor dos caracteres da inscripção de Bensafrim, com excepção dos tres ultimos apontados, isto é, de , e , que representarei provisoriamente por *h'*, *t'* e *o'*.

Tomando pois para base os alphabetos colleccionados nos *Mon. Ling. Iber.*, leio a inscripção de Bensafrim d'este modo (com as linhas da esquerda para a direita, como em português):

I

î e q e o' e n i i r a o' e t' e a h a i u i c(g) a l h' o l e q e
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

II

n a n o n a h o c(g)[1] *a r i š i i n q e l e o'*
31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51

III

e i i h' o a e s a r o o o h' a e i i e e n i i
52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74

Dois factos impressionarão immediatamente o leitor: o ser um som representado ás vezes por mais de um signal; e a abundancia de vogaes. Factos analogos se tem notado noutras inscripções ibericas.

Segue-se agora grande difficuldade: separar naquellas tres series de linhas as lettras cujos grupos formem palavras. Este trabalho é porém ajudado pelas divisões que o canteiro fez na pedra, e que me levaram desde logo a repartir a inscripção em tres linhas.

Na impossibilidade, em que estou, de chegar a resultado completo e satisfactorio, limitar-me-hei a algumas poucas observações, deixando os problemas maiores á sagacidade e sciencia do Sr. Hübner, a cuja crítica auctorizada submetto tambem o que vou dizer.

---

[1] O signal tem um traço ao lado, que supponho ser fenda da pedra.

Digitized by Google

As primeiras quatro lettras da primeira linha parece formarem uma palavra, *îeqe:* cfr. o iberico *iece*[1]. No fim da linha temos *-eqe,* mas é possivel que estas syllabas pertençam ao *l,* do que resulta *leqe:* cfr. Laquiniensis ou Laquiniesis, que apparece numa inscripção de Vizella[2] (*Laqu-in-iensis*). Comtudo, a syllaba *-ol* apparece como terminação noutro de Bensafrim[3], e, se aqui o fosse tambem, teriamos em *eque* uma palavra comparavel á primeira da inscripção.

O grupo *o'enii* da 1.ª linha é comparavel ao grupo *eenii* que termina a inscripção, ou estes grupos sejam palavras, ou meros suffixos.

Com o grupo *rao'et'e* ou *rao'et'ehai* da 1.ª linha cfr. *Retianorum (*R e t-i a n-), nome geographico[4]. O suffixo *-aius* é vulgar na Peninsula[5].

No principio da 2.ª linha temos *nanonaho* ou *nano naho:* cfr. os nomes de molher *Nanna* e *Nahantem* nos *Mon. Ling. Iber.,* pag. 259 e 263 (e *Noniconius* a pag. 263?). Em *nano* haverá reduplicação syllabica? Note-se tambem *nĭnena* numa inscripção de Bensafrim[6].

O grupo seguinte, *carišii,* ou *cariši,* é comparavel aos nomes de homens da Hispania *Caricus, Cario, Carianus, Caraius* e Καραίνιος, que vem nos *Mon. Ling. Iber.,* pag. 257, e em que parece haver o mesmo radical; cfr. tambem o nome *Carisius,* muito vulgar no onomastico romano.

A terminação em *-i* ou *-ii* é frequente nos outros monumentos linguisticos que o Sr. Hübner estudou.

Em virtude das observações que acabo de fazer, poderiamos considerar provisoriamente o nosso texto subdividido pelo menos nas seguintes partes:

1. *îeqe o'enii rao'et'e + ahai uicalh'o leqe* (ou *uicalh'ol eque*)
2. *nano + naho carišii nqeleo'* (ou *cariši ingeleo'*)
3. *eii h'oaesaroooha eii eenii*

Bem vejo quão incertas são as bases em que me fundo; nem eu tambem o que digo o dou como certo: mas a difficuldade de acertar é enorme.

---

[1] *Mon. Ling. Iber.,* pag. 218.
[2] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2405.
[3] *Mon. Ling. Iber.,* n.º LXXIV.
[4] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5749.
[5] Vid. F. Adolpho Coelho, *Vestigios das antigas linguas da peninsula Iberica,* pag. 18; e E. Hübner, *Mon. Ling. Iber.,* pag. CXXI.
[6] *Mon. Ling. Iber.,* n.º LXXII.

Digitized by Google

Torna se notavel que, entrando esta inscripção na classe das funerarias, e sendo por isso analoga a outras algarvias, sobretudo á já referida de Bensafrim, que hoje me pertence, não contenha alguma fórmulas em commum com ellas.

Apesar do que ha de enigmatico no texto que, em virtude da dedicação archeologica do Sr. Dr. Santos Rocha, e da sua bondade para comigo, me foi dado apresentar aos leitores, ahi fica mais um documento novo, e muito valioso, para o conhecimento da nossa ethnologia, porque pelo menos nos revela a importancia, successivamente mais explicita, do elemento phenicio nos costumes dos antigos habitantes do Algarve. Se se pudesse apurar uma duzia de textos do Sul de Portugal, tão perfeitos como este, talvez fosse possivel projectar luz mais viva em tão espessas sombras: até lá . . . esperemos!

J. L. de V.

Publicações archeologicas recentes

Inscripções portuguesas, por Luciano Cordeiro: 1.º fasciculo, Lisboa 1895, 50 pags., in-8.º gr.; 2.º fasciculo, Lisboa 1896, 38 pags., in-8.º São inscripções de origem portuguesa.

Inscriptiones Hispaniae Latinae edidit Aemilius Hübner. Berolini 1897. Extrahidas das *Ephemeris epigraphica,* vol. viii, fasc. iii, de pags. 351 a 515. Novo supplemento ao *Corpus Inscriptionum Latinarum,* vol. ii. — Contém as inscripções romanas de Portugal publicadas até á data do apparecimento do trabalho.

A Sociedade archeologica lusitana (as antiguidades extrahidas das ruinas de Troia, e onde é que se acham depositadas), por J. C. de Almeida Carvalho, Lisboa 1896, 55 pags., in-8.º, com duas estampas. Extracto do *Boletim da Associação dos Archeologos Portuguezes,* 3.ª serie, tomo vii, n.os 5, 6 e 7.

Novas inscripções romanas de Braga (ineditas), por Albano Bellino. Braga 1896, 55 pags., in-8.º gr., com duas estampas. Edição de duzentos exemplares.

Palavras proferidas pelo bispo de Coimbra na inauguração do Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra no dia 26 de Abril de 1896. Coimbra 1896, 14 pags., in-8.º gr.

Digitized by Google

Nas Noites de Evora, de A. Francisco Barata, n.º 1, Evora 1897, ha algumas notícias archeologicas: «O Jardim de André de Resende», «Epigraphia lapidar», «Azulejos».

Memorias sobre a antiguidade, por Antonio dos Santos Rocha, Figueira da Foz 1897, 267 pags., in-8.º gr. Comprehende quatro secções: epocha neolithica; epocha do cobre; epocha luso-phenicia; epochas luso-romana e arabe. — Alguns dos artigos foram já publicados n-*O Archeologo Português.*

J. L. de V.

Museu Municipal da Figueira da Foz

Neste Museu entraram ultimamente os seguintes objectos:

Secção de prehistoria:

1 machado de pedra, proveniente da quinta da Granja, concelho de Leiria;

2 machados de pedra, inteiros e um fragmentado, provenientes da mesma região.

Sala de comparação:

1 pequena caixa chinesa.

Secção de archeologia historica:

4 padrões, de cobre, das medidas de liquidos, do concelho da Figueira, de 1838;

1 collecção de pesos de botica, de bronze, de 1821;

1 caixa de tabaco feita de madeira;

1 grande pote alemtejano, de barro, com as siglas 1667;

1 cadeira de couro lavrado, com pregaria de bronze;

1 pote de barro, de fabrica portuguesa;

alguns restos de um forno luso-romano de cozer telha, encontrado em Valle do Gonçalo, freguesia de Brenha, d'este concelho.

*

Com destino á Secção de Industrias do concelho entraram varios objectos.

P. Belchior da Cruz.

Digitized by Google

Lapide romana

A lapide, representada na figura junta, achava-se ha pouco tempo ao abandono no cemiterio de Castro de Avellãs; posteriormente foi recolhida no Museu Municipal de Bragança, onde agora está.

Tem de largura, na parte superior, dois palmos; e de comprimento seis palmos e meio. É de marmore branco, como outras provenientes de Castro de Avellãs.

Devo o desenho ao Sr. tenente Conceição, a quem o agradeço.

Albino Pereira Lopo.

Digitized by Google

*

Vem já publicada a inscripção, mas sem a estampa da lapide, no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5652, segundo um decalque remettido ao Sr. Hübner. Antes havia sido publicada em varios periodicos.

A leitura não tem difficuldade alguma: *Aos Deuses Manes. A Proculeio Gracilis, de 55 annos. A terra te seja leve.* Na estampa o G do dativo de *Gracilis* está representado por C.

J. L. de V.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

118. Castelleiro (Beira)

Trabalhos antigos

«Nesta serra a chamada Preza açhaçe em todo o meio os aliçerçes de huma grande preza que ali ouue antiguamente, donde a serra tomou o nome de Serra da Preza e a agoa desta preza se conta a queriam em o tempo antigo levar por canos aonde çhamam a Torre dos Namorados distante della quatro ou sinco Legoas.....» (Tomo IX, fl. 1356).

119. Castello (Tras-os-Montes)

Castello dos Mouros

«No distrito desta ditta freguesia no Cabeço de hum monte se acham vestigios de muros, nos quaes dizem os Naturaes que he tradiçam que houve hum Castello, em que antiguamente os Mouros faziam sua fortaleza». (Tomo X, fl. 1366).

120. Castello-Branco (Tras-os-Montes)

Ruinas num outeiro. — Lenda

«He lugar que antigamente foi villa de cuja memoria se comservão suas ruinas em a eminencia de hũ Outeiro em que se mostra sobranceiro juntamente as liquidas agoas da Ribeira da Freixeda, etc.». (Tomo X, fl. 1405).

«Consiste a Serra de seus principaes braços o qual hũ delles tem por nome o Casal Copado de aprazivel arvoredo, outro chamado Cova de Manoyo a etymologia lhe proveo de hum esforçado e valeroso Foragido (e inda existem vestigios de sua habitaçam) o qual se cha-

Digitized by Google

mava Manoyo, e o Monte em esse tempo ser mais encuberto e com este exercicio dando varios rodeos ao monte sempre por estradas e caminhos emcubertos fechados de arvoredos, que só a quem frequentava seus retiros podiam ser manifestos, e desta sorte andavam os moradores circumvezinhos em grande maneira sobresaltados». (Tomo x, fl. 1408).

121. Castello-de-Neiva (Entre-Douro-e-Minho)

Castello dos Mouros

«Junto a este Lugar de Sendim pella parte do Norte está o monte a que chamão o Pendam de que asima faço mençam. No lugar de Samthiago[1] que corre de norte a sul junto ao Rio pella parte do Sul está hum monte a que chamão o monte de Castello que tambem corre de Norte a Sul e tem em sima delle sobre o Rio vestigios inde de cal e tijolo que dizem foj couza dos Mouros ..... só no monte do Castello dizem tem muytos Tezouros que ficaram dos Mouros; e a elle tem vindo cabar muyta gente mas nam consta tirassem nem achassem couza alguma». (Tomo x, fl. 1426).

122. Castello-de-Penalva (Beira)

Inscripções romanas. — Etymologia popular de Dão

«Em hũ rochedo quasi immediato a Paroquia sobre o rio Dam houve antigamente hum Castello de que hoje só existem as ruinas, e os alicerces abertos em rocha viva, e a sua vista outro em distancia de meya Legoa no alto da Serra de Paramuna[2], de que tambem só existem as ruinas. Persuado-me que foy obra dos Romanos: porque ha pouco tempo se achou nas ruinas do primeiro hua estatua de pedra com huma inscripção em que do desprezo só se salvaram as seguintes Letras:

D M S
PROCIIL
AIILBIIR
TALI RVFI
AN · L · IT
AM PRO
CIL.....
.....

[1] Em latim *Sanctus Iacobus*. O nome acima indicado de Sendim provém de *Sandini*, genitivo de *Sandinus*, forma derivada de *Sandus* que tambem se encontra como nome de povoação em Sande.

[2] Cfr. *Dicc. Geogr.*, II, 520.

Digitized by Google

Em hum campo pouco distante se achou huma pedra lavrada com primor, com a seguinte inscripçam[1]:

RUFO FUSCI · F · A
NNORUM XXV
FUSCUS ALBINI ·
FILIO SUO IIT SIBI

(Tom. x, fl. 1447).

«..... he tradição vulgar que este o tomou por nascer, ou passar por terra de hũas mulheres que tinham Dom[2]». (Tomo x, fl. 1449).

123. Castello-Rodrigo (Beira)

Vestigios de muros

«Para a parte do Poente distante da mesma villa hum quarto de Legoa fica a serra da Marofa muito alta, redonda e grande no cimo della se acha vestigios de muros, e ha tradição de que nella se prencipiara a fundar a dita villa .....»[3] (Tomo x, fl. 1459).

124. Castello-de-Vide (Alemtejo)

Etymologia. — Ferrarias. — Antas

«Sendo vezinha desta villa huma legoa distante Norba Cesaria cujos moradores na sua roina veerão abitar Castello da Vide e inda durante Norba Cesaria hera Castello da Vide hum arrebalde della .....» (Tomo x, fl. 1467).

«O Padre Carvalho na sua Corografia escreveo com aserto o estado prezente da terra aonde se pode ver o que eu escuzo de referir só cometeo dois erros ....., o outro foy o dizer ser opinião se chamava Castello da Vide por dividir Castella de Portugal sendo isto historia apocrifa as mesmas armas que elle lhe dá lhe disfazem o seu dito que he um Castello cercado com huma vide com cachos de ouro o que lhe vem porque esta villa se chamava só Villa da

---

[1] N.os 421 e 422, do *Corp. Inscr. Lat.*, II, com variantes.

[2] No tempo da *anarchia* como chamava Contador de Argote tinha o nome de *Adon* que hoje se conserva com perda do *a;* o mesmo se deu com *Amaia* ou *Ammaia* hoje Maia, e com Eja que julgo derivada de *Anegia*.

[3] Cfr. *Dicc. Geogr.*, II, 521.

Digitized by Google

Vide .....[1] A villa hé antiquissima no tempo dos gentios havião aqui fabrica das ferrarias que ainda conserva o nome ainda estão im pé ouito ou nove antas em que fazião os sacraficios ..... chamano ao poço «Alvacá» nome mourisco ou os mouros o fizerão .....» (Tomo x, fl. 1474).

125. Casal-de-Loivos (Tras-os-Montes)

Ruinas da Circa e do Castello de Villarinho

«Nos lemites desta Freguezia adonde chamam a Circa em hum alto desviado do rio Douro meyo coarto de Legoa se acham as Ruinas de hum forte, alicerces de doze palmos de grosso e inda para humas partes conserva altura de quinze palmos. Outro semilhante se acha adonde chamam o Castello de Villarinho em hum alto adonde se acham muntos vestigios de tejollos e de talhas de barro vermelho. Mostra ser cousa do tempo que estas terras estiveram ocupadas dos Romanos». (Tomo x, fl. 1619).

126. Celorico (Beira)

Lenda

«Tem hũ castello com duas torres bem fortificadas: No mesmo Castello succedeu o memoravel caso que sendo seu Alcayde mor Fernão Rodrigues Pacheco, e estando çercado pelo Conde dè Bolonha, ao depois Affonso 3.º Rey de Portugal, o qual não a podendo levar levantou o cerco, ao que se resolveu por lhe mandar o ditto alcayde mór em huma empada hũa truta que casualmente deyxou cahir hũa aguia das suas unhas dentro do Castello, etc.»[2] (Tomo x, fl. 1747).

127. Cendufe (Entre-Douro-e-Minho)

Crasto

«Não tem Privilegios alguns; dizem os moradores que em hum Morro que fica por sima da Igreja matris desta freiguezia, chamado

---

[1] Antigamente escrevia-se Villa Davide ou Castello Davide, provavelmente não tem relação com o nome David. Norba Cesarea parece ser actualmente Cáceres.

[2] Cfr. n.º 2 d'esta collecção, nota. O nome da freguesia Trute, que fez talvez localizar neste ponto a lenda, vem de *Tructus* que tambem se encontra em *Tructesendus*. O elemento *sendus* ou *sindus* que se encontra numerosas vezes deve-se escrever assim e não com z (*c*) como está no n.º 15 nota.

Digitized by Google

o Crasto, fora no tempo dos Sarracenos, quando dominavão a Luzitania e as Espanhas forteficação em que habitava hum regolo, e disso o sittio da indicios porque no mais alto do ditto morro se vem vestigios de trincheiras, muitos tigolos e algũas pedras lavradas, como pedaços de colunas e outros indicios que dão a entender hovera ali caza forte ou havitação». (Tomo x, fl. 1755).

128. Cepões (Entre-Douro-e-Minho)

Campas

«..... no referido Outeiro das Freiras se achão algumas campas como sepulturas, e dizem vulgarmente que ali houve convento de Freyras mas não sabem outros fundamentos». (Tomo x, fl. 1763).

129. Cepins (Beira)

Cova-da-Moura

«..... he tradição de pessoas velhas e de ouvido que S. Payo do dito Lugar de Alfara se achara em hum barrio, terras defronte do mesmo Lugar e que trazendo o para o Lugar aonde lhe fizerão a Irmida se tornara o Sancto pera sitio em que o acharão; e que o sintio (*sic*) da Cova da Moura já refferido se chama assim porque nella se achara huma Moura encantada e com effeito no sitio se ve ainda hum buraco pella terra dentro comprido chamado mesmo a Cova da Moura». (Tomo x, fl. 1789).

130. Cepões (Beira)

Letreiro gotico

«Tem (*a igreja de S. Tiago*) junto da porta travesa que fica para a parte do Norte da parte direita ao entrar da porta da parte de dentro hum Letreiro em pedra de Letra gotica que se não sabe o que dis». (Tomo x, fl. 1795).

131. Cepões (Entre-Douro-e-Minho)

Mesa de pedra

«Barreo: onde estâ huma mesa de pedra, onde os quatros Parocos asentados a meza estâ no lemites da sua freguezia»[1]. (Tomo x, fl. 1825).

---

[1] Cfr. n.º 16 d'esta collecção.

Digitized by Google

182. Cercal (Extremadura)

Grutas

«Ha na mesma Serra (*de Montejunto*) varioz buracos bastantemente largos aos quais se não pode alcançar o fundo ha hũa abertura no fim da mesma Serra para a parte do nascente aonde chamão a Penna da Lapa á maneira de hũa porta, de alde (*sic*) de nove ou des couvadoz de altura que entrando se por ella dentro se andão mais de 30 ou 40 passos aonde se encontra com outra porta por onde sae bastante ar frio, e como de Capella dentro se principia a decer, e o Lugar he bastantemente escuro ninguem se atreve a ver lhe o fim. Ha outra Cova na mesma Serra para a parte do Norte aonde chamão a Caza da Moura que he de Abobeda feita pella Natureza, que tem mais de 50 palmos em circumferencia». (Tomo x, fl. 1834).

183. Cervos (Tras-os-Montes)

Inscripção portugueza

«..... consta de hum letreiro que se ve munto bem aberto em huma pedra que esta sobre a janella da Caza mais principal das da rezidencia dos Abbades desta freguezia: o coal diz assim [1]

DOM THEOTONIO FILHO DOS DUQUES DE BRAGANÇA
DOM JAMES E DOMNA JOANNA DE MENDONÇA ABBADE
FES ESTAS CAZAS ANNO DE 1567.

(Tomo x, fl. 1898).

184. Cette (Entre-Douro-e-Minho)

Inscripção latina no mosteiro

«Nesta capella que está fora da nave da Igreja tem defronte do altar debaixo de hum arco de pedra hum caixão de pedra ou tumulo coberto com hũa grande pedra laurado todo de folhagens levantadas, e da parte de fora da Igreja sobre o mesmo mauzoleo ou caixão está levantado hũ torreão de cantaria Lavrada com suas ameyas e piramides em sima e por remata, e não ha memoria ou noticia de quem esteja ou fosse sepultado nelle; he a Igreja de hũa so nave; e abaixo

[1] Não quer dizer esta inscripção que D. Theotonio habitasse nesta freguesia como pretende o autor da Memoria.

Digitized by Google

das escadas da capella mor para a parte do Evangelho chegado a parede esta hum caixão de pedra com hum vulto em sima tambem de pedra que faz a figura de hum Prelado vestido de Pontifice com mitra e bago; e tem na parede hũa pedra pouco mais de hũ palmo com a inscripção seguinte de letra gotica[1]:

[X] KALENDIS AUGUSTI ERA MCCCLXI OBIIT VIR
HONESTISSIMUS ABBAS DOMNUS STEPHANUS Iᵘˢ
QUI HANC ECCLESIAM TOTAM DE NOVO OPERE
RENOVAVIT CUJUS ANIMA IN PACE REQUIESCAT.
AMEN.

(Tomo x, fl. 1296).

P. S. «..... acho noticia de que no caixão está sepultado o fundador do Mosteyro de S. Pedro de Cette D. Gonçalo Vasques, tronco dos Freytas, cujas armas estão postas no frontespicio da Igreja de S. Pedro de Cette». (Tomo x, fl. 1928).

185. Chacim (Tras-os-Montes)

Lenda do tributo das donzellas. — Achados numa torre. — Pelourinho. — Minas

«..... e esta devoção se oferece pellos casados em ação de graças a Milagrosa Senhora de tempo antiquissimo por nos liurar daquelle barbaro trebuto das Domzellas naquella fortaleza aonde se ainda hoje veem os vestigios de seos inexpugnaveis muros cuia tradição se conserua nos mesmos moradores suposto se não acha por escripto .....»[2] (Tomo x, fl. 1968).

«Havia nesta villa hua Torre fabricada de pedra e cal ao fundo da mesma villa e hoie entrada do Campo da Feira que já descrevemos, porem, hoie de tudo desfeita, não se descobre hoie nada de sua antiguidade ..... e he constante fama que se acharão nos asentos da ditta Torre quando de tudo se desfizerão instrumentos bellicos como arcos e flechas, e o que descreue esta informação asim o ouuio dizer a seus mayores e antessessores e ser constante fama o referido». (Tomo x, fl. 1973).

---

[1] Vem transcripto nas *Diss. Ch. e Crit.*, de João Pedro Ribeiro, I, 352, com mais exactidão.

[2] Cfr. n.º 17 d'esta collecção.

Digitized by Google

«..... a pedra de Cantaria lavrada que fas cabeça ao Pelourinho desta villa que se acha na praça e no meyo della se acha esculpida com as armas reais para a parte do Sul e para a do Norte, as do Donatario e Fidalgo de Villa Flor e para o nascente hua figura de homem de meyo relleuo ou corpo como de asento ou escancha pernas com as mãos juntas ao peito pegando em hũa chaue e da parte do Ocidente hum meyo corpo como de mulher mas por incuria dos antigos que cuidarão pouco em muitas partes de deixar grauadas á posterioridade as coizas condignas de memoria nem nos liuros e archiuos da Camara desta villa se descobre nada da ethemollogia ou noticia da significação de semelhantes figuras se não pode declarar nada da significação de semelhantes figuras expostas no mayor publico desta terra»[1]. (Tomo X, fl. 1973).

«..... ao nascente e junto desta villa com pouca distancia por sima da Capella de N. Senhora do Desterro se descobrirão veias de pedra muito pezadas que examinadas por hum mineiro com ordens regias dezia ser prata ligada com chumbo e se fechou por outras ordens superiores». (Tomo X, fl. 1676).

186. Chamoim[2] (Entre-Douro-e-Minho)

Crasto Perra-da-Moura. — Estrada da Geira. — Pontes

«No mais alto do monte, por sima da Geira que de Braga caminha pera Astorga, caminho da via militar se acha hum pinhasco — distante desta rezidencia — tres coartos de legoa, a quem os moradores desta freguezia chamam Crasto, feito este pello Autor da Graça e Natureza, Cristo bem nosso, que terá de circunferencia mais de meio coarto de legoa, levantado no mais eminente da serra[3], por sima do lugar de Padrós, com munta abundancia de penedos sem ordem, porque huns atravessados, outros em pé, munto proximos huns dos outros, e diversos todos ou quazi todos na forma; e de tal sorte compostos, que pella parte do Norte se nam pode vadiar, e a risco quem se meter pellas cavernas delles, porque fazendo hum dificultozo labyrinto de penedos, e por baixo delles, medonhas grutas subterraneas: porem pella parte do nacente se pode vadear, excepto os ultimos

---

[1] Cfr. n.º 26 d'esta collecção.

[2] Evidentemente provém de *Flamulini*. Encontramos o nome *Flamula* em *Torre-de-dona-Chama* por intermedio de *Chamoa;* talvez seja devido a alguma lenda a existencia d'este nome feminino, cousa rara, como nome de lugar.

[3] *Nota á margem:* he na Serra de Santa Izabel a tal penha Crasto.

Digitized by Google

penedos simalha ou remate da penha; porque a este lugar só com escada manual se pode e com mumto travalho subir; porem o meu animo me nam concentio, a que deixaxe (*sic*) de explorar tal ademiraçam: fui pessoalmente á mais ultima pedra valendome da industria, de em partes atravessar a escada ao modo de ponte pera passar de huma parte pera a outra, sem embargo da profunda altura que ocularmente se me expunha, caminhando de gatinhas — segundo a fraze vulgar mais expreciva — outras vezes com a escada direita, e outras dando volta ao redor das fragas, por logares tam angustos, que em muntas partes se me deficultava a entrada, porem dando muntas voltas cheguei a ter a felecidade de conceguir o que pertendia; achei hum penedo, a que os rusticos daquelle lugar, de longe deram o nome de lage pinta do Crasto, he esta toda plana tem de conprido cento e vinte seis palmos, e de largo sesenta e hum ficando pouco mais asima outro penedo de exceciva grandeza[1], e ajudado de homens de quem me vali pera a conducam da escada que posta esta, a outra fraga, de penedo, em penedo fui continuando o meu emtento, e donde achei o ultimo de todos, que nam menos antes mais do que, o de que asima fica dito, se acha este partido pello meio que pella lizura, e igualdade da pedra se fizera arteficiosamente[2]; ficando entre huma e outra a metade sinco palmos de largo cobrindo este caminho ou apartamento tres penedos munto grandes, que ao modo de telhado defendem os chuveiros das agoas; destes se descobre terra de Viana, em distancia de oito legoas, etc.

E se acha este Crasto em partes com sinal de muro de obra tosca, e em outras os mesmos penedos lhe servem de forteficaçam tem a entrada pella parte do poente indicios de hum mal concertado portal, e mais por sima outros alicerces de tres muros da mesma ordem. O alto he bastantemente ameno, porque ainda no mayor rigor do estio, esta cuberto de huma verde relva, nacendo nella subterraneamente huma fonte, a qual vai sem aparecer por vaixo do fraguedo, etc.

Nam achei cazas, nem alicerces dellas, porem, examinando com miudeza, e mandando cavar alguma terra, pera com verdade dar noticia, do que me he mandado, achei alguns brelhos, ou tijolos tam duros, mais que as proprias pedras. Tambem achei em huma alta fraga, hum buraco feito ao picam redondo com largura de palmo e meio, e outro tanto de altura, o que tudo parecia ao modo de segu-

---

[1] *Nota marginal:* chamado Perra [Petra, certamente] Moura.

[2] *Nota marginal:* he o mesmo Perra Moura.

Digitized by Google

rar trave, pera outro penedo que fronteiro fica. Nam posso vir no conhecimento que naçam de gente poderia abitar em terra tam fria, e dezemparada, so sim a naçam Barbara dos Mahometanos, no tempo em que estavam senhores de muntas terras desta Provincia. Vai a efigie da penha do Crasto, que como esta terra esteja longe de povoado, nam vai com a perfeiçam que devia mas pello modo que foi possivel»[1]. (Tomo x, fl. 1484 e sqq.).

«..... Santa Marinha de Covide principio da serra do Gerés por donde continua a via militar, que vai pello meio da Serra, edeficada esta via por Vespaziano, e por vaixo de Felgueira se acha hum padram com esta inscriçam:

E no atalho de Cavoninhas e pergoins:»[2] (Tomo x, fl. 1987).

«..... Rio da Ponte do Arco, Rio da Ponte de Monçam, Rio da Ponte de Albergaria, e mais outro de Sam Miguel, em os quais havia coatro pontes primorozamente fabricadas, que no tempo das antiguas guerras, os do Concelho de Terra de Bouro, as demoliram com receio do inimigo, tudo obra Romana por onde passava o caminho de via militar .....» (Tomo x, fl. 1989).

187. Chapa (Entre-Douro-e-Minho)

Etymologia popular

«..... e ahi perdendo este toma o de Santanaday: Dizem os antigos que foy principio de assim se chamar hũa grande imnundação que leuou daqueles campos hũ capela que ali havia em que estava a Imagem de hũa Santa, cujo nome não acorda a memoria dos prezentes e que na tal occazião gritarão as gentes, dizendo Ó Santa Milagroza! naday, e suposto o Rio levou a capela, e Santa ahinda hoje se encontrão algũs vestigios, e aquelles campos se chamão a Santa». (Tomo x, fl. 2035).

188. Chaves (Tras-os-Montes)

Antiguidades várias

«A povoação que reprezenta o seguinte Mappa[3] he a famoza villa de Chaves, que em outros seculos logrou o nome de Aquas Flavias,

---

[1] Effectivamente acompanha a memoria um desenho representando o Crasto.

[2] Estas duas inscripções tem os n.os 4806 e 4807 no *Corpus*. Parece que no tempo do autor d'este trabalho, o Abbade J. Coelho da Sylva, já estavam mais frustas do que quando se tiraram as copias colleccionadas no *Corpus*.

[3] A planta de Chaves, que acompanha o trabalho do Prior encommendado Antonio Manuel de Novaes Mendoça, foi feita por Josephus Lopes Baptista, certamente militar.

Digitized by Google

Cidade tão opulenta que mereceo ser Colonia dos Romanos fundada pelo Emperador Flavio Vespasiano no anno de 79 depois do nascimento de Christo floreçendo nesses tempos com vantagens tão extraordinarias, que mereceu eterna memoria entre as mais asinaladas Cidades do Mundo, té que Fumario com poderosa mão a destruhiu no anno de 463 sem respeito as prerogativas da sua grandeza e opulencia frustando os projectos e maximas do grande Remismundo, que ambicioso a procurava senhorear, para coroar-se unico Rey dos Suevos. Depois a levantarão os Mouros e prezidiarão, té que no anno de 842 lha conquistou El Rey D. Affonso o Catholico redificandoa novamente.

Outra vez com sacrilegas mãos a destruirão os Mouros, e no anno de 904 foi novamente povoada, e cercada de muros, a cuja factura assistiu o famozo Conde Oduario, por ordem de El Rey D. Affonso de (*sic*) tornarão os Mouros a senhorear-se della até que com pareçer de El Rey D. Affonso Henriques foi restaurada no anno de 1160 por aqueles dous famozos varões Ruy Lopes e Garcia Lopes a quem igualou o valor nas armas, e o sangue no nascimento. Desta heroica acção tomarão o apelido de Chaves de cuja memoria se descobrirão na Matriz da mesma villa os seguintes versos:

Dous irmãos com as quinas
sem Rey ganharão as Chaves
donde em roxo christalinas
lhe foy dado por insignias
em o Escudo cinco chaves[1].

E que esta villa fosse Colonia dos Romanoz se prova com evidencia da evidencia da inscripção que refere Grutero achada em hum cippo junto aos muros da Cidade de Clausemberg, na Transilvania, e que já será muito antes no anno de 237 sendo consules Perpetuo e Corneliano.

Nem a pequenhez a que hoje lastimozamente será reduzida, pode fazer argumento contra a grandeza e extenção que teve, pois he constante que pelas margens acima do Tamega que enriquece e fertiliza seos campos se extendia distancia de hũa legoa da parte do meyo dia, para a do Norte, descobrindose na mesma varias columnas, capiteis, plintos, aqueductos, muitas e grandes pedras artificiadas, que

[1] Segundo o Sr. Leite de Vasconcellos, *Revue Hispanique*, tomo II, *Chaves* provém de Flaviis, ablativo de (Aquae) Flaviae. No foral da villa apparece *Chavias*. Um outro derivado de *Flavius* encontra-se talvez em *Chave*, concelho de Arouca, que creio vir de *Flavii*.

Digitized by Google

bem mostrão terem servido em obras, Templos, e sunptuosissimos Palacios: podendo della dizerse, como de Troya dizia Virgilio: *Campus ubi Flavia fuit.*

Das suas Familias, grandezas e antiguidade escreverão varios e famozos AA.[1] em cujas obras diffuzamente se podem ver que por estarem escriptas se omittem neste logar». (Tomo x, fl. 2065).

«Não esquecendo o incomparavel valor daquelle Scipião Transmontano o grande Antonio Pirez de que trata a inscripção seguinte:

HIC JACET ANTONIUS PEREZ
VASSALUS DOMINI REGIS,
CONTRA CASTELLANOS MISSO
OCCIDIT OMNES QUE QUISO,
QUANTOS VIVOS RAPUIT,
OMNES EXBARIGAVIT,
PER ISTAS LADEYRAS
TULIT TRES VANDEYRAS
E FEBRE CORREPTUS
HIC JACET SEPULTUS:
FACIANT CASTELLANI FESTE
QUIA MORTUS EST SUA PESTE.

E o de seu companheiro o Gedeão Portuguez de que trata o epitaphio seguinte:

AQUI JAZ SIMÓN AMTÓM
QUE MATOU MUITO CASTELLÃO
E DE BAIXO DO SEU COVÓM
DEZAFIA A QUANTOS SÃO

Achadas, segundo constou pellos manuscriptos de Antonio Gonsalvez Lisboa Bravo, que herdou o P.e Antonio Rodriguez Pigellas Prior que foy na Collegiada desta villa, nas campas de dous tumulos nas ladeyras onde hoje esta a Capella de S. Amaro defronte da Igreja de N. Sr.a da Enzinheyra do Lugar de Outeiro Secco, no adro de cuja Igreja se acha ainda hum destes tumulos e em paredes de algũas fazendas naquelle sitio alguns fragmentos da campa da primeira inscripção»[1]. (Tomo x, fl. 2087).

---

[1] Em nota menciona os seguintes autores: Barros, Vaseo, Gomes, *Hist. de Flor.*, cap. 10; Mont., *Chron. Piet.*, 16, 2, pag. 160; Freyre, Grutero, Argot., Lim., Sanctuario Mar., Morales.

Digitized by Google

«Foy o referido Antonio Gonçalvez, homem de muyta verdade, e engenho, e muyto curiozo indagador de antiguidades, pelo que se faz crivel, que não escrevesse couza que se opposesse á qualidade do seu nascimento, e do grande já referido Antonio Pires, dizia ser descendente Andre Pires da Silva, governador que foy desta Praça». (Tomo x, fl. 2088).

«Tem nesta villa hũa famoza ponte que constava em outros tempos de dezoito arcos de grande e excelente Cantaria, e hoje de doze somente, que principia no Arabalde da Madalena até o das Couraças, e terá de comprimento 92 passos geometricos, e trez palmos, e de largura trez passos geometricos, e tres palmos»[2]. (Tomo x, fl. 2096).

«Consta que nos seculos antigos teve grandes Banhos, e que estes erão para a parte do Norte, perto do sitio, ou no mesmo em que se acha o Convento das Religiosas; e se faz crivel pela grande abundancia de aguas, etc.» (Tomo x, fl. 2091).

«Na resposta ao Interrogatorio 23 da 1.ª parte se dá noticias das Caldas de agoa fervente, que tem esta villa para a parte do meyo dia, em distancia de 115 passos geometricos, ou pouco mais, ás quaes caldas corre contiguo o ribeiro de Rivellas, etc.» (Tomo x, fl. 2099).

«Appendiz. Hoje se acha reposto ao lugar, ou sitio em que foi primeiramente posto o padrão que o Padre Argote diz estar cahido no tempo em que escreveu, e se acha no meyo da ponte do Ribeiro que passa pelo meyo do lugar de Outeiro Secco, e nelle gravada a inscripção seguinte[3], referida, e transcripta pelo dito Autor com algua, ainda que pouca diversidade: E nota-se que esta figura § que o mesmo citado Autor pôz adiante da dicção Eris na 6.ª Regra, não he o § de que uzamos na escripta, mas sim hũ coração como asima se reprezenta.

E bem pode ser quem dedicou a referida memoria a Divindade de Ermacidevoro para mostrar que lha dedicava de todo o coração o mandasse abrir ou esculpir em logar da dicção Latina — Corde — como nesses tempos se uzava, e ainda hoje se uza nas Poesias mudas, explicando se a imitação dos Egypcios por figuras o mesmo que por palavras se havia de mostrar.

Depois que o referido A. escreveu das familias e antiguidades de Aquas Flavias se descobrirão no sitio chamado — a ribalta[1] — no

---

[1] Não se pode dar inteiro credito a estas duas inscripções.

[2] Segue depois uma cópia dos padrões existentes na ponte que em 1738 R. de Sande Vasconcellos, Tenente coronel de Artelharia, ornou e avivou.

[3] N.º 2473 do *Corpus*.

Digitized by Google

limite do dito lugar de Outeiro Secco distante do Rio Tamega cem passos ordinarios varias pedras redondas, pyramidaes, e quadradas, e algũas columnas partidas e outras inteiras de dez e doze palmos de comprimento de cinco das quaes se utilisou Manoel Alvrez Fontes para hũa varanda, onde se achão no dito lugar. E em hũa terra que no dito sitio mandou o mesmo pôr de vinha se descobrirão no anno de 1754 muitas pedras polidas e sepulchrais, e grande quantidade de ossos, com muitos licerces de obras magnificas.

No anno passado de 1757 trabalhandose na factura dos licerces para o alpendre que hoje se acha feito no adro da Igreja de N. Snr.ª da Enzinheira de fronte do sitio onde se achou a inscripção que respondo ao 18.º interrogatorio (*de Simom Antom*) se descobrirão em perfundidade de 8 ou 9 palmos muitos ossos e hũa grande pedra artificiada de varios insignias de meyo relevo, que procurando tirarse, logo appareceu hum munumento, cuja campa era a dita pedra, e outros mais da mesma materia, com muitos ossos e varias inscripções e divizas que negligentemente destruhiu e quebrou a rusticidade dos que trabalhavão na ditta obra para lhe servirem de pedras fundamentaes na mesma.

Observou-se que nenhum dos AA. que escreverão de Aquas Flavias (ao que parece) fallando no seu comprimento ou extenção não fallarão da sua largura. Dizem que se extendia pelas margens acima do Rio Tamega até o referido lugar de Outeiro Secco da parte do meyo dia para a do Norte porem não faltará quem se aventure a dizer o contrario fundandosse em que no meyo da veiga desta villa pelo Lapso dos tempos se descobrirão muitos licerces, aqueductos pedrastaes (*sic*), pias, tijolos e outras mais couzas, como agora se vão descobrindo ainda no sitio chamado o — Nicho — para a parte do Poente, onde pelos manuscriptos do referido Antonio Gonçalves Lisboa Bravo que elle de seos antepassados alcançara haver no mesmo sitio sumptuozas obras, porque de muitos fragmentos, e peças dellas fizera no anno de 1500 Jacome de Araujo Freire a capella de N. Sr.ª do Populo proxima ao mesmo sitio, o que se faz crivel porque os dous porticos que servem hum no jardim outro na entrada do adro da Igreja da mesma Sr.ª são antiquissimos e bem mostrão pela sua grande fabrica que forão feitos para obra sumptuosa e urbana e não para a rustica em que se achão. He constante pro tradicção que nesta villa houve hũa mulher cazada chamada de alcunha — a gralha —

---

[1] Riba Alta.

Digitized by Google

que notando a outra tambem cazada parir de hũa vez dous filhos, o que não podia ser, sem serem de diversos homens, parira sete de hum ventre, dos quaes deixando ficar hum, mandara por hũa criada afogar os mais, a quem encontrando o amo, marido da sobredita, averiguada a simplicidade de sua mulher, os mandara baptizar, e criar em diversos lugares, recomendando á criada segredo, e que lhe dicesse os tinha afogado. Passados 5 annos (que tantos durou o segredo na mão da criada) os mandou seu Pay buscar, e juntos os fes vestir da mesma sorte, que o que ficara em caza, entregando-os todos á dita sua May[1]. Estes 7 filhos mandarão fazer hũa capella que dedicarão a S. Domingos na Collegiada desta Villa chamada a Capella dos — gralhos — e cada hum sua, fora da mesma villa, descobrindose de huas a outras, e todas de qualquer dellas, das quaes se diz ser hũa a de S. Barbara no Outeiro de Valdanta, etc.» (Tomo x, fl. 2100).

«Redificandose a caza (na rua de S. Maria) que em hum angulo tinha a seguinte inscripção em hũa pedra dedicada por Dionyzio escravo forro de Augusto, ás Ninfas de Isauria (publicada no *Corpus*, n.º 2474). Fez grauar seu Dono (mandando a picar) esta Letra, em lugar das sobres escriptas:

INITIUM SAPIENTIAE TIMOR DOMINI

A qual pedra actualmente serve de padieira em a porta grande das Cazas de Caetanno Alvarez Teixeira na mesma rua. Perto de hũ angulo da hermida do Anjo Custodio atraz do Armazem, se acha hum Padrão, cuja grandeza merecia aos AA. que escreverão de Aquas Flavias especial memoria, porem como a não fizerão se lhe faz neste lugar, e tem gravada a inscripção seguinte:

E.....
NVSXACP.
3̄VXREFIP.
..AVIS...
RVI.....

Na qual a tirania dos tempos tem consumido as muitas letras que em cada regra se mostrão gastas, pelo que se lhe podem dar intelligencia, ou interpretação algũa, e só pode colligir-se que Rufo ou Sexto Rufo a mandou levantar em memoria de algũa fingida divindade, ou de outra algũa façanha heroica dos Romanos. Junto deste Padrão consta que havia outro da mesma grossura e grandeza, de

[1] Cfr. n.º 68 d'esta collecção.

Digitized by Google

que no anno de 1602 se aproveitou o administrador da dita Capella para o cruzeiro que hoje tem fazendo abolirlhe outra inscripção que nelle se achava.

Em um cunhal da Caza da Camara desta villa em hum dos [1] que tem na rua direita se acha hũa pedra com estas letras (*Corpus*, n.º 2490). Que bem mostrão comporem com que lhe faltão algũa inscripção, e ha quem diga que esta pedra era hũa que se achava levantada perto do Postigo das Manas, porem com pouco fundamento, porque a pedra, que pelos annos de 1609 se achava no dito sitio, era redonda como os padrões, e asim não podião servir-lhe as sobre escriptas Letras, que estão gravadas na dita pedra em comprimento e não em volta, ou circulação». (Tomo x, fl. 2104).

139. Chorense (Entre-Douro-e-Minho)

Estrada da Geira

«Pelo alto do monte encostado a Serra vay huma estrada larga intitulada a Geira fabricada, dizem, que fizerão os Romanos, com varios padroens redondos pelo decurso della, a qual principia em Santa Anna na Cidade de Braga e acaba, dizem, em Sam Tiago de Galiza». (Tomo xi, fl. 2130).

140. Christello (Entre-Douro-e-Minho)

Crastello

«E para a parte do poente se avista em distancia de hum coarto de Legoa a serra de San Thiago Nouo que produz mato chamado sargaço e munta pedra de cantaria e boas e copiozas agoas, e no alto da mesma serra hua capella de Santiago Nouo com vestigios de grande pouoação por cauza dos milagrozos prodigios que Deos obrou por intercessão do mesmo Appostolo; e hoje obra.....» (Tomo xi, fl. 2150).

«E nesta serra ha hũa planise a que chamão o Campo, e hortas dos Mouros com alguns vestigios de muros por delles se fazerem fortes os mouros quando ultimamente forão expulsados destas terras». (Tomo xi, fl. 2151).

«Chamase o Monte ou Outeyro do Crasto que terá de circuito em volta duas mil varas principia na preza grande e acaba em Espessande». (Tomo xi, fl. 2153).

Pedro A. de Azevedo.

---

[1] É assim que se lê a palavra de leitura duvidosa no *Corpus*.

Digitized by Google

VOL. III SETEMBRO A NOVEMBRO DE 1897 N.os 9 A 11

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1897

Digitized by Google

SUMMÁRIO

Numismatica.

Miranda archeologica.

Notícias archeologicas colhidas em documentos do seculo XVIII.

Numismatica portuguesa.

Informações argheologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso.

Lapide romana de Babe.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758».

Museu Municipal de Bragança.

A Brigantia.

Notícias archeologicas colhidas em documentos do seculo XVIII.

Relatorio á cêrca do Museu Municipal da Figueira da Foz.

Duas necropoles no concelho de Villa-Pouca-de-Aguiar.

Estudos sobre Troia de Setubal.

Estudos sobre Salacia.

Acquisições do Museu Ethnologico Portuguêz.

Bibliographia.

Este fasciculo vae illustrado com 5 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. III SETEMBRO A NOVEMBRO DE 1897 N.os 9 A 11

Numismatica

Entre os livros que do convento de Santa Cruz de Coimbra vieram para a Bibliotheca Nacional existe um que se compõe de dois cadernos de pergaminho cosidos um ao outro, sem capa, e que no rosto da primeira página tem como titulo em lettra moderna (sec. XVIII): *Cadernos da Receyta e Despeza do Thezouro que El-Rey D. Affonso III teve neste Mosteyro.* No primeiro d'esses dois cadernos, todos escriptos em lettra do sec. XIII, se encontra o curioso documento que vamos publicar, acompanhando-o com algumas considerações que a sua leitura nos suggere.

*

Por duas vezes quis El-Rei D. Affonso III quebrar moeda, em 1255 e em 1261; de ambas as vezes desistiu do seu intento em troca de pesado tributo lançado sobre os povos: da primeira vez sem lhe ter dado principio de execução, da segunda depois de já ter cunhado moeda com toque mais baixo que o legal.

Pela convenção de 1261, em que estabeleceu o valor da moeda nova com relação á antiga, comprometteu-se a não cunhar moeda sem primeiro o participar aos principaes do seu reino. É conhecida a carta de participação de 6 de Março de 1270 em que communica a intenção em que estava de cunhar nova moeda[1].

É logo depois d'este documento que, tanto na serie logica como na chronologica, se deve collocar o de que hoje nos occupamos.

O Rei quer cunhar moeda; manda pois retirar do thesouro de Coimbra, onde estavam guardados, todos os preparos necessarios para esse fim.

[1] Vid. Aragão, etc., vol. I, pag. 344, n.º 7.

Digitized by Google

Já por uma carta de D. Fernando I nós sabiamos que os instrumentos destinados ao fabrico da moeda eram propriedade regia e se guardavam no thesouro, mas o que ignoravamos era quaes fossem esses instrumentos, e sobre este ponto algumas luzes nos traz o presente documento.

Fr. Martinho, abbade de Alcobaça, esmoler do Rei, é o enviado a Coimbra para receber das mãos do prior de Santa Cruz, Pedro Suares, não só os instrumentos para cunhar a nova moeda, mas tambem o metal que a essa cunhagem se destinava.

Entre os metaes vemos figurar o ouro, quer em barras, quer em moeda, o cobre e o chumbo; mas prata, a não ser a já contida no bolhão cunhado, é cousa que aqui não apparece, sem que d'isso se possa dar alguma razão plausivel. Outras considerações temos de fazer ao conteudo do documento, mas vamos primeiro apresentá-lo ao estudo dos leitores.

Notum sit omnibus tam presentibus quam futuris qui ego frey Martinius d'Alcobacia esmolnarius domini Alfonsis Regis portugaliae et Algarbii confiteor et recognosco me recepisse a domino petro Sugerii priore monasterio sancte crucis Colimbriem et conventu ejusdem et Dominico ihannis quondam Almoxarifo Domini Regis in Colimbria, petro ihannis repositario domini Regis per suam litteram apertam concedente et mandante per me: v capelles de ferro per ad funditionnem et unum campacho et duos cocres ferreos et duos brangidoyros de cupro et duas sartagines et tres trolos et duodecim reeleyras de ferro et unum pesum magnum de ferro cum tabulis de madeyro et unas balanzas de cupro et tres molles de ferro et tres palas de ferro et unum cutellum magareyrum et unum cabum de ferro de cocre et duos martelos et unum ebotadoyro et unum sachum et unum pondus de ferro (d'una arrova). Item nungentos triginta parelios per ad monetandum denarios et xxii siceys et trecentos nanaginta quinque arrataes de cupro et centum et quator arrataes de plumbo et nungentos et septuaginta et octo arrataes de azo coronato. Item ii saccos de denariis brangidos de quingentis libris. Item decem et octo libras et septem solidos de denariis brangidos et nigris et triginta et septem morabitinos et quator quadratos in auro et unam mediam marcham d'auro et decem morabitinos novos in auro et unum morabitino alcozovil in auro et ii morabitinos alfonsiles in auro et unum morabitinum meloqui in auro et tres morabitinos veteres in auro. Item duodecim libras et xv arrataes de denariis Turonenses. Item vi arrataes et ix et de pectavus. Item de lavaduras et d'asento tres saccos de trecentis et vigintis arratheis et supradictam omnium et singulam recepi de Thesauro predicti monasteiro Sancte Crucis per cartam domini Alfonsi Regis portugaliae et Algarbii quam cartam inde predictus prior tenet in testimonium et per se predicto Domino priore et Dominico ihannis quondam almoxarifo Colimbrie cum clavis quas tenebat de ipsis archis in quibus sedebant omnia supradicta et predicto frey martino elemosinario domini portugaliae cum clavibus de earum archarum quas michi petrus ihannis repositario domini Regis dedit. Et ut haec preterea in dubium venire non possit fecimus fieri duas cartas divisas per alphabetum per manum Egidii vicentii publici

Digitized by Google

Thabellionis Colimbrie quarum Ego predictus frey martinus elemosinarius domini regis unam teneo et dicto prior et conventus sancte Crucis cum dominico ihannis predicto tenent altram. Actum fuit hoc in predicto monastiro Sabbato xv die marcii. Era mccccviii. Et ego predictus Egidius vicentii publico tabellio Colimbrie predictis omnibus et singulis interfui et manu propria scripsi et signum meum apposui in testimonium hujus rei. Qui presentes fuerunt: Ihannis Gunsalvi Almoxarifo Colimbrie, Dominicus menendi Thabellio et scriba domini Regis, petrus salvatoris de prope runam fernandus parente Dominicus bartholomi, Michael de mene, petrus gunsalvi petenarius cives Colimbrie, petrus pet delodeu, pelagius egee, Ihannis d'Alfanxi homines domini Regis, prior claustri Dominus petrus petri sacrista, petrus ihannis Vimaren, Laurentius petri Dominicus Gunsalvi Cancellarius predicti domini prioris predictis omnibus interfuit et sripsit.

Parece-nos que como termos que significam instrumentos proprios para a lavra da moeda, devemos considerar: *capelles, campacho, cocres, sartagines, trolos, parelios, palas, reeleyras, molles, brangidoyros, martelos.*

Agora o mais difficil é dizer quaes fossem os instrumentos designados por esses nomes; alguns parecem-nos de identificação razoavelmente facil, como são: *reeleyras,* instrumentos hoje chamados rilheiras; *trolos,* talvez o baixo latino *trolium,* prensa, ou então *trolum* que, segundo Ducange, são canaes por onde correm as aguas pluviaes e que no nosso caso poderiam ser canaes por onde corresse o metal liquido; *parelios,* de *parelium,* par, e que não poderiam ser senão os cunhos, o do anverso e do reverso formando effectivamente um par; *molles,* são pinças que serviriam para agarrar no metal quente; outros ha cuja significação nos parece bastante obscura como: *capelles,* que pela phrase do documento que diz «capelles per ad funditionnem» não póde deixar de ser instrumento para a cunhagem; mas que em Ducange apparece como sendo um capacete de ferro, o que manifestamente não é o sentido que aqui tem; *brangidoyros,* tambem é termo technico, pois mais longe encontramos os dinheiros *brangidos,* mas o que será, isso é que não nos apparece claramente: será *brangir* uma fórma do verbo *branquir* e *brangidoyro* seria o instrumento com que se brangia? Parece que sim, pois o documento oppõe dinheiros brangidos a dinheiros negros. Talvez outros mais sabios, o digam, e tambem a elles enviamos algumas outras palavras sobre as quaes nem conjecturas nos aventuramos a fazer.

Quanto a pesos e medidas, tambem nos parece que podemos identificar a palavra *siceys* como um plural de *sichel,* isto é, siclo; pois pelo texto parece bem que *siceys* se refere a um pêso, encontrando-se como se encontra ligado a arrateis.

Digitized by Google

Um novo nome nos apparece tambem para o morabitino: é o *alcozovil,* provavelmente designativo de alguma cidade em que tal moeda fosse cunhada.

Outras considerações poderiamos fazer a respeito de tão curioso documento, mas já bastante nos alargámos.

G. de Almeida Santos.

Miranda archeologica

Mergulhada no mais profundo silencio historico, vive essa triste e desolada cidade de Miranda do Douro, na margem direita d'este rio, no extremo nordeste da antiga provincia trasmontana.

A epocha actual esqueceu por completo um dos mais fortes baluartes fronteiriços que durante a idade média, e já nas epochas da nossa historia moderna, serviu de barreira ás incursões dos povos vizinhos. Esqueceu esse marco miliario, que tem visto passar tantas gerações, quer nos tempos em que o seu solo foi habitado por uma d'essas tribus guerreiras, cujos vestigios chegaram até hoje, quer na sua celebre dança chamada dos *paulitos*, e nos machados e martelos de pedra e noutros vestigios do periodo preromano, que ainda por aquelles lugares abundam, quer no dominio do povo rei.

O territorio mirandês é uma mina de grande merecimento archeologico, que ainda está por acabar de explorar, tanto na parte dos monumentos e outros vestigios historicos, como no que diz respeito á linguagem, usos e costumes [1]. A cada passo se encontra uma povoação morta, um fragmento de uma civilização que passou, uma recordação, um signal, um indicio de um povo que para nós ainda não é conhecido, que se sumiu nas trevas do esquecimento, arrastando comsigo as suas tradições e as suas glorias. É uma vasta necropole, de que fazem parte os castros de Coelhoso, S. Martinho, Angueira, Picote, Aldeia Nova e muitos outros, que está para ali abandonada á espera que os obreiros da civilização vão decifrar esses caracteres que traduzem a alma, o sentimento, a vida dos que ergueram esses monumentos para a eternidade!

---

[1] Com relação á linguagem mirandesa vide, porém, alguns trabalhos de J. Leite de Vasconcellos.

Digitized by Google

Assim se induz das informações e dos objectos existentes no nosso Museu.

Foi sempre a nossa cidade de Miranda cabeça d'esse territorio em volta da qual se passaram verdadeiras scenas heroicas.

Essa fortaleza desmantelada, prestes a desapparecer, foi, ainda não ha muito, uma valorosa couraça aonde se vieram quebrar os impetos das aguerridas hostes castelhanas. Do seu cimo, por mais de uma vez, o troar da artilheria deu o grito de alarme de que a patria estava em perigo, que o Douro levava ao coração do país chamando ás armas todos os seus defensores.

Nas suas ruinas, nos seus destroços, ao revolvermos cada pedra, lá vamos encontrar a ossada de um heroe que impavido, qual outro espartano, ficou sepultado no desmoronamento da sua torre de menagem, produzido por uma explosão em 1762.

E assim cahiu esta secular sentinella da fronteira, que D. Dinis havia mandado erguer, e que tinha uma existencia de mais de quatro seculos.

Cahiu como um gigante e como um heroe: — abalada pelo raio da Guerra, e abraçada á Bandeira das Quinas, que sempre defendeu.

Miranda é uma grandeza cahida, e do seu poderio restam-lhe hoje ruinas, cinzas, o esquecimento...

Se não fosse esse monumento grandioso que serviu de Sé ao Bispado que a vontade de D. Catharina criou em 1545, e que é tido como um dos edificios religiosos mais notaveis do reino, e a protecção official tornando-a séde de um concelho e de uma comarca, ella já teria deixado de existir, porque a sua importancia, que era militar, perdeu a desde o dia em que derruiu a sua torre de menagem.

Mas embora um dia a sua adversidade a leve ao desapparecimento de povo geographico; embora venha a tornar-se, como o territorio que a rodeia, um verdadeiro cemiterio ou um campo habitado pelas feras e pelas aguias, ou revolvido pelo arado: o seu nome brilhará nas paginas da nossa historia, recordando feitos verdadeiramente gloriosos!

E ao passar por este local, o viandante, dominado pela lembrança de uma grandeza extincta, exclamará: Aqui jaz quem morreu pela patria!

A geração actual não póde desamparar quem tem tão grandes tradições; e por isso a benemerita e patriotica Commissão dos monumentos nacionaes deve, sem demora, declarar nacional o edificio da Sé, para ser reparado, conservado e salvo, como merece.

Bragança, 1897.

Albino Pereira Lopo.

Digitized by Google

Notícias archeologicas colhidas em documentos do seculo XVIII

1. Ruinas das Caldas de Vizella

«Lisboa, 2 de Setembro. — Huma carta de *Braga,* escrita com data de 21 d'Agosto por pessoa fidedigna, refere que no lugar de *S. Miguel das Caldas,* sito na ribeira de *Vizella,* huma legua de *Guimarães,* vão, com grande admiração daquelles povos, apparecendo os mais bellos banhos, sepultados no seio da terra ha largos annos. Não falta entre aquelles Antiquarios quem julgue ser esta preciosa obra muito anterior ao tempo dos *Romanos;* mas o certo he que ella respira hum ar de Mosaico. O numero dos tanques que já se tem descuberto, he de 10 para 11, segundo dizem, todos de diversa figura e grandeza: entre elles ha hum mais comprido, que póde accommodar de cada lado 25 pessoas com huma escadaria em roda, bem adequada para banhar qualquer parte do corpo. De huns para outros banhos se tem ultimamente descuberto huns repartimentos d'abobada, que com razão se julgão serem para o abafo dos doentes. Guarnece a admiravel cantaria dos ditos tanques hum bem exquisito, e delicado xadrez, composto de pedrinhas pouco menores que hum dado de jogar, cuja superficie he branca, com humas veias azues: parecem formadas de betume, especialmente na parte branca e azul; mas a em que esta assenta deixa alguma dúvida, por ser em tudo similhante á côr, e dureza da pedra de *Ançã*».

(Da *Gazeta de Lisboa,* n.º 36, de 2 de Setembro de 1788).

*

«Escrevem de *Braga* que na excavação feita no lugar das *Caldas de S. Miguel* se tem novamente achado vestigios de casas, templos, torres, e outras cousas, que mostrão ter alli havido em outro tempo huma grande povoação. Entre estes monumentos de bem remota antiguidade se incluem varias sepulturas, aonde se tem dado com certas cunhas».

(*Id.,* Supplemento ao n.º 21, de 29 de Maio de 1789).

2. Descobrimento no valle de Metoque (Trancoso)

«Lisboa, 26 de Dezembro. — De *Trancoso* escrevem que, andando-se lavrando a terra a 13 de Novembro no valle chamado o *Metoque,*

Digitized by Google

que dista dalli cousa d'hum tiro de canhão, pegou o arado de tal sorte que parárão os bois; e puxando o lavrador para sima a relha, vio vir pegada a esta huma grande pasta de chumbo. Começando-se logo depois a cavar no mesmo lugar para o examinar, achou-se maior quantidade de chumbo, e que este continuava, parecendo aquelle chão como oco pelo éco que fazião os golpes da enxada. Passado algum tempo de trabalho se descubrio hum espaço de 24 palmos em quadrado, todo cuberto de chumbo, a que se seguia, mais alto que este, meio palmo de parede, cuja argamassa estava como petrificada. Levantada que foi a grande pasta de chumbo, que cubria o referido espaço, achou-se o chão de todo este ambito cuberto de vigas de castanho, quasi juntas humas ás outras, e tão carcomidas, que, apenas se deo em duas dellas com as enxadas, quebrarão, e cahirão para baixo. Todos os circumstantes ficárão surprendidos com aquella não esperada caverna, á qual, depois de se mandarem buscar escadas, ninguem quiz descer; mas, por expressa determinação do Juiz de Fóra de *Trancoso,* que se achava presente, 4 homens forão abaixo, não sem grande susto. Logo que o fizerão, perdêrão todo o medo, e, chamadas por elles, descêrão muitas outras pessoas que com archotes accezos, por ser o lugar falto de luz, acharão huma casa de 24 palmos quadrados, com 20 de altura, toda ladrilhada de tijolo, e paredes de cantaria, tão bem unidas que parecião de huma só pedra: sobre estas se vião em diversas partes 3 regras de caracteres, que á primeira vista se julgárão *Arabicos;* mas certo Abbade vizinho, que entende esta lingua, os não pode ler, e pensa serem linguagem de Nação anterior ao tempo dos *Mouros* em *Portugal.* No meio da sala estava hum pedestal quadrado de 6 palmos de alto, muito bem feito, e lavrado, e junto delle derrubada huma estatua de pedra branca, que parecia ser de Jupiter, por ter na mão direita dous raios: tinha porém quebrado pelo cotovello o braço esquerdo. Em cada canto da casa estava hum assento por modo de pulpito, todo de pedra.

Tendo-se divisado n'uma das paredes da dita casa huma estreita porta, tentou-se logo arromballa: o que foi facil por estar a madeira muito carunchosa, e podre. Aberta ella, todas as pessoas, que se achárão na caverna, levando adiante hum archote accezo, passárão a segunda casa, que era de 15 palmos em quadro, e 20 de alto, com paredes semelhantes á primeira. Nos lados della estavão duas arcas, defronte huma da outra, de 10 palmos de comprido, 4 de alto, e 4 de largo, todas chapeadas de ferro, e com sua fechadura; porem tudo muito ferrugento. Como mandasse o sobredito Ministro arromballas, o que com pouco trabalho se executou, achárão-se dentro da primeira

Digitized by Google

6 capacetes de ferro, 4 peitos de aço, huma saia de malha, e humas grandes botas de latão: excepto estas, o demais estava tão comido da ferrugem, que com hum leve toque se desfazia. Dentro da segunda estavão 4 freios, muito differentes dos que agora se usão, cujas correias se achavão como feitas em cinza; 8 esporas de ferro muito compridas e largas, tendo em lugar de rozetas hum grande bico; e tres saias de malha muito dislaceradas, com 2 ferros de lança, hum espadão de 7 palmos e meio de comprido, e quasi hum de largo, com hum só gume, e hum punho todo carcomido por modo de cruz, em que se podia pegar ás mãos ambas. N'um canto desta casa estava huma pia de pedra, que tinha 4 palmos de alto, e 8 ½ de comprido: e numa das paredes se via hum vão de arco, por modo de leito, com varios caracteres, que ninguem tem ainda podido entender.

Examinada esta segunda casa, achou-se n'uma das suas paredes outra porta, semelhante á antecedente, que com bem pouco trabalho se arrombou. Por ella se foi dar a terceira sala, de 20 palmos de largo, e 30 de comprido, aonde se vião muitas escapulas de ferro, mettidas pelas juntas das paredes: no meio estava huma meza de pedra, de 18 palmos de comprido, e 3 de largo, sustentada por 4 pequenas columnas. N'uma das paredes havia 3 vãos por fórma de chaminé; porem sem respiradouro por sima: n'outra hum nicho de 8 palmos de alto com huma figura partida em 3 pedaços, cahidos por terra: na parede fronteira outro nicho, que tinha dentro huma cabra de pedra, cuja cabeça, separada pelo pescoço, estava no chão; e na quarta parede havia hum pequeno arco por modo de mina, ou caminho subterraneo. No fim desta casa se via hum portal na parede, sem porta, que, depois de desentupido, hia dar a huma escada, que desentulhada se achou ter 18 degráos: por ella subio a gente que alli se achava, ficando todos admirados do descubrimento, que sem dúvida respira a mais remota antiguidade. Havendo-se finalmente tirado todo o chumbo, que cubria estas 3 casas, e que pezava 60 arrobas, distribuio-se pela maior parte das pessoas, que se achavão presentes».

(Segundo Supplemento á *Gazeta de Lisboa*, n.º 21, de 26 de Dezembro de 1789).

*

«A estatua de *Jupiter* achada no subterraneo descuberto em *Trancoso*, segundo dalli nos acabão de informar, foi logo conduzida para a praça daquella villa, aonde hum pedreiro lhe betumou o braço quebrado. He ella branca como neve; e suppõe-se que deveria ter sido

Digitized by Google

cortada d'huma pedreira de seixo, que não dista do subterraneo mais que 150 passos, donde se podem tirar pedras brancas, e transparentes de 10 a 12 palmos».

(Segundo Supplemento á *Gazeta de Lisboa*, n.º 52, de 2 de Janeiro de 1790).

Pedro A. de Azevedo.

Numismatica Portuguesa

Entre as moedas portuguesas que possuimos existe uma que deve ser um *vintem* de Philippe II ou III, de Portugal, mas com a legenda que se vê na figura junta, e com o escudo bastante differente do de D. Sebastião, assim como a corôa.

Sabemos, por no-lo dizerem, que um fallecido numismata a quisera obter para a sua riquissima collecção, e que dava por ella um dobrão de D. João V.

Está bem conservada e tem de peso 1^{gr},3.

A legenda do anverso é: ✠ SEBASTIANVS : I : REX : Ao centro as armas reaes.

A do reverso é: ·⁝· ALGARABIORVM REX. Ao centro: ·⁝·F·⁝· / ·X·X·

Os pontos sobre as letras F e XX, e aos lados, tem differença dos das moedas que vem gravadas na obra do Sr. Dr. Aragão e de outras quatro que possuo e em que ha divergencias nos pontos não só entre ellas, como entre as mesmas e as do Sr. Teixeira de Aragão.

Henrique Botelho.

*

A moeda, a ser, como penso, authentica, pertence á classe das *hybridas*, pois, por accidente de cunhagem, contém typos de moedas de dois monarchas. A esta classe me referi no *Elencho das lições de*

Digitized by Google

numismatica, II, 56–58, onde estudei uma moeda de ouro com os nomes de D. Affonso V e de D. João II, a qual foi, no meu entender, attribuida sem razão pelo Sr. Teixeira de Aragão ao tempo da regencia de D. João II (1477). Moedas hybridas se encontram em toda a parte e em todas as epochas: por exemplo, sobre as consulares romanas, vid. Babelon, *Monnaies de la République Romaine,* I, LV.

J. L. de V.

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario geographico», de Cardoso

64. Bagunte (Entre-Douro-e-Minho)

«.....Nesta Freguesia ha hum alto monte, chamado da Cividade, que he tradição antiquissima, que foy Cidade, e fortaleza *dos Mouros*.....» (Tomo II, pag. 8).

65. Balazar (Entre-Douro-e-Minho)

«.....No monte da Falperra tem esta freguesia a Ermida de Santa Martha sobre hum penhasco, que dizem fora habitação *de Mouros,* e de que ainda ha alguns vestigios de vallos de terra, e pedra, que mostrão ter sido Fortaleza.....» (Tomo II, pag. 18).

66. Baleizão ou Balizão (Alemtejo)

«Aqui descobrio a curiosidade do Padre Mestre Fr. Francisco de Oliveira da sagrada Ordem de S. Domingos hum Cippo»[1].

67. Baltar (Entre-Douro-e-Minho)

«Ha aqui hum monte, no qual se acha hum muro, já desfeito por algumas partes, e por outras tem altura de huma braça, com alicerces á roda de todo o monte, que terá de circuito mais de meya legua.....» (Tomo II, pag. 25).

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 105 e 106, publicada com correcções.

Digitized by Google

68. Balugaens (Entre-Douro-e-Minho)

«.....ha tradição, que antigamente fôra Cidade dos Romanos, de que ainda hoje mostra alguns vistigios; não consta que nome teve.....» (Tomo II, pag. 27).

69. S. Barbara (Algarve)

«.....Achão-se pelo alto della vestigios de fortificações, que denotão grande antiguidade, hum delles mostra ainda a formatura de hum pequeno Castello». (Tomo II, pag. 35).

70. Barro (Extremadura)

«Junto a este lugar na porta de huma quinta, que hoje possue Pascoal Simoens, ha huma pedra de tres palmos e meyo de comprido, e dous de largura, com quatro faces e seu frizo, e cimalha, na qual se lê a seguinte inscripção[1]». (Tomo II, pag. 77).

71. S. Bartholomeu (Entre-Douro-e-Minho)

«Não conserva sempre o mesmo nome, porque tambem se chama o monte de *Christello*[2] e de Curello.....» (Tomo II, pag. 89).

72. Bastuço (Entre-Douro-e-Minho)

«Entrão os limites desta freguezia no monte Ayró, donde se diz habitarão *os Mouros:* tem fama de ter thesouros, e vulgarmento se diz o *monte do ouro*.....» (Tomo II, pag. 99).

73. Bayoens (Beira)

«He tradicção dos moradores, que naquelle monte (de Nossa Senhora da Guia) houvera huma atalaya *dos Mouros,* e a provão com as ruinas de hum muro que ainda hoje se vem e esta persuasão os faz entender que *os Mouros* deixarião naquelle sitio algum thesouro escondido, por cuja causa são muitos os que alli vão cavar junto dos penedos; mas sem effeito». (Tomo II, pag. 118).

---

[1] Vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 272.

[2] Cfr. *castello, crastello, crestello,* etc.

Digitized by Google

74. Bemposta (Tras-os-Montes)

«Antigamente havia outro de que ainda se descobrem alguns vestigios, fundado sobre hum alto, sobranceiro ao rio Douro, meya legoa desta Villa, fronteiro á praça da Villa de Formoselhe, a que chamão Castello de Oleiros; e he tradicção entre os moradores que fora fabricado pelos *Mouros*». (Tomo II, pag. 153).

75. Benavilla (Alemtejo)

«Nas costas deste Templo se vê metido na parede hum cippo Romano»[1]. (Tomo II, pag. 161).

76. S. Bento da Contenda (Alemtejo)

«.....Nas abas da serra de Monxarra: dizem houvera neste sitio em tempos antigos huma grande povoação, de que ainda hoje existem alguns vestigios». (Tomo II, pag. 167).

77. Beringel (Alemtejo)

«No seu termo, em hum oiteiro do Circo, se acha na sua superficie hum reducto, ainda que arruinado bem mostra que foy muro, por que ainda se conservão alguns pedaços, com pouca altura». (Tomo II, pag. 169).

78. Bezelga (Extremadura)

«No adro desta Igreja se acha huma calçada subterranea sobre argamassa feita de pedrinhas quadradas, do tamanho de dados, de varias cores á maneira de embrechado, de curioso artificio; e juntamente hum cano de telhoens por onde algum dia corria a agua».

Mais adeante:

«Foy Bezelga antigamente povo grande, hoje he hum Lugar pequeno de pobres lavradores, mas ainda assim não perdeu nunca o nome, nem o de Cidade, que ainda perserva corrompido, num monte que lhe fica eminente, ao qual chamão seus moradores *Monte da Cividade*».

Mais adeante:

«E contra toda a diligencia humana, cada dia se descobre quantidade de telhoens, porticos, e columnas, que o tempo lança fora da

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 165.

Digitized by Google

terra. E no Carvalhal ha huma fonte, cuja agua hia ter a Bezelga por canos de chumbo, os quaes apparecerão ha poucos annos junto á estrada que vay para a Igreja, de que tirarão algum proveito seus pobres moradores».

Mais adeante:

«Sobre tudo, o que faz mais a nosso intento, e confirma com a nossa opinião, he a quantidade de esqueletos humanos, e ossadas organizadas sem ruim cheiro, antes bom, que se acharão á flor da terra nos contornos de Bezelga anno de 1659, que pelos effeitos milagrosos julgamos ser dos ditos Santos Martyres, que alli apparecerão em tempo de Antonino». (Tomo II, pag. 179 e 180).

79. Bico (Entre-Douro-e-Minho)

«Tem-se achado em varias partes desta Freguesia vestigios de povoação antiga como são, tijolos, pedras lavradas, columnas, alicerses de casas, urnas de pedra, e de tijolo do comprimento de caixas pequenas com suas coberturas, e outras cousas semelhantes. Tem por si os moradores terra ser antigamente Cidade». (Tomo II, pag. 182).

80. Bobadella (Tras-os-Montes)

«Ha hum outeiro junto a este Lugar, para a parte do Poente vulgarmente chamado *Cidadonha,* por ter sido Fortaleza nos tempos antigos, de que se veem ainda hoge vestigios fossos e muralhas». (Tomo II, pag. 192).

81. Bobadella (Beira)

«Esta Villa foy Cidade, ou povoação populosa, pelo que se deixa ver de seus arrabaldes, em que se achão pedras lavradas, e columnas em bastante quantidade; dentro de esta Villa se acha em pé hum arco de pedra lavrada [1], muito antigo, e magnifico, o qual pelo que mostra era porta de muralha; tambem se achão ainda alguns alicerces, e em partes paredes nas quaes se vem muitas pedras lavradas, e columnas, que bem mostrão forão de outras obras antigas de grande magnificencia. A Capella do Santo Christo he muito antiga, e sua parede feita em arcos, que hoje se achão tapados, excepto os em que estão os portaes da Capella: junto a ella fica o Adro da Igreja principal bastante grande; e supposto não haja memoria se enterrasse

[1] Desenhado no *Relatorio* da expedição á serra da Estrella (archeologia), por F. Martins Sarmento.

Digitized by Google

gente nelle, comtudo, se acha cheyo de sepulturas antigas, com muita quantidade de pedras a modo de marcos lavrados aos lados, cabeceiras, e aos pés de todas estas sepulturas se veem lavradas humas Cruzes á maneira de Commendas; donde se colhe ser esta terra antigamente povoação populosa, a que os tempos reduzirão ao pequeno numero de setenta e oito fogos. Tambem se acham duas pedras com seus letreiros antigos huma nas costas da Igreja[1].....e outra em huma casa particular»[2]. (Tomo II, pag. 192).

82. Boco (Beira)

«..... Fazemos aqui menção por se terem achado nelle ha poucos annos muitos pedaços de lanças, e outras armas, assim de ferro como de bronze, e tambem algum ouro, o que parece signal de povoação antiga, que alli havia, ou de alguma batalha, que se desse naquelle sitio; e poderá esta noticia servir de estimulo aos curiosos, e amigos de antiguidades, para investigar neste monte mais alguns sinaes por onde se venha no conhecimento do que aquellas cousas significão». (Tomo II, pag. 195).

83. Bouçoaes (Tras-os-Montes)

«Está fundada em sitio plano, junto a hum cabeço, onde se descobrem alguns vestigios de muralhas, e segundo mostrão algumas escaças reliquias, e monumentos, foy huma grande povoação em tempos antigos. Achão-se espalhadas pelos campos algumas pedras soltas, com varios sinaes, e letreiros, e pedaços de argamassas de tijolo enterrados, que com pouca diligencia se descobrem e estão indicando, que fora antigamente habitado este sitio». (Tomo II, pag. 238.)

84. Bouzende (Tras-os-Montes)

«A serra que entra nesta Freguesia chama-se Penha Mourisca, que tem huma legoa de comprido, e outra de largo, habitação antiga *dos Mouros,* na qual se achão os vestigios de moradias delles, feitos de pedra, e cal; junto da mais alta Penha se acha hum letreiro com letras Mouriscas, que não se podem ler: nesta serra se tem achado variedade de instrumentos, como são, martellos, argollas, e outras cousas que mostrão ter sido povoação antiga». (Tomo II, pag. 244).

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 397.

[2] Cfr. *Corpus Inscr. Lat.*, II, 400.

Digitized by Google

85. Braga (Entre-Douro-e-Minho)

«Deste tempo são as antiqualhas de cippos, pedras e monumentos que nella e seus contornos se achão».

Mais adeante:

«Não he este hoje o lugar da primeira fundação d'esta Cidade; porque foy junto à Paroquia de S. Pedro de Maximinos, onde ainda hoje se vêm ruinas de grandes edificios, que dão claros testemunhos de sua antiga magestade, e ainda se mostra hum como meyo circulo, lugar em que estava o amfiteatro, onde os Bracharenses à maneira dos Romanos, celebravam as suas festas, e correndo desde S. Pedro, até ao Hospital de S. Marcos, apparecem vestigios, os quaes indicão, que até alli se estendia a Cidade antiga. Tambem ha signaes de haver aqueductos, muy usados no tempo dos Romanos, pelos quaes vinha agua para o provimento da Cidade». (Tomo II, pag. 248).

Mais adeante:

«Neste mesmo Campo se acha a Ermida de S. Anna, de que o Campo tomou o nome, cercada de columnas com varias Inscripções de alguns Imperadores Romanos, e na sacristia debaixo se acha huma pedra com hum letreiro»[1]. (Tomo II, pag. 264).

A. Mesquita de Figueiredo.

Lapide romana de Babe

Babe é uma povoação que fica a cousa de 12 kilometros a nordeste e a cavalleiro de Bragança. Vista d'esta cidade faz lembrar o acampamento de um posto destacado, destinado a vigiar a raia, que corre para norte a pouco mais de uma legua. Foi caminho seguido nas diversas entradas que se fizeram por este lado durante as guerras com o vizinho reino; e a sua situação e posição dominante prestam-se á observação de um vastissimo horizonte, dando a este ponto condições excepcionaes de exploração longinqua.

Figura já na nossa historia, pelo tratado que nella fez em 26 de Março de 1387 D. João I com o Duque de Alencastro, pelo qual este cedia todos os direitos eventuaes que tinha sobre Portugal.

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2420.

Digitized by Google

Parece mesmo que, durante o dominio romano, foi uma estação importante, segundo se deprehende da grandeza do seu castro e dos restos nelle encontrados, entre os quaes avulta a lapide funeraria, desconhecida até hoje, de que o presente desenho é cópia fiel.

A lapide é de marmore manchado, e tem de altura 0^{m},84, de largura 0^{m},38 e de espessura 0^{m},06. O corpo das letras é de 0^{m},03; e dis-

tinguem-se perfeitamente as indicadas no desenho que tem a mesma disposição, configuração e correspondencia que na lapide. Na 4.ª linha ha vestigios de AL depois de EQVITI; as duas últimas lettras d'esta linha parecem serem II · P; temos pois: EQVITI AL(*ae*) II.....

Na parte inferior do monumento vê-se um baixo-relêvo com vestigios de tres figuras.

Albino Pereira Lopo.

Digitized by Google

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

141. Ciladas (Alemtejo)

Etymologia. — Ruinas

«O seo Orago he N. S.ra das Ciladas de cujo nome a Ethimologia he, porque (segundo a tradição) no tempo dos Sarracenos na serra de Coroados, ou monte de Carvão os christãos armarão humas ciladas e fizerão emboscada para captivar hum grande comboyo de vitualhas, etc.» (Tomo XI, fl. 2230).

«.....Torre de Cabedal da qual todo aquelle citio em circuito herdou o appellido de — Covas de Cabedal — o qual appellido, segundo a tradição naceo, de que antigamente assistia na dita Torre ou herdade seo dono, o qual pessuhia grandes cabedais». (Tomo XI, fl. 2232).

«O rio que corre por esta freguezia se chama *Mures* que parece ser vocabulo corrupto, porque o seo nome antigamente era Rio de Muros, não só porque entra e morre no rio Guadiana junto dos muros da villa de Jurumenha, mas tambem porque nos confins desta freguezia com a freguezia de S. Antonio da Terrugem passa o tal rio por certo lugar que mostra ter sido povoação antiga, em que se descobrem alicerces de alguns edificios, e ainda em hum cabeço do dito Lugar se concerva hum monte, ou herdade com o nome de Castello Velho, e como quer que o rio passe, junto do tal castello, e alicerces, ou muros desta antiga povoação, e morra junto dos muros da dita villa de Jurumenha, se faz verosimil que o seu nome he o rio de Muros, e não de Mures, como vulgarmente lhe chamão». (Tomo XI, fl. 2236).

142. Cima-de-Celho [1] (Entre-Douro-e-Minho)

Achados

«Para a parte do Norte fica hum monte nam muyto grande, porem no mey (*sic*) muyto bem suuido e agudo com muita abundancia de penedos.....intitulase o monte da Santa porquanto dizem os antigos que nelle se achou huma Imagem de Santa Anastacia cuja imagem, inda hoje se conserua nesta Igreja, e tambem dizem se achou no

[1] A orthographia moderna é Selho, do nome do rio chamado antigamente Selio, e que ficava proximo do territorio dos dois Aves (Ave e Vizella) e do monte ou Alpe Latito (*latico, laticum?*). Segundo o Sr. Leite de Vasconcellos, no seu opusculo intitulado *Charta altera de villa quae «Margaride» appellatur*, Olisipone 1894, pag. 8, a palavra *Selho* virá de *siliculus.

Digitized by Google

mesmo sitio hum sino que servio nesta Igreja, e que tinha uozes muyto soaves, porem, já nenhum dos que hoje sam uiuos lhe lembra delle». (Tomo XI, fl. 2247).

143. Cimo-de-Villa (Trás-os-Montes)

Ruinas da cidade de Valladares. — Moedas apparecidas

«Ha em hum alto hum Capella do matir (*sic*) Sam Sebastiam que esta antigamente foy Igreja grande ha annos se mandou reformar esta Capela e em parte do corpo da Igreja ficou hum cabbido com parede e suas colunas sobre a mesma parede aonde se recolhe a gente para ouvir missa no dia em que se celebra a festa do dito Santo que ha todos os annos em 20 de Janeyro.....Consta por tradiçam dos antigos ser habitasan de mouros e ser huma das mayores cidades nesse tempo chamada Cidade de Valladares e tambem ha em contorno desta Capella certos fógos que mostram ser murada a tal cidade e nestas mesmas partes se tem achado varias peças de ouro e prata, e tudo em roda he terra lavradia». (Tomo XI, fl. 2251).

144. Cintra (Extremadura)

Antiguidades várias

«Daqui se passa a Penha Verde, quinta que hoje he de Antonio Saldanha, a qual antigamente constava de humas cazas terreas com huma Ermida, invocada Nossa Senhora do Monte, que tinha mandado fazer D. João de Castro quarto Vice Rey da India, para nella ser sepultado. Antes de se entrar na Ermida que toda esta rodeada de muros para a parte esquerda se diviza hum Minotauro, o qual tem menos a cabeça. E mais para diante está huma loba de pedra criando tres meninos com hum letreyro gothico, em qual está huma pedra preta em hum pedestral grande de caracteres syriacos com sessenta e seis regras, que athe agora não sey hovesse quem as decifrasse[1].

[1] Uma das duas inscripções existentes na Quinta é em caracteres devanágricos e tem 66 linhas; d'ella tirou o Sr. Vasconcellos-Abreu um decalque que explicou em Christiania, e reproduziu pela phototypia (reduzida a 1/4) *in Summario das investigações em samscritologia desde 1886 até 1891.* A traducção está na *Epigraphia Indica.* D. João de Castro, á maneira dos conquistadores romanos, tirava das cidades submettidas o que lhe parecia mais notavel, como diz Gaspar Correa nas *Lendas da India,* IV, 638: «E na porta da cidade (*Gôa*) junto da misericordia, mandou assentar como arquo humas pedras lauradas que mandou tirar da mesquita de Dio». A lapide referida, diz o Sr. V.-A., é de um templo em honra de Xiva em Sorate, em Catiavar, no Guzerate, e é datada de 1343 de Vícrama (1287 de Christo).

Digitized by Google

Na frontaria da mesma porta está huma sepultura de pedra branca em que está sepultado o Coração de Antonio Saldanha, Pay deste senhor que existe, cuja memoria por agradecimento lhe mandou gravar Antonio de Andrade no seguinte Epitafio, o qual fes Paullo de Carvalho, Arcipreste da Santa Igreja de Lisboa:

COR SUBLIME, CAPAX ET OLIMPIO MONTIS ADINSTAT,
AMPLIUS ORBE IPSO, COR BREVIS URNA TEGIT.
COR CONSANGUINIO, CON....., COM PARQUE JOANNI,
INDIA CUI PALMAS SUBDITA MILLE DEDIT.
COR VIRTUTES AMANS, COR VICTIMA VIRGINIS ALMAE
CORQUE EX CORDE PIUM NOBILE, FONTE VALENS
NON PARS, SED TOTUS LATET HOC SALDANHA SEPULCHRO
IN CORDE EST TOTUS; COR QUIA TOTUS ERAT.

O Bispo Inquizidor Geral Dom Francisco de Castro foj o que reedificou esta nobre quinta, fazendo lhe o Palacio (que pello terramoto geral se acha bem arruinado) que hoje tem, e reduzindo a forma em que se conserva, acressentando quatro Ermidas e varias fontes.

A primeyra Ermida he a de Sam Bras no Interior das cazas com tribuna para dentro delles onde se vê posta em humas das suas paredes huma pelle de gacareo, e outra de huma cobra chamada Giboya, que as hâ nos sertões do Brazil, e sam de tam inmensa grossura, que engolem hum boy. Nella tambem se admira hum osso de huma canella de hum gigante o qual a Magestade do Senhor Rey D. João Quinto que na Santa Gloria haja, e os senhores Serenissimos Infantes Dom Francisco, e Dom Antonio, da glorioza mimoria, se dignarão ver, e por mandado da mesma Magestade vindo outra ves a mesma quinta se mandou examinar por Estevão Galhardo, na prezença do Fizico Mor e mais pessoas peritas, e todas concordarão em que era de corpo humano. Tem dous palmos e meyo de comprido, e huma grossura proporcionada ao comprimento»[1]. (Tomo xi, fl. 2261).

«Por baixo desta ermida dentro da mata chamada de São João esta hũa gruta entre penedos fabricada pella natureza que cabem dentro sentados em o chão dez athé doze pessoas, e pello espesso da mata mostra não ser frequentado hâ mais de hum seculo». (Tomo xi, fl. 2263).

«Tem hum adro espaçozo.....e no lado que olha para a parte

[1] D. João de Castro, segundo Correa, *Lendas da India*, iv, 614, fez o seguinte: «D'este Patane mandou trazer duas costas de balêa, que á entrada do lugar estauão feytas sobre pilares, as quaes em Goa assy as mandou pôr sobre pilares.....»

Digitized by Google

do Norte, está hum penedo de Estranha grandeza posto ao alto e passa de ter trinta palmos e seu comprimento sobre elle estâ huma crus de pedra lavrada em quatro faces de quinze palmos de altura». (Tomo xi, fl. 2263).

«He a serra de Cintra tão particular que creio ser das mais raras que ha no mundo. Fas lado opposto ao pormontorio da Lua, servindo de guia aos que navegão o mar occeanno, de que está afastada duas legoas, por tanto distar do mar ao seu principio. Compoem-se esta montanha de calhaos de immensa grandeza; pois alguns tem vinte pes de diametro, e outros tem menos, amontoados huns sobre outros, sem ligadura, substentadas só no equilibrio principalmente os que estão na mayor eminencia da serra, onde se vem vestigios da antiga fortificação dos mouros formando huma villa sufficientemente consideravel; o que se acredita pelas ruinas de sinco torres que nella se encontrão na sua circumferencia e varias concavidades, de que está minada, e he facil achalos quando se examina: e a esta antiga fortificação dos mouros he que chamão vulgarmente o Castello da serra de Cintra..... e se entra para o dito castello por huma porta pequena á mão dereita, a primeira muralha de que estâ rodeado todo o Castello he de huma argamaça forte, igual a que se vê em todos os vestigios de obras lavradas pelos sarracenos. A pouca distancia se encontra outra porta na segunda muralha do Castello que tem 11 palmos e meio de altura, e he a principal encostado a qual se acha hum reducto com tres columnas de cada lado, para a parte esquerda, e tem o comprimento de cem palmos. Logo se encontra huma antiga Ermida que suponho foi mesquita de mouros, a qual servio de freguezia (depois de tomado o castello aos mouros) aquella povoação com a invocação de S. Pedro de Cannaferrim (*sic*). Na capella mor se vê ainda que muito mal; hum vestigio de S. Pedro pintado. Tem a dita Ermida na capella mor 32 palmos de largo e 20 de comprido, com hum Letreiro gotico a roda em muitas partes extincto e ainda se conserva coberto de abobeda..... A pouca distancia da Ermida se acha hum fonte singular (a que muitos chamão cisterna) distante das primeiros tres torres 300 passos: entrasse para elle por huma porta pequena que tem dous degraos que se conduzem ao travez de hum intrincado silvado e para a parte esquerda tem outros dous degraos que estão metidos dentro da agoa. He esta fonte coberta de abobeda, com tres arcos primorozamente obrados e se acha com duas fendas aruinadas por onde se veem as suas agoas, que são de hum excellente sabor tendo o comprimento de 63 palmos, e a largura de 26, onde se pode estar sem perigo, e he esta fonte o primeiro objecto de quem vay ver o castello pella eminencia em

Digitized by Google

que fica e ser o seu nascimento tão abundante como prodigiozo. E supoem se que nasce nesta eminencia, não descendo nem subindo em tempo algum as suas agoas e que se encaminhão a todos os xafarizes do Palacio Real de Cintra, pela sua abundancia. Esta bastante entulhada de calisa que cahio das duas fendas da abobada e de muitas pedras que os pastorinhos da serra lhe tem lançado dentro. Hindo para a primeira torre se encontra huma tulha que tem sinco palmos e meyo de diametro, por onde dizem que hauia hũa estrada encuberta[1], que sahia a Rio do Mouro e que della se denominara o mesmo rio e ainda hoje se diviza o signal de huma porta para a parte direita, por onde dizem hera a dita estrada. Ao pé da primeira torre está outra quazi entulhada, e no fim da quinta torre se vê tambem outra e duas mais depois de sahir pela porta da traição por onde os nossos valerozos portuguezes conseguirão o serem senhores do dito castello, as quaes tem comunicação huma com outra. A primeira torre se achaua muito arruinada por cauza de hum rayo que nella cahio: subiase ao alto della por huma escada muito aruinada, que se conseruaua dentro na dita torre (a que chamavão da Omenagem) cuja aboboda logo quando se entrava nella, estava suspensa no ar: mas hoje por cauza de terremoto de 755 está quazi toda demolida, etc.» (Tomo xi, fl. 2273).

«Haverá annos que junto deste convento (da Pena) em hum dia de torvoada se descubrirão pedras de cevar por hum ingles chamado Guilherme Diegue que veio na companhia de Ignacio de Oliveira envestigar algũas anteguidades, o qual ingles affirmarão assistia em Caza de Alexandre de Gusmão». (Tomo xi, fl. 2277).

«O castello de que nesta se faz menção he antiquissimo todo cercado de muralhas, altas guritas, sobre os mais levantados pennhascos da serra, dizem, que he do tempo dos Godos: ficou quazi todo arruinado com o Terremoto do anno de 1755, dentro deste Castello se acha huma grande cisterna de agoa subterranea debaixo de huma abobeda prolongada á maneyra de huma Igreja, nam ha memoria, que já mais se secasse a sua agoa, por cuja razão se entende ser nativa, tambem, dentro do mesmo castello se acham vestigios de huma Igreja, com a cappela mor ainda coberta de abobeda, e por dentro sinaes de pinturas». (Tomo xi, fl. 2284).

---

[1] É raro o castello que não possuisse galerias subterraneas. O mesmo acontecia nos conventos. O antigo convento de S. Bento, de Lisboa, depois convertido em casa do Parlamento, conserva ainda hoje algumas galerias subterraneas de que se ignora o *terminus* ou não foi ainda buscado.

Digitized by Google

145. Codeçoso (Trás-os-Montes)

Padrões dos Romanos

«Não consta tenha privilegios alguns somente tem huns padroens em Villarinho dos Padroens e hum no lugar de Sanguinhedo, que por tradiçam dizem os moradores são do tempo dos Romanos e não ha outra antiguidade que saiba». (Tomo XI, fl. 2337).

146. Coimbra (Beira)

Inscripções em latim

Freguesia de S. Christovão.— «He esta Igreja das mais antigas desta cidade e pella architetura com que foi formada mostra ser fundada pelos godos: ha poucos annos que na sachristia se achou escondida hũa urna em que estavão depositados os ossos de hum Prior da mesma Igreja e nella o seguinte epitafio:

XII KALENDAS JANUARII OBIIT DOMNUS JOANNES
PATER S. CHRISTOPHORI PRESBITER ERA MCC VII
REQUIESCAT IN PACE AMEN

Tambem se vê outra inscripção junto a porta da Igreja e da parte de fora sobre hua sepultura que dis o seguinte:

OBIIT MARIANNA CUI SIT BEATA REQUIES
V IDUS DECEMBRI ERA M C LXX

(Tomo XI, fl. 2384).

147. Coina[1] (Extremadura)

Inscripção em bronze

«Tem Mizericordia, a qual na unica porta principal que so tem, se lhe vê hum letreyro de bronze què diz — mil quinhentos sessenta e outo — en algarismos o que mostra a sua origem, etc.» (Tomo XI, fl. 2411).

148. Santa Comba[2] (Trás-os-Montes)

Minas

«Ha nesta serra distante desta freguezia huma legoa pera a parte do poente junto a quinta de Macedinho huns fojos mui perfundos e estreitos, ha tradiçam, não sej se uerdadeira, se falsa, foram minas donde se tirou prata». (Tomo II, fl. 2448).

---

[1] *Equábona* dos Romanos.

[2] Freguesia de S. Pedro: vid. *O Arch. Port.*, III, 7, nota.

Digitized by Google

«Ouui dizer a pessoas fidedinas que ha annos viera hum homem desconhecido a esta Ribeira (*de Villariça*) e que com hum estromento a modo de eyxadam tiraua ouro de entre as finchas das pedras, etc.» (Tomo xi, fl. 2454).

149. Condeixa-Velha (Beira)

Ruinas do tempo dos Mouros

«Acham se as muralhas dos Mouros circuitando o sitio chamado Almedina deste logar de Condeixa Velha ainda hoje se conservam com bastante altura, o qual sitio de almedina da bastante pam, e naquelle tempo em que estava possuida dos Mouros vinha a agoa de Alcabedeque por hum cano que ainda hoje se conserva em partes intacto, etc.» (Tomo xi, fl. 2527).

150. Conlellas (Trás-os-Montes)

Minas

«Ha no termo deste lugar de Conlellas huas Minas de estanho e chumbo no sitio que se chama a Trapa, campo de Homens particulares; estão fechadas». (Tomo xi, fl. 2531).

151. Contenda (Alemtejo)

Ruinas e thesouros dos Mouros

«Meya legoa distante desta freguezia está huma atalaya que chamão de Monchara sobre huma serra tão imminente que em muitas partes desta Provincia se avista e tambem de muytos citios de Castella está no meyo da tal cerra huma fonte com huma figura pintada á mourisca.....» (Tomo xi, fl. 2557).

«Esta serra he constante que foy habitada de Mouros e se vê pellos vestigios que nella ha como são a ditta figura á mourisca e hum amplissimo lago que está nas abas da tal serra em huma quinta onde se acha hum grandiozo pomar de laranjas da China e huma grandioza nora, etc.» (Tomo xi, fl. 2557).

«He tradição comua que nesta serra ha muitos Thezouros que os mouros deicharão emterrados e se virifica ser asim porque se tem achado covas daonde evidentemente se infere o teremce extrahido e

---

[1] O sr. Gama Barros (*Historia da administração*, ii, 332) dá os seguintes nomes de Condeixa tirados de documentos: Condexa e Condense (civitas). Borges de Figueiredo (*Boletim* da Sociedade de Geographia de Lisboa) julgava-os derivados de Comitissae.

Digitized by Google

dizem algumas pessoas antigas que hauerá 90 annos, pouco mais ou menos, chegou a este cittio certo homem cuja nasção se não soube e perguntando pella serra e pella fonte, emsinandocelhe se demorara alguns tempos nestas partes e que retirandoce dicera que ninguem sabia a riqueza que a tal serra em si continha». (Tomo XI, fl. 2558).

152. Coroada (Alemtejo)

Ruinas

«A antiguidade que se discobre nesta Freguezia são huns vestigios em hum outeyro que fica defronte da porta desta Igreja para o poente em distancia de hum tiro de canhão onde dizem por tradição fora a primeira Igreja desta Freguezia; e com effeito se tem tirado delles algumas pedras e colunas para augmento desta etc.» (Tomo XI, fl. 2587).

153. Cortiçada (Beira)

Mouros

«.....so ha tradição que ao pe da Cappella de São Domingos, lemite deste mesmo Lugar, como já se disse ao 13.°, assistirão Mouros, mas não ha sinaes nem uistigios algus por onde se venha ao tal conhecimento e acharce huma grande lagea mais acima da Cappella para a parte do Norte chamada a Lagea dos Talhos, dous ou tres tiros de espingarda de distancia da dita cappella e dizerem hera ali o açougue, que os Mouros tinhão naquelle sitio em o tempo que dominavão nestas terras». (Tomo XI, fl. 2672).

154. Corval (Alemtejo)

Torres

«Ao vigesimo quinto ha no monte de Carrapatello desta freguezia hũa Torre muito antiga que fica em hum alto esta está muito aruinada, outro no monte dos Espinhais, e outro no monte do Corval estas no prezente nan estam muito aruinadas mas alguma couza». (Tomo XII, fl. 2721).

155. Co[1] (Estremadura)

Inscripções portuguesas

«E dentro nesta (*igreja da Misericordia*) está huma cappella collateral de Nossa Senhora da Conceipçam que foi erecta pelo Insigne

[1] Os documentos em latim e mesmo alguns em português trazem o nome da povoação escripto assim: *Quod.*

Digitized by Google

Doutor Diogo de Britto, e na parede della existe huma sepultura que na sua campa tem o letreiro seguinte:

AQUI JAZ O INSIGNE DOUTOR DIOGO DE
BRITTO, LENTE QUE FOI DE DECRETO NA UNI
VERÇIDADE DE COIMBRA, ONDE LEO VINTE E
DOUS ANNOS VARIAS CADEIRAS, NA FACULDADE
DOS SAGRADOS CANONES, COLLEGIAL DO CO-
LLEGIO DE SAM PEDRO, CONIGO DOUTORAL
NAS SES DE COIMBRA, LISBOA, E EVO-
RA, DEZEMBARGADOR DOS AGGRAVOS, DEPUTADO
DA MEZA DA CONÇIENÇIA, E ORDENS E DO
SANCTO OFFIÇIO DA INQUIZIÇAM DE LISBOA,
ELLEYTO LENTE DE PRIMA DA MESMA FACUL-
DADE, FALLEÇEO A DOUS DE OUTUBRO DE MIL
SEISCENTOS TRINTA E SINCO MANDOU QUE
SE DIÇESSEM QUATRO MISSAS CADA SOMANA
POR SUA ALMA PARA SEMPRE.

Em outra sepultura que se acha no largo da cappella mor com armas levantadas na campa está o letreiro seguinte:

SEPULTURA DE DONA BRITES DE CARVALHO
MULHER DE DOM DUARTE DIAS DE MENEZES
SECRETARIO, QUE FOI DE EL REY DOM SEBAS
TIAM E DE SEO CONSELHO ONDE POR SUA
DEVOÇAM SE MANDOU ENTERRAR, FALLEÇEO
A NOVE DE DEZEMBRO DA ERA DE MIL SEIS
CENTOS E HUM

No mesmo logar da dita cappella Mor está outra sepultura tambem com armas levantadas e com o letreiro seguinte:

SEPULTURA DE PEDRO VAZ PEREYRA DE LAN-
ÇOS E SEUS HERDEIROS; FALLEÇEO A DOUS DE JA-
NEYRO NA ERA DE MIL QUINHENTOS NOVEN-
TA E OYTO.

(Tomo xii, fl. 275 e seg.)

«Fora do povoado tem esta Freguezia a grande Irmida de nossa Senhora da Lux fundada pelo Doutor Damiam Borges, fidalgo da Casa de Sua Magestade, como tudo consta do Letreiro que está na

Digitized by Google

mesma sua sepultura no largo da Cappella mor da dita Irmida nas palavras seguintes:

SEPULTURA DE DAMIAM BORGES DO CONSELHO
DE ELREY PADROEYRO E PRIMEIRO
FUNDADOR DESTA CAZA. DEIXOU DEZ ALQUEIRES DE
AZEITE PARA SEMPRE EM CADA HUM ANNO PARA
A ALAMPADA, E FABRICA DELLA, COM OBRIGAÇAM
DE SINCO MISSAS REZADAS EM CADA HUM ANNO POR SI
E SUA MOLHER DONA IGNACIA FLORIM, E SEUS HER-
DEYROS, AS QUAES LHE HAM DE MANDAR DIZER O JUIZ
E MORDOMOS DA DITA CAZA. FALLECEO AOS ONZE DE
AGOSTO DE MIL SEIS CENTOS E TREZE.

na mesma Irmida juncto ao mesmo cruzeiro se acha tambem sepultada Catherina Annes, natural do referido logar de Castanheira a quem apareçeo Nossa Senhora da Lux no logar chamado a Fonte Sancta em o anno de 1601 como se lê no Letreiro da mesma sua sepultura nas palavras:

SEPULTURA DE CATHERINA ANNES, A QUAL
APAREÇEO NOSSA SENHORA DA LUX, NA FONTE
SANCTA NA ERA DE MIL SEIS CENTOS E HUM.
FALLEÇEO A VINTE, E SETE DE NOVEMBRO
DE MIL SEIS CENTOS E SETE.

Da mesma apariçam consta por outro Letreiro que está na dita Fonte em huma pedra della laurada que diz o seguinte:

AQUI APARECEO NOSSA SENHORA DA LUX EM
O ANNO DE MIL SEIS ÇENTOS E HUM.

(Tomo xii, fl. 2757 e seg.)

156. Cossourado (Entre-Douro-e-Minho)

Minas.— Fortificações.— Cova da Serpe

«Da parte do nascente para o sul corre hum monte que encobre a maior da parte desta freguezia e em cada outeyro tem seu appel lido etc. Não tem cousa memoravel somente que em algũs sitios deste monte apparecerão hũs mineraes de que se tirou algũa prata em tempos antigos e sendo provado o seu descobrimento por algũas vezes se achou dar pouco lucro por sahir em pedreiras muito duras e unidas

Digitized by Google

as mesmas pedras e nestas mesmas minas se descobria outro material que parecia antimonio». (Tomo XII, fl. 2792).

«Na volta do outeyro de S. Simão se devisão a modo de volcoens e pedras bolidas e demolidas o que algũs atribuem a forteficação dos Mouros e por hũa parte tem vestigio de brecha que chamão a Cova da Serpe». (Tomo XII, fl. 2793).

157. Couto da Maia[1] (Entre-Douro-e-Minho)

Villa antiga.— Pia do baptismo de S. Rosendo

«Nesta freguezia ha huns campos chamados Sás que consta que nelles ouue hũa villa nos tempos antigos que se chamava Salas e que foi senhor la hũ Conde chamado Dom Guterre e sua mulher Dona veduara os quais erão pais de Sam Rozendo..... e nesta Igreja de Sam Miguel do Couto se acha ainda hoie a pia em que o dito Santo foi baptisado ou a mayor parte della[2]». (Tomo XII, fl. 2878).

158. Couto de Arentim (Entre-Douro-e-Minho)

Penedo Santo

«Ha aqui hum monte pegado a esta freyguezia a que se chama o monte de Santo Andre onde Antigamente esteve hũa Capella de Santo Andre porem ja lá não está; porem está hum penedo que se chama o penedo santo que tem em sima o feytio de hũa cama que dizem que alia hia estar o santo, he antiguidade». (Tomo XII, fl. 2894).

159. Couto de Moure de Olivão (Entre-Douro-e-Minho)

Torre dos Mouros

«No dito monte do Castello, junto ao citio chamado a cham de Varges estão huns altos pennedos chamados a Torre dos Mouros aonde se ue muytas pedras que mostrão ser de muralhas, ha tradição que ali havia huma torre em que havitavão os Mouros quando dominavão esta Provincia e que muyta daquella pedra fora conduzida para a factura da Ponte do Prado». (Tomo XII, fl. 2918).

---

[1] Maia vem de *Ammaia*. Não ha nenhuma povoação d'este nome, persistindo sómente no nome do concelho.

[2] *Port. Mon. Hist., Scriptores*, 35 nota: «.....ecclesiam juxta salas cœpit ædificare:» «.....ut in ecclesia S. Michaelis baptizaretur; et ita factum est. Lapideus vero fons baptismalis usque hodie in ecclesia servatur». *Vita ex Mss. Monasterii Cellae-Novae transmissa.*

Digitized by Google

160. Coutó de Santo Thyrso (Entre-Douro-e-Minho)

Campa antiga

«Nesta freguezia ha huma campa antiga no lugar de Morouso pegada na estrada que vem do Porto para Santo Thyrso.....» (Tomo XII, fl. 2936.

161. Cova (Entre-Douro-e-Minho)

Minas[1]

«Na Serra da Pia se achão algũas minas, e he certo que dellas tirarão os Romanos, Mouros, e antigos grande quantidade de ouro e prata como consta das historias e he tradição antiga». (Tomo XII, fl. 2257).

«Achão-se sete fojos grandes na serra da Pia. Na serra de Santa Justa se achão trinta; e sette em o destricto desta freguezia; trinta estão tapados e sette se achão abertos, destes atravesão dous a serra da parte do poente para a parte do nascente, hum para baixo da terra em furna de grande altura; outro aberto em altura de trinta braças pouco mais ou menos. Nesta serra se achão outros muitos fojos no destricto da freguezia de Vallongo, e de São Martinho do Campo; e tanto nesta como na serra da Pia se achão principios de muitos mais. No mais alto sitio da serra da Pia está hũa pedra (de quem a mesma serra toma o nome) com hũa tal concavidade que pode receber dez pipas de agoa etc.» (Tomo XII, fl. 2258).

162. Covas (Entre-Douro-e-Minho)

Torre

«Não tem..... mais que huma Torre muito antiga, cujo principio se ignora; dizem ser dos tempos dos mouros outros dizem ser do tempo dos Romanos, ou Godos, nem consta seja solar ou titulo de familia alguma, ouvi dizer que por duvidas e litigios que ouue entre certos cavalheiros sobre o senhorio della que para os evitar o Senado da Camara de Villa Nova (*de Cerveira*) deste termo lhe mandou por as armas reais porque cessaram as duvidas». (Tomo XII, fl. 2983).

163. Covas (Trás-os-Montes)

Inscripção portuguesa.— Sepulturas

«..... no corpo da Igreja está huma sepultura levantada e metida com hum arco na parede..... da parte do sul que he um cayxam de pedra posto em cima de dois Leõis de pedra e por cima tapado com

[1] Estão actualmente em laboração.

Digitized by Google

huma pedra que tem em vulto a figura do homem que nella se sepultou e defronte hũ Epitafio gravado em huma pedra de letras goticas em vulto e levantadas que dizem:

AQUI JAZ AFFONSE ANNES BARROSO O QUAL
FOI MUITO HONRADO ESCUDEIRO DO DUQUE DE
BRAGANÇA FILHO DE EL REI D. JOAM, E FINOUSSE
NO ANNO DO SENHOR DE I:IIII:IX ANO.

que segundo o que me parece sam 1409 annos, prezume-se que este homem viera para esta terra com muito dinheiro a fazer prazos, que hoje sam da Serenissima Casa de Bragança e fizera Capella para sua sepultura e depois a dera para Parochia, sabe Deus se assim foi». (Tomo XII, fl. 3002).

«Dentro do limite da lugar do Viveiro apartado delle meyo quarto de legoa grande em hum monte no meyo de hum casal da Serenissima Casa da Invocação do Senhor Salvador do Mundo parece foi algum tempo freguezia; porque na parede della e pello Adro e fora delle ha ainda hoje algumas sepulturas feitas em pedras e lages e medido o feitio dos Corpos esteve algum tempo aqui arruinada e depois se reformou com as esmollas dos fieis». (Tomo XII, fl. 3006).

164. Covas do Douro (Trás-os-Montes)

Vestigios antigos. — Moedas romanas

«Ha nesta freguezia hũ sitio que chamão o Poço de Contelho alto e eminente ao rio Douro que se chama assim porque se dis leuauão os mouros ali os seus cavallos a beber no tempo que habitauão por este reino..... E á mais em citio que chamão ao Penedo do Sino chamado asim porque ali se descobrio hũ sino que ahinda hoje serue nesta Igreja.

«Ha outro citio mais vizinho a ella que chamão aos Castellos ou a torre porque ali se uem ahinda os vestigios de dous e nas circumvezinhas terras deste citio se tem achado na agricultura dellas moedas de metal amarello e de prata com figuras e Letras que bem se percebião dizer *Adriano* e outras *Justiniano*». (Tomo XII, fl. 3025 e seg.).

165. Covide (Entre-Douro-e-Minho)

Penedo de Santa Eufemia. — A cidade de Calcidonia. — Dolmens? — Estrada da Geira

«Junto da Ermida da mesma Santa (*Santa Eufemia*) dentro da veiga de sima está hum penedo muynto uem (*bem*) grande com boma (*boa*) capacidade para se subir a elle e neste penedo estam expressos

Digitized by Google

os vestigios da mesma santa quoando fazia oraçam a Deos N. S. porque em muyntas partes deste penedo que he grande e largo se abrandou o penedo estando a santa fazendo oraçam a Deos N. S. e teue os uestigios dos joelhos que se abrandou e amoleceo como se fora agoa em muyntas partes, etc.» (Tomo XII, fl. 3079).

«He esta serra (*de Lamas*) muynto cheia de pinhascos e penedos, ha nesta serra hums muros antigos já quazi aRoynados que chamam a Cidade de Calcidonia antiguamente feyta pelos Mouros; esta serra fica em direytura de outra serra que chamam do Castello..... Tem esta serra muyntos penedos e grandes o (*sic*) quoal chamam o Castello e asim se chama a dita serra e no dito (*sic*) penhasco no cimo delle fas em caminho..... das partes penedos altos quaze semelhante a outro penhasco que chamam do Castro dos Lemites da freguezia de Santiago de Chamoim [1] e so difere em nam ter tantos penedos e tambem em nam ter cobertura por cima em hum e outro se acham muyntos Teyolos arteficialmente feytos por naçons barboras antiguamente e duros como pedras. Tem casas de coelho, perdis, Louos, Raposas cerbais, porcos bravos». (Tomo XII, fl. 3082).

«..... e nam ha mais couza notauel que se possa declarar mais do que huma estrada que bem da cidade de Braga chamada a Geyra que vay toda cham e se mete no Reino da Galiza passa por esta freguezia de Santa Marinha de Covide e tem muyntos padromis com letras Romanas e com Imagemis do Senhor Crucificado cousa de grande estimaçam». (Tomo XII, fl. 3085).

166. Covilhã (Beira)

Serra da Estrella.— Casa da Moura.— Etymologia de Zezere.— Forno subterraneo

«Antiguamente se chamou Monte Arminio e depois como ahinda agora se chama — Estrella — em razam de huma estrella que sobre ella se vê nascer etc.». (Tomo XII, fl. 3097).

«..... en outro cittio nas margens da Ribeyra de Paul ha outro material que parece ser apto para se fazer pedra ahume e caparrosa, chama-se este cittio a Caza do Moura». (Tomo XII, fl. 3100).

«Nam consta que as agoas deste Rio tenham virtude particular, conserva sempre o seu nome de Zezere, cuja etimologia dizem alguns, se dedus de Cesar» [2]. (Tomo XII, fl. 3105).

---

[1] Cfr. n.º 136 d'esta collecção.

[2] Nalguns documentos publicados no *Port. Mon. Hist.*, apparece-nos *Cesar* transformado ás vezes em *Zesar;* mas se o nome do rio Zezere tem realmente esta origem não se póde ainda affirmar.

Digitized by Google

«Consta que em algum tempo em varios cittios tanto do Rio, como das Ribeyras se costumou tirar ouro; e em o cittio junto ao mesmo rio Zezere no limite do lugar do Pezo ha huma planicie de terras cultivadas e nellas huma barroca chamada do ouro e he sem duuida que nella se tem tirado e se pode tirar ahinda agora como se tem visto a alguns homens que o andam tirando com humas bandejas de páo e alem disto neste mesmo cittio junto a hum Ribeyro haverá quarenta annos se descubrio hum forno sobterraneo cheyo de terra misturada com ouro, que se nam aproveitou por nam haver quem a soubese purificar». (Tomo XII, fl. 3107).

167. Crasto (Trás-os-Montes)

Castello do Crasto

«Achasse nesta Freguezia hum Castello antiguo que esta ainda com algumas paredes em redondo cittuado em hum Alto entre duas Ribeyras chamasse o Castello do Crasto de emtre os dois rios tem de largura huma Legua em coadro como já disse principia na Ribeyra de Midões acaba na Ribeyra de Rio Torto». (Tomo XII, fl. 3140).

168. Castro Vicente (Trás-os-Montes)

Muralha antiga.— Padrão.— Castro.— Minas

«..... a Cappella do Senhor da Fraga a coal he de muita devoção antiquissima não se sabe com certeza a sua origem, mas só sim se diz por tradição que do tempo em que forão os mouros expulsados daquelle sitio na mesma mesquita mandarão colocar este Senhor mandando a benzer primeiro para ese efeito, ahinda no mesmo sitio ha hũa muralha antiga que existe des de aqueles tempos de pedra e cal que tem de largura 32 palmos que ahinda ao picão se desfaz com dificuldade». (Tomo XII, 3189).

«..... e por outro nome lhe chamão a serra da Gamboela, devide pois esta serra o Reino de Portugal do de Castella servindo hũa figura que tem no alto da serra aberta ao pico em hua fraga de Cantaria serve de marco esta figura para as demarcações do Reino.....». (Tomo XII, fl. 3195).

«Nas margens deste Rio (*Sabor*) distánte desta villa hũa legoa para a parte da Banda do Sul, no termo da quinta do Souto que he do Concelho de Mugadoiro forão discubertos huns minarais em outro tempo que seria pelos annos de 726 ou 27 (*1726 ou 27*) donde se tratou de seu descobrimento por espaço de tres annos; tirando delles

Digitized by Google

cobre e prata, estanho e antimonio e por se dizer que o sogeito que administrava os ditas minas o fazia sem licença de S. M. ou com ella falsa desappareceo com efeito sem se saber parte certa para donde se retirara deixando muitos dos trastes e ferramentas que para esse efeito huzaua». (Tomo XII, fl. 3198).

169. Crato (Alemtejo)

Povoação abandonada

«..... Monte da Pedra que algum dia era sua povoação no lugar do Sourinho e se mudarão seus moradores para este monte ou por ser aquelle sitio munto doente, como dizem huns, ou por que nelle aparecião humas fantasmas que atemorizavão seus moradores como dizem outros e os obrigavão a deixar aquelle lugar de que hoje só estão alguns vizinhos vistigios, em 1634 ainda a Igreja estava no Lugar do Sourinho». (Tomo XII, fl. 3206).

170. Cunha (Entre-Douro-e-Minho)

A «Cidade».—Inscripção portugueza.—Medida velha do concelho

Santa Maria de Cunha.— «Não he esta terra murada, nem tem praça de armas e somente ha nesta freguezia hum piqueno monte a que chamão o Monte de Ventozello do qual se vê e descobre algua parte do mar na direitura da barra de Caminha e no dito monte de Ventozello está hum sitio a que chamão a Cidade a qual está com seus fossos e cercada com seus baluartes de torrão tudo e perto desta no mesmo monte está outra fortificação da mesma sorte mas mais piquena e tudo quazi razo com o monte as quais fortificaçoens se prezume que serião feitas pellos Romanos ou pellos Mouros.

Nesta freguezia ha tambem hũa torre antigua com sua pedra de armas dos Cunhas..... e por baixo da dita pedra de armas tem insculpido em hua pedra o letereiro seguinte:

ESTA HE A CAZA E TORRE DOS CUNHAS SOLAR EDIFICADA PELLO GOVERNADOR FRANCISCO DA CUNHA, CAVALEIRO DO ABITO DE SANTIAGO SENHOR DELLE

(Tomo XII, fl. 3329).

---

[1] Segundo diz o abbade chamava-se antigamente *Colina*. No *Port. Mon. Hist., Dipl. et Chartae*, pag. 12, vem uma povoação de nome *Culina*. O nome antigo da familia Cunha era *Coinha* ou *Cuinha*. Tem Cunha, portanto, uma origem muito differente da que representam as suas armas.

Digitized by Google

S. Miguel de Cunha.— «Não acho nesta cousa algũa mais do que possa fazer cazo: só quando vim para esta Igreja, que ainda não ha dous annos achey e se acha inda nella hũa medida velha que diz o Liuro dos usos levar trez quartos, hoje, já os não leva: esta he tão velha que não ha pessoa algũa lhe lembre de se fazer, nem de ouuir dizer quando se fez; já tem alguns remendos de couro preguados no pao, com hũa incapacidade muito grande: Não querem os Moradores consentir em que se reforme com o errado juizo de que em se acabando não hão de pagar mais votos á Igreja; o que attribuo a serem alguns bastantemente incultos». (Tomo XII, fl. 3338).

171. Currellos (Beira)

Sepulturas

«Achão-se cauados em pedra marmore por modo de sepultura e da configuração humana que tem alguns na villa da Cal e outras fora». (Tomo XII, fl. 3374).

172. S. Miguel d'Acha (Beira)

Minas

«..... ha no territorio desta villa hum sitio a que chamam as Minas ahonde trabalharam alguns annos muntos operarios por ordem de Sua Magestade Fedelissima dos quais sahiram quantidade de pedras que diziam os Mineyros lançavam ouro, prata, cobre, estanho e chumbo na distilaçam dellas e se conduziram para a Capital cidade Lisboa». (Tomo XIII, fl. 559).

173. Dalvares (Beira)

Castro.— Padrão

«Nam ha nella (*a serra*) Mosteiros alguns, nen igreja só a capella de Santa Barbera que está no alto desta Serrinha aonde chamam o Crasto Rey aonde dizem fora abituaçam dos mouros, coando sairam da sidade de Lamego, aonde se acham os uestijios dos muros aonde os abitadores deste Lugar chamam a porta do Sol em o alto desta Serrinha esta hum padram de pedra labrada terá de altura sete palmos pouco mais ou menos». (Tomo XIII, fl. 14 da 2.ª numeração).

174. Dantas (Entre-Douro-e-Minho)

Ruinas da Cidade de Redondas.— Monte da Cividade.— Ruinas várias

Freguesia de S. Paio, Termo de Barcellos.— «Consta por tradicção, que os Mouros tiverão hũa cidade nesta freguezia em huns Campos que se chamão — Redondas — junto da Estrada que vai de Vianna

Digitized by Google

para a cidade do Porto, ainda se descobrem nos ditos campos muitos tijolos e outros fragmentos de louças e materiaes que mostrão houue naquelle sitio povoação grande. Algũa probabilidade tem esta conjectura porque logo ao pé está o Monte chamado da Cividade, em cuja eminencia se vem os fundamentos de duas fortalezas de pedras miudas que era o de que as fazião, como se ve em outras muitas. Daqui se descobre grande parte do mar com distancia de menos de quoarto de Legoa. Dizem se chamava a Cidade de Redondas donde ficarão os Campos ainda conseruando o mesmo nome que della derivarão». (Tomo XIII, fl. 20).

«A foz do rio Neiva aqui está entre esta freguezia e a do Castello de Neiva, esta entendo derivou o nome de hum que os Mouros tiuerão no cacume do dito monte, hoje arruinado etc.» (Tomo XIII, fl. 20).

Freguesia de São Tiago.—«Teve outra (*ermida*) de Santo Estevão no lugar da Portela de Bayxo de que não ha já vestigios, e só no Pateo da Rezidencia e a porta da mesma duas columnas que seruirão de cunhais da porta ou frontespicio da mesma Ermida em ambos se conhece ainda muytos signais de letras de que por antigas se não precebe já couza algũa». (Tomo XIII, fl. 26).

«..... so consta haver sido Mosteyro de Religiosos pelo que no pateo intrior da Caza da Rezidencia se achão (suposto já sem campas) muytas sepulturas em tal forma que em qualquer parte delle que se abra a terra se topa com ossos de corpus humanos e de não pequena estatura.....» (Tomo XIII, fl. 27).

175. Dardavaz (Beira)

Sepulturas

«He esta Igreja muito antiga, pois não (*ha*) memoria do seo principio e fundação, o que bem mostra em muitas sepulturas que da parte de fora da porta principal, e no adro se vem abertas em pedra muito dura e inteira se achão abertas, e outros mais vestigios de sua antiguidade.» (Tomo XIII, fl. 31).

176. Darque (Entre-Douro-e-Minho)

Mudança de nivel do Oceano

«A capella da Senhora das Areas tambem fora do lugar cabeça e principal não só deste lugar, não só de Sancta Maria de Anha, mas tambem de Mujaens que hoje he Abbadia sobresi, e em outro tempo tanto Mujaens como Anha erão suas anexas, tanto que quando vinha abbade para Anha vinha tomar posse a Senhora das Areas porem pello discurso do tempo forão crescendo as areas do mar Oceano

Digitized by Google

(vizinho da mesma capella, que tambem está pegada no Rio Lima tocando as finbrias do seu adro no ditto rio) e tomarão todos os campos, lugares e cazas de sorte que huns moradores forão fugindo para Anha e outros para esta freguezia. Está esta capella bem defronte da villa de Vianna de sorte que entre hua e outra não se mette mais que o rio; he muito mais antigua que esta villa; e he antigua memoria que sendo mais fundo o rio chegando os navios ao pé da Senhora e mais asima hum destes ficando de repente de tal sorte sem agoa que não podia navegar asentando os do navio que aquella Senhora que vinha nelle ali queria ficar a tirarão e deixarã neste sitio (onde já tinha havido a Igreja matris chamada Sam Joam de Estrix[1]) com hua capelinha e vella grande e logo tiverão agoa com que navegarão. Acha-se nelle hua sepultura com a era de 336 trezentos e trinta e seis ou trinta e oyto». (Tomo XIII, fl. 35).

177. Degollados (Alemtejo)

Vestigios de canalizações.—Minas de ferro.—Estrada romana

«Junto da freguezia se vem vestigios de tanques e canos que mostrão aver ali algũ dia fazendas de melhor qualidade, porque hoje se não semeão senão de trigo. Ha no meyo da Freguezia tres vestigios de minas de ferro que inda hoje conservão o nome de ferrarias, e parece forão dos Romanos; porque a pouca distancia dellas se vem vestigios de hũa calsada (a que aqui dão nome de alicerse) muito antiga, que pelo meyo das pedras, tem azinheiras muito velhas, e se deixa ver em partes fora dos caminhos, que hoje tem, atravessando muitas erdades, porem, bem se mostra que vão dar a hũa ponte que está na passagem do rio Caya, por baixo de Arronches aruinada a que chamão a ponte velha, feita de pedra de rosso que ha por aquelle citio com boa arquictectura e lavor». (Tomo XIII, fl. 56).

178. Destriz (Beira)

O Pego negro

«.....o poço chamado o Pego negro nome que tem assim por ser tam alto que nan se lhe vê o fundo com por ficar de hũa e outra banda delle huns penhascos tam altos que excedem a mais alta caza. E he tradiçam dos antigos aparecerem neste citio de noute fantasmas e ouvirem se vozes espantozas e o mesmo affirmam os modernos; e he certo que haverá tres ou coatro annos que de preposito se foi afo-

[1] Sobre esta palavra diz o parocho: *deve-se carregar no — i —.*

Digitized by Google

gar no dito poço huma molher, mulher do dito lugar de Cercoza e haverá outo ou nove pouco mais ou menos se foi afogar no mesmo poço hum clerigo do mesmo lugar chamado o P.e Domingos Lourenço sem outra cauza mais do que serem estas pessoas obsessas ou possessas do demonio e tentaçam delle e por elles confessarem a alguns amigos que tinham esta tentaçam para se livrarem das tristezas que tinham e penas que padeciam»[1]. (Tomo XIII, fl. 81).

Pedro A. de Azevedo.

Museu Municipal de Bragança

Ultimas acquisições:

Um quadro que representa o dolmen de Villarinho, muito notavel pela perfeição e belleza do trabalho;

O ferro de uma lança encontrada nas ruinas de uma povoação extincta, no sítio do Prado de S. Miguel (Angueira);

Uma medida de madeira com marcas, usada em Bragança no começo d'este seculo;

Um tinteiro de pedra, vindo do convento de Fornos de Ledra;

Uma interessante flauta pastoril mirandesa;

Uma curiosa roca feita em Angueira (Miranda);

Vinte pontas de settas e outros fragmentos de objectos de ferro, encontrados no castello de Rebordãos;

Um machado de pedra, encontrado na serra de Bornes;

Alguns fragmentos de louça, encontrados nas ruinas do castello de Rebordãos;

Um canhão de fazer meia, com muitos lavores, encontrado em Matella;

Uma lapide sepulcral romana, encontrada em Aldea Nova (Miranda), com inscripção ainda inedita;

Umas disciplinas que pertenceram a Fr. Simão, egresso do convento de S. Francisco de Bragança;

Um autographo que representa o voto de uma freira de S. Bento.

(Notícias colhidas n-*O Norte Trasmontano*, de Maio a Outubro de 1897).

---

[1] Cf. na Lenda de Tannhäuser a montanha de Hörselberg onde ha a crença de se ouvirem os gritos dos condemnados no inferno.

Digitized by Google

A Brigantia

Quem procurar a historia da actual cidade de Bragança vae encontrar num *escambo* feito entre D. Sancho I e os frades do convento do Castro de Avellãs, na era de MCCXXV, a cedencia d'estes áquelle de uma quinta chamada da Bemquerença — *Bemquerentia — que era para a fundação de uma povoação e realenga na terra de Bragança;* como de facto a fundou e deu foral no mesmo anno, mandando erguer os seus muros em 1188 ao partir para a conquista do Algarve: *Et in muros de Coviliana, et de Benquerentia* etc. LXXXV *milia, et triginta quinque solidos, et pipiones.....* etc. Esta quinta, em virtude dos privilegios e immunidades, que lhe foram concedidos com o fim de desenvolver para a tornar em condições de poder satisfazer ás exigencias para que fôra fundada, as quaes deviam ser as de constituir um ponto tactico importante na fronteira nordeste do nascente reino, e ao mesmo tempo um ponto de apoio e estrategico numa guerra de invasão, engrandecem-se desde logo de tal maneira, que já na sua primeira carta de fôro lhe chamam *Villa.*

Neste documento lê-se tambem o nome de *cidade,* que não se deve entender como referindo se só á povoação da Bemquerença, mas que abrangia tambem as povoações ou povoados situados numa área pouco mais ou menos como hoje a de um concelho. Os fóros de cidade só os teve no reinado de D. Affonso V, por carta dada em Ceuta em 20 de fevereiro de 1464 a pedido de D. Fernando, 2.º duque de Bragança, em que se lê: *ouvemos certa informação que antigamente ella era cidade: e assim no foral, que tem ella he nomeada por cidade: depois se despovoou, e quando se tornou a reedificar, ficou Villa.*

O que causa admiração e tem dado origem a grande discussão entre os chorographos é o povoador da Bemquerença referir-se a ella chamando-lhe *Bregança:.....Homens de vossa Villa non den portage em vossa Villa.....Damos a vós, e outorgamos por fforo que todo o morador da cibidade de Bregança..... Damos de mais aa cibidade de Bregança.....*

E como não admitte dúvida que *Bregança* venha de *Brigantia,* palavra de origem celtica, tem isto dado motivo a que em volta da historia antiga de Bragança se tenham aventado as mais extraordinarias e phantasticas hypotheses. Mas, quem se tiver dedicado ao estudo d'este assumpto, acceita sem excitação alguma, se o não tiver ainda formado, o parecer do Sr. J. Leite de Vasconcellos, que vamos transcrever do n.º 1 do vol. III d-*O Archeologo Português:*

Digitized by Google

«*Ainda que a cidade de Bragança data só, como parece, da idade média, o seu territorio data, como vimos, de mais longe: se este territorio tinha nome, — que era* *Brigantia, — *ahi morava gente e havia povoados. A porca do pelourinho pertenceu seguramente a um d'estes povoados, que de certo não distaria muito da moderna cidade, se é que não se confundia com ella*».

A historia de Bragança nos tempos anteriores á monarchia está ainda por fazer, e só se poderá constituir por meio de aturadas investigações archeologicas: — *veterum volvens monumenta virorum.*

O que não resta dúvida é que na Brigantia a população foi densissima, a avaliar pelos castros que abundam por estes sitios, restos pela maior parte, de povoações mortas de caracter romano que deviam ficar perto, se não se confundiram com o local aonde viveu alguma das familias que constituiam as innumeras tribus da provincia Gallaica.

É um vasto campo que ainda ha para ser explorado por quantos sentem prazer em saber o que succedeu por estes sitios no passado; e mesmo porque talvez ainda por ahi se encontrem, no *territorio da Brigantia, alguns dolmens ou mamôas* que encerrem as cinzas dos primitivos habitantes; alguns *loca sacra* e *carvalhos sagrados* que guardem os segredos intimos, os votos, as preces e as orações dos que viveram identificados com a rudez e simplicidade da natureza; algum *cromlecks* ou *menhirs,* que testemunhem o viver d'esses povos, como monumentos sagrados, aonde a superstição os levava a crer que estava escondido o sobrenatural, o mysterioso; talvez ainda nas margens do Sabor, do Fervença, do Vasseiro, emfim, de todos esses rios, possamos encontrar as pègadas, os signaes, os indicios, dos que ao nascer do sol iam purificar-se nas aguas das fontes, dos rios e ribeiros. Quantas vezes, sem darmos por isso, teremos pisado o local onde se passou algum facto importante do viver d'essas raças guerreiras, tal como um combate, uma arremettida, seguida de hecatombe em que eram sacrificados os prisioneiros que tinham escapado aos golpes das armas de silex, osso, punhaes, frechas, pontas de lança, martelos, machados de bronze, etc.!

Ao caminharmos, portanto, através d'esses campos, não temos só de observar a sua natureza, constituição, fórma e vegetação, devemos tambem procurar os altares, os vestigios, as necropoles, emfim as cinzas das gerações que os habitaram desde os tempos mais remotos. E como sería agradavel ver surgir hoje, por um momento, todos esses mundos animados, cheios de vida e movimento, como a imaginação os fórma, ao falar-nos d'elles a historia! Seria um espectaculo sublime

Digitized by Google

parecido ao que teve o primeiro propheta de Israel, quando, do cume de uma das montanhas mais elevadas do velho mundo, viu desenrolar-se ante si todo o panorama da existencia do Universo!

(Do *Norte Trasmontano*, de 6 de Agosto de 1896).

Albino Pereira Lopo.

Notícias archeologicas colhidas em documentos do seculo XVIII

1. Antigualhas achadas em Braga

a) *Thesouro de objectos romanos*[1].

«*Braga, 20 de Junho.* — Nesta Cidade junto ao Convento das Freiras da Conceiçam, no sitio, a que o Povo dá o nome de *Cividade,* onde ainda ao presente existe huma grande parte de muralha antiga do tempo dos Romanos, descobriram 4 homens do campo, cavando, hum precioso tesouro de peças maravilhozas pela sua forma, entre as quaes havia 4 estatuas de finissima prata, de 6 palmos de altura: huma de Mulher, duas de Centauros, e outra de hum Fauno. Com estas aparecêram tambem 20 Cascos, ou Elmos de prata, grossos, e lavrados com suas folhagens de finissimo buril; algumas do tamanho da copa de hum chapéo, outras de bico, como Morrioens: alguns Vasos pequenos ovados, que pareciam destinados para sacrificios. Aparecêram mais trinta e tantas laminas de prata do tamanho de hum quarto de papel, e outras pequenas, como a palma da mam. Em algumas se viam primorozamente debuxados Caçádores fazendo montarías: em outras somente alguns Javalis. Dizem que pezava tudo 240 marcos. Os descobridores repartîram entre si o achado, e vendeu hum delles a hum ourives da prata desta Cidade o pezo de 23 marcos de finissima prata: os outros se espalháram por varias partes, encubrindo o que tinham achado, e hum as foy vender a hum ourives em *Châves;* onde se acha o Senhor Arcebispo Primaz, que havendo tido noticia deste descobrimento fez logo comprar as peças, que havia em *Châves,* e mandou

---

[1] [Não póde duvidar-se d'esta notícia, em virtude da natureza do periodico em que foi publicada. Este rico thesouro, que se perdeu, lembra o do *Bosco-Reale* (sec. I), que vi no Museu de Louvre em 1897. — J. L. de V.].

Digitized by Google

ordem a esta Cidade para se lhe comprarem todas as que aparecêram: o que nam pôde conseguir, por se haverem já fundido muitas. O Conego Joam Marcos Falcam comprou ao mesmo ourives (a quem se tinham vendido em segredo), hum Vaso de Sacrificio, do qual assegúra hum Pintor, filho de Pays estrangeiros, nam haver visto em Roma, donde agora veyo, peça similhante. As Laminas eram todas lavradas ao buril com tanto primor que talvez nam haja no presente tempo artifice, que as faça tam perfeitas. Em hum dos Casquetes, ou Elmos de prata, havia no remate huma grande pedra vermelha que aqui se nam conhece»[1].

(Supplemento á *Gazeta de Lisboa*, n.º 26, 2 de Julho de 1750).

b) *Thesouro de moedas visigothicas.*

«*Braga, 5 de Novembro.* — Esta cidade de *Braga* parece, que foy Seminario de thesouros, e nos tempos antigos a mais opulenta da Europa. Há pouco tempo, que se descobriu hum do tempo dos Romanos, ainda mayor do que se publicou[2]; agora no casal do *Fojacal*, hum tiro de mosquete do hospital de *S. Joam Marcos*, mandando o Padre *Antonio Vieira Gomes*, musico no partido da nossa Cathedral, e dono dele, cortar hum carvalho junto ás ruinas de hum muro antigo do tempo dos Romanos, a que chamamos comumente *Castelo Rodrigo*, dando se com tijolos grandes, e pedras lavradas, se achou entre eles hum cantarinho de barro grosso vermelho, que poderá levar duas canadas de agua, lavrado de meyo relevo com figuras, e com duas azas, cheyo de barro vermelho, e com este misturadas mil e tantas moedas do tempo dos Godos, de ouro franco de 23 quilates, todas do tamanho da moeda de 800 réis, que agora corre, cada uma de meya oitava escaça, e pezaram todas oito marcos. Entre elas se conheceu huma de *Recaredo*, na mesma forma, da que traz estampada o Chantre *Severim* nas suas noticias de Portugal; de huma parte o busto daquele Rey, com a letra *Recaredus Rex*, e no reverso *Hispali Pius*. Sabemos desta, porque se acha na mam do grande antiquario desta cidade *Valerio Pinto de Sá*, que tem huma prodigiosa colecçam de moedas antigas Romanas, Gothicas, Mouriscas, e Nacionaes. Se ha tambem as dos outros Reys Godos, faremos memorias delas em obsequio dos curiosos».

(*Gazeta do Lisboa*, n.º 46, 17 de Novembro de 1750).

---

[1] [Allude de certo á notícia precedente].

Digitized by Google

4. Antiga sepultura de Elvas

«*Elvas.* — Escreve-se da Cidade de Elvas, que andando alguns camponezes trabalhando na herdade de *Revelhos,* situada na Freguesia de *S. Bartholameu,* termo da Villa de *Arronches,* onde hà hũa nobre, e autorizada caza de Campo, da antiga, e nobilissima familia dos Sequeyras, que hoje possue, e tem emnobrecido primorozamente *Fr. D. Rodrigo de Aguilar Brito, e Monroy,* Cavaleiro da Sagrada Religian de Maltha seu descendente, se observou a poucos passos da quinta (incluida na mesma herdade) hũa pequena abertura na terra, que examinada mostrou concavidade, e cavando-se no mesmo lugar, se achou a tres palmos de fundo hũa abobeda, formada de tejolo, e rota e desfeita esta se descobrio outra mais singela, que cobria hũa laje de marmore branco e fino, tam delgada que nam chegava a igualar a grossura do dedo de hũ home. Esta descançava sobre quatro barras de ferro quadradas, que atravessavam a sua largura, que he de pouco mais de tres palmos, sendo de nove o seu cumprimento. Lavantada, se reconheceu que cobria o vam de hũa sepultura, em que apareceu hũ cadaver da mesma grandeza, cujos ossos se achavam já convertidos em cinzas, conservando ainda em algũas pequenas partes a sua fórma, mas pegando-se nestas se desfaziam do mesmo modo: argumento da remota antiguidade, e destinta graduaçam do sepultado, que se deve entender precedeu não só ao dominio dos Mouros, e Godos, mas dos Romanos que costumavan queimar os corpos, e conservar em urnas as suas cinzas, e que talvez seria algũa pessoa grande entre os Celtas, ou dos Povos Helvios que habitaram naquelle destricto».

(*Gazeta de Lisboa,* n.º 4, 25 de Janeiro de 1753).

5. Achados de moedas romanas e portuguesas no Tojal e Bucellas no seculo XVIII

A fls. 385 do Codice 1103 dos Mss. do Archivo Nacional existe a interessante notícia adeante transcripta, que parece ter sido composta por D. Ignacio de Nossa Senhora da Boa Morte; pois neste volume, que é o quinto dos materiaes por elle reunidos para trabalhos que não chegaram a ver a luz da publicidade, se encontra numerosas vezes a sua letra quasi identica á da notícia já mencionada. Segundo o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio, III, 213, nasceu D. Ignacio em 1717, desconhecendo-se o anno de sua morte, que em todo o caso deve ser posterior, em muito ou em pouco, a 29 de maio de 1785;

Digitized by Google

porque a fl. 295 do mesmo codice existe uma carta de Jacob Pedro Strauss a elle dirigida com aquella data, da qual separo um trecho que mostra as relações scientificas do conego regrante com a Allemanha:

«Neste tempo de verão ha a miudo occasiões de navios para Hamburgo; e como eu logo que suas Magestades voltão (*sic*) de Alem Tejo, hey de hir a Lixboa estimarey que para então a Encomenda dos Livros que V.ª S.ª novamente pertende remetter para Állemanha, esteja na Loge de Antonio Lourenço, e eu munido da Relaçam dos que contém o Caixote, para o Despacho na Meza Censoria e Consulado; a fim de se poderem logo emviar para Hamburgo aos amigos com as preziças (*sic*) recommendações».

A má vontade do autor da notícia contra o Marquês de Pombal é manifesta na relação do achado das moedas em Bucellas, e com razão como vamos ver. Segundo o alvará em forma de lei assignado por D. João V em 20 de agosto de 1721[1] a Academia Real de Historia Portuguesa era autorizada a adquirir todos os achados archeologicos, mas não a apprehendê-los: «..... laminas de metal, chapas ou medalhas que tiverem figuras ou caracteres, ou outro sim moedas de ouro, prata, cobre, ou de qualquer outro metal as poderão mandar comprar o Director e Censores....» E mais adeante diz a mesma lei: «..... e porque as que acharem algũas Laminas, chapas, medalhas, e moedas antigas as quererão vender, e reduzir a moeda corrente, as camaras serão obrigadas a compralas e pagalas promptamente pello seu justo valor, e as remeterão logo ao secretario da academia que fazendo as prezentes ao Director e censsores se mandará satisfazer ãs Camaras o seu custo.....» Portanto a apprehensão das moedas portuguesas até D. Sebastião não tem a sua justificação na lei mencionada, a não ser com uma interpretação arbitraria, ou o simples alvedrio do illustre Marquês. A lei referida poucos progressos poderia trazer, em virtude da sua passividade, aos estudos archeologicos, podendo considerar-se apenas como um symptoma de gosto pelas antiguidades. Esperar que o acaso representado pela enxada do lavrador ou a picareta do pedreiro faça apparecer uma peça preciosa para o estudo da arte ou para a historia e não seguir uma exploração systematica de um dado territorio: é um procedimento que traz poucos resultados proficuos para a sciencia.

---

[1] O original d'esta lei, que foi publicada na *Chancellaria Mor da Corte e Reino*, em 28 de agosto de 1721, ainda se conserva no Archivo Nacional, Gaveta 2.ª, Maço 4, N.º 64.

Digitized by Google

*

Noticia de hum Thesouro que se achou no anno de 1777

[*Moedas romanas*].

«Algũs dias antes da festa do Natal de 1777 foi descuberto hum Thesouro de varias moedas de cobre na Quinta do Bandeira, no Lugar e freguezia de S. Julião do Tojal, foi achado casualmente por hũs trabalhadores que cavavão a terra para horta. Este precioso thesouro incoberto já (ao que paresse) antes da vinda de Christo, e digno de toda a estimação por sua antiguidade foi desconhecido de todos que o acharão, pois achando perto de tres alqueires de varias moedas todas de cobre, e nellas gravadas figuras e inscripções, tão pouco fizerão caso de tudo isto que se vendeo o arratel destas moedas a dez reis, e grande parte dellas forão vendidas a hum caldeireiro para concerto de tachos, caldeiras, etc. como tudo me certificou o religioso Fr. Gonçalo da Conceição que assiste na Quinta da Granja que hoje he do Mosteiro de Mafra.

Nisto veyo a parar aquelle Thesouro cahindo nas mãos de hũs tais idiotas, e mais barbaros neste particular que os mesmos que o esconderão e erão Senhores. Esta noticia soube já tarde para fazer diligencia de ver ás mãos algumas destas medalhas, e me referio tudo o mencionado Fr. Gonçalo o qual sabendo ainda que tarde a estimação que tinha no prezente tempo estas moedas pode ainda descobrir hum bom punhado dellas que emtregou no Mosteiro de Mafra ao P. D. Antonio da Ave Maria e conservando ainda duas mas deu. Ellas são de cobre cada hũa he do tamanho de seis vintens, e de hũa e outra parte tem figuras e letras gravadas que ja se não podem ler bem, em hũa vem a siguinte inscripsão: *Gloria Romanorum* as figuras parecem representar os Emperadores de Roma quando governavão este Reino.

O M. R. P.e João Colaço, Cura de S. Julião do Tojal digno de todo o respeito, e veneração por ser hũ perfeito sabio e excelente Parrocho me certificou tambem fora pessoalmente prezencial á verdade do ditto Thesouro, e vira as muitas e varias moedas de que constava o ditto Thesouro, que por estar tantos seculos debaxo da terra estavão muito pegadas ás outras, porem, não advertio então o apreço grande que de semelhantes monumentos fazem os sabios, e curiosos da Historia antiga, e moderna; e assim não he facil descobrir todas ou parte destas medalhas que em outros reynos darião por ellas grandes somas.

Digitized by Google

[*Moedas de D. Sebastião*].

Ha tres para 4 annos que em Bucellas distante daqui hũa legoa descobrindo hũas mulheres outro Thesouro de moedas de prata cunhadas, e com as armas dos reys de Portugal athé D. Sebastião; porem, sabendo, isto o Marques de Pombal debaixo de varias penas mandou por hũ ministro lhe fosse todo entregue, sem dar sequer hũa pequena esmolla ás pobres mulheres que o acharão, não sabemos, o que foi feito destas moedas se ainda se conservão ou forão para a Caza da moeda para se fazerem outras novas. Esta noticia me comunicou Fr. Gonçalo da Conceição já referido que teve duas destas moedas que entregou a quem lhas tinha paçado segundo o seu preço para se cumprir a ordem do Marques de Pombal».

Pedro A. de Azevedo.

Relatorio á cêrca do Museu Municipal da Figueira da Foz

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Mais de dois annos são decorridos desde que tive a honra de apresentar a V. Ex.ª e á Commissão administrativa, de que é mui digno presidente, o meu último relatorio sobre os trabalho d'este Museu.

Não foi por negligencia nem por menos consideração para com esse respeitavel corpo gerente que deixei por tanto tempo de communicar-lhe officialmente o estado dos negocios a meu cargo. Esses dois annos foram fartos de trabalho para mim, quer no campo, dirigindo muitas explorações, quer no gabinete, escrevendo sobre ellas. Na quarta e ultima parte da minha obra *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira,* que brevemente entrará no prelo, e noutro livro, *Memorias sobre a antiguidade,* que acaba de ser impresso nesta cidade, dou conta de uma grande parte d'esses estudos; e por isso me abstenho de os especificar aqui.

Se estes dois volumes não fossem bastante para demonstrar a V. Ex.ª quanto foram embaraçosas as minhas occupações, teria ainda os longos e fatigantes trabalhos que emprehendi no *Crasto* e nos *Chões,* freguesia de Brenha, para resolver os difficeis problemas que me haviam surgido nos depositos de Santa Olaya. Na verdade ha tres annos

Digitized by Google

que faço minuciosos estudos sobre estas estações humanas. Durante este periodo não só dirigi pessoalmente as excavações, registando nos proprios lugares todas as observações, mas tive de dirigir a lavagem de mais de uma tonelada de fragmentos de ceramica, fazendo a escolha dos mais interessantes, e em seguida ensaiar as restaurações dos vasos e de objectos de pedra e de bronze que appareceram partidos, agrupar, classificar, numerar, registar tudo isto nas estantes do Museu.

Os despojos d'estas tres estações occupam tres estantes, duas com os n.os 10 e 11 na secção de prehistoria, e uma designada pela letra O² na secção de archeologia historica. V. Ex.ª verá a somma de fadigas que representam, e que eu remi o meu silencio official offerecendo tambem á Commissão e ao público a descoberta, bem verificada, de tres estações dos velhos Lusitanos, que receberam o baptismo da civilização romana talvez no segundo seculo antes de Christo.

Estas collecções do *Crasto* e dos *Chões* e as da idade da pedra e da epoca do cobre que deram entrada na secção da prehistoria, fizeram subir o numero de objectos ali expostos a mais de 2:700. Entre elles figuram uma grande clava de pedra, que me parece não ter similar em outros museus, e um machado e uma placa de schisto com gravuras circulares, que julgo serem peças bastante raras. São tambem dignos de menção os objectos que encontrei na estação da idade da pedra, descoberta no sítio do Forno da Cal, proximo da Vinha da Rainha, concelho de Soure.

Na sala de comparação o numero dos objectos entrados elevou-se a 1:084, isto é, mais do dobro dos que existiam em fevereiro de 1895. São principalmente collecções africanas e americanas, devidas ao zêlo e generosidade dos srs. José Marques Pinto, Antonio de Oliveira e Silva Junior, João Francisco Branco, Bernardo Augusto Lopes, João Maria Simões e outros. Nestas collecções existem muitos objectos interessantes para o estudo do homem prehistorico: taes são alguns machados, vasos de barro e de outras substancias, amuletos, adornos, esculpturas e gravuras em madeira e osso, tecidos e armas.

Nesta sala comecei a organizar uma collecção de cranios humanos. Se até ao presente não se tem feito no Museu estudos anthropologicos de alguma importancia, penso que alguns deverão fazer-se num futuro proximo; e por isso é forçoso ir preparando os exemplares necessarios. Dirão talvez que semelhantes estudos não são da indole do Museu; mas V. Ex.ª não ignora que a descripção do typo humano faz parte da ethnographia, e que sem o auxílio da anthropologia não podemos adquirir uma verdadeira noção d'elle.

Digitized by Google

A secção de archeologia historica tambem teve os seus progressos. Antes de tudo convem assignalar a organização do catalogo das moedas e medalhas, em dois volumes, pelo illustrado membro da Commissão Sr. Dr. Antonio Alvares Duarte Silva. É um trabalho de vulto e feito com extraordinario esmero, que muito honra o auctor e a commissão.

Por elle se vê que o número das moedas e medalhas já expostas é de 1:833, sendo 1:479 da collecção offerecida pelo fallecido abbade de Guinchães, o benemerito Fortunato Casimiro da Silveira e Gama.

Os outros objectos expostos nesta secção sobem já a 1:700 aproximadamente, tendo por conseguinte entrado mais de 400 no periodo a que me refiro. A maior parte d'estes ultimos é de fabrico romano.

Devo notar a V. Ex.ª que, com estas entradas, todas as estações romanas, até o presente descobertas no valle do Mondego e immediações, desde a foz até S. João do Campo, ficaram assignaladas, por algum artefacto, nas nossas collecções. Alli se encontram tambem assignaladas as que visitei no Algarve, entre Marim (conc. de Olhão) e Budens, ao oeste de Lagos, assim como os que mais recentemente descobri no concelho de Nellas.

Julguei conveniente collocar separadamente nesta secção, em uma estante, os melhores exemplares de ceramica romana encontrados nos castros do nosso concelho, em vez de expô-los na secção da prehistoria, associados aos outros objectos do espolio das mesmas estações, que ali foram collocados por manifestarem processos de trabalho indubitavelmente preromanos, e que por isso interessam ao estudo da protohistoria da Peninsula. O motivo d'aquella separação foi facilitar aos estudiosos, em rapido exame, não só o conhecimento d'aquella ceramica, que apresenta alguns caracteres especiaes, mas a sua confrontação com a das estações genuinamente romanas ou já inteiramente romanizadas, e que julgo pertencerem a epocas posteriores á dos mesmos castros.

Dos outros objectos entrados, o que geralmente pertencem aos tempos modernos, os mais interessantes são os fragmentos de um retabulo de pedra, que parece do seculo XVI, provenientes da igreja matriz de Buarcos, colligidos pelo nosso zeloso collega no Museu, Sr. Augusto Geltz de Carvalho, assim como alguns restos de ceramica por elle recolhidos em excavações que fez na misericordia d'aquella villa, e um grande pote de barro de 1667, proveniente do Alemtejo, offerecido pelo Sr. Alfredo Cardoso e Silva. Esta última peça tem para nós bastante valor, por estar inteira e ser o nosso Museu muito pobre de ceramica portuguesa.

Digitized by Google

No meio d'estes progressos causa pena ver que a secção das industrias do concelho se mantenha quasi na mesma penuria dos annos anteriores. Se não fossem as amostras dos artefactos das officinas do Mondego, pertencentes ao sr. Brasseur, da ceramica fabricada pelo sr. Amancio Annibal da Costa Pessoa, das camas e colchões metallicos da fabrica «A Figueirense», pertencente ao sr. D. Manuel de las Heras, e dos moveis da officina do sr. João da Fonseca Plangana, nada importante haveria a registar nesta secção do Museu, durante dois annos, a não serem as notas desanimadoras de que alguns objectos expostos foram retirados pelos seus donos e não substituidos, e de que não conseguimos fazer representar ali, como era nosso intuito, todas as aptidões industriaes da localidade.

Para o custeio das despesas proprias do Museu tem sido sufficientes as pequenas verbas orçamentaes votadas pela camara municipal. No corrente anno essas despesas não excedem 60$000 réis, somma insignificante, attendendo ao valor que representa aquelle estabelecimento. Como se vê pelas contas apresentadas á camara e recibos archivados no gabinete da direcção, essas despesas pagas pelo cofre municipal, são apenas as de mobilia, adquisição de alguns objectos por compra, transporte de objectos doados, direitos das alfandegas pagos pelas collecções vindas de fóra, limpeza da casa e outras semelhantes. Parece-me que não ha no país museu algum, com desenvolvimento comparavel ao da Figueira, que custe tão poucos sacrificios ao público.

Da importancia que perante o país tem adquirido esta instituição nada direi. Apenas chamo a attenção de V. Ex.ª e da Commissão para os livros do registo dos visitantes, começado em 16 de Maio de 1894, onde o numero dos inscriptos sobe a 7:000, tendo havido mais de 200 que nestes dois ultimos annos não inscreveram os seus nomes.

Terminando, cumpro o agradavel dever de mencionar aqui os nomes de duas pessoas, que, no periodo a que me refiro, tambem prestaram ao Museu importantes serviços. Foram o sr. Francisco Ferreira Loureiro, nosso collega na gerencia, que sempre me auxiliou nos trabalhos a meu cargo, e o sr. Sotero Simões de Oliveira, a quem devemos todas as analyses chimicas que se fizeram.

Deus guarde a V. Ex.ª — Figueira, 23 de julho de 1897. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Presidente da Commissão administrativa do Museu Municipal da Figueira. = O conservador do Museu, *Antonio dos Santos Rocha.*

(Da *Gazeta da Figueira*, de 6 de Novembro de 1897).

Digitized by Google

Duas necropoles no concelho de Villa-Pouca-de-Aguiar

Á esquerda da estrada do Porto de Villa-Pouca-de-Aguiar, nos termos da Lixa-do-Alvão e Carrazedo-do-Alvão, encontra-se grande número de sepulturas abertas no granito.

No termo da Lixa, no mesmo penedo, estão tres, cujas dimensões e configuração vão indicadas na estampa com os n.os 1, 2 e 3. Não tem a mesma orientação e são de dimensões quasi iguaes.

No desenho junto as tres primeiras sepulturas não estão construidas em harmonia com a escala 1 : 50, porque não é conhecida a cotação real. Apenas está desenhada a configuração.

As das figuras n.os 1, 2 e 3 acham-se no mesmo penedo com direcções differentes.

Estão todas dentro de uma propriedade a SE. da Lixa, menos a do n.º 4, que está ao lado esquerdo da estrada da Lixa para Soutello do Valle.

Ficámos em dúvida se na mesma propriedade existe uma sepultura com a tampa, por não termos alli instrumentos com se pudesse verificar, o que havemos de fazer logo que se offereça melhor occasião.

Nenhuma das outras sepulturas da Lixa já tem tampa.

Em Carrazedo dá-se o mesmo.

O numero de sepulturas nesta povoação é muito grande.

Alem de duzias que estão descobertas, ha muitas dentro das casas e nos campos proximos de Carrazedo.

As que vem figuradas estão ao lado do nascente da povoação, nos penedos que lá abundam por toda a parte.

A configuração e orientação são mais variadas do que na Lixa.

As das figuras n.os 1 e 2 estão situadas no mesmo penedo parallelamente.

Alem da fórma arredondada, como se vê nos n.os 1, 2 e 3, etc., da Lixa, vimos algumas como a do n.º 6 que deve ter sido de uma criança, attendendo-se ás pequenas dimensões.

Escusado será recordar que a Lixa e Carrazedo estão situadas no planalto que está cheio das antas que foram descriptas n-*O Archeologo Português*, I, 36 e 350, e de outras que estão por explorar; mas as sepulturas de que aqui fallamos são de natureza muito differente das sepulturas prehistoricas.

Villa-Real, Maio de 1897.

Henrique Botelho.

Digitized by Google

Carreteda do Aloão

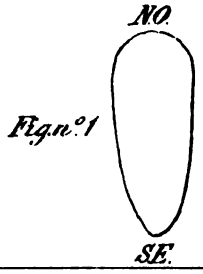


Fig.n.º1

Fig.n.º2

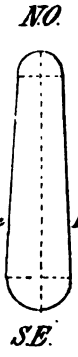


Fig.n.º3
Profundidade

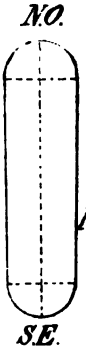


Fig.n.º4
Profundidade

Fig.n.º5
Profundidade

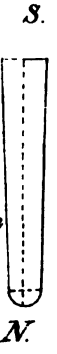


Fig.n.º6
Profundidade

Lixa do Aloão

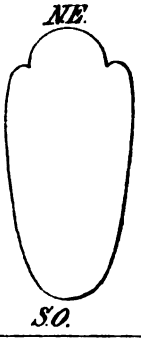


Fig.n.º1

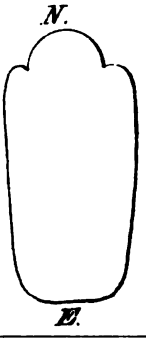


Fig.n.º2

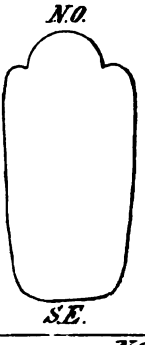


Fig.n.º3

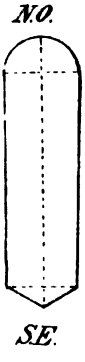


Fig.n.º4
Profundidade

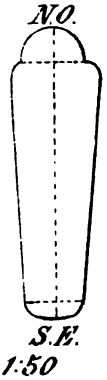


Fig.n.º5
Profundidade

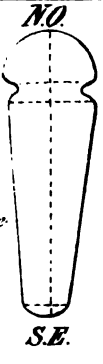


Fig.n.º6
Profundidade

Escala 1:50

Digitized by Google

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS

Digitized by Google

Estudos sobre Troia de Setubal

4. Nossa Senhora da Troia nos seculos XV e XVI

Os textos que se publicam agora tem por fim simplesmente documentar as palavras que o sr. Leite de Vasconcellos inseriu n-*O Archeologo Português,* I, 60, sobre Troia de Setubal, e que são as seguintes:

«Quanto a mim, *Troia* nada mais será do que uma designação litteraria dada anteriormente ao seculo XVI ás ruinas.....»

«A designação de Troia dada ás ruinas fronteiras a Setubal, será acaso contemporanea da sagração do antigo templo da Virgem Maria, que ahi se levantava ainda em dias de André de Resende».

Pelo documento I vê-se que o nome de *Troia* já existia por 1476; pelo II, que já havia ermitão e portanto ermida em 1482; e pelo III, que em 1510 se ignorava quem fosse o fundador do templo, pois, sendo costume em todas as visitações mencioná-lo, nesta não acontece assim. A importancia religiosa de Troia era bastante notavel, como o prova o número consideravel de *cirios,* as diversas offertas de personagens illustres e os innumeros *ex-votos.*

D'estes documentos se tira a notícia curiosa do emprego da palavra *Troia* precedida do artigo *a,* dizendo-se então *a Troia*[1].

Antes de terminar esta breve nota apresento as seguintes relações de *ex-votos,* tiradas das *Visitações* ás igrejas e ermidas da Ordem de Santiago:

«it. Certas Joyas de prata de devaçã. s. olhos e coraçõees em hũa argola de prata que pesaram... (*sic*)».

(Igreja de Santa Maria de Palmella, 1510. N.º 150 da Ordem de Santiago).

«it. hũua figura de prata que foy ofereçyda na dita Irmida».

«it. dous olhos de prata pequenos».

(Ermida de Nossa Senhora das Sallas de Sines, 1517. N.º 164 da Ordem de Santiago).

I

Dom Afomso, etc. saude: Sabede que Apariço Samchez, marinheiro, morador ẽ a nossa cidade de Lixboa, nos ẽviou dízer que a

[1] [Assim se diz ainda hoje vulgarmente em Setubal, como tenho ouvido. — J. L. de V.]

Digitized by Google

elle fora dito que huus Pero Samchez de Marinho e Joam Xamez marinheiro, moradores e vizinhos da çidade de Syujlha, qrelarom delle as nossas Justiças dizemdo que estamdo elles ẽ hũu sseu barco na Troya, que he acerqua da uilla de Setuuall, caregamdo de mercadorjas, e temdo ẽ elle certo ouro e prata dinheiros, que elles com outros forã sobre elles e os Roubarom e tomarom e levarom certas (*sic*) douro e prata e dinheiros e outras cousas que no dito barco tynham, ssẽ lhes numqua querem (*sic*) daar nẽ ẽtregar; e asy lhe fora dito que hũus (*a uns*) castellãaos, omes, naturaes e moradores da dita çidade de Syujlha e sua comarqua, fora rroubado hũu barco de certo azeite e outras mercadorias que tynha, estamdo ao cabo dEspartell ẽ as partes dAfrica, ho mes de setembro pasado ouue hũu anno, o quall Roubo e tomada de mercadorjas a elle era dito que os ditos castellaos o culparom e aqueixarom delle algumas (*a algumas*) nossas Justiças que elle os Roubara asy, de cujos nomes elle nom era acordado nẽ lẽberado; per Rezã da quall culpa que lhe asy os sobre ditos deram e poserom sse elle amorara com temor das nossas Justiças atee que seguira a nosa hyda destes Regnos pera os de Castella, ẽ a quall hyda nos elle foy seruir per sua persoa e se espreuera no livro dos omiziados..... etc. Dada ẽ Santarẽ ix (9) dias do mes de fevereiro. El Rey o mãdou per Joam Teixeira e per Ruy da Graa. Aluaro Diaz por Afomso Trigo a fez de mjll iiij^{c} lxxbj. (1476).

(Chancellaria de D. Affonso V, Liv. 6, fl. 33).

II

Dom Joham, etc. Saude. Sabede que Pero Nogueiro, escudeiro de Dom Goterre, morador ẽ a ujlla de Sã Tiago de Cacẽ, nos enuyou dizer que ẽ a dita ujlla matarã hũ Afonso Vaaz, filho do ermytam da Troya, per rrezã da quall morte elle fora presso per nosso mãdado. E que leuãdo o ẽ hũa barqua de Çezimbra pera Setuuall e chegando aa rribeira da dita ujlla de Setuuall, Jndo elle na dita barqua sẽ ferros nẽ outra nenhũa prissã nẽ alguẽ leuar mãao ẽ elle, se lançara naguoa e se fora meter na Igreja de Sã Giã e della o tirara a Justiça. E que vista a Inquiriçam nos o mãdaramos tornar aa dita Igreja sẽ em a dita fogida brjtar nẽ leuar nenhũuas prisõoes..... etc. Dada ẽ Euora xx biij^{o} dias de setembro. El Rey o mãdou pello doutor Joham Teixeira, do seu cõsselho, Viçe chãceller e seu desembarguador do paaço e per Pero Machado do seu desẽbarguo. Diogo Afomso a fez de mjll e iiij^{c} lxxxij. (1482).

(Chancellaria de D. João II, Liv. 3, fl. 59).

Digitized by Google

III

Visitaçam da Jrmida de Nosa Senhora da Troya

it. aos xx dias do mes dagosto da dita era de $\overline{j}$ b^c e dez annos visitamos a dita Jgreija da Troya pela maneira segujnte:

it. primeiramente o altar moor o quall he de pedra e caall e ho degraao delle he de pedra e caal, tamanho como ho altar e dous capitees de Jaspe gramdes e bem lavrados das Jlhargas do altar em que se poem os cirios de leuamtar a deus. E no dito altar estaa hũua Jmagem com ho mjnjno Jhũ no collo e estaa alta e he de paao pymtado com sua coroa pymtada douro, e abaixo della estaa hũu Retavollo de portas com a Jmagem de nossa senhora e de samta caterina no meyo e duas Jmagẽes nas portas. E ao pee delle outro Retauollo piqueno com a Jmagem de nosa senhora e jsto aRezoado.

it. No dito altar estaua outro Retauolo mujto pyquenyno de pedra da Batalha com a Jmagem de samta caterina no meyo.

it. hũua cruz de pao cõ hũu crucefixo nela posto no alltar e he pymtada e velha.

it. hũu espelho de marfym com seu pee mujto Rico.

it. duas alvarradas de Malega de Valença no altar que servẽ de çebollacecẽ. (*Á margem:* gastadas).

it. hũua estamte de bordo do livro mjsall que serue no altar.

it. hũua pedra dara.

it. dous castiçaees destanho em que se poem os cirios da mjssa. (*A margem:* trocados por outros novos).

it. detras da Imagẽ de nosa senhora estãao tres fromtaees comtjnoadamente .s. hũu de pano destopa pyntado de figuras e outro de sarja vermelho cõ lavores desquaquas e o outro de pano de Guinee de muitos lavores — iij frontaes (*á margem:* ho de figuras he gastado).

it. hũu sobreçeo de pano de linho com sua framja Jaa vssado.

it. das Jlhargas do altar na parede estãao dous panos de ljnho de figuras, hũu feito em Framdes mayor e outro da terra majs piqueno.

it. As paredes da ousya sam de pedra e caall nouas e boas e madeirada do livell de bom tavoado de castanho nouo e ametade da dita ousya he ladrilhada de tiJollo e a outra metade dargamasa, e tem huas grades de pao de castanho dallto abaixo com sua porta, a quall Imda nã estaa posta por mjmgoa dos gollfãaos e fechadura E por mjmgoa desta porta estar fechada a Jemte se vay demtro aa dita ousya e dormem nella e fazen desonestidades e dentro na dita ousya

Digitized by Google

estaa hũua estamte de ofiçiar as mjsas boa e bem lavrada, e a dita ousia tẽ de comprido seys varas e meya e de larguo b varas e meya, e estaa no meyo della hũua alãpada pemdurada, per tres cadeas de latã cõ seu capitell.

it. foy per nos visitado o corpo da Igreija e as paredes della sã de pedra e caall asy como as da ousya e he bem madeirada de çima e cuberta de telha vãa e he toda mujto bem ladrilhada, e tẽ de comprido noue varas e meia e de larguo çimquo varas e duas terças e tem hũua pia dagoa bemta posta em seu esteyo tudo de pedra boa e bem lavrada e nã ha hy outro alltar saluo ho altar da ousya e tem hũua campaynha piquena com que tamjem a deus e tem mujto boas portas primçipaees fortes e boas com dous ferrolhos e tem no meyo outra alampada pemdurada per seu cordell.

it. o alpemdere he todo cuberto de telha vãa e bem madeyrado e callçado per baixo e tem de comprido de leuãte a ponemte quatro varas e terça e do norte ao sull seys varas e terço.

Titulo dos ornamentos e vistimentas

it. hũua vistimenta de çetim avelutado pardo com savastro de veludo cremesym framjada de Retros de cores com sua estola e manjpolo de veludo verde framjada de Retros de cores e sua alua e amyto de todo comprida — j vistimenta.

a qual vistimenta deu a senhora Rajnha dona Lyanor molher que foy del Rey dom Joam o 2.º

it. Outra vistimemta de zarzaganja muito Rica e noua com sua framja de Retros de cores e estola e manjpollo de cetim avelutado azull framjada com sua alua e corporaees de todo comprida — j vistimenta.

A quall vistimemta deu a dita senhora Rajnha dona Lyanor.

it. Outra vistimenta destamenha vermelha com sua estola e manjpolo lavrada de pomto Reall com sua alua de todo comprida — j vistimenta.

it. Outra vistimemta de pano de linho brãco com sua cruz de pano de ljnho vermelha por savastro forrada de sarja azull com sua alua de todo comprida — j vistimenta.

A quall deu Johã Martinz alemão que deus aja.

it. Outra vistimenta de chamalote vermelho com sua alva de todo comprida ja vssada — j vistimenta.

A quall se fez das esmolas do pouoo desta villa de setuuall.

Somma das vistimentas — b p (*5 peças*).

Digitized by Google

it. dous fromtaees que estãao no altar comtynos hũu velho que estaa debaixo do pano de linho e outro nouo que estaa em çima do mesmo theor cõ a Jmagẽ de nosa senhora no meyo e sã Johã e Samiguel com outras Jmagẽes nouo e bom — ij fromtaees.

it. oyto mesas de mamtees da terra bõos e os majs delles nouos que seruem no altar — biij mãtees.

it. hũua curtjna com seu sobre çeo lavrado de estrelas e as bamdas de seda vermelha lavradas — hũa curtjna.

it. Outra curtjna com seu sobre çeo toda brãca Ja vsada — j curtina.

it. doze toalhas lavradas de pomto Reall e de muitos lavores, Ricas e nouas boas todas que seruem no altar — xij toalhas.

(*Á margem:* são agora dez).

it. Mais quatro toalhas e hũua almofadinha lauradas de pomto Reall velhas e vsadas — iiij° toalhas.

it. quatro peças de toalhas de mesa de lavores de Framdes nouas e boas que seruẽ no altar — iiij p. de toalhas.

(*Á margem:* são agora duas).

it. hũu alambel da terra nouo e muito bom que serue de fromtall — j alambell.

(*Á margem:* gastado).

it. hũu fromtall de pano de Calecut muito bom piqueno que deu Esteuã de Lys — j fromtall.

(*Á margem:* he feito ẽ cortina).

it. dous panos dalgodam de Guinee — ij panos.

(*Á margem:* gastado).

it. Outro pano de Guinee azull lavrado piqueno — j pano.

Titulo dos vistidos de nosa Senhora

it. hũu briall de pano bramco que tem a carã de sy — j briall.

it. outro briall de tafetá deslavado com bandas bramcas de seda — j briall.

it. outro briall de damasco bramco fyno todo acairellado de cremesym — j bryall.

it. hũu abyto de veludo preto sem mamgas nouo e bom todo acairelado — j abito.

(*Á margem:* o qual deu a senhora duquesa de Cojnbra mjnha molher).

it. outro abito de chamalote azull sẽ mãgas Ja vsado — j abito.

(*Á margem:* gastado).

Digitized by Google

it. Outra vistidura de ljnho daquela mesma sorte — j abito.

it. Outra vistidura sua de çetim aljonado — j abito.

(*Á margem:* gastado).

it. tres carapuçynhas do menjno Jhu duas de velludo e hũa de çetim — iij carapuças.

it. hũua vistidura de damasco brãco que tẽ ho menjno Jhu vistida, noua e boa — j vistidura.

It. hũu pano destamte destopa pymtado de lavores de zarzaganja nouo e bom — j pano.

it. oyto beatilhas de Parys de nosa senhora — biij° beatilhas.

(*Á margem:* gastado).

it. hũu apertadoiro de Paris muito delgado — j apertadoiro.

(*Á margem:* gastado).

Titulo da prata

it. hũu callez de prata dourado todo e bem obrado com sua patena do theor, que pesou com a dita patena dous marcos e meio e quatro reaes e meio o quall deu Mẽ Gonçalves, clerigo — ij marcos e meio 4 reaes e meio.

it. vymte e sete peças de prata meudjnhas s. olhos e coraçõees e outras mujtas cousas em hũua argolla de prata que pesarã Jũutamente com este coral debaixo tres omças cimquo Reaes e meio — iij onças b reaes e meio.

(*Á margem:* gastados na pintura do retabulo).

it. hũu corall encastoado ẽ prata, posto na dita argolla que pesou cõ a prata de çima cõ que foy pesado Jũutamente o peso que dito he.

(*Á margem:* gastado nisto).

Titulos dos liuros

it. hũu livro oficiall de hũua corda sprito em purgaminho de letra de mão mujto bom e nouo de certas misas — j livro.

O quall deu Gonçalo Vaaz homẽ trabalhador desmola.

it. hũu mjsall de letra de forma[1] sprito en papell mujto bem encadernado nouo — j mjsall.

it. hũu mjsall manuall sprito em purgaminho de letra de mão que tẽ çertas mjsas de nosa senhora — j mjsall.

---

[1] Impresso.

Digitized by Google

it. duas buçetas de paao hũua das ostyas e outra de ẽçemso mais piquena — ij buçetas.

(*Á margem:* gastada esta).

Titulo do latam e arame

it. duas calldeiras dagoa bemta piquenas e boas — ij caldeiras.

it. hũua baçia da oferta de latã noua e piquena — j baçia.

it. hũu calldeirão que serue a casa de cozinhas — j caldeirão.

(*Á margem:* gastado).

it. duas galhetas nouas destanho — ij galhetas.

it. hũua arca piquena em que sé guardam os ornamemtos de nosa senhora que acima ficã — j arca.

Titulo da cera

it. da bamda direita do alltar estaa hũu asemto de çirios pascoaees e o primeiro derã a nossa senhora os moradores da fortaleza de Mouguellas e de toda sua comarqua e dAlcube, que foy Jstimado em cinquo aRouas de cera, pouco mais ou menos — j cirio.

it. hũu cirio que estaa atado cõ estoutro que atras fica que pesara dezoyto aRatees pouco mais ou menos, o quall derã os mesmos moradores da dita fortaleza de Mougelas e seu termo — j cirio.

it. o 2.º çirio he de Vila Noua de Portymão o quall pesara tres aRovas e meyado ẽ fertas (?) e d'ahi pera çima — j cirio.

(*Á margem:* gastado).

it. o 3.º çirio he dAlcacere do Sall que tera tres aRovas pouco mais ou menos — j çirio.

it. o 4.º cirio he da dita fortaleza de Mougelas e seu termo e dAlcube e doutros moradores daquela comarqua e pesara hũua aRova e meia — j cirio.

it. o quinto cirio he dos lavradores do termo dAlcaçere do Sal que pesara xxbiij^{o} aRatẽs, pouco mais ou menos — j cirio.

(*Á margem:* gastado).

it. o seisto cirio deu hũua molher de Cezymbra que pesara meia aRova pouco mais ou menos — j çirio.

E no asemto da parte do avamgelho estam estes cirios que se seguem:

it. o primeiro cirio he pascoall da villa de Setuvall que pasa de quatro aRovas, nouo e muito fermoso e bõo — j çirio.

(*Á margem d'este item e dos outros seguintes:* gastado).

Digitized by Google

it. o 2.º cirio pascoall he de Curuche o qual pesara tres aRovas pouco mais ou menos — j çirio.

it. o 3.º cirio deu Aluaro dAtaide que pesara mea aRova, pouco mais ou menos — j çirio.

it. o quarto cirio se deu por devaçã que pesara doze aRatees — j cirio.

it. o quimto e seysto cirios sam da villa de Setuuall que vem em companhia do cirio grãde que pesarã anbos xxx aratees — j çirio.

it. o setymo e oitavo cirio sã cirios de devaçam que pesarã vymte aRatẽs, pouco mais ou menos — j çirio.

it. dous cirios de leuamtar a deus que pesarã meya aRoua que deu Diogo Gonçalves noso comprador — ij çirios.

it. sesemta e hũu çirios que são da confraria de nosa senhora, nouos e bõs da vila de Setuual — lxj cirios.

it. dezaseys cirios de devaçã, amtre gramdes e piquenos — xbj çirios.

que seus donos cada anno Reformã.

Cousas da Casa

it. hũua Arca gramde velha em que se Recolhe estes çirios meudos.

it. outra çera de devaçã s. Jmagẽs pernas e braços e outras cousas e asy Rollos de çera e camdeas velhas que dise Diogo Dias mordomo que poderã ter treze ou quatorze aRatẽs — cera meuda.

it. duas esteiras de Empreyta (?) e outras duas esteiras velhas da terra que seruem diãte do altar — 4 esteiras.

it. hũua arca piquena em que se guardã allgũuas cousas de nosa senhora — j arca.

it. hũua escada noua de mão que ho dito Diogo Diaz mordomo mamdou fazer pera serujr na casa — j escada.

it. diserão Diogo Diaz mordomo e o Jrmitam que a dita jrmida nam tem Remda nenhũa soomente quamto são as esmolas dos comfrades, e das outras pesoas, que a querẽ dar, nem tem obrjgaçã de mjsas algũa soomente quanto tẽ de custume de mãdarẽ dizer todallas oytavas de pascoa aa coarta feira, hũua misa camtada do dinheiro das esmolas.

it. Jũuto cõ ha dita Jrmida estão duas casas pegadas cõ ela. s. hũua camara do Jrmitã e a outra casa diamteira que he da ospedaria, tem a camara do Jrmitã quatro varas e terça de comprido e de larguo tres varas e meia. E a outra casa diamteira tem cynquo varas e

Digitized by Google

sesma de comprido e de larguo tres varas e terça e tem hũua chamine de tijolo. E asy tem hũua estribaria pegada cõ as ditas casas que tem cimquo varas menos sesma de comprido e de larguo tres varas e meia. E tem mais hũua casa de lenha que tem de comprido tres varas e terça e de largo duas varas e duas terças, e esta casa da lenha e a casa da ospedarja sam ladrilhadas ambas.

(Archivo nacional, *Visita ás Igrejas de Setubal feita por D. Jorge, filho de D. João II. Anno 1510.* N.º 148 da Ordem de Santiago, fl. 23 *v* e sqq.)

Pedro A. de Azevedo.

5. Excavações reaes em Troia

Lê-se n-*O Seculo,* de 16 de Novembro de 1897, que tendo Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos manifestado ao Sr. morgado Francisco Cabral, dono das ruinas da Troia, desejo de obter alguns dos muitos objectos que estão alli sotterrados, o Sr. Cabral mandara immediatamente seis trabalhadores que começaram a fazer excavações no sítio do chafariz da Hortinha, sob a inspecção de El-Rei.

No referido jornal, de 17 do mesmo mês, lê-se ainda:

«Continúa hoje o Senhor D. Carlos nas suas explorações na Troia. Por emquanto nada de notavel se tem encontrado, a não serem umas quatro moedas antigas, grandes, que elle guardou».

Depois d'isto, nada mais li sobre o assumpto. Creio que as excavações não continuaram, porque El-Rei se retirou para a sua capital.

Visto o interesse que Sua Magestade mostra pela archeologia, tomava eu a liberdade de tornar a lembrar a grande conveniencia que haveria em mandar proceder em Troia a explorações methodicas e extensas. Quem sabe quantos thesouros scientificos não estarão escondidos sob a areia? E talvez pelo estudo d'elles se pudesse por uma vez para sempre decidir onde foi Cetobriga! Em todo o caso, a nossa historia antiga, ainda tão imperfeitamente conhecida, receberia sem dúvida luz brilhante que a esclarecesse um pouco.

J. L. de V.

6. A inscripção de Galla

A inscripção publicada n-*O Archeologo Português,* I, 56–58, tornou a sê-lo in *Ephemer. Epigraph.,* VIII–III, pelo Sr. E. Hübner.

J. L. de V.

Digitized by Google

Estudos sobre Salacia

1. A situação de Salacia

O Sr. Dr. Hübner, no seu livro intitulado *Noticias Archeologicas de Portugal,* a pag. 24 e sqq., ennumera as razões archeologicas que podem levar á determinação do sítio de Salacia, que Ptolemeu colloca entre a foz do Καλίπους (Sado) e Καιτόβριξ (Caetobriga), Plinio entre as cidades costeiras, e modernamente Mannert em Troia, perto de Setubal, não obstante, desde Resende, ter esta situação sido collocada junto a Alcacer do Sal.

O Sr. Hübner, depois de registar estas opiniões, apresenta ainda as probabilidades que militam a favor de a situação de Salacia ter sido junto a Santa Margarida do Sado; mas, com a probidade scientifica, que lhe é propria, não se decide, á falta de provas, por qualquer das situações indicadas.

Decorridos, porém, vinte e sete annos, o illustre archeologo publicou *La Arqueologia de España y Portugal,* e neste livro, a pag. 199, § 132, diz: «Salacia, hoy Alcacer do Sal».

Ignoro quaes fossem os motivos, certamente poderosos, que levaram o Sr. Hübner a firmar a sua opinião á cêrca do ponto controverso. Por isso, aqui dou algumas razões a favor de Alcacer do Sal.

Desculpem-me a ousadia.

Não tenho a mira noutro fim, senão em pagar um tributo de gratidão á terra onde vivo ha vinte e dois annos.

*

Tenho á vista uma brochura, intitulada *Descripção da Peninsula Iberica,* liv. 3.º da *Geographia* de Estrabão, parte 1. O sr. Gabriel Pereira começa o prefacio dizendo: «A principal descripção da peninsula iberica, que a antiguidade nos legou, é devida a Estrabão, célebre geographo e historiador grego». E mais adeante: «..... a observação exacta e minuciosa, o constante desejo de acertar, a repugnancia em admittir fabulas e exageros maravilhosos, mui triviaes em escriptos d'aquelle tempo, e a grande cópia de conhecimentos dão ao escripto de Estrabão um tal relêvo, que em mui poucos escriptores antigos se lhe encontrará rival: mesmo geographos posteriores a Estrabão, como Plinio e Pomponio Mela, lhe ficam inferiores em muitos pontos de vista».

Digitized by Google

Posto isto, abro o livro e da pag. 25, cap. III, transcrevo o seguinte periodo: «Nesta parte da costa, ha tambem esteiros; d'estes mencionaremos especialmente um, que partindo do [promontorio] acima nomeado, se interna por mais de 400 estadios e póde levar os navios até Salacia».

É claro que Estrabão chama esteiro ao Καλίπους (Sado).

O esteiro podia levar os navios *até* Salacia. Portanto, a situação de Salacia não foi costeira nem em Troia.

O testemunho de Estrabão não é mais favoravel a Santa Margarida. Vejâmos. O estadio, medida grega, é igual a 625 pés do Capitolio; e o pé romano a $0^{m},2946$; os 400 estadios indicados por Strabão como curso aproximado do esteiro, reduzem-se, pois, a 73,650 kilometros.

Por outro lado: o Sr. Gerardo A. Pery diz-nos que o curso do Sado é de 135 kilometros, e que este rio começa a ser navegavel em Porto de Rei, ponto que dista da costa 61 kilometros (*Geographia e estatistica geral de Portugal e colonias,* 13–IX). De Porto de Rei a Santa Margarida, seguindo-se, como deve ser, o serpear do rio, são, pelo menos, 35 kilometros, que, juntos áquelles 61, perfazem 96. A differença entre 96 e 73,650 é de 22,350 kilometros, que marcam a distancia, a que se acha Santa Margarida alem dos 400 estadios. E, devendo Salacia estar necessariamente comprehendida naquelles 400 estadios, vê-se que não o estava o ponto hoje occupado por Santa Margarida, o que se oppõe á situação de Salacia neste ponto.

Outras razões nos podem ainda levar á mesma conclusão. Á parte navegavel do Sado chama o povo, hiperbolicamente, o Mar; e, de Porto de Rei para cima, á que o não é, chama-lhe simplesmente Ribeira do Sado. E com razão. Durante o inverno, a ribeira, indo na mãe, é vadeavel em alguns pontos. De verão, em todos os seguintes: S. Bento (junto a Porto de Rei), Portancho, Valle de Romeiras, Quinta de Cima, Porta do Arieiro, Porto do Carvalho, S. Mamede, Miranda e Santa Margarida.

Nesta quadra do anno, a ribeira divide-se em grandes pegos, communicando-se por pequenas correntes, ás vezes verdadeiros regatos.

Quer isto dizer que o Sado, a montante do Porto de Rei, nem sequer é fluctuavel.

E creio poder-se affirmar que, nos tempos de Salacia, não teve este rio melhores condições de navegabilidade.

É certo que nunca foi canalizado.

Para que os navios pudessem abicar no ponto occupado por Santa Margarida, seria preciso que as marés alli chegassem, ou que a bacia

Digitized by Google

do Sado ministrasse a este rio cabedal bastante para o fazer navegavel por mais de dois *terços do seu curso*.

No intuito de mostrar como estas duas hypotheses são inadmissiveis, obtive de dois distinctos empregados da direcção de obras publicas do districto de Lisboa, os Srs. J. Abecassis, engenheiro, e J. F. Guedes, conductor, valiosas informações, que com muito agradecimento utilizo.

*

Na margem esquerda do Sado, um pouco a montante de Alcacer, ha um ponto, o Forno da Cal, que na carta chorographica official tem a cota de 5 metros acima do nivel do mar.

A Vargem de Gallegas, em frente de Santa Margarida, tem a cota de 22 metros.

A amplitude maxima das marés, observada nos hydrometros do Sado é de $3^m,56$, o que dá para o Forno da Cal, $1^m,44$ a cima da maxima preamar. Entre a Vargem de Gallegas e a linha normal das aguas em Santa Margarida, ha a differença de nivel de $2^m,02$. Temos, pois: $5^m,0 - 1^m,44 = 3^m,56$, aguas maximas em Alcacer; $22^m,0 - 2^m,02 = 19^m,98$, aguas médias em Santa Margarida. A differença, de $16^m,42$, é quanto as marés teriam de subir, para poderem tocar em Santa Margarida. Teriam de elevar-se mais $4^m,42$ do que em Granvilla, onde ellas attingem a sua maxima altitude conhecida.

Vê-se, pois, a impossibilidade de poderem as marés chegar a Santa Margarida, a não ser que (admittindo ainda outra hypothese) este ponto e o curso do Sado d'alli para jusante se achassem outr'ora em cotas muito mais baixas que actualmente. E, neste caso, a elevação ás cotas actuaes, que poderia ter succedido ou por um processo rapido de causas vulcanicas ou por sedimentação lenta, não é confirmada pelos estudos geologicos do país.

Por todo o valle do Sado ha muitos vestigios dos romanos; e nas minas da Caveira, poços numerosos, extensas galerias e escoriaes, avaliados em 300:000 toneladas[1], provam, não só que aquelle povo exerceu aqui a sua industria, mas tambem que esta região se acha ainda, pouco mais ou menos, nas mesmas condições topographicas que nos tempos de Salacia.

---

[1] *Catalogo descriptivo da Secção de Minas*, pelos Srs. Neves Cabral, Severiano Monteiro e J. A. Barata, Lisboa 1889.

Digitized by Google

Durante o periodo quaternario, nenhum cataclismo modificou a bacia do Sado alterando-lhe limites, elevando ou deprimindo montanhas, desviando cursos de agua, etc.

Se a bacia do Sado não diminuiu, as suas vertentes, hoje, como então, pagam ainda, aproximadamente, o mesmo tributo; e se este rio não é hoje navegavel por aguas proprias a cima de Porto de Rei, não ha motivo para crermos que o fosse nos tempos de Salacia.

Creio, portanto, poder affirmar-se que o *esteiro* não podia, nem por aguas proprias, nem com o auxilio de marés, levar os navios até ao ponto occupado por Santa Margarida.

É ainda Estrabão a dizer-nos que não podia ser, neste ponto, a situação de Salacia.

Das suppostas situações de Salacia, só nos resta a que a colloca em Alcacer do Sal.

Tem esta por si o trecho do escriptor citado, a opinião do Sr. Hübner e a opinião geral.

Junto a esta villa, ha vestigios de uma povoação romana, que devia ser bem conhecida, não só pela grandeza, que aquelles vestigios lhe attestam, mas ainda, e principalmente, pela importancia commercial que lhe daria a sua vantajosa posição, até aonde o *esteiro* podia, facilmente, levar os navios.

Sabe-se tambem que esta povoação era cercada por outras bem conhecidas como Myrtilis, Pax-Julia, Liberalitas Julia, Caetobriga e Merobriga.

Não é crivel que a historia lhe omittisse o nome. E o de Salacia, que ella nos transmittiu, não tem no meu entender outro *ubi*.

2. Novas moedas de Salacia

Ha muitos seculos que a enxada do trabalhador desenterra, do solo alcacerense, thesouros de numismatica, que andam dispersos pelo país, colleccionados em museus, ou em poder de particulares.

A mina era, porém, tão copiosa, que, apesar do contínuo depauperamento, ainda tem muito que explorar. Ainda, ás vezes, as enxurradas arrastam moedas, que depositam nas ruas, ou na margem do rio, junto á villa.

A moeda representada na fig. 1 foi achada nos lodos, que o refluxo deixa a descoberto, e que muitas outras nos tem deparado.

A da fig. 2 existe no museu de Alcacer do Sal desde que elle começou; mas, por se ter misturado com outras muito safadas, e, para mim, indecifraveis, me passou, até hoje, despercebida. São dois

Digitized by Google

novos typos de moedas de Salacia, provavelmente ineditos, para accrescentar ás duas series já publicadas n-*O Archeologo*, I, 81; II, 280; III, 127.

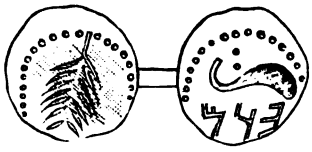


Fig. 1. — Golphinho á direita, com um ponto no prolongamento da cauda e outro dentro da curva por ella formada. Por baixo as tres primeiras letras da palavra EVIOM. As duas, que faltam, não podiam caber no pequeno campo da moeda, cujo módulo é igual ao dos n.os 2 e 3 da 2.ª série. Superiormente, parte do circuito granulado.

Reverso. — Espiga para baixo, e com inclinação á esquerda: de modo que fórma com a posição horizontal do golphinho um angulo ligeiramente obtuso. Granulação como na outra face. Tem esta moeda 0m,011 de módulo e 3 grammas de pêso.

A cunhagem foi excentrica.

Liga-se ás moedas da 1.ª e 2.ª serie; a umas pela legenda, a outras pelos emblemas.

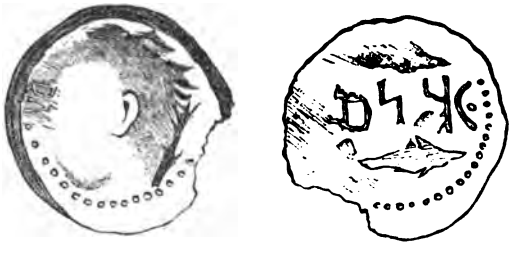


Fig. 2. — Cabeça de Hercules á esquerda, com a pelle do leão e clava atrás da nuca. Na altura dos olhos as letras DA, resto de ODACIS, e, por baixo, parte do circuito granulado.

Reverso. — Dois atuns. Entre elles, a palavra EVIOM, em caracteres indigenas, precedida de crescente com ponto. Granulação como no anverso. A cunhagem foi excentrica. Tem 0m,029 de diametro e pesa 15 grammas. Bilingue, luso-romana, esta moeda é uma variante da representada na fig. 3 da 1.ª série. O anverso é, em ambas, igual. Tem esta, porém, maior pêso e módulo; e differe ainda na fórma dos peixes e no cunho da legenda indigena, que em vez de ter as letras separadas, apresenta sigla da primeira com a segunda e da quarta com a quinta. A terceira letra mal se distingue.

Digitized by Google

Tenho actualmente notícia de 24 moedas de Salacia, que se acham assim distribuidas: 12 como diz *O Archeologo* I, 84; os n.os 1 e 3 da 2.ª série, *Archeologo* II, 280; e 9 que (alem de mais 3 duvidosas) possue o museu d'esta villa. D'estas moedas, 12, pelo menos, foram certamente achadas em Alcacer.

Ha entre ellas 8 typos diversos: 6 já registados n-*O Archeologo*, e os 2 que hoje apresento, alem dos da moeda de IMP · SAL.

No museu de Alcacer faltam 3 d'estes typos; e são os n.os 1 e 3 da 2.ª série e o de IMP · SAL[1].

Alcacer do Sal, 1897.

P.e F. Matos Galamba.

Acquisições do Museu Ethnologico Português

112. O Sr. D. **Vicente Paredes** offereceu-me para o Museu os seguintes objectos:

a) treze instrumentos de pedra polida, sendo quatro muito delicados, e tendo um d'estes um começo de furo para andar pendurado;

b) dois machados chatos de cobre ou bronze.

Objectos provenientes da região dos antigos Vettones.

113. O Sr. **Alexandre Bertrand**, director do Museu das Antiguidades Nacionaes de França, estabelecido em St. Germain-en-Laye, offereceu ao Museu, em troca de varios objectos que lhe enviei:

a) a reproducção de um instrumento prehistorico de pedra;

b) a reproducção de outro, com começo de orificio central;

c) reproducções de dois amuletos romanos luniformes de metal.

114. O Sr. Conego **Marcellino de Barros** offereceu-me um raspador prehistorico de pedra polida, encontrado em Bolama (Africa).

115. O Sr. **José de Almeida Carvalhaes** offereceu ao Museu os seguintes objectos:

a) onze placas de lousa ornamentadas, e quatorze fragmentos de outras;

b) sete vasos de barro, e muitos fragmentos de outros;

---

[1] Já depois de composto este artigo, appareceu outro exemplar do typo n.º 1 das moedas que se figuram neste artigo. Temos pois pelo menos 13 d'estas moedas indigenas, achadas em Alcacer.

Digitized by Google

c) um machado de pedra polida, e parte de outro;
d) onze pontas de setta, de silex;
e) seis fragmentos de facas de silex, e um fragmento de lança;
f) tres contas, de várias substancias;
g) tres utensilios de granito (pedra excavada, e pedras globulares);
h) varios nucleos de instrumentos de pedra;
i) parte de um pêso de barro.

Todos estes objectos provém de antas do Alemtejo, que espero acabar de explorar em companhia do meu bom amigo Sr. Almeida Carvalhaes, que foi quem as descobriu.

116. O Sr. **Valerio Eduardo Fragoso** offereceu-me uma conta prehistorica, da mesma proveniencia das mencionadas no n.º 115–*f*.

J. L. de V.

Bibliographia

Religiões da Lusitania, por J. Leite de Vasconcellos.

Está publicado, e posto á venda, o vol. I, que se occupa das religiões lusitanas nos tempos prehistoricos.

Alem de uma introducção geral, que versa principalmente sobre a geographia e epochas historicas da Lusitania, e de uma noticia preliminar, em que se faz um quadro summário da vida dos nossos mais antigos antepassados, comprehende os seguintes capitulos:

I. *Religiosidade do homem paleolithico;*
II. *A necrolatria nos kjoekkenmoeddings;*
III. *Ideias religiosas no periodo neolithico:*
  a) culto da Natureza,
  b) amuletos e objectos congeneres,
  c) trepanação,
  d) culto dos mortos,
  e) signaes insculpidos em rochas,
  f) considerações geraes;
IV. *A religião na epocha dos metaes.*

Tem um indice methodico no princípio, e um alphabetico no fim.

Um volume de 440 paginas com 112 estampas. Preço 2$000 réis; pelo correio 2$120 réis.

Os pedidos devem ser dirigidos, não ao auctor, que não dispõe de exemplares, mas á *Antiga Casa Bertrand,* de José Bastos, Chiado 75, Lisboa.

Digitized by Google

VOL. III DEZEMBRO DE 1897 N.º 12

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1897

Digitized by Google

SUMMÁRIO

Des monnaies d'or portugaises.

Museus.

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso.

Bibliographia.

Notícias de Lamalonga.

Fasciculus inscriptionum Myrtilensium nuper repertarum.

Notícias várias.

A archeologia do Monte Amarello.

Museu Municipal de Figueira da Foz.

Aula de Numismatica de Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Acquisições do Museu Ethnologico Português.

Este fasciculo vae illustrado com 9 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. III . DEZEMBRO DE 1897 N.º 12

Des monnaies d'or portugaises

ayant cours aux XVIe et XVIIe siècles dans les anciennes provinces belgiques et des poids monétaires à leurs types.

I

Le 26 décembre 1500, l'archiduc Philippe-le-Beau, qui avait épousé Jeanne, fille de Ferdinand d'Aragon et d'Isabelle, reine de Castille et de Léon, autorisa dans ses domaines le cours des Castillans d'or fin et des ducats d'Espagne et de *Portugal*. Aussi dès le milieu du XVIe siècle les monnaies d'or portugaises se rencontrent-elles nombreuses dans la circulation monétaire aux Pays-Bas.

Elles eurent même un moment une telle vogue que, dans la seconde moitié du XVIe siècle, nous voyons un petit dynaste de la Gueldre, Guillaume de Bronkorst, libre baron de Batenburg et Stein, imiter servilement les Cruzades à la croix longue et à la croix brève du roi de Portugal, Jean III.

De 1548 à 1665, les ordonnances sur la valeur libératoire des monnaies et les instructions pour les changeurs données par les souverains des provinces belgiques citent, comme ayant cours légal, les pièces d'or de Portugal dont l'énumération suit:

JEAN II (1481–1495):

1° Écu de Portugal à l'épée, Espadim ou meio justo. Teixeira de Aragão, t. I, pl. XII, n° 5[1].

[1] Ordonnances ou instructions de 1576 et 1633.

Digitized by Google

EMMANUEL I (1495–1521):

2° Grande Cruzade ou Português. Teixeira de Aragão, t. I, pl. XIII, n° 2[1].

3° Le Ducat ou Cruzade. Teixeira de Aragão, t. I, pl. XIII, n° 4[2].

4° La demi Cruzade, demi Écu ou meia esphera, pièce frappée aux Indes. Teixeira de Aragão, t. III, pl. I, n° 1[3].

JEAN III (1521–1557):

5° Grande Cruzade ou Português. Teixeira de Aragão, t. I, pl. XV, n° 2[4].

6° Couronne de Portugal à la croix brève dite aussi nouveau Ducat de Portugal, Écu à la courte croix ou Cruzade à la croix de Saint Georges. Teixeira de Aragão, t. I, pl. XV, n° 5[5].

7° Couronne de Portugal à la croix longue, appelée aussi Écu de Portugal à la longue croix ou Cruzado Calvario. Teixeira de Aragão, t. I, pl. XV, n° 6[6].

L'ordonnance imprimée à Anvers, en 1575, chez Christophe Plantyn, reproduit sous la désignation de Ducat de Portugal une pièce du même diamètre et du même poids que le demi Millereis du roi Sébastien et que l'on peut ainsi décrire :

Droit : Écu couronné du Portugal. A sa droite, dans le champ, un R; à sa gauche, un P. Légende ✠ IO ·⁚· III ·⁚· PORTVGALIE ·⁚· AL ·⁚· D.

Revers : Une croix brève dans un entourage formé de quatre arcs de cercle. Légende : ·⁚· IN ·⁚· HOC ·⁚· SIGNO ·⁚· VINCES. Nous n'avons pas rencontré cette monnaie sur les planches de Teixeira de Aragão.

---

[1] Ordonnances ou instructions de 1548, 1576, 1580, 1607, 1611, 1621 et 1633. Dans tous ces documents le diamètre de la grande Cruzade de Portugal est de 40 millimètres, il est seulement de 34 millimètres sur le dessin donné dans la *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*. De plus, dans les ordonnances publiées en Belgique cette belle pièce d'or a pour légende : R EMANVEL PORTVGALIE AL C VL IN A D GVINEE — ✠ ETHIOPIE ARABIE PERSIE INDIE C N C, qui diffère quelque peu de celle qui est indiquée par Teixeira de Aragão.

[2] Ordonnances ou instructions de 1548, 1576, 1580 et 1633.

[3] Ordonnances ou instructions de 1575 et 1633.

[4] Ordonnances ou instructions de 1621 et 1633.

[5] Ordonnances ou instructions de 1548, 1575, 1576, 1580, 1607, 1611, 1619, 1622, 1644, 1652 et 1665.

[6] Ordonnances ou instructions de 1548, 1559, 1575, 1580, 1607, 1611, 1619, 1621, 1622, 1633, 1644, 1652, 1656 et 1665.

Digitized by Google

8° Saint Vincent d'or, appelé en Belgique iohannes de Portugal au navire, ou bien Millereis de Portugal ou encore double Ducat «van sinte Steven». Teixeira de Aragão, t. I, pl. XV, n° 7[1].

9° Demi Saint Vincent d'or on demi-Millereis. Teixeira de Aragão, t. I, pl. XV, n° 8[2].

10° Saint Thomas de Portugal, frappé aux Indes sous le gouvernement de don João de Castro. Teixeira de Aragão, t. III, pl. I, n° 6[3].

11° Demi Saint Thomas de Portugal. Teixeira de Aragão, t. III, pl. I, n° 7[4].

SÉBASTIEN I (1557–1578).

12.° Demi Millereis de Portugal. Teixeira de Aragão, t. I, pl. XIX, n° 7[5].

PHILIPPE D'ESPAGNE (1580–1598).

13° Quadruple Cruzade ou nouveau denier de Portugal à la croix. Teixeira de Aragão, t. I, pl. XXIII, n° 2[6].

14° Double Cruzade. Teixeira de Aragão, t. I, pl. XXIII, n° 3[7].

15° Cruzade ou double cinquième de Millereis, nommée aussi petite Cruzade de Portugal. Teixeira de Aragão, t. I, pl. XXIII, n.° 4[8].

II

Bien avant l'époque qui nous occupe, les espèces d'or n'étaient reçues dans les provinces belgiques qu'à la pesée, d'où la nécessité pour beaucoup de posséder des balances et des poids.

---

[1] Ordonnances ou instructions de 1559, 1575, 1578, 1580, 1607, 1611, 1619, 1621, 1622, 1633, 1644, 1652 et 1665.

[2] Ordonnances ou instructions de 1575, 1578, 1580, 1607, 1611, 1619, 1621, 1622, 1633, 1644, 1662 et 1665.

[3] Ordonnances ou instructions de 1559, 1575, 1580, 1621 et 1633.

[4] Ordonnances ou instructions de 1575, 1580, 1621 et 1633.

[5] Ordonnances ou instructions de 1575, 1607, 1611, 1621, 1622, 1633, 1644, 1652 et 1665.

[6] Ordonnances ou instructions de 1619 et 1652.

[7] Ordonnances ou instructions de 1611, 1619, 1621, 1622, 1633, 1644, 1652 et 1665.

[8] Ordonnances ou instructions de 1611, 1619, 1621, 1622, 1633, 1644, 1652 et 1665.

Digitized by Google

Afin de faciliter, dans la mesure du possible, cette opération on fabriqua des petits disques de cuivre, puis des petites plaques, aussi en cuivre, mais de forme plus on moins carrée, sur la face supérieure desquels était reproduit, tant bien que mal, l'élément principal du type de la monnaie qu'ils devaient servir à peser et au poids réglementaire de laquelle ils correspondaient.

On comprend, dès lors, que l'établissement de ces poids monétaires, appelés le plus souvent deneraux, était fort délicat et exigeait une certaine expérience; aussi ne les fabriquait pas qui voulait. Il fallait une autorisation gouvernemental pour exercer l'art de balancier, pour être ajusteur juré des poids et balances.

Les ajusteurs jouissaient des privilèges attachés au titre d'officier de la Monnaie, par contre ils étaient responsables quant aux poids et balances fournis par eux. C'est pourquoi les poids vendus par un ajusteur juré devaient, aux XVIIe et XVIIIe siècles, dans les Pays-Bas, porter, au revers, les initiales du fabricant et un signe connu propre, le plus souvent, à désigner la localité qu'il habitait.

Le public possédait ainsi une sorte de garantie demi officielle du bon ajustement des deneraux mis à sa disposition. Dans tous les cas, dans l'occurrence, il savait de qui se plaindre.

III

Les monnaies d'or portugaises eurent, comme les autres espèces d'un usage fréquent, leurs deneraux propres.

L'ordonnance de 1576 donne le dessin, reproduit ci-dessus, du poids monétaire destiné à peser les grandes Cruzades ou «Português» d'or du roi Emmanuel I.

Nous possédons dans notre collection une vingtaine de deneraux, la plupart de fabrication anversoise, ayant pour objet la vérification du poids de diverses monnaies d'or portugaises.

Digitized by Google

Voici d'abord, le deneral de la Couronne de Portugal à la croix longue ou Cruzado Calvario. Au revers se voient une main ouverte, marque de l'atelier monétaire d'Anvers, la date 1648 et les initiales P–H, de l'ajusteur Pierre Harck. Un marteau sommé d'une couronne, au dessus de laquelle se trouve un briquet, occupe le centre du champ. Ce deneral pèse 3gr,50.

La présence, assez fréquente, d'une couronne et d'un marteau au revers des poids fabriqués á Anvers s'explique par le fait que, dans cette ville, les «balansmakers» ou balanciers faisaient partie de la corporation des forgerons, laquelle avait pour armes: de gueules au marteau de sable surmonté d'une couronne d'or [1].

Nos cartons renferment d'autres poids monétaires au même type, d'origine anversoise, signés I–V–G, P–H (Pierre Harck) 1645, A. D. W. (Arthur Dunwald) 1648 et un poids d'Amsterdam, de la même année, marqué d'un fils à plomb et des initiales I–D (Jacques Driesenburch). Un deneral de l'ajusteur de Cologne, Johan Lützenkirken, 1649, a la croix du droit accostée des lettres R–S.

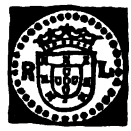
Deneral de la Couronne de Portugal à la croix brève ou Cruzade à la croix de Saint Georges. Au revers se voient une main ouverte, marque de l'atelier monétaire d'Anvers, la date 1648 et les initiales AD–W, de l'ajusteur Arthur Dunwald. Dans le champ: une couronne au dessous de laquelle se trouve une branche de chardon. Ce deneral pèse 3 gr. 48.

Nous possédons deux autres poids au même type, des ajusteurs anversois Gérard Dunwald (G–D. 1641) et Jacques de Backer (I. D–B. 1644).

---

[1] *Annales de la Soc. d'Archéol. de Bruxelles*, ix, 295. Voir aussi Génard, *Armorial des institutions communales d'Anvers*, texte français, pag. 117 et pl. xvii, fig. 1.

Digitized by Google



Les trois deneraux ci-dessus ont servi à peser les Millereis de Portugal ou Saint Vincent d'or. Le premier, œuvre de l'ajusteur amsterdamois Jacques Driesenburch emprunte son type au revers de la monnaie; les deux autres au droit. Ces derniers, fabriqués à Anvers, sont signés Jacques de Backer (I. D–B. 1644) et A. Caers (A. C.). Nous en possédons un autre de Georges Dunwald (G–D).

Nous avons réuni aussi dans nos cartons trois deneraux à peu près semblables de gravure aux précédents et qui ont eu pour usage de vérifier les poids des demi Millereis ou demi Saint Vincent d'or. Le premier est, sans doute, de Middelbourg, et porte, au revers, les initiales M–D–M 1622 en même temps que les armes de Zélande. Le second est anversois et a été fabriqué, en 1648, par Pierre Harck. Le troisième, aussi d'Anvers, est daté de l'année 1581 et marqué des initiales C–I. Il est assez usé, ce qui explique son poids peu élevé 3 gr. 50, tandisque les autres pèsent 3 gr. 86 et 3 gr. 87.

Un poids similaire de la façon de Jacques Driesenburch, d'Amsterdam, montre aux côtés de l'écu, les lettres P–K que nous croyons pouvoir traduire par Portugael Kroon, Couronne de Portugal. Quant aux lettres R–L, qui se retrouvent aussi sur les monnaies et dont la dernière est considérée par Teixeira de Aragão comme la marque de l'atelier de Lisbonne, nous sommes d'avis qu'elles ne peuvent avoir une signification spéciale sur les poids et nous serions assez porté à croire que les ajusteurs ont tout simplement reproduit ces lettres parce qu'ils les avaient rencontrées sur les monnaies portugaises, sans y attacher une sens quelconque.

Le deneral gravé ici, du poids de 12 gr. 50, a servi à la pesée des quadruples Cruzades de Philippe d'Espagne. Les lettres P–D peuvent s'expliquer par Portugael Ducaet, Ducat de Portugal. Elles se retrouvent sur les poids au même type qui servaient pour les doubles et les simples cruzades de Philippe. Nous croyons inutile de reproduire ces

Digitized by Google

deux derniers deneraux qui ne diffèrent de celui que nous avons fait dessiner que par leur moindre épaisseur.

Nous n'avons rencontré jusqu'ici aucun poids monétaire du XVIIIe siècle au type d'une monnaie portugaise. Il est vrai que, dès la fin du siècle précédent, les ordonnances sur le cours des espèces, qu'il nous a été donné de consulter, ne font plus mention de pièces d'or de Portugal. Bien plus, la *Nouvelle ordonnance et instruction pour les changeurs,* imprimée à Bruxelles, en 1749, mentionne, parmi les monnaies d'or billonnées, c'est-à-dire retirées de la circulation: «Les grands crusats de Portugal, les écus de Portugal à la courte croix, à la longue croix et à l'Épée millerez, et les petits creusats, doubles et quadruples du dit royaume».

On doit conclure, de ce qui précède, que les relations monètaires et commerciales entre le Portugal et les provinces belges furent surtout importantes aux XVIe et XVIIe siècles et qu'elles devinrent pour ainsi dire nulles avec l'avénement de la maison d'Autriche au gouvernement des Pays-Bas espagnols.

Bruxelles, Septembre 1897.

Alphonse de Witte.

Museus

São os museus, quer os nacionaes, quer os mantidos pelas corporações administrativas, quer ainda mesmo os particulares, instrumentos poderosos de facil educação popular, pois que, sendo, como os livros, mestres mudos, educam com menos fadiga e até com recreio; mas não vemos que, da parte dos poderes publicos, haja para com elles a serie de attenções e disvelos de que são merecedores.

A começar pelas installações, reconhece-se logo, entre nós, a falta de consideração que ao governo merecem estes uteis institutos de educação nacional; parte d'elles não tem casa propria nem alojamento congruente e adequado; outros tem, como o museu archeologico do Carmo, um edificio indecoroso; outros mudam incessantemente de installação, como o museu agricola e florestal e o museu colonial; finalmente, não ha ordem, nem escolha, nem criterio admissivel para as installações.

Se se trata da especialização dos museus, a confusão é, por vezes, irritante. É certo que em alguns países estrangeiros se encontram os museus omnimodos; mas não póde admittir-se, numa organização systematica e de caracter pedagogico, semelhante cruzamento, que

Digitized by Google

só se comprehende na iniciação dos museus, principalmente dos particulares, ou como tributo imbecil á tradição. Entretanto, essa confusão existe em alguns museus portugueses, já com elementos sufficientes para se especializarem, a despeito até do seu nome, que chega a trahir o visitante; no museu de bellas artes ha collecções numismaticas sem notavel valor artistico; no museu archeologico existe tambem uma collecção de moedas, algumas sem valor archeologico, e, ao mesmo tempo, artefactos artisticos, que teriam melhor cabimento no museu de bellas-artes.

Seria preferivel englobar todas as moedas, esparsas pelos differentes museus, no gabinete numismatico da bibliotheca nacional.

O museu militar tambem deveria dispensar para outros museus alguns dos seus artigos, e avocar outros, que nelles se encontram descabidos.

A respeito da distribuição dos objectos expostos, carecem os museus, portanto, de larga reorganização, que os deveria abranger todos, porque todos padecem da mesma enfermidade.

Outra deficiencia é a má elaboração dos catalogos, ou a completa ausencia d'elles.

Mesmo existindo catalogos, não bastam; é preciso que condigam as suas indicações com a numeração e distribuição dos objectos expostos, o que é difficilimo de encontrar nos nossos museus.

Mais é preciso que nos museus existam, á hora e nos dias da visita do publico, empregados competentes para darem qualquer elucidação aos visitantes, para o que nos poderia servir de exemplo o caso de alguns museus volantes, com entrada paga, que tem vindo ao nosso país.

É tambem necessario obrigar as escolas officiaes, de toda a qualidade de ensino, a mandarem os seus alumnos aos museus, para ahi procurarem o devido ensinamento, que, muitas vezes, vale por uma duzia de prelecções; na escola do exército, por exemplo, sabemos que se gastavam alguns dias lectivos com explicações de armas antigas, e não se fazia uma só visita ao museu militar, onde isso tudo se aprenderia melhor por uma só vez.

Mais é necessario galardoar os donos de museus particulares, que os facultam ao publico gratuitamente, e até subsidiar e attrahir os notaveis museus ambulantes estrangeiros.

Além d'isso, os museus deveriam estar abertos mais a miudo, e offerecer mais commodidades ao publico, pelo menos assentos, agua e sumidouros. = *Y.*

(D-*O Seculo*, de 25 de Novembro de 1897).

Digitized by Google

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso

86. S. Braz (Beira)

«Descobrem-se no alto d'esta serra vestigios de que nella houve antigamente algum genero de fortaleza, mas estes muy escaços». (Tomo II, pag. 297.)

87. Briteiros (Entre-Douro-e-Minho)

«Dentro desta Freguesia, em pouca distancia da Igreja, entre o Lugar da Matta, e o Lugar do Carvalho dá principio huma calçada para o monte Citania, ou Cinania, que ainda se conserva nas antigalhas d'este monte; mais acima *entre huns penedos*, se mostrão as ruinas de huma Capella pequena, que dizem foi de S. Antonio: aqui tem principio o muro desta povoação antiga, o qual cerca este monte para o Poente, e Sul; ainda se mostra unido com a terra para a parte do Norte; em muitas partes estão pedras levantadas; para baixo corre huma calçada, que vay cahir junto à levada do fosso: terá em todo este circuito seiscentas braças de alto; do monte para a mão esquerda vay outra calçada rodeando o monte, e se mete na Freguesia do Salvador de Pedralva: para a parte de Pedralva se mostrão ruinas de fortalezas, das quaes se descobrem os primeiros fiados de pedra, em partes de tres palmos, e em partes de mais; deste muro para a parte do monte distancia de cincoenta braças, estão ruinas de outra muralha, que mostra ser muito mais forte, que as outras, por ser de pedras grandes. No mais alto do monte mostra terceira muralha que ainda em partes tem nove palmos de alto; cercão o monte pela parte do Norte, e Poente; por entre os muros da parte norte e nascente se mostrão muitos alicerces de casas, que fazem grande corroboração á tradicção, de que aqui foy a grande povoação de Citania, da qual dizem foy natural S. Damazo Papa». (Tomo II, pag. 288).

88. Budel (Extremadura)

«Ha nella huma torre antiquissima, na qual se diz vivera *hum Mouro,* pessoa principal, que tinha por nome Budel, do qual o tomou a Aldea». (Tomo II, pag. 299).

Digitized by Google

89. Budens (Algarve)

«Por baixo do Lugar de Budeus, ao Poente, havia huma torre antiga, do tempo *dos Mouros,* em que hoje esta hum moinho, de vento, em cujo sitio se diz foy a Cidade de Bude nos tempos antigos». (Tomo II, pag. 300).

90. Burço (Tras-os-Montes)

«No sitio do Valle do Castello se achão vestigios de fortificações, não se sabe de que tempo, ainda que affirma o vulgo ser *dos Mouros.*» (Tomo II, pag. 304).

91. Burgaens (Entre-Douro-e-Minho)

«Ha aqui hum arco de esquadria, obra muito antiga e pouco polida; não ha certeza de quem o fabricasse, huns o fazem obra *dos Romanos, outros dos Mouros.*» (Tomo I, pag. 305).

92. Calvelhe (Tras-os-Montes)

«Na ribeira que fica ao Nascente, no sitio chamado Sanguinho, se achão vestigios de huma Fortaleza, na qual se tem achado alguns instrumentos de ferro, sem alguma semelhança dos que usamos hoje: nas margens da outra ribeira ha tambem vestigios de outra Fortaleza.» (Tomo II, pag. 372).

93. Campo (Entre-Douro-e-Minho)

Achão-se pelos limites desta Freguezia muitos monumentos do tempo *dos Romanos.*» (Tomo II, pag. 387).

94. Canas de Senhorim (Beira)

«Ha por aqui varios montes de pedra, com humas lages em cima, de bastante largura; chamão-lhe *Orcas,* e dizem os moradores serem do tempo *dos Mouros,* e que sobre ellas queimavão os dizimos». (Tomo II, pag. 405).

95. Capello Vermelho (Entre-Douro-e-Minho)

«Nella se achão vestigios de habitaçoens, que dizem ser do tempo *dos Mouros, ou Romanos*». (Tomo II, pag. 431).

Digitized by Google

96. Caramona (Entre-Douro-e-Minho)

«Consta por tradicção, que nelle esteve huma Cidade, ou povoação grande, a qual abonão muitos vestigios da edificação, e ruas, que no mais alto delle se achão». (Tomo II, pag. 433).

97. Carvella (Tras-os-Montes)

«Para a parte do Poente, nas vesinhanças de huma pequena ribeira, se achão vestigios de huma Fortaleza, que segundo a tradicção é do tempo *dos Mouros*». (Tomo II, pag. 438).

98. Carrazedo (Tras-os-Montes)

«Achão-se neste destricto tres Castellos arruinados, chamados Castro-Carrazedo, do qual dizem tomara o nome este lugar; Seara, e Castello das Medorras; no de Seara se achão pedaços de telhoens de barro vermelho, de grossura de dous dedos». (Tomo II, pag. 459).

99. Castello Branco (Beira)

«Villa edificada das suas ruinas, o que prova de alguns cipos e pedras Romanas, que se acharão nos seus muros e contornos». (Tomo II, pag. 517).

100. Castello Melhor (Beira-Alta)

«Em hum alto, fora da Villa, esta hum Castello, murado de pedra miuda, mas ja muito arruinado, chama-se Castello Melhor, e delle tomou o nome esta Villa.....» (Tomo II, pag. 519).

101. Castello de Penalva (Beira)

«Fica neste districto a serra Peramuna, na qual se descobrem vestigios de huma grande povoação». (Tomo II, pag. 520).

102. Castello Rodrigo (Beira)

«Distante desta Villa hum quarto de legoa, fica a serra da Morosa, muito alta, e grande: no mais alto della se achão vestigios de muros, e ha tradicção, que nella se principiára a fundar a Villa.....» (Tomo II, pag. 521).

Digitized by Google

103. Castro (Tras-os-Montes)

«Neste monte ha muitos vestigios de fortalesa, ou grande povoação, pelos muitos vallos e alicesses, que ainda se divizão». (Tomo II, pag. 527.)

104. Castro Daire (Beira)

«No mais alto deste monte houve antigamente hum castello, donde dizem tomou a Villa o nome de *Castro*». (Tomo II, pag. 528).

105. Castro-Laboreiro (Entre-Douro-e-Minho)

«Distante da Villa ha hum Castello, que dizem, ser fabricado *pelos Mouros*». (Tomo II, pag. 529).

106. Castro Vicente (Tras-os-Montes)

«A situação antiga desta Villa foy onde hoje chamão a Villa Velha, distante desta duzentos passos para o Meyo dia: pelas ruinas se mostra ser povoação muy consideravel». (Tomo II, pag. 532).

107. Rio Cavado (Entre-Douro-e-Minho)

«Alem de muitas pontes, que o atravessão, tem huma de cantaria de doze arcos na Freguesia de S. Thomé de Perozello, obra soberba e magnifica, e dizem ser do tempo dos Romanos, por passar por aqui huma das cinco Vias Militares, que sahião de Braga para a estrada da Geiria, que fez, ou aperfeiçoou o Imperador Vespasiano até Orense, e dahi até Astorga quasi quarenta leguas de distancia». (Tomo II, pag. 536).

108. Cazaes (Entre-Douro-e-Minho)

«Junto desta Aldea ha hum monte, chamado Castello, no qual segundo a tradicção, houve huma fortaleza *de Mouros;* não longe do qual está outro, chamado da Reguenga, pelo qual se divisão vestigios de huma estrada occulta, que hia dar ao Rio Ave; suppoem-se ser obra dos Romanos». (Tomo II, pag. 547).

109. Chamoim (Entre-Douro-e-Minho)

«Corre por esta Freguezia huma Via Militar do tempo dos Romanos a que chamão Geira». (Tomo II, pag. 623).

Digitized by Google

110. Chans (Beira)

«No fundo deste monte está huma fonte de pedra lavrada, muito tosca que bem mostra a sua antiguidade.» (Tomo II, pag. 625).

111. Chorence (Entre-Douro-e-Minho)

«Corta esta Freguesia huma Via Militar dos Romanos, a que chamão a Geiria, e se vem por aqui muitos monumentos de quando elles habitavão estas terras». (Tomo II, pag. 639).

112. Christello (Entre-Douro-e-Minho)

«A Igreja está situada em hum monte chamado o *Crasto*». (Tomo II, pag. 641).

113. Cidadelhe (Tras-os-Montes)

«Em hum monte, se achão ruinas de antiga povoação, cujos muros estão ainda em partes levantados espaço de cincoenta passos de distancia: tem altura de oito pés, e em partes todos feitos de pedra louzada, bem fechados e fortes». (Tomo II, pag. 644).

114. Cidadelhe (Beira)

«Da parte do Nascente, em pouca distancia, no sitio do Castello se acha hum cabeço murado cujo muro em partes tem cinco palmos de alto, e dizem ser fabrica *de Mouros*». (Tomo II, pag. 645).

115. Cimo da Villa de Castanheira (Tras-os-Montes)

«Defronte da Matriz, a pouca distancia, está a Ermida de S. Sebastião, que pelo que mostram os seus vestigios, parece foy algum tempo fortificação *de Mouros*». (Tomo II, pag. 653).

116. Cividade (Entre-Douro-e-Minho)

«Monte famoso, no Arcebispado de Braga, Comarca, e Termo da Villa de Barcellos; neste monte dizem por tradicção antiquissima, haver algum dia huma Cidade, ou grande Fortaleza, e daqui ficou sempre conservando o nome de *Cividade*». (Tomo II, pag. 654).

117. S. Comba (Tras-os-Montes)

«..... Em cujo sitio ha ainda vestigios de Fortaleza; e entre elles huma cisterna, que tem agoa todo o anno». (Tomo II, pag. 677).

Digitized by Google

118. Curujas (Tras-os-Montes)

«No destricto d'este povo está hum monte chamado Caunha; no mais alto delle se vem vestigios de uma Fortaleza, que por tradição consta fora habitação *de Mouros*». (Tomo II, pag. 704).

119. Couto (Entre-Douro-e-Minho)

«Houve neste destricto huma Cidade chamada Salas, e hoje Sá, de que ainda se vem alguns vestigios». (Tomo II, pag. 741).

120. Crasto (Entre-Douro-e-Minho)

«Nesta serra se achão vestigios de huma Fortaleza». (Tomo II, pag. 748).

121. Crato (Alemtejo)

«..... Em distancia de hum quarto de legua se achão muitos vestigios de alicesses, pedras lavradas, campas de sepulturas, e torres levantadas, que tudo indica ter sido povoação».

122. S. Cruz do Bispo (Entre-Douro-e-Minho)

«Em hum serro, entre as Ermidas de N. S. do Livramento e S. Sebastião se achou huma estatua de Hercules feita de pedra, a que o vulgo chama o homem da maça, pela que tem na mão, e a seus pés se vê tambem o leão». (Tomo II, pag. 763).

123. Cruzes (Beira)

«..... e quasi no fim delles se divizão ainda calçadas, e ruinas de edificios, que mostram ter havido nella povoação». (Tomo II, pag. 766).

124. Cuba (Alemtejo)

«Entende ser povoação do tempo dos romanos, pela grande quantidade de Medalhas e Cippos que nella viu Resende» [1]. (Tomo II, pag. 766).

*

Dão fim aqui os nossos extractos, por isso que termina o vol. II e não se publicou mais volume nenhum alem d'este.

A. Mesquita de Figueiredo.

---

[1] *Antiquitatibus Lusitaniae*, pag. 245.

Digitized by Google

Bibliographia

Catalogo do importante espolio do architecto José Maria Nepomuceno. Lisboa 1897, 15 paginas.

Contém notícia de quadros, desenhos, gravuras, retratos, vistas, esculpturas, imagens, paramentos, azulejos e mobiliario.

Elogio historico do architecto [e archeologo] Joaquim Possidonio Narciso da Silva, por Julio de Castilho, Lisboa 1897, 41 paginas (com o retrato, colorido, do fallecido).

A conclusão do edificio dos Jeronymos, parecer da Commissão dos monumentos nacionaes: relator, Ramalho Ortigão. Lisboa 1897, 34 paginas.

Collecção numismatica (medalhas e condecorações portuguesas e estrangeiras referentes a Portugal) de Alexandre José dos Santos Leitão, Porto 1897, 143 paginas.

J. L. de V.

Notícias de Lamalonga

Vestigios archeologicos e tradições das pedras

A quem em Lamalonga, concelho de Macedo de Cavalleiros, perguntar por vestigios de antigas ruinas fallam-lhe logo no *lagar dos mouros* e na *Fraga dos sete zorros,* que se encontram na descida da elevação que se ergue logo a Sul da povoação, separada por duas ravinas da margem direita da Ribeira de Nuzellos, que corre em direcção E.-O., e que vae ter confluencia como o rio Tuella, abaixo da Torre de D. Chama. Apresenta esta elevação varios taboleiros, e destacam-se na sua cumiada os pontos do Facho, Azeveda e Cercado, aonde se encontram muitos bancos de granito e muitas *mós* ou fragas isoladas da mesma especie, pois os terrenos por aquelles sitios são de natureza granitica.

A 1 kilometro do povo, seguindo o caminho que vae pela vertente O. em direcção á Ribeira, encontra-se junto d'elle, e do lado de baixo, uma d'essas *mós* ou fragas, com a fórma que indica o desenho (fig. 1), e que tem cousa de tres metros de altura. A pedra arredondada que assenta nella tem, inferiormente, uma cavidade que parece feita á mão.

Digitized by Google

Chamam-lhe a *Fraga dos sete zorros,* porque contam que foram outros tantos zorros (filhos bastardos) que andaram a ver se a tombavam, o que não conseguiram. E ainda agora, ás vezes, altas horas da noite, dizem, se ouve lá o bater do tear de uma moura encantada.

Continuando pelo mesmo caminho, e a 2 kilometros proximamente d'esta fraga, encontra-se outra, que está meia enterrada na vertente, ficando a parte superior de nivel com o terreno, e na qual se vê, bem distincta, uma pia que regula por $2^{m},5$ de lado e $0^{m},25$ de profundidade. Tem numa das faces um orificio que vae dar a um pequeno sulco voltado para a descida; e proximo de um dos bordos lateraes existem dois buracos do formato de um pé, mas de maiores dimensões. No bordo superior notam-se ainda uns riscos que formam uns pequenos rectangulos como se vê do desenho (fig. 2). Tal é o *Lagar dos mouros* que fica muito proximo, e abaixo do alto do Cercado, aonde nos pareceu ver ainda restos de um *castro* que lá devia ter havido.

Acompanharemos estas informações com a notícia de mais uns buracos que nos pareceram feitos á mão, e que encontramos noutras fragas no sítio da Azeveda, intermedio do Facho e Cercado, e cuja disposição e configuração mostra o desenho.

Na fraga B (fig. 3) em *h,* apresenta a disposição indicada em C, e interiormente em C′ (fig. 4). No mesmo sítio, e para sul, alguns metros, vê-se outra fraga com um buraco, que parece tambem feito á mão, como indica a fraga P (fig. 4).

Um pouco a baixo d'estas fragas ha uma *pala* em que podem caber meia duzia de pessoas, e onde se costumam resguardar das chuvas os pastores e trabalhadores. Nella, num recanto escuro, pude tambem descobrir dois buracos identicos aos outros.

O guia, que era um rapaz de uns 14 annos, disse-me que por muitas vezes tinha trabalhado naquelle sítio, e que seus paes lhe diziam que por ali haviam andado os mouros; e que iguaes buracos se encontravam noutros lugares do termo, chamados do Cabeço da Molher e da Pombeira.

Não tive ensejo, por falta de tempo, de fazer por estes sítios uma investigação minuciosa, como tanto desejava; mas ainda assim quer-me parecer que os indicios que menciono são obra do homem em epocha muita remota. Ahi os deixo indicados a quem melhor possa ir estudá-los, e averiguar ao certo o que são, e o valor archeologico que tem.

Bragança, 1897.

Albino Pereira Lopo.

Digitized by Google

Fig.

Fig.

Digitized by Google

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS

Digitized by Google

Fasciculus inscriptionum Myrtilensium nuper repertarum

(Epistula ad Aemilium Hübner)

Josephus Leite de Vasconcellos Aemilio Hübner
Professori Berolinensi s. p. d.

Antiquitates Lusitanas quam maxime indagandi ac vulgandi cupiditate ardens, locum praetermitto nullum cum observandi, tum acquirendi omnia monumenta ad Lusitaniam spectantia, quae vetustate pretioque digna sint quae revereamur.

Cum non ita pridem Myrtili essem, in oppido quod et nummis ibi signatis et parietinis reliquiisque multis Romanis Christianisque virorum antiquitatis studiosorum oculos ad se convertit, titulos aliquos vidi, quos opera et diligentia Fortunati da Fonseca Medici, Emmanuelis Bravo Gomez, Iohannis Emmanuelis da Costa, Emmanuelis Francisci Gomez, amicorum meorum, obtinui, et in Museum Ethnologicum Portugalense cui praesum deportandos curavi.

Tituli adhuc inediti manebant. Octo numero sunt, duo Romani, reliqui Christiani; omnes sepulcrales, in lapidibus marmoreis incisi, Myrtili repertis. Doleo autem quod non omnes omnibus partibus suis iam constant; in duabus stelarum fractarum pauca leguntur verba.

In lapidibus a Statio da Veiga archaeologo optimo in Museum Algarbiense summa industria collectis tabulam etiam sepulcralem Christianam, et ipsam Myrtilensem, nuper inveni, quam nunquam edidit, quod sciam, parens ille archaelogiae Algarbiensis.

Cum mihi dixeris, vir doctissime ac sapientissime, te librum ad supplementum Corporis inscriptionum Hispaniae Christianae, quod anno MDCCCLXXI Berolini in vulgus emisisti, brevi compositurum, iudicio tuo, ut iis utaris, monumenta sex illa offero hominum qui saeculo VI et VII Myrtili fuerunt; ad ea simul adicio inscriptionum Romanarum exempla, a quibus, cum antiquiores sint, initium facio. Fidem ita exsolvo quam in ephemeride mea *O Archeologo Português*, I, 182, tibi dedi.

Nr. 1

1. D·M·S
ACCENNIA·HE
RENNIA ANN L
4. HSESTTL

Digitized by Google

In lapide cupae simili, qui locum operculi sepulcri usurpabat. Ex moenibus castelli Myrtilensis. Inscriptio $0^m,14$ alta; $0^m,245$ lata; litteris $0^m,035$ altis. *Accenna* (non *Accennia*) et *Herennia* nomina in titulis Ibericis, ut scis, crebra sunt.

Nr. 2

D·M·S
TVLLIO DONA
TO·FAVSINO FILIO
VIXIT ⚒NN XVI
TVLLIVC UELLICUS LI
PORCIA MATERN FILIO
PIEN TISSIMO
...OS VERVNT
H S E STT L

In lapide prioris simili, ex iisdem moenibus avulso. Inscriptio $0^m,26$ alta; $0^m,235$ lata; litteris $0^m,02$ altis.

In v. 3: FAVSINO pro FAVSTINO; ⚒ = A.

In v. 5: TVLLIVC = TVLLIVS; LI = ET.

In v. 6: PORCIA, ut scribis, non PONCIA; MATERN pro MATERN = MATERNA.

In v. 8: = *p*OSVERVNT.

Moenia castelli Myrtilensis non solum his, sed etiam aliis lapidibus Romanis constructa sunt; inde spero monumenta aliqua fore ut avellantur in Museumque Ethnologicum Portugalense transportentur.

Nr. 3

P AMANDA FAMA XPI VIXIT
ANNOS PLV SMINS
XXXII ME NSES V REQIE
VIIINP ACE DNI SVB D VII
XAX MRT ER DXXXII

In tabella $0^m,44$ alta; 0,39 et 0,42 lata; litteris $0^m,025$ altis.

P Amanda, famu(l)a Christi, vixit annos plus minus XXXII, menses V; requievit in pace D(omi)ni sub d(ie) VII kal(endas) Mart(ias) era DXXXII.

Digitized by Google

In v. 1. In *Famua l* littera cecidit, sicut in verbis Portugalensibus *Chamoa* = Flamula, *landoa* = glandula, ceteris.

In v. 2. Quod «er(a) 622» primum legeram, «era 532» rectius legisti.

Nr. 4

1. TYBERIVS IIcTo
R FAMVLVS DEI VI
T ANNOS PLVS MIN
VS XIIII MĒN̄S QVI NO
5. VEM REQVIEVIT IN PACE
DOMINI DIE xIII KALEIIDA
7. S IVNIAS ERA dCIIII

In tabella 0^m,63 alta; 0^m,445; litteris 0^m,03 altis.
In v. 1–2: IIcToR? Neque *lictor* neque *fictor*.
In v. 2–3: VIT = *vixit*.
In v. 4: QVI = *que*.

Nr. 5

1. .....\A
.....PA
.....N̄D
4. .....RA...
.....

Fragmentum 0^m,20 altum; 0^m,12 latum; litteris 0^m,03 altis.
Versus primi verba supplere nescio: .....MA.
In versu secundo, tertio, quarto tantum suppleri potest: [*in*] *pa*[*ce Domini* vel *Dei*.....*kale*]*ndas*.....[*e*]*ra*.....

Nr. 6

1. ADIV
TOR ŁA
..I REQVE
.....N PACE D̄I
5. .....IΔM
.....

Digitized by Google

In tabella fracta 0m,27 alta; 0m,16 lata; litteris 0m,025 altis.

Versus primus et secundus integri, reliqui mutili. Sic lego partem inscriptionis: *Adiutor, famulus* [*De*]*i, requie*[*vit i*]*n pace die.....idus Ma*(*rtias*) vel *Ma*(*ias*).

Nr. 7

oRA PRo ME

In tabella fracta. Invocatio est, qua titulus terminabatur. Versus 0m,20 longus; litteris 0m,024 altis; lapis 0m,235 latus.

Nr. 8

1. ANDREAS ΓAMVLV
DEI PRINCEPS CAN
TORVM SACAOSAN
CTE AECLISIAE MER
5. TIII IANE VIXIT
ANNOS XXXVI
REQVIEVIT IN PA
CE SVB Ð TERTEO
KAŁ APRILES
AERA ∂ŁX TRI
11. SIS ☧ α ω

In tabula e schisto lapide 1m,07 alta; 0m,44 lata; litteris 0m,025 altis. In *Rocio do Carmo* Myrtili reperta. De familia Statii da Veiga emptam in Museum Ethnologicum transtuli.

In v. 1. V = V̄ = VS: *Famulus;*

In v. 3. A = L vel R;

In vv. 3–4. *saclosancte* = *sacrosanctae;*

In v. 4. *aeclisia* = *ecclesia;*

In v. 5. *Mertiiliane* (= *Merteliane*) vel *Mertilliane* = *Myrtilianae;*

In v. 8. *terteo* = *tertio;*

In v. 10. *aera* = *era;*

In v. 11. *trisis* = *tris* (*treis*) + *-is,* sicut scribis (pluralis numerus duplex: cfr. verba Portugalensia *poses* pro *pós, javalises* pro *javalis*); vel τρισί + *-s,* cum in titulis Myrtilensibus multae litterae Graecae sint. Mihi in mentem quoque venit in litteris *tri sis* carmen «*tri*(*umphator* sc. *Daemonis*) *sis!*» latere posse.

Digitized by Google

Andreas, famulus Dei, princeps cantorum sacrosanctae ecclesiae Myrtilianae, vixit annos XXXVI; requievit in pace sub die tertio kalendas Apriles era DLX trisis.

Inscriptio tum rebus grammaticis, tum historicis insignis est.

Quod ad artem grammaticam pertinet, haec digna mihi videntur notatione: *cl* pro *cr*, nisi forte Λ (lambda) falso pro *r* esse positum putandum est, in *saclo-*; *e* pro *ae* in *-sancte, Mertilliane* (*Merteliane*); *ae* pro *e* in *aeclisiae, aera*; *i* pro *e* in *aeclisiae*; *e* pro *i* in *Mertilliane* (*Merteliane*), *terteo*. Omnibus his verbis sermo vulgaris detegitur.

Iam de rebus historicis loquar. Quanti momenti ecclesia Myrtilensis fuerit ex munere patet quo Andreas fungebatur: nam in ea etiam chorum cantorum videmus, cuius ille princeps vel *chantre* erat.

*

Hic fasciculus inscriptionum Myrtilensium tibi plane non displicebit, quo liber tuus in locis, ubi de regione australi agis, paulo apparebit copiosior.

Vale meque, ut facis, ama.

Olisipone.

Notícias várias

1. Descobrimento archeologico

Lê-se na *Gazeta da Figueira*, n.º 586, de 18 de Setembro de 1897:

«O incansavel e illustre archeologo, nosso conterraneo, Sr. Dr. Santos Rocha, proseguindo nas suas importantes e laboriosas investigações, descobriu ultimamente no *Ouro da Fonte*, cem metros aproximadamente ao O. de Cabanas, freguesia de Brenha, uma pequena necropole luso-romana, que pertencia provavelmente aos moradores dos *Chões*, estação descoberta e explorada ha pouco nas cercanias de Brenha pelo mesmo distincto archeologo, ou aos do *Crasto*, que fica aproximadamente ao SO. de Cabanas.

Os caracteres principaes d'esta necropole são:

1.º Sepulturas simplesmente abertas no calcareo, como muitas das necropoles de Marim e da Mateca (Algarve), ou formadas com pequenas lages, como muitas das da necropole de Farrestelo;

2.º Orientação de SE. a NE., ou de ESE. a ONO.;

Digitized by Google

3.º Inhumação horizontal sobre as costas, com a cabeça para NO. ou ONO., e braços ao longo do corpo;

4.º Ausencia completa de mobiliario.

O Sr. Dr. Santos Rocha recolheu as principaes peças osteologicas encontradas, que vão ser depositadas no Museu Municipal».

2. Archeologia

«Em uma recente digressão scientifica á Mina de S. Domingos, importantissimo laboratorio metallurgico do nosso país, monsenhor conego Botto, conservador do museu archeologico municipal de Faro, reconheceu a existencia de uma extincta estação romana, certamente applicada á lavra do minerio, em que notavelmente abunda essa vasta zona schistosa do Alemtejo.

Serviu de base á sua conclusão o exame minucioso de varios destroços de ceramica, de vetustos utensilios de trabalho e de alguns fragmentos de lapides funerarias, cuja graphia lembra o typo scripturistico do 2.º ou 3.º seculo da era christã.

O estudo confrontativo das várias camadas de escorias subjacentes aos depositos actuaes fez-lhe fundadamente presumir a primitiva existencia de uma exploração phenicia, como nas minas de Tharbes, na conhecida região do Rio Tinto. De metallurgia arabe apenas, naquellas proximidades, encontrou presumpções no onomasticon local — «Almadena de ouro». Na lingua arabiga — almadena — significa «mina».

Ao que nos consta, são estas as bases do relatorio que monsenhor conego Botto prepara».

(D-*O Seculo*, de 10 de Novembro de 1897).

3. Um thesouro perdido

«Ha tempo apresentou-se no museu de bellas artes e archeologia o sr. Estevão Augusto de Almeida, com uma carta, escripta por Eusebio José, que vive actualmente recolhido no asylo de mendicidade, camarata n.º 2, cama n.º 7.

Relatava essa carta existirem, encerrada numa parede, na parte do edificio do supprimido convento das Albertas, de que está de posse o mesmo museu, varios objectos de valor, taes como: uma custodia, um calix e varios galões, tudo de oiro, quinze castiçaes de prata massiça e mais objectos d'estes dois metaes. Alem d'isso dizia o Eusebio

Digitized by Google

José que, em uma valla da cêrca do mesmo edificio, estava tambem escondida uma grande porção de objectos de cobre e bronze.

Tanto uns como outros tinham sido entaipados e enterrados, por ordem do fallecido capellão do convento, pelo proprio Eusebio, que, a esse tempo, era ali creado.

D'este facto o inspector da academia de bellas artes, sr. conde de Ficalho, deu conhecimento á direcção geral dos proprios nacionaes, a fim de se tomarem sobre o assumpto as necessarias providencias.

No sabbado passado foram os srs. visconde de Mangualde, director geral da referida direcção e o sr. conselheiro Campos de Magalhães, chefe da segunda repartição, acompanhados do denunciante e dois pedreiros, a fim de verificarem a existencia do thesouro.

Chegados ao edificio, o Eusebio explicou que na casa da roda, junto á portaria, ha uma porta que, abrindo-se, dá para uma escada com cinco degraus, ficando em frente d'ella uma cruz; á esquerda está um corredor que conduz á cisterna. Junto encontra-se a parede da sacristia, onde, a 1 metro de altura do chão, existe entaipado um armario feito por elle proprio, com tres palmos de profundidade e oito de largura, onde se acham mettidos os objectos de ouro e prata.

Ao saír da porta, que dá para a cêrca, arredada 2 metros, ha uma valla com 3 metros de altura e 8 de largura, onde elle enterrou as caldeiras de cobre e bronze e outros objectos do mesmo metal.

Á vista de taes indicações, os pedreiros levantaram diversas pedras, entraram num carneiro, no qual ainda havia ossadas, e ahi encontraram dentro de uma das lousas o referido armario, mas completamente vazio.

Na valla, que se descobriu, tambem se não encontrou cousa alguma.

O pobre velho chorava, porque tinha a esperança de que o governo o gratificasse largamente, attendendo á importancia do achado.

Levantou-se o respectivo auto, que nada poderá adeantar, visto que se passaram já mais de trinta annos depois que o facto se deu, conforme conta o Eusebio, e morreu o capellão do convento, o unico que podia fazer luz neste caso escuro».

(D-*O Seculo*, de 16 de Novembro de 1897).

4. Monumentos nacionaes

«Varios membros da commissão de monumentos nacionaes foram hontem ao quartel de infanteria 5, no extincto convento da Graça, examinar os caixões que ali foram descobertos ha dias num carneiro.

Digitized by Google

Procedeu-se á abertura de um d'elles, o qual estava forrado exteriormente por uma camada de pedra e cal, conhecendo-se por uma inscripção que datava de 1719. Dentro do caixão foram encontrados cinco esqueletos, na maior parte de mulheres, uma cruz preta de madeira, um rosario e um sapato de senhora com salto á Luiz XV, com rendilhados de ouro, etc.

O caixão era forrado de seda encarnada, bem como todos os enfeites que lhe pertenciam.

Suppõe-se que o carneiro pertencesse á familia Angeja. Reconheceu-se que todos os carneiros já foram arrombados.

Ficaram ainda tres por abrir.

O sr. dr. Mello Breyner ficou encarregado de reconstituir os esqueletos».

(D-*O Seculo*, de 20 de Novembro de 1897).

5. Museu de artilheria de Lisboa

«Vae ser franqueado ao público o Museu de artilheria, estabelecido no edificio denominado Fundição de Baixo, nos primeiros e ultimos domingos de cada mês, sendo, de inverno, das 10 horas da manhã ás 2 da tarde, e de verão, d'aquella hora até as 4 da tarde.

O primeiro dia que está o Museu franco é no proximo domingo 26».

(Do *Tempo*, de 17 de Dezembro de 1897).

Á cêrca d'este Museu vem uma interessante e desenvolvida notícia, acompanhada de estampas, n-*O Seculo*, de 14 e 28 de Fevereiro de 1897.

6. Museu de Numismatica em Setubal

Segundo li em varios jornaes, deu-se principio em Outubro na Bibliotheca Municipal de Setubal a um Museu de numismatica, cujo nucleo foi constituido com algumas centenas de moedas das duas ultimas dynastias portuguesas.

7. Archeologia de Alcacer do Sal

O Sr. Correia Baptista, collaborador d-*O Arch. Port.*, e um dos principaes organizadores do Museu Municipal de Alcacer do Sal, publicou sobre as antiguidades d'esta villa um artigo n-*O Seculo*, de 8 de Agosto de 1897, no qual se inserem várias estampas de monumentos archeologicos (inscripções, etc.).

Digitized by Google

8. Moedas romanas de Milreu (Estoi)

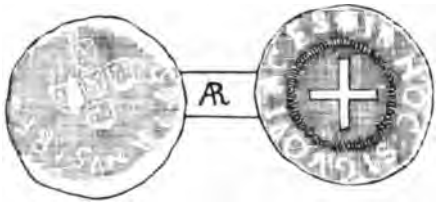
No local das célebres thermas romanas de ao pé de Faro (Ossonoba) apparecem constantemente moedas romanas. Ultimamente vi nas mãos de um amador dois pequenos bronzes do sec. IV:

a) um, de Constantino II, com reverso SOLI *invic*TO COMITI (Cohen, VI, pag. 236, n.º 159 ou 160);

b) outro, que me pareceu ser de Constancio II, mas já muito çafado, pois só li no anverso .....TIVS P.....

9. Meio-tostão de D. Sebastião

Na collecção numismatica do Sr. Ferreira Braga ha um exemplar do meio-tostão de D. Sebastião que differe do exemplar descrito pelo Sr. Teixeira de Aragão na sua obra, vol. I, pag. 278, n.º 19, principalmente em não ser cantonada a cruz do reverso. Aqui dou uma estampa:



...bASTIANVS I REX..... com algumas lettras recunhadas por defeito de cunhagem. Quinas, sem circuito granulado.

Reverso: IN:HOC:SIGNO:VINCES. Cruz de S. Jorge dentro de um circuito granulado.

O desenho foi feito pelo Sr. Gabriel Pereira.

10. Moeda romana de Tavira

Foi achado ao pé de Tavira um denario de Plautilla (sec. III) com anverso PLAVTILLA AVGVSTA e reverso CONCORDIA AVGG.

Tavira está, como é sabido, no territorio ou aro da antiga Balsa.

11. Antiguidades romanas do Gerês

N-*O Seculo,* de 27 de Junho de 1897, publicou-se um artigo sobre o Gerês, dando-se a proposito uma estampa de um marco miliario romano (da Portella do Homem).

J. L. de V.

Digitized by Google

A archeologia do Monte Amarello

O Monte Amarello toma um vulto notavel nas *Antiguidades monumentaes do Algarve*, de Estacio da Veiga[1]. Parece porém que o illustre paleoethnologo nunca o visitou. Pelo menos nunca o explorou, como elle proprio confessa. Entretanto foram taes as informações que lhe deram do local, que suppõe existirem ali as ruinas de um dolmen e de um povoado neolithico e até uma necropole.

Adquirindo um machado de pedra, que lhe apresentaram como proveniente do sítio, e ouvindo a lenda de que se descobrira lá uma cova larga e funda, rodeada de grandissimas pedras, com muitos ossos, etc., ficou pensando que se tratava do dolmen.

Depois, narrando que o illustrado prior de Bensafrim, nosso respeitavel amigo, Sr. Antonio José Nunes da Gloria, visitara o Monte e obtivera do proprietario varios objectos neolithicos, que elle Estacio da Veiga conjecturou serem provenientes de algum monumento destruido, e que o mesmo Sr. Gloria achara lá umas calçadas circulares com 2 a 3 metros de diametro e uns monticulos artificiaes de figura mammilar, imaginou que estes eram semelhantes aos *tumuli* de Alcalá e aquellas tinham os caracteres de habitações. Assim nasceram a necropole e os *fundos de cabanas*.

«Ficam portanto, conclue elle, indicadas as antiguidades do Monte Amarello a quem um dia as souber explorar».

Nós fomos lá. Serviu-nos de guia o proprio sr. Gloria, acompanhando-nos o nosso amigo Sr. José Joaquim Nunes, capellão do regimento de infanteria 15, estacionado em Lagos, e o nosso collector com um troço de trabalhadores.

O mesmo lavrador, a que alludira o auctor das *Antiguidades monumentaes do Algarve,* nos apresentou alguns percutores e um machado de pedra, declarando que os encontrara *dispersos* pelos terrenos, como os que havia offerecido em tempo ao Sr. Gloria.

Pela sua parte este mostrou-nos tudo o que havia notado naquelles sitios, sem comtudo lhe attribuir os caracteres e as significações que Estacio da Veiga, confundindo talvez as informações do digno e muito prudente prior com outras, lhe tinha dado; e nós procedemos a excavações nos pontos indicados, em presença d'aquelles dois ecclesiasticos.

---

[1] Vej. tomo I, pag. 205 e seg.

Digitized by Google

Nada, absolutamente nada se encontrou que indicasse os fundos de cabanas ou uma estação mortuaria!

Explorado um sítio onde o sr. Gloria tinha suspeitado a existencia de um recinto polygonal formado com pedras brutas, e que afinal, segundo as informações do proprietario, era a tal *cova larga e funda* da lenda, verificou-se que a suspeita era infundada; e ninguem deu noticia segura de em tempo algum se haverem encontrado ali ossos humanos!

Nenhum *tumulus* e nenhuma calçada de qualquer feitio foram encontrados! Na eminencia do lado do sul encontrou-se aqui e alli algum renque de pequenas lascas de pedra, que pareciam cravadas de cutello, mas não indicavam formar recinto algum, nem estavam associadas a qualquer producto da industria humana. O solo estava durissimo e coberto de mato, excluindo toda a hypothese de um remeximento nos ultimos cincoenta annos, pelo menos.

Percorrendo os terrenos, só notámos em outros pontos, alguns raros fragmentos de ceramica manifestamente romana e um que passa por ser de fabricação arabe, assim como dois ou tres de pedras com feição dos percutores.

Eis a que se reduz a archeologia do famoso Monte Amarello, como podem informar todos os que nos acompanharam nesta exploração. Se alguma cousa interessante lá existe, está ainda occulta no seio da terra e não se manifestou por signaes alguns exteriores, nem a nós, que trabalhámos em semelhantes explorações ha onze annos, nem ao Reverendo Gloria que tambem tem uma longa pratica d'estes trabalhos. Foi o resultado a que ambos chegámos.

A. dos Santos Rocha.

Museu Municipal da Figueira da Foz

Neste Museu entraram ultimamente os seguintes objectos:

Secção de prehistoria:
7 machados de pedra;
1 dito, grande, e outro com fracturas;
1 dito de cobre;
2 mós dormentes e uma rolante com feição neolithica.
2 machados de pedra polida.

Digitized by Google

Sala de comparação:

2 arcos, 2 aljavas e 5 settas de Bida (Alto Niger);

2 bonés de pelles, 1 zarabatana, 1 arco e 29 settas, provenientes dos indios Tupinanbarana Assú (Brasil);

1 amuleto de madeira, de Ambriz;

1 pedaço de rocha perfurada.

Secção de archeologia historica:

Os ossos humanos colhidos na necropole do Cerro da Fonte, em Cabanas (concelho da Figueira da Foz);

1 caixa de chifre;

1 medalha;

2 botões, um dos quaes de bronze;

1 broche;

várias moedas romanas;

diversos fragmentos de ceramica, provenientes do castro luso-romano de Guifões;

1 sarcophago de pedra;

1 medalha de bronze, e várias moedas do mesmo metal;

6 pesos de tear, de barro, 2 tijolos quadrangulares, 1 fragmento de tijolo com vestigios de marca, 2 fragmentos de vasos e outros de um objecto ainda não classificado, tudo de fabrica romana, e proveniente das explorações de S. Martinho da Arvore;

1 lança (*cuspis*), 1 *tintinabulum*, restos de uma fouce (*falx*), 1 faca (*culter*) e 1 instrumento não classificado, tudo de ferro; 1 fragmento de placa de bronze, restos de pratos covos e outros artefactos ceramicos recolhidos nos lares luso-romanos explorados na caverna do Bacellinho (serra de Alvaiazere);

1 vaso de barro para flores;

1 telha de 1767, proveniente de Brenha (concelho de Figueira da Foz), com uma gravura de mulher;

1 pergaminho dos principios do sec. XIII;

1 touca e 1 par de sapatos antigos;

1 bordado incompleto, representando a passagem biblica da Samaritana;

3 alçados do palacio da Ajuda (Lisboa), feitos em 1797;

1 planta da caverna do Bacelinho e de algumas sepulturas do cemiterio da igreja Velha, em Alvaiazere.

Com destino á Secção de Industrias do concelho entraram varios productos.

Digitized by Google

*

Pelo relatorio do digno conservador d'este importante Museu, publicado na *Gazeta da Figueira,* n.º 600, vê-se que este estabelecimento conta na *secção prehistorica* 2:700 objectos; na *sala de comparação* 1:084; e na *secção de archeologia historica* 1:700, alem da collecção de numismatica que comprehende 1:833 medalhas e moedas.

Na *sala de comparação* alem de bellissimas collecções africanas e americanas, com armas e productos industriaes, amuletos, adornos, esculpturas de madeira e osso, etc., ha uma pequena collecção de cranios, ha pouco começada a organizar pelo Dr. Santos Rocha, para estudos anthropologicos.

Na *secção de archeologia historica,* estão representadas todas as estações romanas até hoje descobertas no valle do Mondego e immediações, entre a foz do rio e S. João do Campo, assim como as exploradas pelo benemerito conservador do Museu na provincia do Algarve, e ultimamente no concelho de Nellas [1].

Pelo Sr. Dr. Antonio Alvaro Duarte Silva, illustrado membro da commissão administrativa do Museu, foi organizado o catalogo, em dois volumes, das moedas e medalhas existentes no Museu. Pena é que a Camara Municipal o não tenha ainda publicado, pois prestaria assignalado serviço á sciencia.

P. Belchior da Cruz.

Aula de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa

1. Curso do anno lectivo de 1896-1897

O curso escholar neste anno constou de quatro partes:

Parte I. — Introducção á Numismatica Portuguesa: moedas estrangeiras e de conta, citadas nos mais antigos documentos de origem portuguesa; antigos meios de transacções; direitos reaes de cunhagem de moeda; leis contra os falsificadores de moedas; casas da moeda portuguesas; nomes geraes das nossas moedas.

---

[1] Vid. *O Archeologo Português* e *Memorias sobre a Antiguidade,* por Santos Rocha, Figueira, 1897.

Digitized by Google

Parte II. — Estudo prático de moedas portuguesas continentaes de todos os reinados. Explicações historicas a respeito de diversos factos observados nas moedas; leitura de trechos historicos, por exemplo, de varios passos da *Chronica* de D. João I por Fernão Lopes, quando se tratou das moedas d'aquelle monarcha.

Parte III. — Esbôço da Historia da Numismatica Portuguesa. Esta Historia consta de tres periodos:

Primeiro periodo (do sec. XV até meados do sec. XVII):

a) Bibliographia;

b) Collecções de moedas.

Segundo periodo (do sec. XVII até o primeiro quartel do sec. XVIII):

a) Bibliographia;

b) Collecções de moedas.

Terceiro periodo (dos meados do sec. XVIII á actualidade):

a) Bibliographia;

b) Collecções de moedas;

c) Ensino official;

d) Factos diversos.

Appendice: A Numismatica Portuguesa lá fóra.

Mostrou-se a maior parte dos livros (impressos) sobre o assumpto; deu-se notícia de muitos manuscritos. Os alumnos, a titulo de dissertação, foram encarregados de alguns trabalhos bibliographicos sobre certas obras citadas.

Parte IV. — De como o estudo da Numismatica Portuguesa serve de illustração ao da Historia de Portugal. Divisão da Historia de Portugal em tres periodos capitaes:

1.° *Organização do Estado* (do sec. XII á batalha de Aljubarrota);

2.° *Expansão colonial* (do sec. XIV á batalha de Alcacer Quibir);

3.° *Decadencia, com alternativas* (de 1580 á actualidade).

Foi tratado o assumpto apenas em relação ao primeiro periodo e a parte do segundo, já por falta de tempo, já porque no decurso das lições professadas na Parte II do curso se ministraram algumas notícias.

Serviu de texto: para a Parte I do curso, o *Elencho das lições de Numismatica,* do professor da cadeira, fasciculo 2.° e 3.°; para a Parte II, a *Descripção das moedas de Portugal,* de Teixeira de Aragão, vol. I; a respeito das outras Partes, como não havia obras especiaes, deu o professor explicações oraes, e apontamentos manuscritos.

Digitized by Google

2. Exames

O curso foi frequentado por 6 alumnos, sendo 5 como ordinarios, isto é, matriculados, e 1 como ouvinte. Dos 5 ordinarios, 1 frequentou o 1.º anno, e 4 o 2.º anno. Foram a exame 4, que ficaram approvados, obtendo 1 a classificação de *distincto*.

Pontos sobre que versaram os exames:

1.º Ponto: *Objecto da Numismatica e suas divisões. Casas da moeda portuguesas. Direito de cunhar moeda em Portugal.*

2.º Ponto: *Historia da Numismatica Portuguesa: divisões e caracteres dos periodos; desenvolvimento do primeiro periodo.*

3.º Ponto: *Historia da Numismatica Portuguesa: desenvolvimento do segundo periodo.*

4.º Ponto: *Illustração do primeiro periodo da Historia de Portugal pelas moedas.*

Alem da explanação oral d'estes pontos, os alumnos classificaram por escrito várias moedas portuguesas.

J. L. de V.

Acquisições do Museu Ethnologico Português

117. Adquiri parte de um machado prehistorico de pedra polida, encontrado nos campos de Monte-Mór-o-Novo.

118. O Sr. Dr. **Carlos Moniz Tavares**, Director do Hospital Militar Permanente de Lisboa, offereceu ao Museu duas lapides funerarias dos principios do sec. XVIII com inscripções portuguesas. D'estas lapides fallaram varios jornaes, e entre elles *O Seculo*, de 24 de Abril de 1897.

119. O Sr. **Pedro Romano Folque**, quando Director das Obras Publicas do Districto de Lisboa, offereceu ao Museu grande número de objectos encontrados nas excavações praticadas na séde do convento de Sant'Anna. Estes objectos consistem principalmente em:

a) vasilhas de barro;

b) inscripções portuguesas;

c) e um quadro de azulejo.

Digitized by Google

120. O Reverendo P.e **Manoel Soares da Silva** offereceu ao Museu quinze lapides com inscripções romanas, provenientes da Beira-Alta.

121. O Rev. P.e **José Augusto Tavares**, collaborador d-*O Arch. Port.*, offereceu ao Museu: duas figuras de pedra que representam quadrupedes; e uma antiga cabeça de pedra. Todos estes objectos pertencem á epocha lusitana.

122. O Sr. Juiz de Direito, Dr. **A. Xavier Cordeiro**, offereceu ao Museu o fac-simile de um sello medieval de Santarem, tirado pelo Sr. Capitão Antonio Bernardo de Figueiredo, que sobre elle publicará n-*O Arch. Port.* um artigo.

123. O Sr. Engenheiro **Rego de Lima**, Lente da Eschola do Exercito, offereceu ao Museu dois instrumentos prehistoricos de pedra polida, e um antigo vaso de barro, objectos provenientes do Alemtejo.

124. O Sr. **Visconde de Coruche** offereceu ao Museu uma figura de bronze, e uma collecção de instrumentos de ferro, — tudo da epocha romana. Cfr. *O Arch. Port.*, III, 65.

125. O Sr. Architecto **Ventura Terra**, sob cuja direcção se está reedificando o Palacio das Côrtes em S. Bento, offereceu ao Museu uma collecção de lapides portuguesas encontradas nas excavações praticadas na séde do convento de S. Bento.

126. Da Granjinha (Chaves) vieram para o Museu, por ordem emanada do Ministerio das Obras Publicas, dois monumentos da epocha romana.

127. O Sr. Conego **A. J. Boavida**, director do Collegio das Missões, mandou para o Museu, com auctorização do Sr. Ministro da Marinha e Ultramar, uma esculptura tumular romana que estava no convento de Chellas.

128. O Sr. **Abilio de Magalhães Brandão** offereceu um machado de pedra polido, encontrado em Paços de Ferreira.

J. L. de V.

Digitized by Google

Fim do anno

Mercê da dedicação dos nossos collaboradores, *O Archeologo Português,* conta mais um anno de existencia, e vae resolutamente entrar no IV.

Como com os outros volumes aconteceu, este não perdeu no conceito das pessoas competentes. Fazem-lhe referencias por exemplo:

Bulletin de l'Académie Royale de Belgique, XXX, 1088;
Revista de l'Asociacion Artistico-Arqueologica de Barcelona, II, p. 438, etc.
Revue Belge de Numismatique, 1897, p. 480;
Revue Historique, LXIII, 332;

*

Alem dos periodicos citados nos dois volumes precedentes, e que trocam com o nosso, recebemos agora mais os seguintes:

Annales de la Société archéologique de Namur;
Atti dell' I. R. Accademia di scienze, lettere ed arti degli agiati in Rovereto;
Bericht über die Vermehrung der Sammlungen des Vereins zur Erforschung der rheinischen Geschichte und Altertümer zu Mainz;
Bulletin de la Société Nationale des antiquaires de France;
Gazette numismatique;
Mémoires de la Société d'Histoire et d'Archéologie de Beaune;
Notizie degli scavi di antichità;
Numismatische Zeitschrifte;
Publications de la Société Archéologique de Montpellier;
Revista de archivos, bibliotecas y museos.

J. L. de V.

Digitized by Google

Digitized by Google

INDICE

ACQUISIÇÕES do Museu Ethnologico Português: 107, 122, 167, 271 e 303.

ANTIGUIDADES LOCAES:

I. — Por ordem chronologica

A) Prehistoricas:

Dolmen de Villarinho (com estampa): 168.
Penedo com insculpturas, de Vianna do Castello (com estampa): 170.
Vide infra, em G.
Vide no Indice Geral: Castros, Grutas, Museus e Acquisições.

B) Protohistoricas:

Salacia: 266.
Vide infra, em G.
Vide no Indice Geral: Castros, Museus, Acquisições, Numismatica e Epigraphia.

C) Luso-romanas:

Estudos sobre Panoias: 59 (com gravura), 177.
Estatueta de Hercules (com gravura): 63.
Objectos achados em Coruche: 66.
Sepulturas de tijolo: 70.
Antiguidades diversas das vizinhanças de Nellas: 81.
Ruinas da Devesa de Villa Nova (com um mappa): 127.
Fragmento de estatua: 145.
Estudos sobre Troia de Setubal: 156 (com estampas), 265 (e cf. 257).
Pedras romanas de Beja: 182.
Restos romanos do Azinhal: 182.
Vide infra, em G.
Vide no Indice Geral: Castros, Numismatica, Epigraphia, Museus, Acquisições e Noticias várias.

Digitized by Google

D) Da epocha dos barbaros:

Vide no Indice Geral: Epigraphia.

E) Da epocha arabe:

Vide infra, em G.

F) Portuguesas propriamente ditas:

Pulpito de uma igreja de Setubal: 98.
Torre de menagem de Bragança: 125.
Sellos do concelho de Santarem (com estampa): 173.
Tumulo do Conde de Ariães (com estampa): 182.
Troia de Setubal no sec. xv e xvi: 257.
Vide infra, em G.
Vide no Indice Geral: Museus e Acquisições.

G) De diversas epochas e de epochas indeterminadas:

Notícias archeologicas da Peninsula da Arrabida (com estampa): 1.
Estudos sobre Panoias: 58.
Archeologia em Evora: 61.
Sepulturas de ao pé da mina de S. Domingos: 142.
Antiguidades da Arruda dos Vinhos: 143.
Conimbriga: 146.
Duas povoações mortas: 148.
Antigualhas de Pombal: 181.
Miranda archeologica: 212.
Brigantia: 245.
Necropoles de Villa-Pouca-de-Aguiar (com estampa): 256.
Estudos sobre Troia de Setubal: 257.
Notícias de Lamalonga: 287.
Archeologia do Monte Amarello: 298.

II. — Por ordem geographica

A) Alemtejo:

Baleizão (cippo): 218.
Beja (pedras): 182.
Benavilla (cippo): 220.
Beringel (reducto): 220.
Campo (ruinas): 103.
Campo Maior (vária): 105.
Canal (vária): 105.
Casèvel (machado prehistorico): 168.
Castello de Vide (vária): 195.
Ciladas (ruinas): 225.
Contenda (ruinas): 231.
Coroada (ruinas): 232.
Corval (torres): 232.
Crato: 240 (povoado), 286.
Cuba: 286.

Digitized by Google

Degollados (vária): 243.
Elvas (sepultura): 249.
Evora (curso escholar): 61.
Mertola: 289.
Pòveira (prehistoria): 168.
S. Bento da Contenda (povoado): 220.
S. Domingos: 142 (sepultura), 294.
Villa-Boim (inscripção romana): 121.
Villa-Viçosa (historia): 134.

B) Algarve:

Azinhal (restos romanos): 182.
Bensafrim (inscripção iberica): 185.
Budens: 281.
Faro (museu): 144.
Milreu: 297.
Monte Amarello: 298.
S. Barbara (fortificação): 219.
Serro do Algarve (gruta): 95.
Tavira: 297.

C) Beira:

Baiões («Mouros»): 219.
Bobadella («cidade»): 221.
Boco (antigualhas): 222.
Brenha: 293.
Cambra (torres antigas): 101.
Cambres (vária): 101.
Canas de Senhorim: 282.
Capinha (fortificação): 150.
Cardigos (inscripção romana): 150.
Caria: 151 («castello»), 151 (vária).
Carvalhal: 109 (dolmen), 110 (idem).
Castanheira-do-Vouga (minerio): 154.
Casteição («castello»): 154.
Castelleiro (trabalho antigo): 193.
Castello («castello»): 193.
Castello-Branco: 283.
Castello-Melhor: 283.
Castello-de-Penalva: 194 (inscripção romana), 283.
Castello-Rodrigo: 195 (muros), 283.
Castro-Daire: 284.
Celorico (lenda): 196.
Cepins (cova): 197.
Cepões (lettreiro): 197.
Chans: 285.
Cidadelhe: 285.
Coimbra: 74 (inscripção latina do sec. XII), 143 (museu), 181 (idem), 230 (inscripção latina).

Digitized by Google

Condeixa-a-Velha: 145 (estatua; ruinas), 231 (ruinas).
Conimbriga (estatua; ruinas): 145.
Cortiçada («Mouros»): 232.
Covilhã (vária): 238.
Cruzes: 286.
Currellos (sepulturas): 241.
Dalvares (vária): 241.
Dardavaz (sepulturas): 242.
Destriz (pego negro): 243.
Figueira da Foz: 118 (museu), 191 (idem), 252 (idem).
Forles (dolmen): 109.
Matança (dolmens): 111.
Metoque (antigualha): 214.
Nellas (antiguidade romana): 81.
Ovil (castro): 137.
Penalva. Vide *Castello de Penalva.*
Queiriga: 110 (dolmens), 111 (idem).
S. Brás: 281.
S. Miguel d'Acha (minas): 241.

D) Entre-Douro-e-Minho:

Bagunte («cidade»): 218.
Balazar («Mouros»): 218.
Baltar (muro): 218.
Balugães («cidade»): 219.
Bastuço («Mouros»): 219.
Bico (povoação antiga): 221.
Braga: 78 (projecto de Museu), 223 (vária), 247 (idem).
Briteiros: 281.
Burgães: 282.
Caldas de Vizella (ruinas): 214.
Campanhã (vária): 102.
Campo: 103 (vária), 104 (cavidades), 282.
Campo de Gerez (vária): 104.
Candomil (moeda): 106.
Capella de Rendufe (ruinas): 149.
Capello-Vermelho: 282.
Catamona: 283.
Cardiellos (torre): 150.
Carreiras (vária): 152.
Carvalho de rei (lapa): 153.
Casaes: 284.
Castellães (ruinas): 149.
Castello de Neiva («castello»): 194.
Castro-Laboreiro: 284.
Cávado: 284.
Cendufe: 196.
Cepões (mesa de pedra): 197.
Cêtte (inscripção latina): 198.

Digitized by Google

Chamoim: 200 (vária), 284.
Chapa (etymologia popular): 202.
Chorense: 208 (estrada), 285.
Cima de Selho (achados): 225.
Cividade: 285.
Cossourado (vária): 234.
Couto: 286.
Couto de Arentim (penedo santo): 235.
Couto da Maia (vária): 235.
Couto de Moure de Olivão (torre): 235.
Couto de Santo Thyrso (campa): 236.
Cova (cova): 236.
Covas (torre): 236.
Covide (vária): 237.
Crasto: 286.
Cristello: 208 («crastello»), 285.
Cunha (vária): 240.
Dantas (vária): 241.
Darque (mudança de nivel do océano): 242.
Gerês: 297.
Marco de Canaveses (restos romanos): 168.
S. Bartholomeu («cristello»): 219.
Santa Cruz do Bispo: 286.
Vianna do Castello (insculptura ou prehistoria): 170.

E) Extremadura:

Alcacer-do-Sal: 296.
Ajuda (restos de povoação antiga): 4.
Arrabida (antiguidades várias): 1 sqq.
Arruda dos Vinhos (vária): 143.
Azeitão (antiguidades várias): 8 sqq.
Barro (inscripção romana): 219.
Bezelga (calçada): 220.
Bucellas (moedas): 249.
Budel: 281.
Carnide (inscripção portuguesa): 151.
Cascaes (lenda): 153.
Cercal (grutas): 198.
Cintra. Vide *Sintra*.
Co (inscripção portuguesa): 232.
Coina: 7 e 42 (antiguidades várias), 230 (inscripção).
Coruche (objectos romanos): 65.
Furadouro (gruta): 86.
Lisboa: 294, 296.
Malveira: 118.
Monte-Junto. Vide *Furadouro*.
Outão (torre): 45.
Palmella (antiguidades várias): 3 sqq.
Pombal (antigualha): 181.

Digitized by Google

Salacia: 127 (moedas), 266 (situação; moedas).
S. Thomé das Lamas (inscripção romana): 161.
Santarem (sellos): 173.
Setubal (pulpito de uma igreja; projecto de Museu): 98.
Sezimbra (antiguidades várias): 3 sqq.
Sintra: 107 (objectos prehistoricos), 226 (vária).
Tojal (moedas): 249.
Troia de Setubal: 156 (ruinas), 257 (vária).

F) Tras-os-Montes:

Agarez (moedas romanas): 119.
Babe (inscripção romana): 223.
Bemposta («castello»): 220.
Bobadella («Cidadonha»): 221.
Bouçoaes (muralhas): 222.
Bouzende («Mouros»): 222.
Bragança: 48 (Museu), 99 (idem), 125 (torre de menagem), 155 (Museu), 244 (idem).
Brigantia: 57 e 245.
Burço: 282.
Calvelhe: 282.
Candêdo (sepultura): 106.
Caravella: 282.
Carrazedo: 282.
Carrocedo (vária): 152.
Carvalho d'Egas (vária): 152.
Carviçaes (exploração): 153.
Castello: 193.
Castello Branco: 193.
Castello de Loivos (ruinas): 196.
Castro: 239 («castello»), 284.
Castro de Avellãs: 182 (tumulo), 192 (inscripção romana).
Castro Vicente: 239 (vária), 284.
Cendufe (crasto): 196.
Cervos (inscripção): 198.
Chacim (vária): 199.
Chaves (vária): 202.
Cidadelhe: 285.
Cimo de Villa (vária): 226.
Cimo de Villa da Castanheira: 285.
Codeçoso (padrões romanos): 230.
Conlellas (ruinas): 231.
Covas (vária): 236.
Covas do Douro (vária): 237.
Curujas: 285.
Devesa (ruinas): 148.
Devesa de Villa-Nova (ruinas): 127.
Lamalonga: 287.
Lombeiro Branco (ruinas): 148.

Digitized by Google

Miranda: 212.
Panoias: 58 (sepultura aberta em rocha; inscripção greco-romana), 177 (inscripção romana).
Parada da Atúi (sepultura): 70.
Rebordães («castello»): 115.
Santa-Comba: 230 (ruinas), 285.
Villarinho (dolmen): 168.
Villa-Pouca-de-Aguiar (necropoles): 256.
Villar-de-Viande (castros): 69.

BIBLIOGRAPHIA:

Revista de sciencias naturaes e sociaes: 112.
Descripção historica de Alcainça: 117.
Titulos de diversas obras: 190, 287.
Religiões da Lusitania: 272.

BIOGRAPHIAS:

Do P.e Joaquim José da Rocha Espanca: 129.

CASTROS:

Castello dos Mouros da Arrabida: 33.
De Villar-de-Viande: 69.
Castello de Rebordães: 115.
Castro de Ovile: 137.

COLLABORADORES (lista dos):

COLLECCIONADORES PORTUGUESES (Aos): 67.

CURSOS ESCHOLARES:

Lições de Archeologia Christã no Seminario de Evora: 63.
Aula de Numismatica da Bibliotheca Nacional: 301.

EPIGRAPHIA:

A) Inscripção iberica:

De Bensafrim (com estampa): 185.

B) Inscripções romanas:

a) funerarias: 72 (Oleiros da Bemposta), 121 (Villa-Boim), 192 (Castro de Avellãs), 223 (Babe), 289 (Mertola).
b) honorificas: 161 (S. Thomé das Lamas).
c) religiosas: 177 (Panoias).

C) Inscripção grega:

Num penedo em Panoias: 59.

D) Da epocha dos barbaros:

Inscripções de Mertola: 289.

Digitized by Google

E) Inscripção latina de epocha portuguesa:

Um problema epigraphico: 74.

EXTRACTOS:

A) Notícias archeologicas:

Das «Memorias Parochiaes de 1758»: 101, 149, 193, 225.
De documentos do sec. XVIII: 214, 247.
Do «Diccionario Geographico» de Cardoso: 218, 281 (conclusão).
Da «Gazeta da Figueira»: 252.

B) Maximas e reflexões:

De A. Ceuleneer: 72.
De Camillo Castello Branco: 106.
De João Pedro Ribeiro: 96.
De Ramalho Ortigão: 170.

FIM DO ANNO: 305.

GRUTAS:

Do Furadouro (com estampas): 86.
Do Serro do Algarve: 95.

HISTORIA DA ARCHEOLOGIA PORTUGUESA:

A) Bibliographia;
B) Biographias;
C) Cursos escholares;
D) Museus.

Para todos esses assumptos vide no Indice Geral os respectivos vocabulos, e alem d'elles, mais os seguintes: Epigraphia, Extractos e Notícias várias.

MUSEUS:

Museus em geral: 279.
Museu Ethnologico Português: 113. Vide tambem *Acquisições.*
Museu Municipal de Bragança: 48 (notícias), 99 (acquisições), 155 (idem), 244 (idem).
Museu Municipal de Braga (projecto): 78.
Museu archeologico em Setubal: 98 (projecto), 296 (numismatica).
Museu Municipal da Figueira: 118 (acquisições), 191 (idem), 252 (relatorio), 299 (acquisições).
Do Instituto de Coimbra: 143, 181.
Museu Archeologico de Faro: 144.
De artilharia (Lisboa): 296.
De numismatica (Setubal): 296.

Digitized by Google

NOTÍCIAS VÁRIAS:

Sepulturas de ao pé da Mina de S. Domingos: 142.
Museu do Instituto de Coimbra: 143, 181.
Descobrimento archeologico (Figueira): 293.
Da Mina de S. Domingos: 294.
Um thesouro perdido (Lisboa): 294.
Monumentos nacionaes: 61 e 295.
Archeologia de Alcacer do Sal: 296.
Antiguidades romanas do Gerês: 297.

NUMISMATICA:

A) Iberica:

Moedas de Salacia: 127 (com estampa), 269 (com estampa).

B) Romana:

Achados de várias moedas: 119, 297.

C) Portuguesa:

Documento do tempo de D. Affonso III: 210.
Vintem hybrido do sec. XVI: 217.
Des monnaies d'or portugaises ayant cours aux XVIe et XVIIe siècles dans les anciennes provinces belgiques et des poids monétaires à leurs types (com estampas): 273.
Meio-tostão de D. Sebastião (com estampa): 297.

D) Factos diversos:

Museu numismatico em Setubal: 296.

PHILATELIA (A): 97.

Digitized by Google

Digitized by Google

AVISO

Pedimos a todos os assignantes em divida a fineza de mandarem satisfazer, com a possivel brevidade, as suas assignaturas, em **carta registada** ou em **vale de correio**, a fim de não soffrerem interrupção na remessa dos numeros seguintes.

Lembramos que toda a correspondencia nesse sentido deve ser dirigida, não ao redactor d'esta revista, mas a **J. A. Dias Coelho, Imprensa Nacional.**

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in–8.°, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa.*

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa.*

A venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

NOV 11 1932

Digitized by Google

Digitized by Google